AUTORA BEST-SELLER Nº 1 DO *THE NEW YORK TIMES*

MAYA BANKS



SALVE-ME

Trilogia Slow Burn · *Volume 2*

GUTENBERG

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MAYA
BANKS

SALVE-ME

Trilogia Slow Burn
Volume 2

TRADUÇÃO: Marcelo Salles

GUTENBERG

UM

Gavin Rochester estava parado na porta da enorme sala de estar de sua casa, observando a esposa examinar cuidadosamente um enfeite de Natal e depois, em silêncio, recolocá-lo na caixa e devolvê-la ao recipiente de plástico onde costumavam guardar os enfeites natalinos.

A tristeza dela fazia o coração de Gavin doer, a ponto de ele precisar massagear o próprio peito, na tentativa de aliviar a dor. Mas, algumas feridas eram simplesmente profundas demais, permanentes e incuráveis, e a dor dela era insuportável para Gavin, porque ele não tinha como resolver o problema por ela. Todos os seus contatos, dinheiro e poder não significavam nada se não pudesse dar à amada esposa o que ela mais queria. Gavin sentia a dor dela como se fosse a sua – e *era mesmo*. Porque ele não conseguiria suportar que ela fosse infeliz. Seria capaz de mover montanhas só por um sorriso dela.

Ela o havia transformado em outra pessoa, em um homem melhor, que ele nunca achou que poderia ser, e que também nunca quis. Mas ela mudou tudo: o mundo dele e o lugar dele dentro de seu mundo. Subitamente, Gavin *desejou* ser um homem melhor, por *ela*. Porque ela merecia. E ele jamais a colocaria em perigo por causa de seus negócios. Era uma nova experiência: viver de forma limpa, à luz do dia, e ter alguém que o fazia querer se sentir… *merecedor*.

Então, ela parou de olhar com tristeza para aquele enfeite e, quando viu Gavin, seu rosto se iluminou, avermelhado por causa das luzes em volta da árvore de Natal. Gavin se espantava por perder o fôlego sempre que ela sorria. Isso nunca mudaria. O amor por sua esposa era algo que ele jamais tinha vivenciado antes. *Impressionante*… ainda era algo quente como as chamas de uma lareira, e sólido… um amor sem limites, sem amarras, incondicional. Ela o amava, e saber disso ainda fazia Gavin ficar de joelhos.

“Este aqui é o último”, ela disse, olhando mais uma vez para o único enfeite que não tinha sido pendurado na árvore. A tristeza espantou brevemente o carinho que havia em seus olhos, e ela pareceu se esforçar para disfarçá-la. Assim, a dor em seu rosto sumiu, mas Gavin a tinha visto. Ele sabia que a dor estava lá, não importava o esforço que ela fizesse para não demonstrar.

Gavin atravessou a sala, incapaz de suportar por mais tempo a distância entre os dois. Ele a puxou para seus braços, afundando os dedos nos cabelos compridos, e depois aninhou-se sobre a cabeça dela, sentindo o aroma de sua esposa e pressionando os lábios nas brilhantes mechas de seu cabelo escuro.

"Vamos tentar de novo", ele sussurrou, tentando colocar otimismo e confiança no tom de sua voz. No entanto, Gavin sabia que tinha fracassado completamente. Ele soou tão deprimido quanto sabia que sua esposa estava se sentindo. Não que *ela* o tivesse desapontado. Gavin seria capaz de viver somente com ela e jamais se arrependeria, nem por um segundo. Mas *ele* a havia desapontado. Gavin era incapaz de lhe dar um filho, algo que sabia que era o maior desejo dela.

Ela queria que formassem uma família. Queria amor e risadas preenchendo a casa, trazendo uma alegria que ele nunca tinha vivenciado antes. Ela sabia como a vida de Gavin era antes e estava decidida a mudar as coisas. Queria lhe dar um lar… Não apenas uma casa, mas um lar, com uma família e amor incondicional. Gavin não tinha defesas contra ela. Seu amor desafiava fronteiras e limites. Ele sabia que jamais amaria outra pessoa da mesma forma como amava aquela mulher.

Ela meneou a cabeça encostada no peito dele, e Gavin a afastou cuidadosamente, arrasado pelo brilho das lágrimas nos belos olhos castanhos da esposa. Mesmo triste, ela ainda era a mulher mais linda do mundo para ele. Gavin *não conseguia* se lembrar de como era sua vida antes de conhecê-la. Tinha nos braços a coisa mais preciosa do mundo, e não tinha como lhe dar o que ela mais queria: um filho.

"Chega, Gavin", ela disse, com dificuldade, como se as palavras fossem dolorosas demais para serem ditas. "Não vou aguentar *perder* outra vez. Não consigo mais fazer isso."

O desespero total que havia na voz de sua amada esposa era demais para Gavin. Estava chegando perigosamente perto de perder o controle de suas próprias emoções. Tudo o que o mantinha na linha era a promessa que havia feito de ser uma rocha inabalável para sua mulher. Ela precisava de sua força, não de sua fraqueza. O problema era que ele só tinha uma fraqueza na vida: Ginger, sua esposa, amante e alma gêmea.

Gavin costumava dar risada da ideia de destino e de almas gêmeas. Seu professor, da aula de Desenvolvimento Pessoal e Recursos Humanos, disse uma vez que o conceito de que havia apenas uma pessoa para nós era inteiramente falso e que era possível se apaixonar – e amar – muitas pessoas diferentes na

vida. Gavin pensava exatamente o mesmo, até o dia em que uma linda mulher de olhos e cabelos castanhos, com uma certa timidez adorável, entrou em sua vida e mudou sua existência por completo e para sempre. Desde que ela havia aceitado, meio envergonhada, o convite para jantar, Gavin sabia que estava tão profundamente atraído por ela, que não havia a menor esperança de escapar. Não que ele *quisesse* escapar.

Gavin era um homem decidido e conseguia lidar com qualquer situação que aparecesse em seu caminho. Ele era o pacote completo, como as mulheres gostavam de lhe dizer. Bonito, cheio de carisma, sério, meio misterioso e rico. Não era nenhum tolo ingênuo e sabia que aquele seu último atributo era o mais atraente. As mulheres com quem Gavin esteve nunca se interessavam por nada além do rótulo firmemente estampado em sua testa: bilionário.

De forma irônica, na primeira vez em que viu Ginger, ele estava saindo com outra pessoa. Já tinha até planejado a noite toda: um bom jantar em atmosfera aconchegante, flertando bastante com a mulher - cujo nome ele nem se lembrava mais - e então, ir para o apartamento dela transar e depois voltar para casa. Ninguém nunca ia até seu apartamento ou invadia seu santuário particular. O sexo acontecia sempre na casa da parceira ou então em um hotel, e ele nunca dormia lá. Para algumas mulheres, isso tornava Gavin um cara frio e insensível, mas ele não era hipócrita a ponto de ficar fazendo chamegos pós-sexo, quando sempre deixava claro que não haveria nenhum envolvimento emocional.

Quando deixou a companhia do jantar no apartamento dela, ele não subiu, para a decepção da mulher. A mente de Gavin estava muito ocupada com a garçonete meiga e sorridente, de grandes olhos castanhos, que ficou corada após ele a encarar por tempo demais. Gavin normalmente não era desajeitado no trato com pessoas, nem lhe faltava traquejo social, mas tinha ficado tão cativado por ela desde o momento em que a viu, que na noite seguinte voltou para o restaurante, sozinho. Garantiu uma mesa na seção dela e começou a agir como um cliente exigente, chamando a atenção de Ginger a cada dez minutos para alguma necessidade urgente. Foram necessárias três longas e angustiantes semanas até que Gavin conseguisse convencê-la a sair para jantar com ele. Foram três semanas de abstinência voluntária, porque ele sabia que ela seria a última mulher em sua cama para sempre, por isso não se importou com a espera.

Gavin precisou então de mais seis meses de encontros, até poder ir além de alguns beijos calorosos de despedida e de sentir o calor do corpo macio dela quando a segurava nos braços. Foram os melhores seis meses de sua vida. Na noite em que finalmente a levou para a cama e fizeram amor, ele a pediu em

casamento. Ela se derramou em lágrimas sobre ele. Gavin levou mais três meses, com Ginger praticamente morando com ele, para convencê-la a aceitar o pedido de casamento. Assim que ela aceitou, a paciência de Gavin foi para o espaço: ele a arrastou para o cartório na primeira oportunidade e a tomou como sua esposa para o resto da vida.

Depois de um ano cheio de alegrias, com ela somente para si – e ele era extremamente possessivo e exigente em relação ao tempo que passava com ela –, Ginger começou a falar em ter filhos. Gavin não achava que podia ser mais feliz, mas então passou a imaginar garotinhas lindas, que seriam a cara da mamãe, e decidiu encher a casa com uma dúzia delas, se era isso que Ginger queria. E foi aí que esbarraram em um obstáculo…

Ginger engravidou rapidamente, para a alegria de ambos, mas abortou poucas semanas depois. E assim começou o pesadelo na vida deles, um pesadelo de esperança que terminava em decepção. A gota d'água aconteceu após ela engravidar novamente naquele ano, depois de quatro gravidezes interrompidas.

Ginger havia passado do estágio onde costumava perder os bebês, e começaram a se empolgar e a ter esperança de que finalmente, *finalmente* iria acontecer. Aos cinco meses de gravidez, depois de saber que ela estava esperando o que Gavin mais queria – uma garotinha –, eles já tinham se ligado ao bebê, sentido seus primeiros movimentos e até mesmo começado a decorar o quartinho, algo que nunca tinham se permitido fazer antes. Então, em um evento trágico, ela perdeu o bebê. O pior de tudo foi precisar tirar de dentro de si um bebezinho pequeno, já completamente formado. Ginger ficou devastada. Durante meses, ela andou apática e sem rumo, e Gavin nunca se sentiu tão desamparado na vida. Ele a amava demais e seria capaz de suportar qualquer dor por ela, mas Ginger passou pelo inferno, e após se recuperar fisicamente, nunca mais tocou no assunto de ter um filho.

Mesmo agora, quando Gavin a encorajava carinhosamente a tentarem de novo, Ginger recusou. Ele compreendia, mas ao mesmo tempo odiava saber que não seria capaz de resolver isso por ela. No mundo de Gavin, nada era impossível. O dinheiro, embora não fosse a solução para tudo, certamente facilitava muita coisa, mas nem todo o dinheiro e poder do mundo ajudavam sua linda esposa a realizar o desejo de seu coração. Como se estivesse sentindo a direção sombria para onde corriam os pensamentos dele, Ginger segurou o rosto de Gavin pelo queixo, com um sorriso tão doce a ponto de doer, e os olhos cheios de compreensão.

"Você é tudo o que eu preciso. Você é tudo o que eu quero", ela disse sem

rodeios. “Jure para mim que você nunca vai me largar por alguém que possa te dar um filho. Jure isso para mim e eu nunca mais vou te pedir nada.”

Gavin ficou verdadeiramente chocado ao ouvir aquilo. Ele a olhou perplexo e foi ficando mais irritado a cada segundo. Não com ela, mas com ele mesmo, porque se a fizesse se sentir segura, jamais precisaria perguntar algo assim. Esse sentimento – medo – *jamais* encontraria espaço na mente dela. Ele segurou o belo rosto da esposa com as mãos e ficou ali parado, apenas encarando o castanho hipnótico dos olhos emotivos dela.

“Eu só me importo com o fato de que não podemos ter filhos, porque sei que isso dói em você”, ele disse com a voz rouca. “Eu faria qualquer coisa para poupá-la disso, Ginger. Sinto muito por ter fracassado com você.”

Ela colocou um dedo nos lábios dele.

“Shhh. Gavin, você não fracassou comigo. Você me engravidou várias vezes. Fui eu quem fracassou aqui, porque não dei continuidade. Meu corpo rejeita os bebês.” Ginger fechou os olhos após dizer isso, e as lágrimas correram em silêncio por seu rosto. “Não vou suportar se você ficar ressentido comigo por causa disso”, ela continuou, com a voz rouca. “Jamais quero que você olhe para mim e veja que eu não posso lhe dar algo que outra mulher *poderia*.”

Gavin a puxou com firmeza para seus braços e a envolveu com seu corpo até ela relaxar e se derreter em seu abraço.

“Jamais vai existir outra mulher para mim”, ele disse de forma áspera. “Jamais vou querer algo que você não pode me dar, Ginger. Meu coração e minha alma te pertencem. Eu pertenço a você, e quero muito que seu coração e alma também pertençam a mim.”

“Eu te amo”, ela sussurrou. “Agora me faça um favor e coloque o anjo para mim, assim nossa árvore vai estar completa.”

Mas não ficaria completa, e os dois sabiam disso… ainda havia mais um enfeite na caixa onde ficavam guardados os demais artigos de Natal. Era uma colher de prata comemorativa, em que se lia gravado *O Primeiro Natal do Bebê* e o ano. Se tudo tivesse corrido como planejado, ela teria o bebê em questão de dias. Um bebê natalino, Ginger tinha comentado, alegre, quando o médico deu a data prevista. Naquele momento, ela estaria inchada e pesada, carregando o bebê, e Gavin faria massagens em seus pés e a levaria nos braços, sentindo a filha chutar e rolar dentro da barriga. Ginger se afastou e cuidadosamente retirou o plástico-bolha em volta do delicado anjo de porcelana. Gavin subiu na banqueta e, com cuidado, colocou o último enfeite no lugar.

“Ficou perfeito”, ela sussurrou, com os olhos marejados.

Gavin a beijou até fazer desaparecer cada uma das lágrimas nos olhos dela, e então a puxou para seu lado, para que pudessem observar a linda árvore que ela havia montado tão meticulosamente. Sua esposa adorava o Natal, e o primeiro que tinham passado juntos era especialmente memorável para Gavin porque, antes de Ginger, o Natal era só mais um dia. E um dia inconveniente, já que a maioria dos lugares estava fechado para as festividades, e as pessoas estavam fora da cidade ou indisponíveis.

Mas quando Ginger entrou em sua vida, ela o mudou para sempre. Dando risada, ela o arrastou para fora de sua casa, em Connecticut, para que os dois encontrassem a maior e mais incrível árvore. Foi mais uma mudança que ela trouxe. Embora Gavin fosse dono de uma mansão em um terreno amplo e completamente isolado, ele sempre odiou ficar lá sozinho, então passava a maior parte do tempo em seu apartamento em Manhattan. Até Ginger chegar. Agora era raro ficar no apartamento e, quando ficava, garantia que Ginger estivesse junto. Gavin não passou uma única noite longe dela desde a primeira em que fizeram amor. Ela transformou sua casa em Connecticut em um… lar. Um lar aconchegante, acolhedor, cheio de amor e felicidade.

“Adorei a árvore”, ele falou com sinceridade. “Você fez um trabalho maravilhoso, assim como faz todos os anos.”

“Será mesmo que transformei o Grinch no Papai Noel?”, ela provocou.

Gavin sorriu.

“O que você acha? Não passei o dia todo colocando luzes pela fachada inteira da casa, correndo o risco de morrer eletrocutado porque odeio o Natal.”

“Você *odeia* o Natal, mas me ama…”, ela disse brincando.

Gavin riu.

“Estou ficando melhor nisso. E não odeio nada em que você esteja envolvida.”

O rosto de Ginger ficou mais tranquilo e seus olhos se encheram de amor. Ela se virou, inclinando a cabeça para receber um beijo de Gavin, mas então a campainha tocou. Os dois estranharam, e Ginger esticou a cabeça para olhar o saguão de entrada da casa. Eram quase onze da noite. Quem estaria na porta deles àquela hora? Aliás, como alguém tinha conseguido passar pelos portões de entrada sem que eles soubessem? Gavin imediatamente ficou preocupado.

“Fique aqui e não se mexa. Vou ver quem é.”

“Mas…”, Ginger reclamou.

Gavin a fez ficar quieta com um rápido abraço e então foi até a gaveta na mesa da sala, de onde retirou uma pistola. Ele a escondeu na cintura, dando

aquele olhar novamente para Ginger, para que ela não se mexesse, e caminhou depressa até a porta de entrada. Ele franziu a testa ao olhar pela janela de vidro da porta, que poderia estar aberta, mas ficava sempre trancada para evitar que alguém de fora a abrisse. Não havia ninguém parado ali na frente, mas o sensor de luz tinha sido ativado e ainda estava iluminando a paisagem reluzente, coberta de neve. Tirando a pistola da cintura, Gavin abriu a porta com cuidado e encarou a noite silenciosa. Sentiu o ar gelado no rosto, e o vento que zunia em seus ouvidos. A lua cheia fazia a camada de neve branca ao redor brilhar, e somente o som das árvores sacolejando e do gelo trincando, quando um galho se partiu, perturbavam o cenário sereno.

Gavin quase tropeçou em um objeto que estava a seus pés. Ele se afastou e olhou para baixo. Ficou surpreso ao ver algo que se parecia muito com um… *moisés*? Imediatamente ficou de joelhos e puxou com cuidado o cobertor que escondia algo dentro do cesto. Quando levantou o suficiente para ver o que havia lá, tomou um susto.

“Gavin, o que é isso?” A voz preocupada de Ginger chegou até os ouvidos do marido e, antes que ele pudesse falar para ela ficar onde estava, o bebê escolheu aquele exato momento para começar a choramingar, embora o som parecesse mais um ganido aflito do que um choro real. A esposa se assustou e se agachou a seu lado, segurando o precioso conteúdo do cesto, antes que ele pudesse pensar em fazer o mesmo.

“Ah, meu Deus, Gavin! Alguém deixou um bebê aqui para morrer *congelado*?” A voz de Ginger estava cheia de horror. Gavin ainda se sentia atordoado demais para pensar direito.

“Traga o moisés para dentro”, Ginger disse com firmeza, ajeitando o bebê em seus braços e se levantando de onde estava ajoelhada, na varanda.

Gavin a seguiu, mas algo lhe dizia que deveria sair para procurar a pessoa que havia deixado o bebê, pois ainda poderia estar nas redondezas. O terreno da casa era bem grande e a pessoa levaria um tempo até conseguir sair da propriedade, não importava de onde tivesse vindo. Mas ele foi atraído pela imagem de sua esposa ao lado da lareira, retirando cuidadosamente o bebê do cobertor e o aconchegando junto ao corpo, balançando-o de leve, na tentativa de confortar um bebê choroso.

“Tem algum bilhete?”, Ginger perguntou ansiosamente. “Alguma coisa que explique por que raios alguém faria uma coisa tão horrível assim? É Natal! Não se abandona um bebê neste frio, em época de Natal!” Sua aflição era tangível e emanava pelo ar. Gavin rapidamente virou o conteúdo do moisés e, de fato, um

envelope caiu no chão, ao lado dos cobertores e de dois bichinhos de pelúcia velhos e gastos.

“Leia para mim”, ela pediu, sem nem olhar para o marido. O olhar de Ginger estava completamente focado no bebê em seus braços, e, por um momento, Gavin ficou sem fôlego.

Estava olhando para algo que jamais poderia acontecer com eles. A dor que sentia ao ver aquela cena era quase insuportável. Ginger olhava o bebê com muito amor e carinho, enquanto acariciava suas costas em uma tentativa de acalmá-lo. Caramba, era menino ou menina? Gavin rasgou o envelope com as mãos trêmulas e rapidamente passou os olhos pela carta, com a intenção de evitar dizer à esposa qualquer coisa que pudesse machucá-la. O que leu, no entanto, o deixou profundamente abalado.

*Não posso cuidar do meu bebê. Ela vai estar sempre em perigo comigo e precisa de alguém para amá-la e protegê-la. Estou contando com vocês para cuidarem dela como se fosse sua e jamais deixar ninguém descobrir o passado dela. Vocês devem achar que sou a pior mãe do mundo para dar meu bebê a estranhos, mas é exatamente por amar minha filha que eu a entrego a seus cuidados e peço que a amem tanto quanto eu e que cuidem dela como se fosse a filha de vocês. Ela jamais deve descobrir sobre mim ou sobre o pai biológico. Jurem que irão manter meu segredo. Estou com o coração partido, mas saber que vocês poder*ão *dar a ela o que eu não posso me dá forças para fazer o que é melhor para ela. Minha filha foi muito amada, por favor, jamais duvidem disso. Somente peço que a amem tanto quanto o pai dela e eu amamos.*

Quando Gavin terminou de ler a carta, suas mãos estavam visivelmente trêmulas, e Ginger estava sentada no sofá, segurando o bebê com firmeza em seu peito e olhando incrédula para o marido. Então, ele rapidamente foi se sentar ao lado dela, ajudando-a a segurar o bebê, porque Ginger estava tremendo tanto quanto ele. Ela puxou o cobertor para mostrar o rosto da criança, e Gavin se apaixonou na hora. Uma linda garotinha olhava para ele, enquanto Ginger acariciava gentilmente o rosto dela com um dedo. Na mesma hora em que se apaixonou pelo bebê, ele tomou uma decisão que mudaria para sempre o percurso da vida dele e de Ginger. Sentiu-se em paz, mesmo enquanto sua mente pensava às pressas em todos os caminhos que poderiam seguir.

“Quero que você faça uma mala”, ele disse, agora sem aquele tom de incerteza na voz, mas com uma firmeza inabalável. “Vamos sair do país e

ficaremos fora por um tempo.”

Ginger arregalou os olhos.

“O que vamos fazer, Gavin?”

Havia uma firme decisão no olhar de Gavin quando ele a encarou. Ele colocou a mão no joelho de Ginger, para que ela não tirasse suas mãos do bebê.

“Vamos fazer conforme nos foi pedido e vamos cuidar dela como se fosse nossa filha.”

DOIS

Cinco meses depois…

Gavin sempre soube o que poderia obter com dinheiro e poder, mas somente depois de Arial, o nome que escolheram para sua preciosa filha, ele enfim valorizou ou sentiu que havia um *propósito* para a riqueza que acumulou em sua vida. Era como se ele estivesse sempre se preparando para algo muito importante. Quando aquele bebezinho inocente apareceu em sua porta, ele soube que sua riqueza *finalmente* teria um propósito maior. Tudo se resumia a isso, ao que ele tinha sido capaz de dar para sua esposa – e agora para sua filha.

Ari era filha deles. Havia toda uma trilha de documentos que ele cuidadosamente criou para registrar a gravidez da esposa e o fato de que, após tantos abortos, ele decidiu levá-la para longe e mantê-la no mais completo isolamento, para dar à luz à criança. Uma certidão trazia a data do nascimento, o nome dele e de Ginger como os pais, e até mesmo a pequena clínica que ele tinha inventado, onde Ari havia "nascido".

Agora, estavam retornando aos Estados Unidos, e garantiram que o passado de Ari estaria acima de qualquer suspeita. Não deixaram rastros, e tudo o que precisariam fazer era continuar com suas vidas. No entanto, mesmo sabendo que o passado de Ari não dava brecha para dúvidas, Gavin não seria tolo a ponto de baixar a guarda. A vida deles mudaria para sempre, e ele não se arrependia nem um pouco de ter alterado o curso de seu destino. Já possuía tudo o que um homem poderia esperar e querer ter. E agora tinha tudo e agradecia por isso todos os dias, desde aquela noite de Natal, quando Ari entrou em suas vidas.

Havia explicado cuidadosamente para Ginger as mudanças que aconteceriam em suas vidas e que precisariam ter muito cuidado em todos os aspectos do cotidiano. Ele estava preocupado que talvez Ginger ficasse cansada de viver isolada e se sentisse aprisionada, mas deveria saber que sua esposa, assim como ele, faria qualquer coisa para proteger a filha. Uma ligação inquebrável, inexplicável e instantânea se formou entre eles na noite em que Ari foi deixada na porta, como se ela tivesse nascido para ser deles. E essa ligação foi ficando

cada vez mais forte, a ponto de nenhum dos dois se lembrar mais de como era a vida antes de Ari.

A primeira coisa que Gavin fez, enquanto se preparava para voltar aos Estados Unidos, foi discretamente vender a casa em Connecticut, porque não queria mais nenhuma relação com o que havia no passado deles antes de Ari. Não iria arriscar de a mãe da menina voltar para o mesmo lugar onde tinha deixado o bebê e pedi-lo de volta. Gavin agiu sistematicamente, durante os meses em que estiveram fora do país, para sumir da vida pública. Ele se desfez de diversos negócios e investiu o dinheiro, para garantir a segurança da família.

Gavin comprou uma enorme casa por meio de uma empresa fictícia, de forma que jamais pudessem chegar até ele, e tornou o lugar seguro e impenetrável. Depois, começou a transformar o local na casa dos sonhos de Ginger. Um lugar que ela amasse e não se importasse em ficar confinada lá por tanto tempo. Ginger ria e dizia que tinha tudo o que poderia querer. Tinha um marido que amava e uma filha que adorava. Nenhum sacrifício seria grande demais se tudo aquilo significasse manter a família segura. Ver Ginger tão feliz durante aqueles últimos meses, trouxe a Gavin um senso de propósito que ele jamais havia sentido antes. Depois de tanta perda e sofrimento, a mulher que ele amava estava radiante, cheia de vida, amor e risos. Todo dia ela se deliciava ao descobrir algo novo sobre a maternidade e o precioso bebezinho.

Gavin sabia, em seu coração, que não havia nada que ele não pudesse fazer para proteger mãe e filha, não havia um preço alto demais a ser pago. É verdade que ele não tinha seguido os procedimentos corretos. Gavin deveria ter avisado a polícia e os serviços sociais, e tentado a adoção por meio dos canais apropriados. Mas bastou ver os olhos de sua esposa admirando aquele bebezinho, para saber que não deveria se arriscar a perder a filha deles, se fizesse as coisas do jeito “certo”. Ele seria capaz de viver com isso na consciência e até mesmo suportaria ter a alma condenada para sempre, desde que Ginger estivesse feliz. Preferia encarar as chamas do inferno e o diabo em pessoa, a ser a causa da infelicidade dela. E Ginger olhava para Gavin como se ele fosse um herói – o seu herói –, quando na verdade ele havia violado tantas leis, que passaria muitos anos na cadeia, se descobrissem o que tinha feito. Ele se certificou, em todos os aspectos, de que Ginger não estaria ligada de forma alguma às decisões que tomou. Assim, caso um dia descobrissem tudo, Ginger – e Ari – continuariam em liberdade.

Ginger entrelaçou os dedos com os dele, apertando ansiosa a mão do marido, ao mesmo tempo em que ajeitava o tecido do canguru onde a pequena estava, para que o bebê pudesse olhar para ela e se aninhar em seu peito.

Desembarcaram do pequeno avião, com Gavin tomando todo o cuidado para que Ginger não tropeçasse e caísse, enquanto se dirigiam apressadamente para um carro que os aguardava. Quando Gavin sentou-se no banco traseiro ao lado dela, Ginger se virou para ele, com uma expressão marcada pela tensão.

"Não sei por que estou tão nervosa", disse com uma voz trêmula, em tom de desculpas. "Eu confio em você, Gavin, por favor, não ache que não. É que nos últimos cinco meses nós vivemos em um mundo afastado da realidade. Era como se estivéssemos dentro de nossa pequena bolha, onde o tempo parou e não existia ninguém lá, a não ser nós. E, agora que precisamos voltar ao mundo real, estou com muito medo. Tenho medo de que tudo isso não tenha passado de um sonho e que, quando eu acordar amanhã, Ari vai ter sumido."

Gavin abraçou Ginger e a puxou, junto com Ari, para perto de si. Ele roçou a cabeça de Ginger com os lábios, odiando o fato de que ela estava preocupada, de que temia o desconhecido… mas ele compreendia. Gavin sabia que era impossível aliviar todos os medos dela. Ou os dele também… viveriam o resto da vida sempre com medo de serem descobertos e de terem sua filha retirada deles. Talvez, com o tempo, o medo ficasse menor, mas agora, quando estavam voltando para tocar a vida como antes, estavam compreensivelmente temendo pelo pior.

"Eu jamais vou deixar isso acontecer", Gavin disse com um tom grave. Ele olhou pela janela do discreto carro que tinha vindo recebê-los naquele aeroporto particular. "Você vai ser feliz aqui?", ele perguntou para Ginger, colocando em palavras apenas um de seus muitos medos. A felicidade da esposa vinha na frente de qualquer outra prioridade em sua vida. Ele tinha vendido alguns de seus vários empreendimentos e ficado apenas com uma empresa de petróleo sediada em Houston, no Texas. Era uma cidade que Gavin conhecia bem. No passado, tinha feito "negócios" com Franklin Devereaux e até mesmo planejava retomar o contato com ele, porque Franklin ainda estava envolvido na vida que Gavin costumava levar, e poderia ser útil para ajudá-lo na busca pelo anonimato e para começar a viver uma nova vida.

Não foi uma decisão fácil, porque ao retomar a relação com Franklin, Gavin corria o risco de criar brechas no sistema de segurança que tinha se esforçado tanto para estabelecer. Mas Franklin tinha contatos que Gavin não possuía mais, então, no fim, ele decidiu assumir o risco, apesar de considerar Franklin um tolo. Franklin tinha o que Gavin e Ginger tanto desejavam. Ou melhor, que desejaram *no passado*. Ele tinha uma família. Mas agora, Gavin já não sentia inveja quando pensava nos Devereaux. Ari havia completado a vida dele e a de Ginger, deixado

a relação dos dois mais sólida, e o casal se tornou uma família.

A pequena acordou de sua soneca encostada no peito da mãe e levantou a cabeça, presenteando o pai com seu sorriso banguela que sempre fazia o coração de Gavin dar pulos de alegria.

“Ora, ora… Olá, pequenina”, Ginger disse, dando um dedo para Ari agarrar.

Como de costume, qualquer coisa que Ari pegava ia direto para a boca, e ela sorria e gargalhava, enquanto mordia o dedo da mãe.

“Quanto tempo até chegarmos?”, Ginger perguntou. “Preciso trocar a fralda de Ari e ela vai ficar com fome, agora que acordou.”

“Dez minutos no máximo”, Gavin respondeu, tranquilizando-a.

“Ela vai aguentar até lá”, Ginger disse, sorrindo e fazendo barulhinhos engraçados para Ari. Então ela olhou para Gavin, com um olhar cheio de amor e carinho. “Nós realmente somos uma família”, sussurrou maravilhada. “Isso aqui é *de verdade*.”

Gavin sorriu e se inclinou para beijar os cachinhos macios da cabeça de Ari, sentindo aquele cheirinho de bebê. Depois, beijou calmamente os lábios da esposa, apreciando o momento de intimidade com sua mulher e filha.

“Sim, querida. Esta é nossa vida agora, e é de verdade. Ninguém jamais vai tirar isso de nós.”

Gavin fez uma promessa em silêncio, mas com a firmeza de sempre. Nada nem ninguém jamais levaria embora o que era dele. E ele iria proteger a esposa e a filha das duras realidades da vida, para sempre. A qualquer custo.

TRÊS

Quatro meses depois…

Gavin chegou cantando os pneus do lado de fora da casa e desceu do Mercedes reforçado com aço e à prova de balas, antes mesmo que o motorista parasse por completo. Estava empunhando seu revólver, com o medo martelando violentamente dentro da cabeça. Ginger estava histérica e havia dito para ele voltar para casa imediatamente, pois algo estava errado. Gavin precisou de toda sua força para se segurar e não arrombar a porta, invadir a casa e acabar com qualquer ameaça que houvesse lá para sua esposa e filha. Em vez disso, ficou ao lado da entrada e girou a maçaneta, permitindo que a porta se abrisse um pouco e lhe desse uma visão ampla da sala de estar.

Ginger estava caminhando pela sala, irradiando aflição pelos poros. Como se tivesse percebido a presença de Gavin, ela olhou para a porta e chamou por ele:

“Gav? É você? Já está em casa?”

Gavin relaxou e seu pânico lentamente começou a ceder. Conseguiu levantar a mão trêmula para afastar seus seguranças pessoais, que tinham se reunido assim que ele chamou. Até mesmo o motorista estava atrás, de arma em punho. Sem pressa, Gavin guardou o revólver no coldre no ombro e lentamente ficou ereto, torcendo para não passar a vergonha de cair de cara no degrau da própria porta de casa. Nunca tinha ficado tão assustado como esteve nos últimos quinze minutos, quando a esposa, com a voz apavorada, pediu que ele voltasse para casa. Gavin não costumava sair e deixar a esposa e a filha sozinhas, mas uma vez por semana ele as deixava, junto com um verdadeiro exército para proteger sua propriedade, e ia ao centro de Houston para cuidar de negócios ou de assuntos que exigissem sua atenção. Depois daquele momento, ele estava pensando se seria capaz de sair sem Ginger e Ari novamente. A porta abriu mais e Ginger estava parada ali, com os olhos arregalados de medo, o rosto pálido e o corpo inteiro tremendo. Embora parecesse estar bem, havia dúvidas sobre a segurança de Ari. E se a filha estava bem, então que raios havia deixado sua esposa tão assustada assim?

“Gavin, você precisa ver isso!”

Então, ela notou os homens posicionados e Gavin pôde ver que Ginger percebeu o que ele tinha sentido. Mas a expressão no rosto dela não se suavizou, nem mostrou arrependimento. Sua mão gelada pegou a de Gavin e o puxou para dentro, rapidamente fechando a porta atrás deles, deixando-os isolados dos seguranças.

“Alguma coisa ou alguém entrou no quarto da Ari”, Ginger disse arfando, enquanto corria pelas escadas, arrastando Gavin junto com ela.

Gavin ficou tenso e novamente sacou a arma.

“Não tem ninguém aqui agora”, Ginger disse com um sussurro. “Ela está dormindo, guarde essa arma!”

Com alguma relutância, ele recolocou o revólver no coldre e, assim que entraram no quarto de Ari, Gavin viu o adorável bebê deitado de bruços, com os joelhos encolhidos e o dedo na boca, e ele finalmente conseguiu respirar outra vez.

“Que diabos está acontecendo, Ginger?”, Gavin perguntou, irritado.

Ela estremeceu e pareceu ficar espantada com a raiva dele.

“Você acabou de me fazer envelhecer quinze anos. *Nunca* mais faça isso.”

“Mas alguém esteve no quarto dela”, Ginger sussurrou “Não sou louca, Gav. Nas primeiras vezes que isso aconteceu, achei que tivesse sido eu, achei que eu não lembrava de ter deixado os dois bichinhos de pelúcia no berço dela. Mas então, comecei a prestar mais atenção onde é que eu deixava os bichos antes de colocá-la para cochilar ou para dormir.”

Gavin franziu a testa, porque Ginger não era descuidada a ponto de deixar no berço objetos que pudessem fazer sua filha sufocar. Ele não acreditou nem por um minuto que ela tivesse esquecido qualquer coisa lá. Ginger chegou perto do berço e então colocou o punho na boca para abafar o choro. Apontou algo com a mão trêmula.

“Gavin, eu os tirei daqui faz quinze minutos, quando liguei para você. Eu os coloquei sobre o armário, e agora eles estão aí de volta. Alguém está *entrando aqui*.”

Gavin puxou Ginger nos braços e deu um beijo na testa dela.

“Shhh, querida. Vou cuidar disso agora mesmo. Daqui para a frente, o berço dela vai ficar no nosso quarto, em vez de no quartinho do bebê, e quando ela for cochilar, você a coloca no bercinho de vime, para garantir que ela fique sempre junto de você. Vamos até o final nisso aqui. Vou pegar as gravações das câmeras de segurança, e se alguém esteve aqui, vou saber.”

***

Gavin olhava para a gravação do quarto da filha, ainda sem saber exatamente o que ele estava vendo. Aquilo *não* era possível e, no entanto, ele tinha uma prova mostrando que era. Não havia *alguém* no quarto da filha, mas *algo*… Não importava quantas vezes ele repetisse a gravação, a cena continuava a mesma. Os dois *fofinhos*, como Ginger chamava os brinquedinhos preferidos da filha – e também a única lembrança de como Ari tinha entrado na vida deles, uma homenagem secreta à mulher que deixou o bebê na porta –, se moviam de onde quer que Ginger os tivesse deixado, flutuando pelo quarto até cair no berço de Ari.

Gavin era um homem racional e sua cabeça simplesmente não podia conceber algo tão… *irracional*. E depois de perceber que a lógica não estava predominando, veio um medo de gelar até os ossos. Será que havia algo de mal envolvido com a filha? Ele nunca acreditou em espíritos ou fantasmas, já que não se encaixavam em sua visão lógica e organizada de mundo. Mas *algo* estava fazendo os brinquedos flutuarem pelo quarto e descerem até o berço da filha.

O que poderia dizer para Ginger sem deixá-la completamente apavorada? Gavin era capaz de ir até o fim do mundo para proteger a esposa e a filha. Se pudesse evitar que Ginger se magoasse ou ficasse assustada, então com certeza faria isso sem nenhum tipo de remorso.

Discretamente, ele ordenou ao chefe de segurança que levasse o berço de Ari para o quarto do casal, mas o instruiu a deixar todo o resto intocado.

***

Na manhã seguinte…

Gavin acordou assim que ouviu o grito de espanto de Ginger. Ele saiu correndo da cama e foi até onde a esposa estava parada, ao lado do berço de Ari, com uma expressão perplexa no rosto. Os dois *fofinhos* estavam no berço com Ari, que estava acordada e segurava um deles com suas mãos gorduchinhas, enquanto mordia uma das orelhas. Ela sorriu ao ver os pais, chacoalhando as pernas e chutando como se quisesse dizer que estava bem acordada e pronta para sair do berço.

Gavin olhou com atenção para a porta do quarto deles, a porta que ele se certificou de não apenas ter fechado, mas ter *trancado*, antes de irem dormir. Agora ela estava entreaberta e os dois *fofinhos*, que tinham sido deixados no

quartinho de bebê, agora estavam no berço, para a óbvia alegria de Ari. Ele soube naquela hora que não teria como esconder de Ginger a gravação de segurança. Havia algo muito *errado* ali.

Ginger tirou Ari do berço, e o fofinho caiu das mãos da filha. Isso deu início imediato a um choro de reclamação, e somente após Ginger pegar o bichinho de pelúcia e devolvê-lo à filha foi que o choramingo cessou. Ginger se virou com uma expressão de súplica para Gavin, e havia lágrimas de medo nos olhos dela. Ela pedia tacitamente que ele resolvesse aquilo, que acabasse com o que quer que estivesse acontecendo, e isso deixava Gavin de coração partido, porque estava completamente perdido, sem a menor ideia do que fazer. Nunca havia deixado de dar à esposa ou à filha *qualquer coisa* que elas precisassem ou quisessem. Seu único propósito na vida era proteger a família, garantir a segurança, a felicidade e o bem-estar delas. Ainda assim, não tinha uma resposta sobre o inexplicável.

"Dê a mamadeira e troque a fralda dela, e depois vá me encontrar na sala de vigilância", Gavin disse com a voz baixa, mantendo o tom calmo e seguro, para que Ari não sentisse a aflição dele nem a de Ginger.

"O que está acontecendo, Gav?", Ginger sussurrou.

"Eu não sei", ele respondeu com honestidade. "Mas pretendo descobrir. Cuide de Ari e depois vamos entender o que está havendo."

Ginger saiu do quarto em silêncio, mas a tensão que emanava era tangível. Gavin odiava o fato de ela estar assustada. Caramba, *mesmo ele* estava assustado. Nada na vida o tinha preparado para algo assim. Como era possível se defender do indefensável? Gavin não era uma pessoa espiritualizada, mas naquele momento ele se pegou rezando em voz baixa para que Deus eliminasse qualquer espírito maligno que tivesse invadido a casa. Ele foi até a porta, depois que Ginger sumiu pelas escadas a caminho da cozinha, onde iria alimentar Ari, e examinou a tranca cuidadosamente, procurando por sinais de arrombamento. Aos olhos de Gavin, que entendia do assunto, não havia nenhum sinal disso. Não havia arranhões, nenhuma marca na tinta, no ferrolho ou na maçaneta. Como é que a porta tinha se aberto e os dois bichinhos de pelúcia acabaram no berço de sua filha, sem que ele soubesse?

Ele não tinha o sono pesado, sempre foi assim. Mas depois da chegada de Ari, estava com o sono mais leve do que nunca, sempre atento para ouvir qualquer som, choro ou sinal de que havia algo errado. E, no entanto, ele havia dormido a noite toda abraçado à esposa, enquanto Ari dormia no berço a poucos centímetros da cama. Ele tinha colocado o berço propositadamente na parece

oposta, para que a cama deles ficasse entre o berço e a porta.

Meneando a cabeça, ele desceu as escadas e viu Ari sentada no cadeirão, toda feliz, segurando um dos *fofinhos*, enquanto Ginger preparava a mamadeira. Ele beijou os cachinhos sedosos da filha e recebeu de volta um sorriso que sempre o deixava derretido. Como era a vida deles antes de Ari chegar, em uma época em que eles achavam que jamais poderiam ter um filho? Gavin não conseguia se lembrar… Ele e Ginger eram felizes. Ele tinha a mulher que amava mais do que a própria vida e achava que ele estava completo. Até Ari chegar… Ari foi um verdadeiro presente dos anjos. Ela fez Gavin acreditar no espírito natalino, na generosidade. E com a chegada dela, Ginger parou de ficar infeliz. Não tinha mais dúvidas se Gavin a trocaria por outra mulher, capaz de dar a ele algo que ele nem mesmo queria.

Ginger terminou de preparar a mamadeira, mas a deixou na pia quando Gavin veio abraçá-la e beijá-la. Ele jamais se cansaria dos beijos de Ginger. Eles nunca perderiam o poder de fazê-lo se esquecer completamente de si e do mundo ao redor.

Ari, impaciente, derrubou o fofinho e começou a bater na bandeja do cadeirão, dizendo:

“Mama-mama!”, claramente pedindo pela mãe.

Ginger deu um risinho ao interromper o beijo de Gavin.

“Acho que nossa filha está com fome. Vou dar a mamadeira na sala de vigilância. Você disse que tinha algo para me mostrar?”

Gavin odiava o medo que havia na voz de Ginger e sua tentativa de disfarçar e fingir que não estava preocupada, quando ele sabia muito bem que estava.

“Gavin!”, Ginger disse em um sussurro esganiçado. “Olhe!”

Para o espanto de ambos, a mamadeira cheia simplesmente levitou no ar e flutuou com delicadeza pela cozinha até as mãos abertas de Ari. Nenhum dos dois se moveu. Eles apenas observaram incrédulos Ari agarrar a mamadeira com as duas mãos, tentando incliná-la o suficiente para conseguir sugar o bico.

“Isso aconteceu *de verdade*?”, Ginger sussurrou, tremendo da cabeça aos pés junto de Gavin.

Ele também estava tão abalado, que não conseguiu nem responder. Primeiro eram os bichos de pelúcia que tinham chegado até Ari, apesar da porta trancada. E agora mais isso? Pela primeira vez, Gavin começou a suspeitar de que *Ari* estava fazendo tudo aquilo acontecer. Mas ela era uma criança… um bebê! Era inimaginável cogitar que ela tivesse a habilidade de mover os objetos que queria para perto de si.

Decidindo agir, Ginger correu até o cadeirão onde sempre deixava Ari enquanto preparava a mamadeira, e gentilmente tentou arrancá-la das mãos do bebê. Ari emitiu um som de reclamação e, para o espanto ainda maior de Gavin, parecia que Ginger estava em um cabo-de-guerra, disputando a mamadeira que parecia querer fugir dela. Gavin na mesma hora correu para afastar a bandeja e pegar Ari no colo, para tentar acalmá-la. Assim que Ginger lhe deu a mamadeira, Ari se ajeitou e começou a sugar o leite satisfeita, aninhada nos braços do pai. Ele olhou para Ginger, que estava pálida como um fantasma e com os olhos arregalados de medo.

"O que está acontecendo, Gav?", ela perguntou ansiosa. "Será possível que foi *ela* quem moveu os bichos de pelúcia? Não podemos negar o que acabamos de ver, por mais ilógico que tudo isso pareça. Nós *dois* não imaginamos isso, certo?"

Gavin abraçou a esposa com o braço livre, trazendo-a para perto, para ter a mulher e a filha junto de si.

"Parece que nossa filha tem algumas habilidades bem peculiares", murmurou.

"O que vamos fazer?", Ginger perguntou, começando a soar desesperada. "A última coisa de que precisamos agora é que alguém descubra. E se os pais biológicos aparecerem assim que for revelado que ela tem…?" Ela fechou os olhos por um momento e apoiou a cabeça no peito de Gavin, perto da testa de Ari. "O que ela tem, Gavin? Eu não entendo nada disso, muito menos sei qual é o nome dessa habilidade que ela tem."

"A evidência aponta para telecinese, mas ela é tão nova, é só um bebê. Isso pode ser apenas uma pequena parte das capacidades dela. Precisamos estar preparados para tudo. Agora é mais importante do que nunca evitar a exposição dela em público. Ela não vai poder ir para a escola. Ao menos enquanto não soubermos a verdadeira extensão dos poderes dela e até que aprenda a controlá-los."

"Essa não era a vida que eu queria para ela", Ginger disse com tristeza.

Gavin conseguia sentir o calor das lágrimas dela molhando sua camiseta, e ficou de coração partido. Ele abraçou Ginger com mais força e lhe deu um beijo no topo da cabeça.

"Ela vai ter uma boa vida", garantiu. Uma promessa que pretendia cumprir integralmente. "Talvez Ari não faça todas as coisas que as crianças normais na idade dela fazem, mas vai viver uma vida plena e feliz. Você e eu vamos garantir que isso aconteça. E, quando tiver idade o suficiente para compreender as

consequências de usar seus poderes, ela vai saber que não deve fazer nada que possa chamar atenção para si.”

Ginger se afastou com um sorriso tímido, mas ainda assim um sorriso.

“Eu sempre soube que ela era especial. Ela foi um presente de Deus quando eu mais precisava. Talvez fosse para ser assim. Temos condição de protegê-la, de educá-la e de dar a orientação e as ferramentas de que ela vai precisar quando crescer.” Ginger hesitou por um momento, mordendo os lábios de angústia. “Acho que meu maior medo, desde quando ela apareceu em nossa vida, é que algum dia alguém venha atrás dela para pegá-la de volta.”

Gavin tirou a mamadeira das mãos de Ari e a apoiou no ombro para fazê-la arrotar. Ele olhou para Ginger diretamente nos olhos, porque queria que soubesse que estava falando muito sério cada palavra.

“Nada, nem ninguém, *jamais* vai tirar nossa filha de nós. Para a maior parte do mundo, nós sumimos completamente. Deixei claro que tínhamos nos mudado para a Europa e ainda hoje estamos morando lá. Esta casa não tem como ser ligada ao meu nome. Os negócios que mantenho aqui são controlados por meia dúzia de empresas fictícias, todas pertencentes a mim. Alguém precisaria cavoucar muito, enfrentar muita burocracia e dar bastante sorte para conseguir me associar a qualquer coisa aqui nos Estados Unidos.”

“Eu não duvido, Gav. Por favor, não ache que não acredito nisso ou que não confio em você. Mas acho que vou sempre viver com esse medo de levarem Ari de mim. Talvez com o tempo isso diminua. Talvez algum dia eu consiga relaxar de verdade, mas a mãe que existe dentro de mim sabe que vou me preocupar sempre com meu bebezinho, não importa quantos anos ela tenha.”

Gavin respondeu de forma muito sincera.

“Somos dois, querida.”

Desta vez, não foi surpresa nenhuma um dos fofinhos de Ari sair voando do chão, de onde tinha caído, e flutuar até ela. Gavin pegou o bicho de pelúcia no ar e o entregou para a filha.

“Acho que ela já está pronta para dar um cochilo”, Ginger disse com tristeza. “Acho que não há mais motivo para deixá-la sem os fofinhos dela.”

Gavin imaginava os anos que viriam pela frente, e a expressão no seu rosto e o tom de sua voz eram irônicos.

“Acho, meu amor, que você e eu vamos viver uma aventura emocionante criando nossa filha.”

QUATRO

Vinte e dois anos depois…

Arial Rochester suspirou ao passar pelo portão de entrada da escola particular onde ela dava aulas de inglês, um sinal da tristeza que sempre vinha junto com o final do ano letivo. Mas deixou para trás a melancolia do momento porque sabia que em breve estaria junto de seus pais, e todo ano ela passava o verão com eles, em qualquer lugar que seu pai tivesse escolhido para fazer uma surpresa para sua mãe. Ela sorriu ao pensar nos pais. Tão apaixonados mesmo depois de tantos anos de casados. O pai era extremamente zeloso com sua mãe e, por sua vez, pai e mãe eram extremamente zelosos com *ela*. E por um bom motivo…

Nunca conte a ninguém. Nunca deixe ninguém descobrir. Nunca use seus poderes. Era um mantra que seu pai tinha colocado em sua cabeça desde que ela tinha idade suficiente para se lembrar. Ela cresceu protegida e extremamente isolada. Seus pais fizeram de tudo para dar a ela *alguma* sensação de normalidade, mas isso não era possível porque Ari *não* era normal. Ela era uma aberração, algo saído de um filme brega de ficção científica. Pessoas como ela não existiam, só que… ela *existia*. E não havia explicação lógica para isso.

Seu pai era a encarnação da lógica. Tinha uma mente analítica brilhante, e até *ele* parecia incrédulo com as habilidades de Ari. Seu maior medo sempre foi que ela fosse… descoberta. Tinha medo que, de alguma forma, Ari fosse encontrada e levada dos pais ou então exposta a perigos por pessoas que queriam usar os poderes dela para só Deus sabia o quê. Por isso, eles contrataram professores particulares para ela ser educada em casa e Ari não ia para lugar algum sem uma equipe de segurança.

Mas agora, já adulta e formada com honras por uma pequena faculdade particular, ela havia saído da bolha protetora criada por seu pai muitos anos antes. Ele não gostou, e sua mãe também não, mas eles a compreendiam, graças a Deus. Tudo o que seu pai havia pedido era que Ari jamais desse às pessoas motivo para acharem que ela era diferente de qualquer outra jovem no mundo.

Foi uma promessa que Ari não teve o menor problema em fazer porque ser normal era tudo o que ela mais queria – *desejava*. Não queria ser "aquela esquisita". Seus pais a criaram com o medo constante de que ela fosse descoberta, pelo menos até que tivesse idade o bastante para entender que não deveria usar seus poderes e se expor diante do resto do mundo. Só então, puderam relaxar um pouco e pararam de viver com o terror constante de que Ari revelasse, sem querer, tudo o que era capaz de fazer. Os pais fizeram grandes sacrifícios por ela. Suas vidas basicamente giravam em torno de protegê-la. Ari lamentava de todo coração, já que, por causa dela, nenhum dos dois conseguiu viver uma vida normal.

Ela mexeu na bolsa, procurando pelas chaves do carro, enquanto caminhava rapidamente pela calçada da rua agitada onde ficava a escola. O grande edifício de tijolos era protegido por uma cerca de ferro forjado, com portões que se fechavam logo após as aulas começarem e se abriam pouco antes de os alunos serem liberados. O estacionamento dos professores ficava a meio quarteirão de distância dos portões e ela era sempre a última professora a sair, a julgar pelo estacionamento vazio. Quando estava prestes a deixar a calçada para cruzar o estacionamento onde seu carro estava, Ari foi empurrada com força e ralou os joelhos e a palma das mãos ao cair no chão.

"Sua vadia desgraçada! Acha que vai escapar por ter me reprovado? Se não fosse por você, eu já estaria indo para a faculdade este outono. Você tem ideia do que meus pais vão fazer comigo quando virem minhas notas?"

Ari reconheceu a voz como sendo de um de seus alunos, Derek Cambridge. Ele vinha de uma família rica e se achava no direito de fazer o que bem entendesse. Era arrogante e egocêntrico, mas Ari nunca imaginou que iria *atacá-la* fisicamente pela nota que recebeu na aula dela. Ela havia feito de tudo para ajudá-lo e não queria ter de reprová-lo, mas ele rejeitou todos os seus esforços, presumindo, em sua arrogância, que a professora iria passá-lo de ano, independentemente de seu empenho – ou da falta dele. Talvez tivesse achado que o dinheiro dos pais e seu status social seriam suficientes para lhe abrir todas as portas da escola e da vida.

Quando Ari olhou para cima, seu sangue gelou, porque Derek não estava sozinho. Havia mais dois rapazes com ele, que ela imaginou serem amigos, e pareciam tão irritados quanto Derek. Será que eram loucos? Atacar uma mulher em plena luz do dia, diante de uma rua agitada na frente da escola? Ela olhou desesperadamente em volta, procurando por ajuda. Ari levou um chute nas costelas, que a fez cair de costas no chão, em cima da bolsa, arfando sem fôlego.

O que ela viu, quando cruzou o olhar com Derek Cambridge, fez seu corpo paralisar de medo. Ele não estava apenas querendo bater nela para descontar a raiva que sentia. Ari viu morte nos olhos dele, a morte *dela*. E os amigos não faziam nenhuma menção de interrompê-lo. Os dois sorriam como se acreditassem de verdade que ela estava recebendo o que merecia.

Ari viu o brilho de um metal refletir a luz do sol. Uma faca. Derek segurava com firmeza uma faca nas mãos, com a lâmina apontada para baixo, e ela sabia – ela *sabia* – que ele iria matá-la ali mesmo.

Embora os poderes de Ari estivessem dormentes havia muito tempo, embora ela tivesse tornado um hábito abafá-los a qualquer custo, eles voltaram com força total, quando seu instinto de sobrevivência se tornou a prioridade. Foi por impulso, e Ari nem mesmo precisou se concentrar. Uma chuva de pedregulhos subitamente voou sobre o agressor dela, fazendo-o retroceder, protegendo o rosto com uma das mãos, enquanto a outra ainda segurava a faca.

A ventania chegou com uma lufada violenta, que mais parecia um ciclone. Agora que havia algum espaço entre ela e o adolescente armado, Ari vasculhou a área em busca de alguma arma que pudesse usar contra ele. Olhou para uma árvore que cobria parte da calçada. Um grande galho se partiu, fazendo um barulho parecido com um disparo de arma de fogo, e então se atirou na direção do trio que a ameaçava.

“Que merda está acontecendo aqui, cara?”, gritou um dos amigos de Derek.

Ari não reconheceu os outros dois garotos. Tinha 99 por cento de certeza de que eles não frequentavam aquela escola, porque lá não havia tantos alunos como as escolas públicas e ela estava bem familiarizada com os rostos e os nomes da maioria dos alunos da Grover Academy.

“Peguem essa puta e segurem ela, porque eu vou rasgá-la feito um porco”, Derek esbravejou.

Ari tinha causado algum estrago. O nariz de Derek estava sangrando, e ele nem se preocupou em limpá-lo. Seus olhos tinham um brilho selvagem, e Ari percebeu que ele não estava apenas irado com a reprovação na aula, mas também estava chapado – com sabia Deus lá que droga. A coisa ia ficar feia.

Ari se levantou, aproveitando-se da hesitação momentânea deles. Precisava de alguma vantagem, precisava conseguir ver os recursos disponíveis para ela. Os canteiros de tijolos alinhados na frente da escola, onde cresciam cercas-vivas sempre bem podadas, começaram a chacoalhar e a tremer, como se estivesse acontecendo um terremoto. Os garotos também sentiram, porque o rosto dos dois amigos mostrou rapidamente o desconforto que sentiam. Derek estava acelerado

demais com a droga que tinha usado e não prestava atenção a nada, apenas a seu desejo de vingança.

Os tijolos se soltaram e saíram um por um da pilha organizada onde estavam. E então um deles voou pelo ar, atingindo Derek por trás da cabeça. Ele desabou no chão feito uma pedra e a faca caiu de sua mão e foi parar no concreto. Os dois amigos assistiam perplexos a mais tijolos flutuarem no ar, rodando e mudando de direção quando eles começaram a se afastar.

“Puta merda!”, um deles exclamou. “Ela é uma porra de uma bruxa. Aposto que é satanista!”

Agora que a faca estava no chão a poucos centímetros de distância de onde Derek tinha caído, Ari a evocou. A faca flutuou facilmente até ela, que abriu a mão e a segurou delicadamente pelo punho.

“Fiquem longe de mim”, Ari disse.

Na hora, ela não estava se importando com o que eles achavam que ela era. Se acreditavam que o diabo em pessoa a tinha ajudado, que fosse.

Os tijolos voaram na direção deles, parando a poucos centímetros de suas cabeças. Já tinham levantado as mãos para proteger o rosto, e estavam com os olhos fechados, todos encolhidos, prontos para receber o impacto. Quando nada aconteceu, eles cuidadosamente abriram os olhos e entraram em pânico. Depois que os garotos deram vários passos rápidos para trás, os tijolos voaram na direção deles outra vez. Claramente dispostos a deixar o “amigo” enfrentar seu destino sozinho, deram as costas e saíram correndo como se os cães do inferno estivessem no seu encalço. Os tijolos caíram no chão e um deles lascou uma quina. Ari ficou ali parada, tremendo, após seu encontro com a morte.

E foi então que percebeu que tinha feito o inimaginável. Não importava que tivesse sido para salvar a própria vida, ela havia usado a telecinese na frente de três testemunhas. Mas essas testemunhas não era o que mais a preocupava naquela hora. Provavelmente, a polícia daria risada na cara deles, caso fossem até a delegacia com uma história tão maluca. Só que o estacionamento, bem como toda a escola e as redondezas, era monitorado por câmeras de vigilância. Isso produziria provas físicas de seus poderes inexplicáveis.

Ari começou a tremer violentamente, soltando a faca, que tilintou ao bater no chão irregular. Sem prestar atenção aos joelhos e à palma das mãos, que sangravam, nem para a dor na lateral do corpo provocada pelo violento chute, ela abriu a bolsa e começou a procurar desesperadamente por seu telefone. Precisou tentar três vezes, até conseguir tocar no botão correto que levava ao contato de seu pai, e fazer a ligação.

“Ari”, seu pai a cumprimentou com a voz carinhosa. “Como foi o último dia na escola?”

“P-p-pai”, ela balbuciou. “Estou com problemas.”

O tom de voz do pai mudou imediatamente. Ela conseguia sentir a tensão pelo telefone como se estivesse diante dele. Ari conseguia imaginar muito bem seu pai rapidamente mudando a postura, ao descobrir que aquela não era uma ligação normal e que a filha estava em perigo.

“Conte para mim”, ele disparou. “Você está bem? Está machucada? Onde está?”

Ela respirou fundo e relatou os eventos da maneira mais concisa possível, sabendo que o tempo era fundamental. E, então, ocorreu a Ari um pensamento terrível, porque Derek ainda estava caído inconsciente no chão, diante dela. Será que ela o havia matado? Segurando o celular no ouvido com uma das mãos, ela se agachou, quase gemendo com o esforço, e pressionou o pescoço dele com os dedos, em busca de pulsação. Foi tomada pelo alívio quando sentiu um pulso firme e forte na ponta dos dedos.

“Entre no seu carro. Tranque a porta. Estarei aí em cinco minutos”, Gavin disse, lacônico. “Se qualquer pessoa, e estou falando de *qualquer* um, se aproximar de você ou se você se sentir ameaçada de qualquer maneira, saia daí imediatamente.”

“Está bem”, Ari sussurrou. “Mas, pai, e Derek? Será que preciso chamar uma ambulância? Não posso largá-lo aqui assim. Apesar de ter sido em autodefesa, não posso deixá-lo aqui *morrendo*.”

A voz de Gavin era implacável, e as palavras soavam duras como aço.

“Faça como eu disse. Estarei aí em cinco minutos e vou cuidar de tudo.”

A chamada foi encerrada e Ari começou a olhar para todos os lados, tentando ver se alguém a estava observando ou se havia testemunhado o que tinha acabado de acontecer. Felizmente, Derek e seus amigos estavam atrás da mureta de pedra que ligava o estacionamento à cerca ao redor do terreno da escola. Derek estava fora do campo de visão das pessoas que caminhavam pela calçada, mas Ari estava completamente exposta. Seu pai tinha razão. Ela precisava entrar no carro antes que alguém a visse lá sangrando e se aproximasse para ver o que estava acontecendo.

Embora Derek tivesse tentado matá-la, Ari estava bastante arrependida do que tinha feito. Deixá-lo ali ia contra todo seu código moral. E se ele tivesse sofrido um ferimento sério na cabeça? E se morresse por não ter sido levado a tempo para um hospital? Não importava o tipo de pessoa que ele era, não

merecia morrer no estacionamento, sozinho e abandonado pelos amigos.

Confiando na capacidade do pai de cuidar de tudo, como ele disse que faria, Ari ligou para a emergência e, com a voz baixa, se identificou como uma professora da Grover Academy relatando que havia um aluno inconsciente no estacionamento dos professores. Exatamente quatro minutos depois, o Escalade do pai entrou com rapidez no estacionamento e freou bruscamente ao lado do carro de Ari. Gavin desceu e dirigiu-se às pressas ao carro dela, antes mesmo que Ari pudesse abrir a porta. Quando ela saiu do veículo e se contraiu de dor por causa das costelas feridas, o rosto do pai assumiu uma expressão furiosa, com os olhos duros como pedra e a mandíbula cerrada, pulsando com a agitação.

"Eu liguei para a emergência", Ari disse com a voz baixa, sabendo que o pai não ficaria feliz por ela não ter seguido as orientações dele. "Eu não ia conseguir largá-lo aí."

"Esse pequeno desgraçado tem sorte de ainda estar apagado", Gavin disse com frieza. "Eu o mataria pelo que fez com você." Então ele colocou a mão no ombro de Ari com carinho e tentou reconfortá-la. "Você está bem? Está sentindo dor?"

"Estou machucada", ela admitiu. "Estou bem ralada, mas o que está me incomodando mais é o chute na costela."

O olhar de Gavin ficou frio como o gelo, mas ele segurou a resposta que estava na ponta da língua.

"Entre no seu carro e me siga. Se você chamou a emergência, uma ambulância vai estar aqui em breve e provavelmente a polícia também. Quero você o mais longe daqui quando isso acontecer."

"Pai, a escola tem câmeras de segurança", Ari respondeu, com a voz trêmula.

Gavin se inclinou e deu um beijo na testa da filha.

"Já estou cuidando disso, querida. Agora entre no seu carro. Precisamos sair daqui imediatamente."

Ari suspirou de alívio. Seu pai iria cuidar de tudo e a protegeria, assim como sempre a havia protegido. Ela se virou e rapidamente sentou-se no banco do motorista, ignorando o corpo reclamar. Era provável que tivessem poucos minutos até os médicos e os policiais chegarem ao estacionamento. Fariam perguntas… Ari tinha ligado para a emergência e saído do local. A maioria das pessoas permaneceria ali, ajudando a vítima ou pelo menos garantindo a segurança dela até a chegada de auxílio médico. Ari teria de responder por que não fez isso.

Mas tinha plena confiança em seu pai, ele jamais tinha falhado com ela.

Ari acelerou bruscamente e seguiu-o, que saiu em alta velocidade do estacionamento. Gavin dirigiu seguro pelo trânsito e Ari percebeu que estavam indo para casa – ou um dos muitos lugares que chamavam de casa. Era o lugar onde passavam a maior parte do ano, quando ela estava dando aulas e o pai cuidava dos negócios. Os dois passaram rapidamente pelo portão de segurança, que se fechou logo em seguida. Assim que pararam dentro da garagem, Ginger apareceu na porta, com a preocupação estampada no rosto, e correu até o carro de Ari para ajudar a abrir a porta.

“Cuidado, querida”, Gavin disse para Ginger gentilmente. “Ela está machucada.”

“Oh, Ari, o que aconteceu, querida? Você precisa ir para o hospital?” Ginger olhou ansiosa para o marido. “Será que não era melhor levá-la direto para o hospital?”

Gavin Rochester colocou a mão no ombro de sua esposa para acalmá-la, antes de se inclinar para ajudar Ari a sair do carro. Dessa vez, Ari se controlou melhor e não deixou à mostra o desconforto que sentia, porque sua mãe já estava quase entrando em pânico e Ari não queria aumentar ainda mais a preocupação dela.

“Não havia tempo, Ginger. Temos problemas que devemos resolver o quanto antes. Já chamei o doutor Winstead e ele está a caminho. Se ele achar que Ari precisa ser hospitalizada ou que ela esteja seriamente ferida, vamos interná-la discretamente na clínica ambulatorial dele, onde sabemos que teremos privacidade e anonimato.”

Ginger abraçou com carinho a filha e Ari sentiu a mãe tremer de medo e de ansiedade. Por sua vez, ela abraçou o corpo esguio da mãe o mais forte que a dor nas costelas permitia.

“Estou bem, mãe. Nós temos problemas maiores que meus ferimentos. Eu estraguei tudo.”

Ao dizer isso, Ari olhou para o pai como quem pede perdão, arrependida do fundo do coração.

O rosto do pai imediatamente assumiu uma expressão de fúria. Ele pegou o rosto de Ari com as duas mãos e a virou para ele, fazendo-a olhá-lo nos olhos.

“*Jamais* peça desculpas ou sinta que você desapontou a mim ou à sua mãe, fazendo *qualquer* coisa que seja necessária para se proteger. Você podia ter morrido hoje, Ari. Se não tivesse feito o que fez, sua mãe e eu estaríamos planejando seu enterro a essa altura. É nesta hora que agradeço a Deus por suas habilidades extraordinárias e, pela primeira vez, acredito que haja um propósito

genuíno – alguma razão superior – para seu *dom*. Hoje esse dom salvou a vida de alguém muito precioso para mim.”

Os olhos de Ari ficaram marejados com a sinceridade do pai.

“Agora vamos entrar”, ele disse, insistindo cuidadosamente para que Ari caminhasse até a porta. “Preciso fazer algumas ligações e o doutor Winstead deve chegar em breve. Deixe sua mãe cuidar de você, ela está morrendo de vontade de fazer isso. E não se preocupe com mais nada, querida. Prometo que vou cuidar disso.”

“Eu sei, pai”, Ari respondeu em voz baixa.

CINCO

Ari entrou bufando no quarto que seus pais ainda mantinham para ela, embora tivesse o próprio apartamento – em um prédio cujo dono era o pai, claro. Já tinha sido difícil o bastante para os pais deixarem Ari morar sozinha, mas a tolerância do pai só ia até lá. Gavin insistiu para que Ari se mudasse para seu condomínio de apartamentos de alto padrão, perto de onde ela dava aulas, porque lá a segurança era forte e ele teria a garantia da proteção dela.

Ari não ficaria surpresa se descobrisse que o pai mantinha uma equipe de segurança no condomínio só para ficar de olho nela.

Sua mãe tinha ficado parada, ansiosa, ao lado do doutor Winstead, enquanto ele examinava Ari, como se temesse que ele deixasse de ver algo em seu diagnóstico. Além dos arranhões nas mãos e nos joelhos, tudo o que ela sofreu foi uma lesão severa nas costelas, mas nada estava quebrado. Ficaria com o corpo dolorido e tenso por alguns dias, e o médico aconselhou-a a relaxar e não abusar, algo que Ginger garantiu firmemente que *não* iria acontecer. Depois ele prescreveu relaxantes musculares e analgésicos para Ari, o que a mãe imediatamente pediu à farmácia, e que seriam entregues dentro de uma hora.

O assunto sobre onde eles iriam passar o verão nem chegou a vir à tona. Gavin passou a tarde ao telefone, fazendo ligações discretamente, e Ari não fez questão de ouvir nada porque ela *não queria* saber. Ainda estava tomada pela culpa, porque não era uma pessoa violenta. Agredir propositadamente um outro ser humano ia contra todos os instintos dela.

Gavin sempre se preocupou com o fato de que ela era delicada demais – assim como a mãe –, mas nunca se preocupou muito com isso, porque tinha sido a meiguice de Ginger que o havia atraído em primeiro lugar. Seu pai era um homem duro, implacável e ficava assustador quando era contrariado; mas com Ginger, ele era um homem completamente diferente. Ari sempre achou graça na ideia de que sua mãe calma, delicada e afável tivesse sido capaz de domar um cara durão como seu pai. E ele sempre dizia que dava graças a Deus por Ari não ter herdado nenhuma das qualidades dele. Não se achava um bom homem, quando na verdade era o melhor tipo de homem que poderia existir.

Mas Ginger conseguia tirar o que havia de melhor nele, e quem poderia culpar um homem por fazer o que fosse preciso para proteger a esposa e filha das agruras da vida? Sua mãe já tinha dado a entender em algumas ocasiões que seu pai nem sempre foi a pessoa que mais respeitava as leis no mundo, mas que depois de conhecê-la ele prometeu mudar. Ele queria ser um homem melhor por ela. Queria ser merecedor dela.

Ari achava tudo isso extremamente romântico, mas ao mesmo tempo o casamento dos pais a tinha deixado inatingível para 99 por cento da população masculina, porque ela também queria o que sua mãe tinha. Um homem que desse a vida por ela, alguém que movesse céu e terra para vê-la feliz. Alguém que colocasse as necessidades e desejos dela acima dos próprios e que sumisse com qualquer ameaça que houvesse contra ela.

Tudo isso explicava a ausência de vida social de Ari. Os encontros que teve com rapazes podiam ser contados em uma das mãos. Dois não passaram pela detalhada pesquisa de antecedentes feita por seu pai e não eram rapazes que ele – ou ela – gostaria de ter envolvimento. Quanto aos outros? Simplesmente não havia aquela… fagulha. A fagulha que ela enxergava nos olhos do pai toda vez que ele via sua esposa. A maneira como o rosto dele se desmanchava de tanto amor, a ponto de fazer a própria alma dela doer. Ari queria isso e se recusava a aceitar qualquer outra coisa, mesmo que significasse passar o resto da vida sozinha. Sem falar que ela não conseguia imaginar muitos homens que compreendessem ou tolerassem o “dom” especial dela. Caramba, provavelmente sairiam correndo o mais rápido possível dali, fazendo o sinal da cruz.

De qualquer forma, quem ela podia confiar para contar seus segredos? E Ari se recusava a ter um relacionamento cercado por segredos e mentiras – mesmo que fosse por omissão. Se algum dia ela se casasse, seu marido saberia da verdade completa sobre ela e a aceitaria sem ressalvas. O que não lhe deixava muitas opções.

Para não ficar ainda mais deprimida, Ari ligou a tevê logo que deitou na cama, sentindo os remédios começarem a fazer efeito, tirando um pouco do incômodo em seu corpo machucado. Mas trinta segundos mais tarde, ela já desejava ter simplesmente ido dormir, quando viu a matéria principal no programa de notícias locais, que sem dúvida seria replicado pelas redes maiores e de manhã chegaria aos grandes grupos de mídia como a CNN e a Fox News.

Ari assistiu horrorizada a um vídeo, claramente filmado com o celular, reprisar todo o confronto no estacionamento. Que droga, devia ter alguém passando por lá que parou e filmou a maldita cena inteira. O discurso do âncora

era bem sensacionalista, claro. Como uma jovem mulher, uma professora na Grover Academy, e meu Deus, eles até a identificaram pelo nome, tinha conseguido repelir três agressores no estacionamento da escola.

Ari sabia que o pai tinha conseguido o sistema de vídeo da escola, de forma que o filme mostrasse que ela havia sido atacada, para não restar dúvidas sobre a questão da autodefesa, mas a gravação foi cortada – um "pau" inexplicável – quando os poderes dela ficavam evidentes. Quem quer que tivesse filmado aquele vídeo pegou a coisa toda do começo ao fim. Ari entrou em pânico. Sua pulsação disparou e a ansiedade que sentia tomou conta de seu corpo e fez sua garganta fechar. O remédio que tinha aliviado a dor e a tensão ficou inútil, porque a dor incômoda voltou com força total. E o que âncora disse em seguida fez Ari perder o controle. O vídeo já tinha viralizado, com mais de 1 milhão de visualizações no YouTube e incontáveis compartilhamentos no Facebook, e a Associated Press estava em cima da história, com todo mundo chocado e espantado com o que tinham visto.

Tudo aquilo pelo que seus pais tinham lutado tanto nos últimos vinte e quatro anos desabou em um único momento de guarda baixa. Ari foi exposta e estava vulnerável. Sua vida iria mudar para sempre por causa de um babaca mimado que achou que o dinheiro dos pais e o status o permitiriam levar a vida empurrando tudo com a barriga.

Ari saltou da cama, ignorando os efeitos do remédio, que a deixavam mais lenta, e sentiu as costelas doerem. Percorreu o corredor às pressas e bateu à porta do quarto dos pais. Quando ouviu o pai chamá-la, abriu a porta e entrou, com as mãos trêmulas e o rosto pálido. O medo intenso que Ari sentia devia estar refletido no rosto, porque sua mãe imediatamente se levantou para abraçá-la e a levou para sentar na cama, onde ela e Gavin estavam sentados, encostados na cabeceira.

"Pai, você precisa ver isso", ela disse, mexendo as mãos de agitação. "Posso mostrar a gravação no DVR. Isso é bem ruim. Agora, não sei como vamos resolver."

"Nós vimos", Gavin respondeu em voz baixa. "Vamos sair assim que arrumarmos a mala esta noite. Vamos para uma de nossas outras residências só como precaução, já que o doutor Winstead passou aqui um pouco mais cedo. Não podemos tomar uma decisão precipitada, mas também não quero deixar você exposta ao circo de mídia que vai se formar. Eles já a identificaram pelo nome, e a escola, os funcionários, alunos – atuais e antigos – vão começar a ser atormentados com perguntas e pedidos para dar entrevistas a jornalistas e até

mesmo serão procurados pela polícia. A administração da escola vai cair em cima de você e, querida, é bom se preparar para o pior."

"Eles vão me demitir", Ari sussurrou. "Estraguei tudo. Sinto muito, pai. Me desculpe também, mamãe. Isso vai arruinar nossas férias de verão. Isso vai mudar a vida de todos nós."

O olhar de sua mãe tinha tanto amor que os olhos de Ari se encheram de lágrimas e ela precisou engolir o nó de emoções que havia entalado em sua garganta. Então, Ginger gentilmente a abraçou e a trouxe até o peito, e começou a acariciar o pescoço de Ari, assim como fazia quando ela era apenas uma garotinha.

"Querida, você é nossa vida. Você sempre foi o coração e a alma de nós dois. Desde o dia em que entrou em nossas vidas. Nunca peça desculpas por ser quem você é. Você fez o que tinha de fazer. Se eu estivesse lá, aquele desgraçado agora estaria morto em vez de estar só com uma dor de cabeça", Ginger sussurrou.

Gavin tentou disfarçar o sorriso largo que deu ao olhar para sua esposa e filha, com os olhos brilhando de amor. Então ele disse para Ginger:

"Querida, vá fazer a mala de Ari. Ela não está em condições. Está tremendo demais e acabou de tomar um remédio. Nós precisamos ir. Eu pego o que você e eu vamos precisar. Deixe Ari ficar sentada aqui e você vai ajeitar as coisas dela."

Gavin aguardou a esposa sair do quarto e então desceu da cama, colocando uma camiseta que ele tinha deixado ali perto. Depois sentou-se ao lado de Ari, na beira da cama e a puxou para seus braços.

"Eu sei que você está assustada, querida, mas uma coisa você tem que entender. Você e sua mãe são as duas pessoas mais importantes no meu mundo. As únicas pessoas que *existem* no meu mundo, até onde me interessa, e não há nada, *nada* que eu não vá fazer para proteger vocês duas."

Gavin levantou o queixo da filha, para que ela o olhasse nos olhos e pudesse ver a completa sinceridade que havia em seu rosto.

"Sempre soubemos que havia a possibilidade de isso acontecer. Tentamos protegê-la a vida inteira desse tipo de coisa, mas em certo ponto foi inevitável porque isso é o que *você é*. E eu apenas imagino como deve ter sido difícil para você esconder, por medo, algo tão importante. Medo de ser descoberta e medo de alguma forma desapontar sua mãe ou a mim. Deixe-me corrigir uma coisa aqui antes que isso se prolongue. Nós não poderíamos estar mais orgulhosos de você e de quem você é. E não há nada que possa fazer que vá nos desapontar ou nos fazer te amar menos. Você é nossa única filha, é uma bênção que veio quando achávamos que jamais teríamos um filho, muito menos alguém tão

amorosa, gentil, especial e linda por dentro e por fora, como você. Então confie em mim, que estamos fazendo o que é melhor não só para você, mas para mim e para sua mãe também. Porque vocês duas vêm primeiro, sempre. E isso nunca vai mudar."

"Eu te amo, pai", Ari sussurrou.

Gavin deu um beijo na testa da filha e a abraçou com gentileza.

"E eu amo você, meu bebezinho. Agora, deixe-me arrumar depressa uma mala para mim e sua mãe. O que faltar, a gente sempre pode conseguir depois."

SEIS

Beau Devereaux pausou o vídeo na televisão, depois de reprisar o trecho do noticiário da noite anterior, para seu irmão, Caleb, e para os membros de sua equipe de especialistas em segurança reunidos.

Tinham perdido bons homens para um louco que fez Caleb e sua agora esposa, Ramie, passarem pelo inferno, e perceberam que os homens que, no início, eles consideravam os melhores, não eram bons o suficiente. Após uma avaliação minuciosa, contrataram mais homens, e os novos recrutas passaram por um treinamento completo, comandado por Dane Elliot, o chefe de segurança. Ele era um ex-membro da força de operações especiais da Marinha e um guerreiro durão e altamente capacitado. Sua parceira era Eliza Cummings, também durona como ninguém. Os dois foram fundamentais na caçada ao desgraçado que estava atormentando Ramie, embora tivesse sido Caleb quem acabou com ele de vez.

Zack talvez fosse o mais promissor dos novos membros. Beau tinha se interessado pelo perfil dele porque ele e Zack eram parecidos de muitas maneiras. Ambos eram quietos, cínicos, ficavam satisfeitos em observar de longe, analisando as redondezas, estudando tudo em silêncio, enquanto obtinham informação. Nenhum dos dois também estava atrás de glórias. Simplesmente faziam o que tinham de fazer. Zack não era o recruta típico. A maioria dos homens deles eram ex-militares ou ex-agentes de órgãos governamentais, como o FBI, DEA e algumas outras organizações que não existiam oficialmente. Quando iniciaram os trabalhos no ano difícil que se seguiu ao sequestro e ao resgate da irmã, ele e Caleb fizeram o melhor que puderam para contratar especialistas de segurança competentes. Na verdade, estavam indo na base da tentativa e erro; mas, após perderem seus homens, após Caleb e sua esposa quase morrerem, os dois decidiram fazer a coisa direito. Aprenderam com os erros do passado e não economizaram dinheiro para contratar os melhores, somente os melhores. O velho ditado era verdadeiro e o barato saía caro, mas dessa vez tinham recrutado a elite dos homens de segurança, porque não estavam pagando nada barato.

Com Zack, no entanto, a história era diferente. Ele era uma estrela no futebol americano universitário em plena ascensão. Foi contratado como quarterback na primeira rodada da seleção da NFL. No entanto, depois de apenas dois anos, uma lesão o tirou do futebol para sempre. Para a maioria das pessoas, esse seria um revés do qual jamais se recuperariam. Mas Zack não se importou e, depois de fazer fisioterapia, seguiu os passos do pai, entrando para a polícia, onde se destacou e foi rapidamente sendo promovido. Uma agência do governo estava insistentemente tentando recrutar Zack, mas Beau foi rápido ao contratá-lo, e seus instintos lhe diziam que a decisão tinha sido acertada. Havia um lado impiedoso e sombrio em Zack que Beau sentia, embora não conseguisse ver, logo de cara. O olhar observador de Zack não deixava nada passar, e ele estava sempre analisando, tomando notas e pensando em altíssima velocidade. Para alguns, isso poderia ser um sinal de perigo, e um motivo para *não* o contratar. Mas Beau havia testemunhado a diferença em Zack quando se tratava das vítimas e das pessoas que eles caçavam. Era infinitamente gentil com os inocentes, mas frio como o gelo na hora de matar os monstros que atacavam os indefesos. Ele era perfeito para fazer a segurança dos Devereaux e para entrar em uma equipe cada vez maior.

Caleb recostou-se e olhou o irmão com uma expressão meditativa.

“Por que estamos vendo isso, exatamente?”

Os demais homens reunidos tinham uma expressão similar no rosto. A de Zack era dura, no entanto. Beau podia sentir irradiar de Zack a mesma raiva que fervia nas veias dele.

“Você não se incomoda que uma mulher indefesa pudesse ter sido assassinada?”, Beau perguntou.

Mesmo enquanto dizia isso, sua atenção estava voltada para o quadro congelado na tevê, com o rosto delicado e assustado de Arial Rochester. Beau não conseguia explicar por que ele estava mais incomodado por esse ataque em particular, do que pelos outros. E, no curto período em que estavam operando naquele ramo de negócio, já tinham visto muitos ataques.

“Estou mais interessada naquela ventania bizarra e nos tijolos voadores”, Eliza murmurou. “Desde que foi colocado no YouTube, o vídeo viralizou e já tem mais de 10 milhões de visualizações em 24 horas. As redes de notícias do país já estão interessadas na história. Todo mundo quer saber como ela conseguiu se livrar de três agressores sem ter arma nenhuma.”

“Já vi acontecerem coisas mais estranhas”, Dane falou com sua voz calma e dura.

Eliza bufou, sabendo muito bem que ele tinha falado a verdade. À luz de tudo o que havia acontecido com Caleb e Ramie, aquilo ali parecia mera brincadeira de criança.

Beau continuou a estudar os olhos arregalados e assustados daquela pequena mulher. Estava com os braços cruzados ao redor do corpo, como forma de proteção, e cada movimento e gesto dela transmitia pânico. *Depois* de a ameaça contra ela ter sido eliminada, não deveria ficar aliviada? Mostrar um sinal de alívio ou mesmo de raiva? Podia ter demonstrado alguma reação condizente com o fato de ter tido um encontro tão próximo com a morte. Em vez disso, ela parecia *ainda mais* assustada do que estava ao enfrentar aqueles babacas arrogantes.

Havia algo naquilo tudo que incomodava Beau, só que ele não sabia dizer o quê. Mas não gostou de ter sentido raiva quando uma mulher tão miúda e aparentemente frágil foi atacada. Beau costumava trabalhar de forma impassível, jamais permitindo que as emoções o controlassem ou que atrapalhassem suas ações. Não havia margem de erro no ato de proteger alguém. Nada de deslizes, nada de permitir as emoções gerarem decisões apressadas e idiotas que podiam fazer alguém ser morto.

“Então, você acha que ela tem habilidades psíquicas?”, Caleb perguntou, mencionando a questão que estava implícita no ar.

Beau deu de ombros.

“Talvez. É possível. Ela com certeza está causando um barulho e as evidências do que aconteceu são bem inexplicáveis. Mas até aí, tudo pode ter sido um acontecimento bizarro e talvez a garota estivesse assustada porque nem ela entendia o que estava havendo.”

“Ou talvez ela estivesse com medo de ser descoberta”, Zack comentou, falando pela primeira vez com sua voz áspera.

Beau tinha pensado a mesma coisa.

“Bem, se ela estava preocupada antes, eu diria que ela deve estar muito, mas muito mais preocupada agora”, Eliza disse com seriedade.

Os Devereaux conheciam bem de perto esse medo de ser descoberto. A irmã caçula deles, Tori, tinha habilidades sensitivas e eles evitaram que isso viesse a público a vida inteira dela. A esposa de Caleb também era sensitiva, e o “dom” dela era mais uma maldição que uma bênção. E, embora suas habilidades fossem conhecidas, Caleb fez de tudo para mantê-la longe da vida pública e garantiu que os diversos pedidos de ajuda para Ramie passassem primeiro pela empresa de segurança e jamais chegassem até ela. Nem Ramie ou Caleb ainda não tinham se

recuperado totalmente do encontro com a morte. Beau não tinha certeza se Ramie algum dia seria capaz de usar seus talentos novamente. Ela já tinha visto morte demais, vivido devastação e dor demais e mal tinha sobrevivido sem enlouquecer. Caleb estava ciente desse fato, e faria o que fosse preciso para garantir que sua esposa jamais corresse algum risco novamente.

"Precisamos nos focar em outros assuntos – assuntos de negócios", Caleb deixou claro. "Embora esse incidente seja algo curioso, ele não passa disso. Não estamos envolvidos no caso e temos clientes que merecem nossa atenção integral."

Dito isso, a reunião passou a tratar dos atuais clientes e das tarefas necessárias: planejar, organizar, decidir quem ia liderar o quê, bem como avaliar os novos pedidos que acabavam de chegar.

Beau não conseguiu tirar aquele acontecimento da cabeça e não sabia o motivo. Mas aquilo o incomodava, e o incomodava *muito*.

SETE

Arial sabia que não aguentaria esperar por mais nem um segundo. Seu coração estava tomado por medo e ansiedade incontroláveis, que faziam seu sangue gelar, e batia acelerado em virtude da mente e dos pensamentos caóticos. *Vamos ficar fora por uma hora, duas no máximo, querida.* Foi o que seu pai disse antes de sair acompanhando sua mãe até um carro estacionado discretamente, com acesso fácil a três saídas diferentes daquela enorme casa, que estava no nome de uma das muitas empresas fictícias para as quais Gavin tinha repassado a maior parte de suas propriedades e ativos.

Seu pai não tinha ficado nada empolgado quando sua mãe insistiu em ir junto com ele. Gavin queria as duas sob constante proteção. Ginger não iria deixar que Gavin comprasse sozinho as coisas de que Ari estava precisando e nenhum dos dois jamais cogitaria expô-la em público. Ari tinha um rosto fácil de se reconhecer e certamente seria identificada porque não havia sido apenas a mídia local a entrar em frenesi com aquele vídeo anônimo, mas o resto do país também. Apenas depois que Ginger ameaçou ir sozinha fazer compras para seu bebê, que Gavin relutantemente cedeu, porque de jeito nenhum iria permitir que sua mulher – ou sua filha – fosse a qualquer lugar sem ele.

De forma estranha, Ginger permitia tranquilamente que seu marido escolhesse as roupas *dela*. Já havia dito mais de uma vez, ao longo dos anos, que ele sabia o que caía bem nela até melhor do que ela mesma, além de que, ele adorava paparicá-la. Para Gavin, ter a esposa usando roupas escolhidas por ele era como um sinal de sua posse sobre ela. Em relação a Ari, no entanto, sua mãe fazia questão de fazer as compras para o *bebê* dela. Era algo especial que ela gostava de fazer para a filha. E era o jeito dela fazer um agrado para Ari, já que o marido paparicava as duas descaradamente.

Mas por que ainda não tinham voltado? Por que ela não recebeu nenhuma ligação deles? No fundo do coração, Ari sabia que algo terrível tinha acontecido para que ficassem sumidos por tanto tempo e não entrassem em contato com ela. Estava passando mal de preocupação; os motivos por não voltarem eram infinitos e Ari ficou se torturando com cada um deles. Agora já tinha passado

muito tempo da hora em que as lojas costumavam fechar, e ela sabia que seu pai devia ter apressado a mãe durante o tempo todo, e que ele estaria ansioso para voltar para casa, para Ari, onde teria certeza de que mãe e filha estavam seguras.

Seu pai – ou sua mãe – jamais faria Ari ficar estressada ou preocupada. Ela sabia que isso era uma verdade absoluta. E não iriam querer ficar tanto tempo longe dela. Especialmente seu pai, porque ele só ficava à vontade quando conseguia ver suas "garotas" e sabia que estavam em segurança. Então algo terrível devia ter acontecido. Era a única explicação razoável e Ari estava completamente paralisada de pavor e tristeza, porque não poderia perder os pais. Não poderia! Eram sua tábua de salvação, seu suporte, sua âncora, seu arrimo. Podia parecer ridículo uma mulher de 24 anos ainda ser tão dependente dos pais, mas era isso o que eles queriam – e o que ela queria. Em um mundo incerto e vivendo diariamente com o medo de ser descoberta, seus pais eram seu único refúgio. Sim, Ari já tinha aberto as asas e saído de casa para morar sozinha depois de se formar e receber a licenciatura. Até mesmo tinha o próprio apartamento, embora ficasse em um prédio do pai. Ela fazia as compras por si só, ia a seus restaurantes favoritos, criando a fachada de uma vida cotidiana comum. Era bastante inteligente e se destacava nos estudos. Tinha memória fotográfica e conseguia armazenar informação em seu cérebro da mesma forma que um computador. E apesar disso, com sua inteligência superior e seus poderes psíquicos – que ela nunca tinha testado realmente para ver até onde chegavam –, Ari ainda era frágil e vulnerável. Ela sabia disso e odiava o fato. Mas era algo que tinha aceitado, porque ela era assim e não conseguia mudar isso, não importava o quanto quisesse. Ari queria ser forte, queria viver a vida sem medo e sem precisar esconder seu verdadeiro eu. Não dava mais para viver daquele jeito, mesmo que seus pais a enchessem de amor e a protegessem o tempo todo. Em algum momento ela iria ter de abandonar a proteção deles e encarar o mundo sozinha.

Suspirou, fechando os olhos antes de conferir as horas pela centésima vez. As duas horas que seu pai tinha garantido se transformaram em três, depois em quatro, cinco, até que cada minuto parecia uma eternidade. No começo, Ari não tinha ficado preocupada, porque seu pai era, acima de tudo, extremamente zeloso e protetor com a mãe. Jamais deixaria que algo acontecesse de mal à esposa ou à filha. Gavin tinha deixado um destacamento de segurança lá, cercando Ari e a casa. Ela não conseguia vê-los, mas sentia a presença deles, seus olhares atentos. Isso deveria tranquilizá-la, mas a cada hora que se passava sem os pais voltarem, Ari foi ficando mais e mais ansiosa, até que ela estivesse literalmente paralisada

de medo e insegura. Ari estava esgotada, incapaz de dormir sem os pais por perto e sem saber se estavam vivos ou mortos. Agora o sol estava se pondo, e o quarto dela estava ficando mais escuro. Tinha tentado falar com o pai e com a mãe diversas vezes. Todas as tentativas davam direto na caixa postal dos celulares. Ela sabia que havia algo errado. Mas o quê? Nem mesmo sabia aonde o pai tinha levado sua mãe para fazer compras, por isso, refazer o trajeto deles era impossível. E se tivessem se envolvido em um acidente? Será que alguém não daria uma olhada nos telefones deles, para ver as chamadas perdidas e entrar em contato com ela para avisar que seus pais estavam no hospital? Ou então que estavam… mortos?

Com esse pensamento, Ari sentiu o estômago revirar e o peito apertar a ponto de doer. Ficou com dificuldade de respirar. Seus pais não poderiam estar mortos. E se tivessem se envolvido em um acidente, um dos dois teria ligado para ela. A menos que estivessem *incapacitados* de fazer uma ligação, inconscientes. Talvez lutando pela própria vida… Ari levou a mão à boca e cravou os dentes no próprio punho cerrado. Oh, meu Deus. Ela não conseguia imaginar seu mundo sem os pais nele. Eles precisavam estar bem. Eles *precisavam*. Ari não conseguiria suportar aquilo por mais nem um minuto. Iria sair e encontrar um dos homens que a vigiavam em silêncio. Seu pai tinha levado dois guarda-costas com ele e com a mãe. Será que os seguranças saberiam se algo terrível tivesse acontecido? E se sabiam, então por que diabos ninguém avisou, ou melhor, por que ninguém a levou até onde seus pais estavam?

Ari se vestiu depressa e se preparou para o caso de precisar sair imediatamente para ir até os pais. Ela pegou apenas o que era absolutamente necessário, jogou tudo em uma enorme bolsa e a colocou no ombro. Então se dirigiu à entrada principal. Ari saiu pela porta da frente e a fechou com cuidado. Apertou a bolsa contra o corpo e olhava para os lados enquanto caminhava até onde o outro carro estava estacionado. Graças a Deus seu pai tinha lhe dado as chaves de todos os carros que eles tinham, caso Ari precisasse algum dia usar um deles.

Ela passou os olhos rapidamente pelas redondezas, observando com atenção em busca de qualquer sinal dos seguranças ao redor do local. O vento soprava e emaranhava seus longos cabelos, e Ari precisou tirá-los do rosto e colocá-los atrás das orelhas.

“Oiê!”, ela gritou. “Eu sei que vocês estão por aí. Preciso de ajuda, por favor!”

Em resposta, apenas o silêncio. Ninguém respondeu, ninguém surgiu do nada correndo até ela. Será que os seguranças saíram de lá porque seus pais estavam precisando deles? Ari tentou gritar de novo, dessa vez mais alto, até que sua voz falhou. E, novamente, não obteve resposta. Com um suspiro ressentido, ela caminhou mais para a frente, aceitando o fato de que agia sem saber direito o que estava fazendo. Caminhou pelo desvio da calçada, que dava até onde os outros carros estavam estacionados. Ari ficou temporariamente paralisada, porque, embora estivesse com diversas chaves de carro no chaveiro, não sabia bem qual era a chave de cada veículo. Ela parou, remexendo na alça da bolsa para tentar pegar o desajeitado chaveiro que estava em um dos bolsos internos. Quando olhou de novo para a frente, Ari levou um susto e instintivamente deu um passo para trás.

Havia um homem alto vestindo calça camuflada e uma camiseta branca justa. O cabelo dele era bem curto e ele estava usando coturnos militares. Coturnos militares? E seus olhos estavam completamente escondidos atrás de óculos escuros, mas mesmo assim Ari podia sentir que estava sendo encarada. Alguma coisa a deixou extremamente ansiosa, mas até aí Ari já estava abalada, então provavelmente a culpa não era dele. Ele devia fazer parte da equipe de segurança e poderia saber onde seus pais estavam ou podia ter tido notícias dos guarda-costas que seu pai levou com eles. Alguém veio em resposta aos pedidos dela, afinal.

“Você sabe alguma coisa dos meus pais?”, ela perguntou ansiosamente, embora mantendo alguma distância. “Eles já deviam ter chegado em casa há *horas*.”

“Eles estão bem”, o homem respondeu calmamente, sem a menor alteração na expressão de seu rosto.

O alívio deixou Ari de pernas bambas. Seus joelhos fraquejaram e ela expirou profundamente, deixando o ar preso sair dos pulmões. Antes que pudesse esboçar uma reação ou perguntar como ele sabia que seus pais estavam bem, Ari sentiu o rosto explodir de dor e foi jogada para trás, caindo no chão. Suas costelas já machucadas doeram ainda mais e seu rosto inteiro queimava. Aquele filho da puta tinha batido nela! Ari sentiu gosto de sangue, mas o ignorou, focando-se no homem que estava sobre ela. Ari percebeu algo brilhar levemente na mão esquerda dele, e isso foi o suficiente para fazê-la se levantar em uma fração de segundo, pronta para lutar com todas as forças.

Graças a Deus, seu pai lhe ensinava técnicas de autodefesa desde quando ela era uma criança. Gavin sempre se preocupou com a proteção dela, não só porque

Ari era sua filha única e ele a adorava, mas também porque ele jamais queria vê-la em uma posição vulnerável sem saber se defender. O ataque no estacionamento da escola a tinha pegado tão de surpresa que o primeiro instinto foi usar seus poderes.

Foi aí que Ari percebeu o que estava havendo e sentiu seu estômago revirar de pavor e o medo tomar seu corpo. Ele pretendia dopá-la para que ela *não conseguisse* usar os poderes.

O que significava não apenas que seu pai tinha um traidor trabalhando para ele, mas quantos outros ainda poderiam estar envolvidos? Será que todos os seguranças eram traidores? Seus pais sumiram quando saíram acompanhados dos guarda-costas, que na verdade deveriam ter sido capazes de protegê-los de qualquer coisa. E por falar nisso, seu pai também era bem capaz de se proteger sozinho. A menos que… talvez eles tivessem dopado seus pais da mesma forma que pretendiam fazer com ela. Havia um milhão de perguntas surgindo na mente de Ari, mas ela deixou todas de lado e se concentrou em seu agressor, que agora estava bem perto dela e não fazia mais questão nenhuma de esconder a seringa que carregava na mão.

Ari avaliou rapidamente a situação e sabia que não tinha chance de vencer aquele homem em um confronto físico. Ele era um lutador, parecia um ex-militar; e ainda usava as roupas de alguém alistado nas forças armadas, com naturalidade e confiança, o que mostrava a Ari que não fazia muito tempo que ele tinha saído de lá. A firmeza que havia no rosto dele a deixava mais assustada do que a óbvia força física. Ele tinha uma missão, uma missão que iria cumprir a qualquer custo. Mas se pretendia dopá-la e não a matar de uma vez, o que com certeza poderia ter feito, então suas ordens claramente eram para levá-la dali viva. Ari concentrou-se e o resto do mundo simplesmente desapareceu. Ela começou a suar na testa, ao se focar na mão que tinha a seringa. O braço dele levantou, como se fosse uma marionete, de forma brusca, com ele resistindo o tempo todo. O homem a atacou, tentando pegá-la com a mão livre, e Ari conseguiu se esquivar, mas perdeu a concentração momentaneamente. Precisava chegar até um dos carros e a única forma de fazer isso era enfraquecendo-o até conseguir uma oportunidade de fugir. Ari duvidava que ele estivesse sozinho, mas talvez os outros esperavam que ela ficasse escondida no quarto, feito uma criança assustada, só aguardando que eles chegassem.

Ari usou toda sua energia mental naquela seringa até que escapou da mão dele e ficou pairando no ar, parecendo uma vespa ameaçadora. A seringa avançou sobre o homem, que se agachava e se desviava. Os óculos de sol dele

caíram no chão e os olhos ficaram expostos. O tempo todo ele foi tentando se aproximar de Ari, mas ela continuava escapando, sem tirar os olhos da seringa. Se ela seria capaz de incapacitar Ari, então deveria fazer o mesmo com o homem. A mente dela fervilhava impaciente. Coisas que fazia com naturalidade agora pareciam tão distantes, como se tivessem acontecido em uma vida passada. Ari tinha ficado tão acostumada a não usar seus poderes que agora eles lhe pareciam estranhos, não mais uma parte integrante dela, como deveriam ser.

Ari precisou de toda a disciplina que seu pai incutiu nela para deixar o pânico e o terror de lado e poder se focar somente na seringa. Começou a reconhecer o padrão com que o homem se movia para evitar ser picado pela seringa. Ari lançou a seringa sobre ele, mas no último momento parou-a bruscamente, e então mergulhou-a com velocidade e precisão, na direção exata onde esperava que ele fosse se mover. A seringa o atingiu na garganta e Ari empurrou o êmbolo com a força da mente, para esvaziar o conteúdo no corpo dele. O homem ficou com uma expressão assassina, pegou a seringa e arrancou a agulha do pescoço, jogando-a para longe com fúria. Mas seus olhos já estavam vidrados e os movimentos, mais lentos. Ele tropeçou e caiu de joelhos, mas, em um último esforço, levantou a cabeça e olhou para Ari com uma mistura de ódio e… respeito?

“Não pense que isso acaba por aqui”, ele disse, com as palavras saindo com dificuldade. “Iremos atrás de você. Você não vai estar segura em lugar nenhum. Não há onde se esconder. Eu a subestimei dessa vez, e não vou cometer o mesmo erro de novo. E se quiser ver seus queridos papai e mamãe, vai ter que fazer o que queremos. Quer dizer, não que eles sejam seus pais verdadeiros.”

As últimas palavras saíram quase ininteligíveis dos lábios dele, que se curvaram em um sorriso debochado, totalmente fora de lugar naquela situação. Havia um certo triunfo no olhar do homem e, quando o sedativo fez efeito, ele caiu de lado, batendo na calçada asfaltada com força.

“O quê?”, Ari perguntou. “O que você disse?”

Ela foi até o homem e o chutou na lateral do corpo, tentando acordá-lo, embora soubesse que ele iria ficar apagado por um bom tempo. Era o que ele iria fazer com ela, desgraçado.

Será que ela escutou corretamente? Ari meneou a cabeça e se virou, irritada por ter gasto alguns preciosos segundos a mais para se preocupar com alguma coisa idiota que o agressor tivesse dito quando estava sob efeito de um forte sedativo. A situação inteira era maluca, e em um mundo onde ela não podia ter muitas certezas, a única coisa que Ari sabia com absoluta segurança era que seus

pais a amavam. Era a única filha deles e já tinha visto sua certidão de nascimento. Como tinha nascido fora dos Estados Unidos, tinha dupla cidadania.

Ela não iria ceder e ficar atormentada com o que ele falou, porque era exatamente isso o que aquele homem queria, plantar uma semente de dúvida na cabeça dela, e assustá-la. Bem, com certeza tinha conseguido, porque estava claro que ele sabia onde os pais dela estavam e era Ari quem eles queriam.

Ao mexer no chaveiro, procurando por um símbolo nas chaves que indicassem a qual veículo elas pertenciam, Ari decidiu que ia pegar o maior e mais forte carro da frota do pai. Ela sabia com certeza que o enorme SUV tinha estrutura em aço reforçado, era blindado com vidros antiestilhaçamento e aguentaria levar muita pancada. E se outro carro batesse nele, não havia a menor chance de Ari levar a pior, a menos que fosse atropelada por uma jamanta e, mesmo nesse caso, ainda havia a dúvida de quem sofreria o estrago maior. Ari abriu o carro, sentou-se atrás do volante e rapidamente saiu acelerando. Deixou marcas de pneu no chão ao fugir o mais rápido possível das pessoas em quem agora ela sabia que não podia confiar.

OITO

Ari puxou a enorme bolsa para perto do corpo e entrou caminhando rápido no prédio onde ficava a Devereaux Security Services. Estava vestida de forma a aparentar riqueza e elegância. Roupas e óculos de sol de grife, brincos de diamante e uma echarpe Hermès cobrindo a cabeça, como que protegendo seus cabelos do vento, quando na verdade os óculos e a echarpe estavam escondendo seus olhos e cabelos chamativos, sem falar nos hematomas que estavam enfeitando seu rosto.

Ela estacionou o carro em uma vaga espaçosa perto da calçada, para que não ficasse presa por carros parados à frente e atrás. Era um estiloso BMW M6 conversível, que se enquadrava tranquilamente na imagem que ela queria passar, e ainda tinha a vantagem de ser rápido, com 580 cavalos de potência sob o capô. Ari se recordava de cada detalhe que seu pai havia contado sobre os carros que ele tinha. O M6 era mais rápido e poderoso que um Mustang, um Camaro – até mesmo que o ZL1 – e o Corvette, embora a disputa com esse último provavelmente fosse bem apertada. Apesar de antes escolher um carro que fosse mais como uma fortaleza ambulante e impenetrável, agora preferia algo mais fácil de dirigir, um veículo que fosse capaz de deixar os outros para trás. No mínimo, seu pai tinha feito com que ela soubesse da importância de pensar e planejar por antecipação.

Ari considerou cuidadosamente suas opções e decidiu recuperar o conteúdo de um cofre que seu pai tinha em um dos bancos na região. Ele havia organizado tudo de forma que, caso ela algum dia estivesse com problemas ou necessidades, poderia ter acesso a dinheiro e a identidades diferentes, incluindo carteira de motorista e passaportes – três de cada. Nunca ocorreu a ela perguntar por que ele cogitava que algum dia ela pudesse precisar dessas coisas. Ari sabia o quanto seu pai era protetor, então ignorou tudo aquilo como sendo paranoia e superproteção da parte dele. Mas talvez ele estivesse mais do que certo ao se preparar para o pior, porque era isso o que estava acontecendo agora, e ela estava grata por seu pai ter se prevenido. Ari tinha passado a vida toda dentro de uma bolha de proteção e agora, pela primeira vez, não podia contar com seu pai para resolver

os problemas por ela e teria de sair por si só da encrenca em que estava metida.

As pessoas que estavam atrás dela deviam imaginar que Ari agisse de maneira diferente. Elas *esperariam* que ela se vestisse de forma discreta, tentando não se parecer com a filha de um homem rico, em vez de vir a público com um carro e roupa que chamassem atenção. Na verdade, Ari estava se escondendo em público, torcendo para estar certa sobre estarem procurando alguém que evitasse dar mostras de riqueza e prestígio. E se eles chegaram a observá-la, ou se pelo menos tivessem feito a lição de casa, saberiam que ela normalmente se vestia casualmente, preferindo calça jeans e camisetas, a roupas de grife. Ficava mais confortável com chinelos de dedo do que com os elegantes sapatos de salto que estava usando agora. E bem, Ari não via problema nenhum em arrancar os sapatos e sair correndo descalça, se fosse necessário.

Caminhava com confiança e firmeza, com o queixo levemente empinado, para que tivesse uma visão clara das redondezas o tempo todo. Observava tudo, atenta para qualquer sinal de ameaça, para qualquer coisa que parecesse… perigosa, embora ela não soubesse como alguém conseguia detectar um perigo iminente. Se todo mundo usasse uma placa de aviso indicando perigo, ninguém jamais seria pego desprevenido, por isso aquela ideia de identificar uma ameaça no fluxo de pessoas caminhando pela calçada era ridícula. Suspirou de alívio quando entrou no prédio, feliz por sair da rua cheia de gente e ficar fora da vista de quem quer que pudesse a estar observando. Ari se cadastrou na recepção usando uma das identidades falsas que pegou no cofre, se esforçando para não parecer nervosa nem agitada, mesmo quando ambos sentimentos tivessem cravado as violentas garras em seu peito. Após receber o crachá, passar pela catraca e chegar aos elevadores, ela correu, sentindo a ansiedade ficar cada vez maior.

Seu pai havia lhe dito mais de uma vez que, se algo acontecesse com ele, ou se ela precisasse de ajuda, Ari deveria procurar Caleb ou Beau Devereaux, de preferência Caleb, já que ele era o mais velho. Gavin nunca explicou sua relação com os Devereaux, mas tinha insistido que Ari confiasse somente neles e em mais ninguém. E assim como não tinha questionado a necessidade para dinheiro vivo e identidades falsas escondidos em um cofre no banco, ela também não perguntou ao pai sobre o relacionamento dele com os Devereaux, embora achasse estranho nunca ter conhecido os homens a quem ela deveria recorrer se fosse necessário. Ari só esperava que seu pai estivesse bem. Já tinham sido traídos por homens em quem seu pai confiava. Quem podia garantir que os Devereaux eram diferentes? Mas qual escolha ela tinha?

Seus lábios estavam contraídos quando ela desceu do elevador no andar ocupado pela Devereaux Security Services. Ela não tinha escolha a não ser confiar nos homens em quem seu pai claramente confiava e rezar para que não estivesse cometendo um grande erro por ir até eles pedir ajuda.

***

Beau olhou de sua mesa, quando o alarme silencioso piscou dentro do escritório, avisando que alguém tinha acabado de entrar na recepção da empresa. Sua sala tinha um espelho falso estrategicamente posicionado, de forma que ele pudesse avaliar o "novo" cliente. As pessoas normalmente se *entregavam* quando não achavam que estavam sendo vistas ou ouvidas.

Uma pequena mulher caminhou hesitantemente até a recepcionista, Anita, e de sua localização privilegiada ele podia ver as mãos dela tremerem, embora ela tentasse bravamente esconder. Beau franziu a testa, ao perceber que ela não tirou os óculos escuros nem a echarpe, permanecendo oculta. Sem dúvida, estava disfarçada.

Curioso, ele pressionou o botão de comunicação que o permitiria ouvir a conversa entre a mulher e Anita. Beau se pegou inclinando o corpo para a frente, como se quisesse chegar mais perto para ouvir melhor, embora o espelho o separasse delas. Em certo momento, a mulher, ainda em silêncio, virou de lado e ficou olhando para o espelho. Como não conseguia enxergar os olhos dela, Beau não fazia ideia do que ela estava pensando ou se ela achava que estava sendo observada. Mas ele teve a sensação desconfortável de que ela sabia exatamente que tipo de espelho era aquele.

"Senhora?", Anita perguntou para a mulher novamente. "Posso ajudá-la com alguma coisa? A senhora tem um horário marcado?"

"Não", a mulher respondeu com uma voz suave e trêmula. "Quero dizer, sim." Ela inspirou profundamente e deixou os ombros caírem, como se estivesse criando coragem para contar a razão de ela estar ali. Beau prontamente conseguia imaginá-la fechando os olhos naquele momento de desespero.

"Não tenho horário marcado, foi o que quis dizer", ela disse em voz baixa. "Mas sim, você pode me ajudar. Meu Deus, espero que possa me ajudar. Preciso falar com Caleb ou Beau Devereaux, de preferência Caleb, se ele estiver disponível. É… importante", ela acrescentou, com um tom de voz cada vez mais desesperado.

Beau imediatamente franziu a testa. Tinha certeza de que jamais havia

encontrado aquela mulher, mas a maneira como pediu para falar com eles lhe dizia que ela ao menos *sabia* deles, porque não era muito divulgado que tanto Beau como Caleb estavam ativamente envolvidos no comando da Devereaux Security Services.

Dane era o homem que tomava a frente, e era o rosto da DSS. Sempre que havia entrevistas, policiais envolvidos etc., ele cuidava das coisas, enquanto Beau e Caleb permaneciam na retaguarda, embora, depois de se casar com Ramie, Caleb tivesse entregado parte de suas responsabilidades no funcionamento da DSS para Beau e seu irmão mais novo, Quinn. Este cuidava das atividades financeiras e também verificava o histórico das pessoas; não só dos possíveis funcionários, mas também das pessoas que queriam contratar a DSS, atividades que Beau não tinha a menor paciência. Dane e Beau discutiam sobre quais clientes eles assumiriam e quais enviariam para outras empresas, porque muitos na verdade queriam apenas chegar até Ramie – e os poderes dela. E isso só aconteceria se passassem por cima do cadáver de Caleb.

Beau pressionou um botão perto do comunicador para enviar um sinal que só era visível para Anita ou para alguém atrás do balcão dela. A luz piscaria em uma das duas cores: vermelho ou verde. Vermelho significava que Anita deveria avisar ao cliente que ninguém estava disponível para atendê-lo e gentilmente levá-lo até a porta. Verde significava acompanhar a pessoa até uma das salas no escritório. Nesse caso, à sala de Beau. Anita nunca perdia a pose e seu olhar não entregava que a luz tinha indicado qual seria seu próximo movimento.

“Sinto dizer que, infelizmente, Caleb não se encontra.”

Antes que ela pudesse terminar de falar, a mulher levou as mãos à boca e cerrou o punho contra os lábios. Beau praticamente podia sentir o pânico que emanava dela.

“No entanto, Beau está aqui e irá vê-la agora mesmo”, Anita continuou rapidamente. Ela também tinha percebido a reação da mulher e se apressou em tentar acalmá-la.

O corpo inteiro da desconhecida estremeceu e Beau temeu que as pernas dela fossem ceder. Ficou preocupado porque talvez ela não conseguisse caminhar até seu escritório. Ela estava tremendo feito vara verde. Beau levantou-se em uma fração de segundo e rapidamente abriu a porta de seu escritório. Ele caminhou apressado até a recepção, torcendo para que sua presença acalmasse a mulher, em vez de assustá-la. Ela se virou, obviamente espantada por vê-lo ali, tão perto dela. Foi então que Beau notou o que ela estava obviamente esforçando-se para ocultar, e que teria conseguido se seu rosto não tivesse ficado exposto daquela

forma. Havia um hematoma na lateral do queixo e aparentemente o lábio dela estava cortado no canto da boca. Parecia que alguém tinha lhe acertado uma pancada.

Havia um milhão de razões para a mulher ter aquele hematoma, mas, em primeiro lugar, ele já tinha visto o que havia de pior na vida e também as coisas terríveis que as pessoas faziam umas contra as outras, por isso, seu primeiro reflexo era sempre pensar no pior. E, em segundo lugar, se o hematoma tinha uma origem inocente – se fosse uma espécie de acidente –, então porque ela fazia tanta questão de escondê-lo? Ela deu um passo vacilante para trás, e ele não se moveu. Beau simplesmente ficou parado ali, permitindo que ela o examinasse à vontade. Estava claro que ela o avaliava. Talvez estivesse pensando se poderia confiar nele ou não.

“Você queria me ver?”, Beau perguntou em um tom neutro.

Os dedos da mão da jovem se retorceram no formato de uma bola. Ela mordeu o lábio inferior e então estremeceu, como se tivesse esquecido do lábio machucado; começou a levar a mão até a boca, mas, como se tivesse percebido que fazendo isso só estaria chamando atenção para o hematoma, deixou a mão voltar para a lateral do corpo.

“Sim”, ela disse, assentindo. “Preciso da sua ajuda.”

Beau olhou para Anita e ela respondeu com um aceno curto, já sabendo o que ele queria. Ela iria segurar todas as ligações e cuidar de qualquer coisa que surgisse para que nada os interrompesse, enquanto ele estava com a mulher. Beau gesticulou para que a recém-chegada fosse com ele para sua sala, mas ela hesitou. Lentamente, ele colocou a mão no braço dela. Nada muito assustador ou repentino, e ele manteve o toque sempre gentil.

“Venha”, disse, levando-a para a frente.

Ela endireitou os ombros e parecia bem decidida, como se estivesse deixando para trás a hesitação inicial. Diante da porta da sala dele, ela tomou a iniciativa e entrou na frente, e Beau a seguiu. Ele fechou a porta atrás deles e então se voltou para a misteriosa mulher que tinha mencionado seu nome. Ela estava olhando para o espelho falso, com os lábios cerrados.

“Eu bem que senti você me observando”, ela disse em um tom de voz baixo e acusador.

“Não me serviu para muita coisa”, ele respondeu com tranquilidade.

Beau foi sentar-se atrás de sua mesa para que ficasse menos amedrontador para ela. Estava bem familiarizado com o olhar de uma vítima de maus-tratos. Deus sabia que ele já tinha visto muitas delas. Por isso, Beau sabia que seu

tamanho e seu jeito de ser eram intimidadores e podiam assustar uma mulher já desconfiada dos homens. Mas ele também era ríspido e, em mais de uma ocasião, as pessoas ficaram desconcertadas com o jeito direto de ele agir. Esse era Beau, e ele sabia que jamais iria mudar. Então, ele não conseguiria agir de outra forma naquele momento, quando talvez fosse necessário um pouco mais de sensibilidade.

"Antes de chegarmos até o que está deixando você apavorada, tire os óculos e a echarpe."

Ela ficou tensa, olhando para ele por trás das lentes escuras. Beau conseguia sentir o olhar dela analisando-o, e sua nuca formigava com essa sensação.

"São os hematomas que você está tentando esconder, ou é *você* quem precisa se esconder?"

Ela levou a mão ao rosto imediatamente, mas não tocou o hematoma na lateral do queixo. Em vez disso cobriu uma das lentes dos óculos. A reação automática de Beau foi ficar sério ao pensar que havia mais de um hematoma, e assim que viu a carranca no rosto dele, ela ficou agitada e se virou para a direção da porta.

"Você está segura aqui", Beau disse gentilmente. "Mas preciso saber de tudo para poder ajudá-la. E isso começa com você tirando os óculos e a echarpe, e depois me contando que tipo de problemas a trouxe até mim e meu irmão. E que a fez nos procurar pelo nome", ele acrescentou.

Ela devia estar prendendo a respiração, porque estava tão imóvel, que ele não conseguia perceber o peito dela se movendo. Ari deixou o ar sair dos pulmões ao expirar profundamente e, em seguida, cambaleou cansada e apoiou a mão no braço de uma das cadeiras à frente da mesa de Beau. Lentamente, ela pegou a echarpe e a puxou. Seus cabelos estavam claramente presos pela echarpe, porque, ao retirá-la, uma massa sedosa rolou pelos ombros e pelos braços dela. A cor de seus cabelos era única. Beau compreendeu por que ela se esforçava tanto para escondê-los. Tinham vários tons de loiro, com algumas luzes prateadas, mescladas com mechas castanho-claro. Era possível distinguir pelo menos seis tons diferentes debaixo da iluminação do escritório.

Com a mão trêmula, ela pegou os óculos e os retirou, olhando para baixo, para que Beau não visse seu rosto logo de cara. Mas quando ela enfim levantou o queixo, e o olhar deles se cruzou, Beau arregalou os olhos, reconhecendo-a. Os olhos dela, assim como seus cabelos, eram bem peculiares. Ele ficou fascinado como a íris parecia mudar de cor quando ela se movia, mesmo que somente de leve, e como a luz em seu olhar reluzia tons de azul-turquesa e dourado. Se

alguém perguntasse, ele não conseguiria dizer com certeza qual a cor dos olhos dela. Como se explicava aquela mistura turbulenta de oceano, sol e joias brilhantes?

E, como ele tinha suspeitado, havia outros hematomas. Um olho estava inchado e bem roxo. Beau só conseguia enxergá-lo atrás de uma pequena fenda em meio ao inchaço. Mesmo com um olho inchado, certamente havia algo de elétrico no olhar dela. Beau ficou se perguntando se ela era de fato sensitiva. De repente, havia uma dúzia de perguntas que Beau queria fazer, mas ele parou ao perceber que ela estava machucada em um ponto onde nenhum dos três moleques que tinham ido atrás dela no estacionamento chegaram a acertar. Embora tivessem ferido seu corpo, não tocaram em seu rosto.

Outra pessoa a havia machucado e isso o deixou irritado. E também havia o fato de que ela estava ali, no escritório dele, procurando-o pelo nome, e estava obviamente morrendo de medo. Era o tipo de medo que não se conseguia fingir, a menos que ela fosse uma boa atriz, e Beau não conseguia pensar em algum motivo por que ela mentiria para ele. As perguntas poderiam esperar. Por ora ele estava focado na ameaça que a fez correr até ele e Caleb. Beau precisava fazê-la se sentir segura, para que ela pudesse se abrir e contar qual era o problema em que estava metida. Isso significava que ele precisaria ser paciente, o que com certeza, não era um de seus pontos fortes. Mas ele segurou a própria impaciência e a vontade de saber tudo ali mesmo para que ela se ajeitasse e ficasse mais confortável. Se é que isso era possível.

“Você é a mulher que está nos noticiários”, ele murmurou. “A mulher de quem todo mundo está falando.”

Ela assentiu e fechou os olhos, com o rosto tomado por dor e tristeza.

“Eu fui idiota”, ela disse com a voz rouca. “E agora provavelmente meus pais vão pagar o preço por isso. Preciso de sua ajuda, senhor Devereaux. Estou com tanto medo do que pode ter acontecido com eles. Meu pai me disse que, se alguma vez eu estivesse com problemas, se precisasse de ajuda e ele não estivesse por perto, então deveria vir aqui, procurar por você e seu irmão.”

Beau levantou uma sobrancelha, curioso.

“E quem é seu pai?”

“Gavin Rochester. Eu sou Arial – Ari –, a filha dele. Você o conhece?”

Beau franziu a testa. Ele se recordava daquele nome. Fazia muitos anos, quando seus pais ainda estavam vivos, mas ele tinha quase certeza de que Gavin Rochester era um amigo ou um parceiro de negócios de seu pai. E pelo fato de que seus pais tinham morrido em circunstâncias suspeitas, Beau ficou

desconfortável de que alguém ligado a eles tivesse enviado a filha até ele e seu irmão. Caleb havia cortado todas as conexões com a vida de seus pais, incluindo parceiros de negócios, amigos, todo mundo. Eles não sabiam em quem confiar, se é que podiam confiar em alguém, então simplesmente fugiram, sumiram e começaram tudo de novo. Do zero. Quando seus pais eram vivos, eles expunham seu estilo de vida e adoravam os benefícios do dinheiro e do poder. Caleb, por sua vez, seguiu pela direção oposta. Ele não queria que seus irmãos levassem a mesma vida que seus pais. Uma vida que os acabou matando.

"Não, eu não o conheço", Beau disse com sinceridade. "É possível que ele conhecesse meu pai. Mas meus pais morreram há muitos anos, então talvez seja por isso que ele disse a você para vir até um de nós caso estivesse com problemas."

"Queria poder voltar no tempo e desfazer tudo", Ari disse, tomada pela tristeza que fazia suas palavras saírem engasgadas e falhas. "Eu cometi um erro. Jamais deveria ter me revelado como fiz naquele dia, mas reagi por instinto. Eu *sabia* que ele iria me matar. Eu conseguia ver nos olhos dele. E apesar de ser treinada em defesa pessoal – por insistência de meu pai – não havia como uma mulher do meu tamanho encarar três homens."

"O que você fez exatamente?", Beau perguntou em voz baixa.

Ari ficou em silêncio, mordendo o lábio inferior, encabulada. Beau conseguia ver que ela estava travando uma intensa batalha interna, decidindo o quanto poderia contar para ele, se é que contaria alguma coisa.

"Ari. Você prefere ser chamada de Ari ou Arial?"

"Ari", ela respondeu com a voz rouca. "Todo mundo me chama de Ari."

"Está bem, Ari. Você veio até mim porque sabia que se seu pai confiava em nós, então você também podia confiar. Para que eu possa ajudá-la, preciso saber de tudo. Você não pode deixar absolutamente nada de fora, porque eu preciso saber com o que estamos lidando. Se você está preocupada com privacidade, saiba que temos uma política bastante rigorosa de sigilo com as informações dos clientes. Não deixamos nada registrado em papel e nosso sistema de computador é impenetrável. Nós contratamos apenas os melhores e levamos nosso negócio – e nossos clientes – muito a sério."

"Isso significa que você vai me ajudar?", ela perguntou ansiosamente. "Se você está preocupado com pagamento, eu garanto que tenho o dinheiro." Enquanto falava isso, Ari começou a tirar rolos de 10 mil dólares e os colocou na mesa, agitada. "Só me diga quanto vai custar. Eu posso pagar. Se esse dinheiro não for suficiente, posso conseguir mais."

Beau esticou o braço pela mesa e pegou uma das pequenas mãos de Ari, segurando-a com firmeza antes que ela voltasse até a bolsa para tirar mais dinheiro. Ele acariciou a pele sedosa e macia da mão dela, tentando acalmá-la.

“Vamos falar de dinheiro mais tarde”, ele comentou gentilmente. “Neste momento estou precisando que você me conte tudo, para sabermos contra quem estamos lutando e por onde podemos começar. Você disse que seus pais sumiram? Ou que eles estão em perigo?”

Lágrimas encheram aqueles olhos elétricos, quase luminosos, deixando-os ainda mais vibrantes. Eles praticamente brilhavam e pareciam ainda maiores em seu rosto delicado.

Beau olhou para o olho roxo de Ari e cerrou os dentes, irritado ao imaginar alguém batendo em uma mulher tão pequena, e com força suficiente para deixar aquele hematoma. Ela teve sorte de não ter quebrado nada. Mas como é que Beau sabia que ela não tinha quebrado nada mesmo? Ela não podia aparecer em qualquer pronto-atendimento local para tirar radiografias. Ele anotou mentalmente para conseguir um médico para Ari assim que ela estivesse estabelecida em um local seguro.

Ari ficou revirando as mãos de forma agitada e depois as levou até a cabeça, para pressionar as têmporas, como se quisesse aliviar a dor e a tensão. Beau se segurou para não a ajudar naquele mesmo instante e permanecer atrás da mesa como alguém imparcial, alguém que ela pretendia contratar.

“Por que você não me deixa fazer as perguntas?”, ele disse. “Talvez seja mais fácil para você se focar apenas em responder, em vez de lutar para ver como vai contar sua história e decidir se pode confiar em mim ou não.”

Os olhos dela faiscaram de vergonha, e mostraram a Beau que ele tinha atingido o alvo em cheio. Ari estava, de fato, se consumindo internamente sobre confiar nele ou não. Então seus lábios se firmaram e ela endireitou a postura, indicando a ele que tinha chegado a uma decisão.

“Meu pai confiava em você”, Ari disse suavemente. “Então eu também irei confiar. Ele jamais me diria para vir até aqui se ele não tivesse certeza de que você é um bom homem e que iria me ajudar. Você é tudo o que tenho, senhor Devereaux. Na minha situação, não tenho escolha. Especialmente em se tratando da vida dos meus pais.”

“Por favor, me chame de Beau”, ele disse. “Senhor Devereaux faz com que eu me sinta um velho caquético e espero de verdade que eu não esteja com a aparência de um.”

Ela corou e um pequeno sorriso apareceu no canto da boca. Beau ficou

espantado com a mudança nos olhos de Ari durante o momento em que ela baixou a guarda. Estava hipnotizado pelo caleidoscópio de cores vibrantes que havia naquelas pequenas esferas.

“Você com certeza não é um velho caquético, então vou chamá-lo de Beau”, ela disse em tom de brincadeira.

Ele percebeu que Ari parecia estar começando a relaxar, um pouco daquela tensão horrível estava se esvaindo.

“Você gostaria de um pouco de café ou de chá? Talvez um refrigerante?”

Ari meneou a cabeça e olhou para seu relógio.

“Já perdi muito tempo até agora. Talvez já seja tarde demais para eles.”

Os olhos dela foram mais uma vez tomados pela dor e pela angústia, e o rosto de Ari assumiu uma expressão desoladora e sombria.

“Quando eles desapareceram?”, Beau perguntou, decidindo ir logo ao cerne da questão e encerrando as delicadas voltas em torno do assunto, até que Ari estivesse mais confortável.

“Ontem. Ontem à tarde”, ela disse, soltando um longo suspiro. “Sei que parece bobagem ficar preocupada quando não faz nem 24 horas que eles sumiram, mas você precisa me entender. Depois do que aconteceu, eles nunca iriam me deixar sozinha por tanto tempo. Eles saíram apenas para fazer umas comprinhas rápidas, para mim. Nós estávamos de partida para uma das residências secretas do meu pai, para que eu ficasse escondida da mídia e de qualquer outro maluco que pudesse vir atrás de mim.”

Beau levantou a sobrancelha ao ouvir a parte das “residências secretas”, mas a julgar pelas roupas caras que Ari usava, bem como pelos diversos rolos de 10 mil dólares que ela tirou de sua enorme bolsa, ela devia ser de uma família bem rica. Ele anotou mentalmente para descobrir tudo o que pudesse sobre Gavin Rochester assim que conseguisse falar com Quinn. Por enquanto, ele deixou isso de lado para focar no restante, mas na primeira oportunidade, sem que Ari percebesse, ele pediria a Quinn para fazer uma checagem discreta, mas bastante abrangente, sobre o pai dela.

O nome de Gavin Rochester o incomodava, porque Beau tinha certeza de que havia uma conexão com seus pais. E ele e os irmãos suspeitavam de qualquer um que fosse ligado a seus pais antes de sua morte “prematura”. Era possível que Caleb, sendo o mais velho, pudesse se lembrar de Gavin ou talvez até mesmo o tivesse conhecido em algum momento. Seus pais frequentavam os círculos sociais dos ricos, ostentando publicamente seu dinheiro e fazendo amigos importantes – e ricos. O pai deles nunca teve a menor discrição ao

misturar negócios com assuntos pessoais e, frequentemente, conforme Caleb contou a Beau, entretinha parceiros de negócios na casa da família, permitindo que essas pessoas conhecessem e convivessem com as crianças Devereaux, embora Caleb sempre tivesse protegido a irmã caçula, Tori, preocupado com as pessoas com quem seus pais estavam associados. Essa era uma prova triste do fato de que, mesmo na juventude, Caleb não confiava nos próprios pais. Beau lembrava-se vagamente deles, sem nada de específico, mas Quinn e Tori não tinham nenhuma lembrança dos pais.

"Eles não me ligaram", Ari continuou. "Eles não me procuraram para avisar por que estavam atrasados e minhas ligações caíam direto na caixa postal, o que significava que os celulares deles ou estavam desligados ou estavam sem bateria. Meus pais literalmente sumiram. Eles jamais fariam alguma coisa que me deixasse preocupada com eles, nem me abandonariam do nada. Por isso *eu sei* que alguma coisa aconteceu."

"Conte-me tudo o que você sabe", Beau a encorajou. "Não deixe nada de fora, por mais insignificante que possa parecer. Precisamos de toda informação que você puder nos dar para que possamos ter, pelo menos, um ponto de partida."

Ari ficou imóvel, prendendo a respiração e encarando Beau, completamente tensa.

"Isso significa que você aceita pegar esse serviço?"

"Ainda preciso ouvir todos os fatos, mas sim, a DSS vai ajudá-la."

Ari suspirou de repente e seus ombros relaxaram visivelmente.

"Graças a Deus", ela sussurrou. "Eu não sabia mais o que fazer, a quem recorrer. Os homens que meu pai contratou não são de confiança. Não posso me dar ao luxo de confiar em *qualquer um*, mas meu pai obviamente acreditava em você e em seu irmão, por isso vou seguir a orientação dele."

"Por que você disse que os homens que seu pai contratou não são de confiança?", Beau perguntou, embora tivesse uma boa noção agora que as peças do quebra-cabeças estavam se juntando. Aqueles hematomas não tinham aparecido em Ari por acaso.

"Meu pai levou apenas dois homens de sua equipe de segurança com ele e minha mãe. Meu pai é bem capaz de defender minha mãe sozinho, mas levou dois guarda-costas e deixou o resto da equipe em casa, comigo. Quando percebi que eles não voltariam, eu saí de casa, esperando chamar a atenção dos seguranças. Sabia que eles estavam lá, mas não podia vê-los. Eles estavam no lado de fora."

Beau franziu a testa. Por que raios o pai dela não garantiu que a casa estaria protegida por dentro, da mesma forma que estava protegida do lado de fora?

“Depois de não obter resposta quando gritei por ajuda, eu procurei na minha bolsa as chaves dos carros do meu pai. Quando voltei a olhar para a frente, um dos homens estava lá. Ele disse que meus pais estavam ‘bem’ e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ele me *acertou*.”

Ari levou a mão ao rosto, embora Beau duvidasse que ela tivesse feito aquilo de forma consciente. Ele sentiu um gosto amargo de raiva na boca, só de pensar em uma jovem tão delicada sendo agredida por um homem muito maior. Um homem que deveria estar lá para *protegê-la*.

“Quando estava no chão e me dei conta do que estava acontecendo, ele já estava vindo para cima de mim com uma seringa na mão. Eu sabia que ele pretendia me dopar e que claramente me queria viva, ou então já teria me matado assim que saí de casa.”

Beau assentiu, mostrando que concordava com a avaliação dela, mas permaneceu em silêncio para que Ari continuasse sem distrações.

“Eu sabia que jamais conseguiria lutar com aquele homem. Ele tinha o dobro do meu tamanho e estava na cara que era militar. Ele tinha aquele jeitão, sabe? Era completamente frio e metódico. Eu também sabia que, embora tivesse ordens para me manter viva, isso não significava que ele não poderia me machucar.”

Ari parou de falar por um momento e apertou os lábios com força. Ficou pálida e sua respiração acelerou. Ela encarava Beau com um olhar penetrante enquanto o analisava. Era como se Ari estivesse em um ponto crucial, em que iria decidir se confiava plenamente nele ou se omitiria algumas informações para ele não saber de tudo. E Beau esperou, não argumentou nem tentou fazê-la confiar nele. Essa era uma decisão que Ari precisaria tomar sozinha e ele não a forçaria de modo algum. Para poder ajudá-la, Beau precisaria que Ari confiasse nele cem por cento. E isso significava contar tudo.

“Com certeza você viu o vídeo”, Ari disse com a voz trêmula. “Você deve ter visto todas as especulações e já ter chegado à sua própria conclusão sobre quem e o que eu sou.”

“Eu prefiro ouvir diretamente de você”, Beau respondeu com calma. “Não formo uma opinião sem ter todos os fatos.”

Ari olhou para ele com gratidão e, novamente, endireitou os ombros, resoluta.

“Eu tenho poderes… especiais”, ela falou com hesitação. “Telecinese. Nem

sei se esse é meu único poder porque a vida toda meus pais tentaram me esconder – junto com minhas habilidades – do público. Então nunca mais os usei, desde quando eu era uma criancinha e não sabia o que estava fazendo. Por isso foi uma reação instintiva usar meus poderes quando fui atacada. Eu não estava raciocinando o bastante para simplesmente tentar fugir sem usá-los. E agora todo mundo sabe ou suspeita disso, e só Deus sabe o que mais estão imaginando de mim ou o que estão achando."

Ari estava com um olhar cauteloso e observava Beau com atenção, aguardando a reação dele. Ele não reagiu de maneira alguma, embora ela estivesse esperando por uma forma de resposta.

"Eu sei que isso parece loucura", Ari disse em voz baixa.

"Você ficaria surpresa com as coisas que eu não acho loucura", Beau respondeu calmamente.

Ari ficou ainda mais relaxada, e um pouco da dúvida e do medo sumiu de seu olhar.

"Naquele dia, liguei para meu pai, contando o que tinha acontecido, e ele me disse para entrar no carro, porque chegaria em pouco tempo. Tenho quase certeza de que ele conseguiu editar a gravação das câmeras de segurança, para de alguma forma fazer parecer que eu estava agindo em autodefesa, sem mostrar como é que eu me defendi. Nós jamais esperávamos que alguém não só ia testemunhar aquele incidente como também iria filmá-lo. E agora isso está em todo lugar."

Ari fechou os olhos, e seu rosto subitamente começou a mostrar os sinais de estresse e cansaço.

"Não sei o que mais posso contar que seria útil. Eu não estava envolvida nos negócios do meu pai. Tudo o que sei é que ele e minha mãe saíram dizendo que ficariam fora por no máximo duas horas e essa foi a última vez que falei com eles."

"E o agressor disse que eles estavam bem?"

Ari confirmou com a cabeça.

"Como sei que ele estava falando a verdade?" E então ela suspirou outra vez e começou a massagear a cabeça distraidamente. "Eu deveria ter deixado que ele me levasse. Por que você vai se preocupar em sedar alguém, para matá-lo depois? Ele poderia ter me matado assim que me viu, e teria conseguido. Eu deveria ter permitido que me dopasse, assim ele me levaria até onde meus pais estão, ou então os libertaria, já que está claro que sou eu quem eles querem."

O rosto de Beau virou uma carranca antes que ele pudesse evitar.

“Essa *não* é a resposta. Se eles querem você tanto assim, então vão usar seus pais como moeda de troca, porque, se matá-los, você jamais vai cooperar com eles. Eles vão tentar entrar em contato com você e provavelmente querem fazer um acordo. Você em troca dos seus pais.”

Ari assentiu.

“Isso não vai acontecer, Ari”, Beau disse, com um tom de voz que não dava margem para discussão.

Ela arregalou os olhos de surpresa.

“Mas que outra escolha eu tenho?”

“Você *escolheu* vir até mim. *Essa* foi sua escolha. Porque bem lá no fundo, onde o medo não está criando pensamentos irracionais, você sabe que eu tenho razão e que, se você se entregar a eles, estará assinando a sentença de morte de seus pais.”

NOVE

Ari olhou para Beau Devereaux, sentado diante dela na cadeira do outro lado da mesa. Ele parecia relaxado e confortável, mas havia algo em seu olhar. Algo sombrio e formidável. Era um homem imponente e intimidador. Alto e musculoso, com feições e estrutura óssea fortes.

Ele não era nem de longe alguém bonito. Não havia nada de refinado ou de elegante em sua aparência, embora Ari soubesse que ele e os irmãos eram ricos. Ele tinha um lado áspero que sempre deixava as pessoas com um pé atrás e, se elas fossem espertas, ficariam atentas para jamais deixá-lo irritado. Ari estava contratando Beau, e ela deveria estar no controle, mas ele a intimidava. Ele parecia alguém… severo. Como se nada pudesse tirá-lo do sério. E talvez isso fosse algo bom, ela precisava de alguém durão e impiedoso para poder encontrar seus pais.

"Você tem algum lugar seguro para ficar?", Beau perguntou, observando-a.

Ari tentou abafar o pânico, mas isso já tinha chegado até sua nuca e ela sabia que tinha fracassado completamente em disfarçá-lo no rosto. Ela nunca foi boa em esconder as emoções. Seu pai tinha tentado ensiná-la a ser indecifrável, mas foi em vão. Ela não havia nascido com essa capacidade e, a julgar pela expressão no rosto de Beau, Ari sabia que tinha fracassado completamente em tentar manter o desânimo afastado de seu olhar.

"Não sei…", ela admitiu. "A equipe de segurança de meu pai certamente conhece o local de todas as residências dele. Nem *eu* conheço todas elas. Preciso ficar em um hotel com uma identidade falsa. Meu pai deixou em um cofre no banco identidades, passaportes e dinheiro."

Novamente, Beau levantou uma sobrancelha e Ari só podia imaginar o que ele estava pensando. Certamente *parecia* que seu pai era algum chefão do crime organizado, porque ele vivia cercado de segredos e segurança. Ela sinceramente nunca tinha pensado nisso, porque seu pai sempre foi assim, desde que ela conseguia se lembrar, então Ari sempre viu aquilo como algo normal e nunca parou para pensar como as outras pessoas veriam tais medidas extremas de segurança.

Ela supunha que tudo aquilo havia sido feito para protegê-la, para que seus poderes nunca viessem à tona em público. E tinha fracassado com seu pai e com sua mãe. Tudo o que eles haviam feito nos últimos 24 anos foi por água abaixo por um único momento de pânico.

"Eu compreendo que sua maior preocupação seja com seus pais e com a segurança deles", Beau disse gentilmente. "Mas *você* está correndo perigo também e não pode pensar só nos seus pais."

"Então me diga o que devo fazer", Ari respondeu, tentando não soar desamparada. Ela era uma mulher adulta ainda emocionalmente dependente dos pais. Não gostava do fato de não ter ideia do que fazer e de quais ações tomar, agora que não estava mais sendo guiada pelas mãos gentis de seu pai. Isso a deixava constrangida e envergonhada.

"Por enquanto, você vai comigo para minha casa", Beau disse. "O lugar é extremamente protegido e assim posso ter a certeza de que você vai estar em segurança até definirmos os próximos passos. Você sabe quem é Ramie St. Claire?"

Ari franziu a testa com a súbita mudança de assunto.

"Sim, claro que sim. Quem é que não sabe quem é ela?"

Ramie St. Claire esteve em grande destaque nos noticiários no ano anterior. Ela era uma sensitiva que possuía habilidades extraordinárias para localizar vítimas de sequestro. Ari prendeu a respiração. Mas é claro! Por que ela não tinha pensado nisso antes? Se Ramie conseguia rastrear vítimas, talvez ela pudesse encontrar seus pais. Assim que pensou nisso, no entanto, Ari hesitou, momentaneamente desanimada. Como é que poderia encontrar a jovem sensitiva quando ela tinha desaparecido por completo da vida pública?

"Ela se casou com Caleb", Beau continuou. "Não posso prometer que ela vai ajudar você. Caleb é muito zeloso com a esposa, e os dons de Ramie têm um custo muito alto, porque ela vivencia tudo o que a vítima está passando. Mas se você tiver algo – um objeto – de que seu pai ou sua mãe gostavam bastante, ou algo que eles usavam com frequência, é possível que ela possa localizá-los com esse objeto."

O coração e a pulsação de Ari dispararam, fazendo com que sua respiração ficasse irregular e desconfortável.

"Cubra seus cabelos como antes e coloque os óculos de sol novamente. Vou chamar nosso motorista para se encontrar conosco aqui em frente. Normalmente eu vou dirigindo sozinho, mas não estacionei perto e não quero você exposta ou sozinha no tempo em que eu estiver indo pegar o carro e voltando para cá."

Ari piscou, pensando em como tinham passado de ela querer contratá-lo para já ir para casa com Beau e tê-lo assumindo o controle completamente. Entretanto, ao mesmo tempo em que se pegou questionando o que ele estava fazendo, Ari obedeceu sem hesitação e refez seu disfarce. Quando ela estava pronta, Beau pegou o telefone e discou um número. Ari o escutou informar de modo lacônico ao motorista que os pegasse diretamente em frente à entrada principal do prédio. Quando terminou de falar com o motorista, Beau perguntou como Ari tinha chegado até ali e, quando ela contou do BMW estacionado perto da entrada do prédio, ele meneou a cabeça e, preocupado, fez uma nova ligação e ordenou alguém que pegasse o carro e o levasse até sua casa.

Embora Ari estivesse mesmo esperando que Beau concordasse em ajudá-la, ela não esperava exatamente por aquele tipo de reação. Parecia que seu mundo todo tinha virado de cabeça para baixo e ela já não tinha mais controle algum sobre ele. Não era uma sensação agradável, mas, por outro lado, quando é que ela realmente teve controle total da própria vida?

Assim que Beau se levantou da cadeira, Ari fez o mesmo, subitamente nervosa e insegura. Mas, como ela mesma tinha reconhecido, não havia outra escolha. Sabia que não poderia confiar nos homens de seu pai, mesmo que nem todos fossem traidores. O caminho mais seguro era presumir que *todos eles* estavam atrás dela, por qualquer que fosse a razão. Dessa forma, restavam os homens – o homem – que seu pai sempre lhe disse para procurar. Se seu pai confiava a segurança dela nas mãos de Beau Devereaux, então ela certamente poderia fazer o mesmo. Ari jamais tinha questionado o julgamento do pai antes e não ia começar a fazer isso agora. Respirando fundo, ela deixou que Beau a levasse para fora do escritório, até a recepção, onde Anita estava atrás do balcão.

“Avise para Quinn que ele está no comando do escritório hoje, e diga também que vou falar com ele mais tarde para explicar tudo.”

Anita assentiu.

“Sim, senhor. Eu vou ligar para ele agora mesmo.”

Ari ficou assustada quando Beau resmungou com a recepcionista e fez uma careta para ela. Antes que pudesse pensar melhor ou se controlar, ela deu uma cotovelada nas costelas de Beau e o repreendeu.

“Por que você ficou *bravo* com ela?”, Ari sussurrou espantada.

Para a surpresa ainda maior dela, em vez de parecer chateada, Anita começou a rir e sorriu para Ari.

“Não ligue para isso. Ele odeia que eu o chame de senhor e de senhor Devereaux. Ele acha que isso o faz parecer um velho caquético, e também não

gosta que uma mulher mais velha que ele o chame de senhor. Beau insiste em me chamar de senhora, mas eu não posso tratá-lo com o mesmo respeito.”

Os olhos de Anita brilharam com seu sorriso e a cara de Beau ficou ainda mais séria.

“Ele tem as boas maneiras de um cavalheiro sulista, com certeza”, Anita continuou. “Hoje em dia não se fazem mais homens como ele, e Beau definitivamente é antiquado. Mas eu o chamo de senhor e senhor Devereaux só para provocá-lo. Em especial quando ele fica sério demais, o que acontece basicamente o tempo todo”, ela disse alegremente, impassível diante da reação de Beau.

Um sorriso apareceu nos lábios de Ari, apesar de sua triste situação e de seu desespero com o sumiço dos pais.

“Então você está dizendo que eu deveria deixar Beau maluco chamando-o de senhor e senhor Devereaux?”, Ari perguntou com uma voz inocente.

“Isso mesmo”, Anita respondeu, ainda rindo sem parar.

Beau pegou Ari pelo pulso com firmeza e a arrastou para fora da empresa, em direção aos elevadores.

“Meu pai sempre disse que eu não sou séria o bastante”, Ari comentou em tom alegre quando estavam descendo. “Falava que meu coração era mole demais e eu era muito inocente e ingênua para perceber as coisas. Parece que você é o oposto, então talvez nós dois juntos vamos acabar ficando mais equilibrados.”

Beau olhou para ela, com as sobrancelhas levantadas, e Ari imediatamente corou, sentindo as bochechas queimarem quando percebeu que o que tinha acabado de dizer dava margem para várias interpretações.

“Não foi bem isso que eu quis dizer”, ela disse rapidamente, quase gemendo de vergonha pelo que tinha acabado de falar, e isso era outra coisa que seu pai dizia que ela fazia com frequência.

“Bem isso, o quê?”, Beau perguntou tranquilamente.

Ari teve certeza de que estava ainda mais vermelha.

“Que nós temos algum tipo de relacionamento. Sabe, yin e yang, esse tipo de coisa. Foi só uma coisa idiota que eu disse, mas minha boca às vezes anda na frente do meu cérebro.”

“E quem de nós é o Yin e quem é o Yang?”

Ari levou um tempo para perceber que Beau estava brincando. Ele estava fazendo uma *piadinha* com ela. Ela riu, balançando a cabeça.

“E sua recepcionista acusa você de ser sério demais. Talvez ela nunca tenha conhecido seu senso de humor, não é?”

“Eu não tenho senso de humor”, ele murmurou. “Pode perguntar a qualquer um. Todo mundo vai dizer que eu sou aquele babaca ranzinza do clã Devereaux.”

“Hmm. Acho que vou esperar até formar minha opinião. Para onde estamos indo?”

A mudança súbita de assunto fez Beau olhar confuso para Ari. Ela suspirou.

“Eu faço esse tipo de coisa também, infelizmente. Você vai perceber isso muito em breve. Eu tenho a tendência de falar qualquer coisa que venha à cabeça na hora. Meus pais estão acostumados a acompanhar meus pensamentos caóticos, mas os outros? Nem tanto.”

Ele sorriu, e isso mudou completamente suas feições. De repente, Beau parecia mais… acessível, e não lembrava em nada a figura intimidante que ele era no escritório. As portas do elevador se abriram e eles saíram para passar pelo balcão da recepção, onde Ari devolveu o crachá. Beau levantou a sobrancelha depois de dar uma olhada no crachá dela.

“Você não estava exagerando quando disse que tinha múltiplas identidades.”

Ari o olhou com seriedade, para que soubesse que ela não estava exagerando nem um pouco.

“Sim, tenho três conjuntos de identidades diferentes, com carteira de motorista e passaporte para cada um dos três nomes. Meu pai sempre me disse que, caso precisasse das identidades falsas, eu deveria usá-las sempre alternadamente, para que ninguém prestasse atenção em uma delas e fosse capaz de me rastrear. Parecia paranoia na época, e eu ignorei essa recomendação como sendo excesso de zelo da parte do meu pai, o que não era novidade nenhuma para mim nem para minha mãe. Mas honestamente, nunca achei que realmente iria *precisar* delas. É claro eu estava errada e deveria ter prestado mais atenção em tudo o que meu pai fez para garantir minha segurança. É quase como se ele soubesse que eu iria precisar dessas identidades um dia. Só não sei por quê.”

A voz de Ari sumiu quando Beau a puxou pela porta giratória. Ela, apressadamente, tocou na echarpe e nos óculos, para se certificar de que estivessem no lugar onde deveriam estar. Ari estava feliz por estar de óculos escuros, porque o sol estava particularmente forte e ela ficaria cega por um instante com o brilho súbito quando saísse na rua.

Ela viu o carro estacionado diretamente em frente ao prédio, bloqueando uma faixa da rua, e ela sabia que devia ser o carro de Beau. Mas quando começaram a avançar na direção do carro, alguém esbarrou em Beau e o desequilibrou um pouco, por apenas um instante. Ao mesmo tempo, o vidro atrás

deles se estilhaçou e pessoas começaram a gritar. Ari foi jogada com violência no chão de concreto e Beau a cobriu totalmente com seu corpo. Ela ouviu Beau dizer vários palavrões e sentiu que ele estava procurando algo. Ao virar a cabeça, tentando ver o que tinha acontecido, Ari sentiu o medo revirar seu estômago quando percebeu que Beau tinha sacado uma arma que ela nem mesmo tinha percebido que ele estava carregando.

"Fique abaixada", ele ordenou, severo. "Não faça *nenhum* movimento até eu falar com você."

Ari apenas assentiu, já que ela não achava que ia conseguir falar nada, pois sua garganta estava paralisada e o medo a deixava com dificuldade para respirar. A essa altura, já não havia muito mais estrago que Ari pudesse causar usando seus poderes, que o vídeo dela já não tivesse mostrado, por isso ela se concentrou em duas lixeiras de metal que estavam mais à frente na calçada. As latas de lixo flutuaram no ar e vieram rapidamente na direção dela e de Beau, parando diante deles, dando-lhes alguma cobertura. Quando Beau percebeu o que ela tinha feito, falou mais alguns palavrões.

Mas se ele tinha pensado em reclamar com Ari, não perdeu tempo com isso. Ela sentiu alguém a levantar e a colocar em pé, e depois a espremeu entre Beau e alguém que ela imaginou que fosse o motorista, e eles se jogaram para dentro do carro. Ari caiu no banco de trás e bateu a cabeça na porta oposta. O corpo dela, já bem maltratado, estava sofrendo mais uma vez. Ela conseguia sentir cada um dos seus hematomas e costelas machucadas berrando de dor.

"Vai, vai, vai!", Beau gritou. "Tira a gente logo daqui, porra!"

O carro saiu cantando os pneus e disparou em meio ao trânsito da rua. Ari ajeitou o corpo para olhar pelo vidro traseiro e tentar entender o que tinha acabado de acontecer. A rua estava sem pedestres nas calçadas. Todo mundo correu para se esconder assim que o tiro foi disparado. Beau empurrou a cabeça de Ari para baixo da janela, sem cerimônias.

"Fique abaixada, droga! Você está *querendo* se matar?"

Ari o olhou com os olhos arregalados, e ele também estava agachado no banco traseiro.

"O que aconteceu, Beau?"

"Franco-atirador", ele respondeu.

A mente caótica de Ari entrou em uma espiral de confusão e desânimo. Tudo aquilo era demais para ela compreender. Coisas demais tinham acontecido em um período muito curto de tempo, e o mundo dela tinha virado completamente de cabeça para baixo. A vida de Ari e a forma como ela sempre viveu tinham

sofrido uma mudança drástica.

“Não estou entendendo”, ela comentou, tentando clarear as coisas em sua cabeça. “Parecia tão importante para eles *não* me matarem. Eles tentaram me dopar, mas se aquele homem quisesse, ele poderia ter me matado ali na hora. Então por que querem tentar me matar *agora*?”

“Eles não estavam atirando em você”, Beau disse, com uma expressão sombria.

Ari olhou para ele intrigada, ficando cada vez mais curiosa.

“Eles estavam atirando em *mim*.”

DEZ

Ari ficou estranhamente quieta no caminho todo até a casa de Beau. Ela estava pálida, abalada, e pior, cheia de culpa no olhar. Beau sabia que ela estava se atormentando por tê-lo colocado em perigo e isso o deixava irritado. Por isso, quando ela virou inquieta no banco e o encarou, ele sabia exatamente o que Ari iria dizer antes mesmo de ela falar.

"Eu não devia ter envolvido você nisso", ela disse com a voz baixa. "Não fazia ideia de que a coisa era tão séria. Eu não *entendo* nada disso, mas sei que não vou conseguir me olhar no espelho se alguém morrer porque estava tentando me ajudar. Acho que a única opção razoável que temos é dar a eles o que querem. Eu."

"Cale a boca e pare de ser mártir, saco", Beau disse rudemente.

Ele sabia que estava sendo agressivo quando deveria ser mais compreensivo e ter mais compaixão com Ari. Ela claramente estava no limite e à beira de um colapso, e não precisava que ele agisse feito um babaca. Mas Beau ficava com raiva ao pensar em uma mulher tão inocente e vulnerável na mira de algum desgraçado por aí, que havia planejado fazer sabia Deus o quê com ela. Ari estremeceu com a bronca e Beau ficou arrependido na mesma hora, quando viu nos olhos dela que ele a havia ofendido com aquilo. Ari disfarçou seus sentimentos rapidamente, mas não antes que as palavras de Beau a atingissem como uma ferroada.

"Não estou tentando ser mártir nem fazendo drama", ela respondeu em voz baixa.

Não apenas as feições dela estavam carregadas de tristeza, mas suas palavras também. E os olhos vibrantes de Ari, que antes pareciam ter um brilho elétrico natural, agora deixaram de ser quase fluorescentes e estavam mais para um azul esverdeado opaco, sem vida.

"Eu só não sei o que mais posso fazer. Meus pais são *tudo* para mim, são minha única família. Eles abriram mão de muita coisa durante toda a minha vida. Meus poderes mexeram mais com a vida deles do que com a minha, porque eles sempre fizeram questão de garantir que eu estivesse feliz e em segurança. Foi só

quando eu estava mais velha que percebi todos os sacrifícios que eles fizeram por mim. Minha mãe me chama de *a filha milagrosa* deles. Depois que meus pais se casaram, eles tentaram sem sucesso ter um filho. Minha mãe era jovem, no entanto, e meu pai não tinha pressa. Ele passaria o resto da vida dele feliz só ao lado dela, se fosse o caso. Mas ela queria um filho desesperadamente. Depois de incontáveis abortos espontâneos, e que minha mãe decidiu parar de tentar ter um filho porque a dor estava ficando maior a cada gravidez interrompida, ela ficou grávida de mim. Eu sou a única filha deles. Minha mãe nunca conseguiu ter outro filho depois de mim, e eu queria ser a filha perfeita para, de alguma forma compensar o fato de que ela não teria o que mais gostaria de ter na vida: uma casa cheia de crianças, cheia de amor, risadas e de alegria. Eles sempre, *sempre* me protegeram. Sempre me defenderam da realidade dura da vida. Talvez tenham me feito mal com isso, talvez tenham me protegido demais, mas eu sempre serei grata por tudo que me deram. Por todo o amor deles e pela vontade que eles têm de fazer tudo para garantir minha felicidade e meu bem-estar. Então agora, quando são eles que estão precisando de mim, eu me vejo completamente desamparada. Não tenho o conhecimento nem a habilidade para sequer saber por onde começar a procurá-los. Por isso, quando digo que acho que minha única opção é me entregar a essas pessoas, quem quer que elas sejam, não estou fazendo drama nem sendo mártir. Sou uma mulher que ama os pais mais que tudo e que fará absolutamente o que for preciso para trazê-los de volta em segurança. Mesmo que isso signifique abrir mão da minha própria vida.”

As palavras de Ari soavam bastante sinceras. Havia convicção absoluta em cada traço nas expressões de seu rosto, e os olhos dela brilhavam novamente, mas dessa vez com um propósito, com determinação. Ela não merecia ser repreendida por ele. Estava claro que Arial nunca tinha conhecido as duras realidades da vida, como ela mesma disse antes. Ela apenas não conseguia compreender que seus pais seriam usados para chegarem até ela, e estava claro que Ari estava falando sério quando disse que faria o que fosse preciso, mesmo que isso significasse trocar a própria vida pela da mãe e do pai.

Era raro encontrar aquele tipo de abnegação hoje em dia. Beau estava acostumado a ver o que havia de pior nas pessoas, e não o lado bom. A irmã e a cunhada dele haviam sofrido brutalidades inomináveis nas mãos de monstros doentios e dementes. O mal estava presente em todo canto, em todas as classes sociais e até naqueles de que ninguém jamais suspeitaria. No entanto, o mal, a capacidade de fazer o mal, existia em quase todo mundo. A verdadeira bondade, aquela bondade de alma, era uma coisa rara. A maioria das pessoas não seria tão

altruísta quanto Ari parecia ser, e Beau não duvidava da sinceridade dela nem por um segundo. Ela estava falando muito sério, e isso dificultaria muito mais o trabalho dele, que era protegê-la e deixá-la a salvo enquanto tentava encontrar os pais dela com sua equipe.

“Eu peço desculpas”, Beau disse, torcendo para que suas palavras fossem tão sinceras quanto as dela. “É que me deixa furioso ver que você não dá o menor valor para a própria vida, a ponto de literalmente se entregar para eles. Não precisamos chegar a esse ponto, você precisa confiar em mim. Seu pai evidentemente confiava em mim e em Caleb, o bastante para lhe dizer que nos procurasse, caso estivesse com problemas, e ele não pudesse ajudar. Então confie em mim que nós não só vamos encontrar seus pais, como vamos protegê-la também. E me prometa que você não vai fazer nada precipitado, porque, Ari, você precisa entender: mesmo que você se deixasse ser levada, eles provavelmente matariam seus pais assim que conseguirem o que querem.”

Ari empalideceu e seu rosto perdeu toda cor, até ficar completamente branco.

“Sei que é duro escutar isso”, acrescentou Beau, baixando a voz e tentando falar em um tom mais tranquilizante. “Mas você precisa encarar a realidade. Quem quer que sejam essas pessoas, elas claramente estão bem decididas e parece óbvio que também não se importam de matar qualquer um que esteja no caminho deles. Prova disso é o franco-atirador que tentou colocar uma bala na minha cabeça alguns minutos atrás.”

“Você pelo menos acha que eles ainda estão vivos?”, Ari sussurrou com dificuldade, tomada pela emoção.

Ela parecia tão perdida e assustada, que o instinto de Beau foi puxá-la pelo banco até seus braços. Ele a abraçou, sentindo o batimento acelerado da pulsação dela em seu peito. A respiração de Ari estava tão curta e acelerada quanto seus batimentos. Beau não deixou de reparar na ironia da situação. Ele não era o tipo de pessoa que costumava abraçar e oferecer conforto aos outros. Ele era o babaca arrogante da família, aquele que sempre falava o que ninguém queria ouvir, mas que precisava escutar. Era esse o caso de Ari no momento. Ela precisava saber com quem estava lidando e precisava entender que, assim que perdesse seu poder de barganha – ao se entregar –, seus pais possivelmente seriam eliminados.

“Acho que eles estão vivos”, Beau disse, estremecendo por dentro ao fazer essa afirmação. Realmente esperava que não estivesse mentindo para Ari.

Geralmente, Beau era aquele que todo mundo esperava que fosse dizer a verdade, por mais dura que fosse. Mas ele se pegou querendo dar a Ari um

mínimo de esperança, porque se ela achasse que os pais estavam mortos, provavelmente iria surtar. Beau precisava que ela tivesse esperança, para agir com sensatez e poder seguir com o plano que ele e sua equipe iriam criar. A última coisa de que precisavam era que ela agisse de forma imprevisível e saísse por aí sozinha. Com ou sem poderes, ela estava extremamente vulnerável. E mesmo que os pais dela não fossem mortos assim que Ari estivesse em poder de seus agressores, eles com certeza seriam usados para controlá-la. Os bandidos ameaçariam matar seus pais para garantir que ela cooperasse plenamente e que tivessem sob controle eterno, porque Ari faria qualquer coisa para impedir a morte das duas pessoas que ela amava.

"Enquanto você estiver fora do alcance deles, acho que seus pais estarão seguros", disse Beau, de novo torcendo para que ela não acabasse se desapontando e sofrendo um baque terrível. Mas essa era a conclusão lógica a se chegar, já que eles não tinham matado Ari e pareciam determinados a mantê-la sob controle. Sob o controle deles, quem quer que "eles" fossem.

"Vão usar seus pais como moeda de troca, pelo menos por enquanto. Isso vai nos dar um pouco de tempo para começar nossa investigação e, com sorte, vamos conseguir encontrá-los antes que os sequestradores fiquem impacientes e comecem a se valer de métodos mais drásticos de persuasão."

Ari estremeceu junto ao corpo de Beau, como se as palavras tivessem trazido imagens bem desagradáveis à mente dela. Ele se arrependeu por dizer isso também, mas era uma informação que ela precisava saber e entender. Ele não podia – nem devia – aliviar o que precisava dizer a ela.

O cheiro dos cabelos de Ari flutuou para dentro das narinas de Beau. Ele fechou a cara e imediatamente a afastou de perto de si, mandando-a de volta para o outro lado do carro. Quando começou a reparar em detalhes, como o cheiro de uma mulher – de uma *cliente* – era hora de ver o cenário de outra forma – e a uma certa distância – entre ele e sua "cliente". Beau tinha cometido uma grave falha profissional ao abraçá-la, mesmo que fosse apenas para acalmar uma mulher à beira de um colapso. O problema foi ter gostado demais de fazer isso, e o que começou como uma tentativa impessoal de reconfortar Ari, acabou mudando assim que ele passou a reparar em outras coisas. Como o cheiro dela… A sensação de ter o corpo dela colado ao seu. Como ela era pequena e delicada. E como dava vontade de beijar aquela boca…

Meu Deus… Ele estava perdendo o controle. Se Beau tivesse um mínimo de bom senso, deixaria Ari nas mãos competentes de Dane e Eliza e se afastaria. Deveria deixar os dois fazerem seu trabalho – e eles eram muito bons no que

faziam. Mas, ao mesmo tempo, ele rejeitou completamente a ideia de deixá-la aos cuidados de outra pessoa. O pai dela havia dito para Ari confiar nele e em Caleb. E em mais ninguém. Se ele a entregasse para Dane e Eliza – ou para qualquer outro funcionário da DSS – ela provavelmente daria meia-volta e fugiria dali. Ari já estava mais agitada do que um cachorro bravo e Beau podia ver como era difícil e desgastante para ela confiar nele, naquela situação. Algo que só estava acontecendo porque o pai a tinha orientado para fazer aquilo. Caso contrário, ele duvidava que Ari fosse confiar em alguma pessoa nesse momento. Mas a impressão que ele tinha dela era que ela era uma dessas pessoas "boas" que confiavam facilmente nos outros e sempre via o lado bom das pessoas. Se Beau estivesse certo, essa seria a primeira vez que Ari estava vivenciando uma traição e percebendo como o mundo funcionava ao seu redor.

Os pais dela obviamente a mantiveram a vida toda dentro de um casulo e fazer isso não a ajudou em nada. Mas não era problema de Beau e ele também não deveria se preocupar com isso. Ari era sua cliente e ele tinha duas funções: primeiro, encontrar e salvar os pais dela; segundo, manter Ari em segurança e viva.

"Segurem-se!", o motorista gritou. "Temos problemas."

Beau mal teve tempo de colocar o braço em volta dela, para protegê-la, quando o carro inteiro chacoalhou, fazendo a cabeça dos dois ser jogada para a frente e depois para trás.

"Que merda foi essa?", Beau rosnou.

"Tem alguém nos seguindo. Aguentem firme, vou tirar a gente daqui logo", disse Brent, o motorista, com seriedade.

"Alguém nos seguindo?", Ari reclamou. "Não se chama quem tentou nos jogar para fora da estrada de alguém nos seguindo!"

"Merda!"

Beau não gostou do palavrão que Brent sussurrou. O motorista não se irritava por qualquer coisa e ele sabia se virar em qualquer tipo de situação. Não só ele era um ex-piloto de corrida, mas também um ex-militar, e a DSS não o havia contratado apenas por suas habilidades na direção.

Beau olhou para o para-brisas apenas para ver dois carros emparelhados vindo na contramão da estrada, prontos para se chocar com o carro deles. Estavam prestes a sofrer uma colisão inevitável, o que era algo bem idiota se estavam tão interessados em manter Ari viva. Como é que poderiam saber que ela iria escapar ilesa daquilo? A menos que o objetivo deles tivesse mudado… Era difícil especular quando não se tinha a menor ideia da origem das ameaças.

Beau já estava bem atrasado, não tinha nem mesmo um ponto de partida, não enquanto não interrogasse Ari de forma minuciosa e começasse a investigar os pais dela – especialmente o pai.

Um pequeno gemido saiu pela garganta de Ari, e então seus olhos ficaram vidrados, com pequenos flocos dourados que brilhavam enquanto ela olhava pelo para-brisas para os carros que se aproximavam. O rosto dela se contraiu, como se estivesse sentindo dor. As mãos se fecharam em punhos cerrados, a ponto de os nós dos dedos ficarem brancos com a força que ela fazia. E então seu corpo inteiro começou a estremecer, como se a eletricidade que estava refletida em seus olhos agora corresse por suas veias. Beau conseguia sentir as ondas de poder que emanavam dela. Não era nada parecido com qualquer coisa que ele já tivesse visto antes. E não era como se Beau fosse um cético ou estivesse só agora entrando no mundo dos poderes psíquicos. Ele já tinha testemunhado em primeira mão fenômenos paranormais antes.

Mas quando um dos carros que vinha se aproximando na contramão subitamente levitou no ar, virou de lado e foi jogado na grade de proteção da estrada, Beau ficou boquiaberto. E ficou olhando ora para o rosto esgotado de Ari e ora para o outro carro, pensando na colisão que estava cada vez mais perto de acontecer. De repente, começou a pingar sangue pelo nariz de Ari. Também estava escorrendo sangue lentamente pelos ouvidos, e seu corpo todo tremia, como se ela estivesse possuída por algo terrível e doentio. E então, subitamente, ela foi empurrada para a frente. Ari bateu em Beau, jogando os dois para a frente. Ele mal teve tempo de envolvê-la em seus braços para protegê-la e deixá-la sob seu corpo quando o mundo todo ficou de cabeça para baixo.

Ele sentiu uma pontada de dor em uma das pernas e nos ombros. Ouviu o som de metal sendo esmagado e o barulho arrastado de um carro capotado ainda deslizando no asfalto da estrada. Beau só tinha consciência da pequena mulher em seus braços e da preocupação de ter fracassado completamente em protegê-la, conforme ele tinha prometido.

ONZE

A dor veio e, com ela, Beau soube que estava vivo. Ele moveu primeiro os braços e depois as pernas, com cautela, e ficou aliviado por ver que estava tudo funcionando bem, com apenas algumas pontadas de dor, sinais de ferimentos, mas de nada quebrado. Pelo menos era o que ele esperava, porque ainda estavam correndo grande perigo. Beau procurou automaticamente por Ari, abrindo os olhos para examinar o caos onde eles estavam. Ela estava engatinhando desajeitada até o banco da frente, com as mãos esticadas na direção de Brent para tocá-lo gentilmente e ver se ele estava consciente ou não.

“Minha perna está presa”, Brent relatou para Ari, “mas minhas mãos são perfeitamente capazes de trabalhar. Pegue a arma no meu coldre e dê para mim. Há mais uma arma no porta-luvas. Fique com ela o tempo todo. Tome cuidado, porque as armas estão carregadas. Não pense duas vezes em atirar se um desses desgraçados chegar perto de você. Os Devereaux vão garantir que nada disso esteja ligado a você e que você não esteja envolvida de forma alguma. Sua prioridade deve ser se proteger, custe o que custar.”

“Ari, fique parada aí”, Beau disparou em um tom de voz que transformava seu pedido em uma ordem direta.

Ari voltou-se para ele, e seus olhos brilharam de alívio ao analisá-lo. Parecia que ela estava com medo de que Beau tivesse se machucado gravemente ou até mesmo tivesse morrido.

“Eles estão vindo”, ela disse em voz baixa. “Preciso sair daqui para atraí-los para longe. Eles vão matar vocês dois. Você sabe disso.”

Beau teve uma sensação estranha no peito – uma sensação de que não gostou – ao ver que Ari parecia tão preocupada com ele. Era a porcaria do seu trabalho garantir a proteção dela e não o *contrário*. Os palavrões que Brent estava falando se juntaram aos palavrões de Beau. Suas ordens de que Ari ficasse ali, onde ele poderia protegê-la, foram ignoradas e ela se esgueirou para fora, de arma em punho, pela janela do passageiro, que estava quebrada. Beau tateou em busca de seu telefone, e o encontrou a poucos centímetros de sua mão. Digitou o número de Zack, por saber que ele chegaria lá mais rápido que Dane ou Eliza.

“Brent e eu precisamos de ajuda”, Beau disse sem enrolação. “Precisamos ser removidos do carro. Tenho uma cliente comigo e ela está vulnerável. Eles a querem viva, já o resto de nós, nem tanto.”

“Estou a caminho”, Zack respondeu e encerrou a ligação.

Não havia por que perder tempo passando a localização exata a Zack. Todos os carros de propriedade da DSS tinham GPS, o que permitia aos funcionários saberem onde estavam a qualquer momento. E Zack era competente e confiável. Sim, Beau provavelmente deveria ter entrado em contato com Dane, já que Dane estava acima dos recrutas e respondia apenas a Caleb e a ele. Mas Beau confiava totalmente em Zack e sabia que ele não perderia tempo e chegaria ali o mais rápida e humanamente possível. Havia momentos em que Beau se perguntava se Zack era mesmo humano. Ele agia o tempo todo de cabeça fria e de maneira implacável. Nada parecia perturbá-lo. Zack encarava tudo com calma e cumpria suas atribuições com facilidade. Ele era exatamente o tipo de homem que a DSS precisava.

Beau foi se rastejando até a frente do carro, desajeitadamente, porque seu corpo era grande demais para caber entre o capô amassado e os assentos do carro com a mesma facilidade do corpo pequeno de Ari. Mas jamais a deixaria sozinha para enfrentar aqueles desgraçados que estavam atrás dela.

“Está muito machucado?”, Beau perguntou enquanto se espremia para passar pela última parte do carro.

“Acho que não tem nada quebrado”, Brent disse entredentes, o que mostrou a Beau que ele estava sentindo dor, independente do que viesse a dizer.

“Eu garanto sua cobertura”, Beau continuou. “Apenas fique quieto aqui e não se mova. Você pode ter sofrido alguma lesão na coluna, então é melhor esperar a ambulância chegar.”

“Como diabos você vai explicar o que aconteceu?”, Brent perguntou. “Você viu tão claramente quanto eu. Sei que não imaginei isso que aconteceu aqui.”

“Não, você não imaginou”, Beau admitiu. “Foi Ari. Ela salvou nossa pele e *ainda* está lá fora tentando salvar nossa vida. Estou querendo sair daqui para ela não precisar enfrentar sozinha aqueles babacas.”

Beau se contraiu de dor quando um pedaço de vidro quebrado rasgou sua pele, enquanto ele tentava se arrastar até o asfalto da estrada. Ele imediatamente procurou por Ari e a viu logo ao lado, agachada atrás da SUV capotada deles, com uma arma que parecia grande demais para ser manejada por suas pequenas mãos.

O veículo que os atingiu por trás havia passado pelo local da colisão e estava

agora dando meia-volta, sem dar importância para os carros que vinham na direção oposta. O outro carro que vinha pela contramão derrapou pelo asfalto até parar, a cerca de trinta metros deles. As portas do motorista e do passageiro estavam abertas e dois homens saíam do carro, buscando cobertura atrás das portas, mas já com as armas apontadas na direção de Beau e Ari. E Brent… Que droga, Brent seria um alvo fácil. Ari virou para a direção de Beau com um olhar frio e impiedoso. Ele podia sentir a fúria dela, que estalava no ar como se fosse eletricidade. Ela jogou a arma para Beau, que a pegou por reflexo.

"Me dê cobertura", ela pediu calmamente.

Antes que Beau pudesse abrir a boca, reclamar e mandá-la ficar onde estava, Ari levantou, tornando-se um alvo convidativo a seus perseguidores.

"Que merda, Ari! Fique agachada!"

"Eles me querem viva", ela continuou falando em um tom suave. "Não vão atirar em mim. Já quanto a vocês, provavelmente eles não estão nem aí, e não vou deixar que matem vocês dois só porque estavam aqui para me proteger. Não quando tenho o poder de impedi-los totalmente ou de, no mínimo, retardá-los."

Ignorando as reclamações dele, Ari focou o olhar na ameaça que estava diante de si. Novamente, Beau viu sangue pingar do nariz dela e escorrer de seus ouvidos, e viu Ari cerrar os punhos com tanta força que eles ficaram brancos, por falta de circulação. Seu corpo inteiro estava tenso e Beau só podia imaginar como devia ser desgastante aquela experiência para ela. Ari havia dito que, até recentemente, ela nem mesmo tinha chegado a usar seus poderes e que tinha tentado não chamar a atenção, ser igual a todo mundo, sem nada de especial. Como se uma mulher como ela, com poderes psíquicos ou não, pudesse alguma vez não chamar a atenção. Não com a beleza e com aqueles cabelos e olhos tão distintos.

Mais sangue escorria pelo pescoço de Ari, quando as armas apontadas para eles foram arrancadas das mãos dos perseguidores. Elas voaram facilmente pelo ar; uma pousou bem ao lado da porta do motorista, ao alcance de Brent, e a outra caiu inofensivamente no chão, bem em frente a Beau. O veículo que tinha dado meia-volta acelerou e seguiu em frente, em rota direta de colisão com o carro já bastante avariado onde Brent estava preso. Beau assistia a tudo aquilo desamparado, porque não havia nada que pudesse fazer para evitar que seu homem fosse ferido com ainda mais gravidade ou provavelmente até morto. Os canalhas que estavam atrás de Ari não brincavam em serviço e eliminariam qualquer um que fosse um obstáculo aos objetivos deles. Os braços, pescoço e até mesmo a testa de Ari estavam com todas as veias saltadas, como se ela

estivesse sentindo uma dor brutal enquanto se focava no veículo em movimento. E de fato, a expressão em seu rosto estava repleta de agonia, com um gemido quase silencioso escapando de seus lábios apertados. Mas, assim como com o outro veículo, do qual Ari tinha dado cabo sozinha, esse carro subitamente levitou e virou de lado, caindo com violência na estrada. Ele deslizou por mais cinquenta metros até parar a uma pequena distância do veículo capotado, atrás do qual Beau e Ari tinham buscado cobertura.

Para garantir que ninguém conseguiria sair, o rosto de Ari se contorceu novamente e as portas do carro, as que estavam intactas e voltadas para cima, simplesmente foram amassadas para dentro, tornando impossível que alguém fugisse. O poder dela era incrível – Beau jamais tinha testemunhado algo parecido antes –, mas ele sabia que o custo para Ari era muito alto. Ele já tinha visto sangramentos psíquicos antes e sabia que eram causados pelo foco e pela concentração intensos. O sangue – e o óbvio desgaste que ela estava passando – deixava Beau muito preocupado. Ari poderia facilmente sofrer um ataque cardíaco ou um aneurisma como resultado do uso de seu poder.

“Ari”, Beau disse com um tom gentil e acariciou o braço dela. “Querida, você precisa se acalmar. Respire fundo, você está sangrando. Já acabou com dois dos carros deles, eu consigo cuidar do resto. Você precisa ficar agachada e escondida até meus homens chegarem.”

Ela não ouviu ou preferiu ignorá-lo. Os dois homens que estavam atrás das portas do outro carro rapidamente voltaram para dentro e saíram disparando de ré, dando um cavalo de pau logo em seguida e continuando pela estrada em alta velocidade, batendo em retirada, por ora. Beau suspirou de alívio e depois pegou Ari cuidadosamente pelo braço, trazendo-a de volta para a relativa segurança do carro capotado. Ela ficou piscando, claramente confusa, e depois franziu a testa diante do cenário de devastação ao seu redor. O trânsito na estrada ficou bem mais lento, já que os carros precisavam passar por três veículos destruídos. Embora houvesse muitos curiosos, ninguém chegou a parar para oferecer ajuda, e Beau agradeceu por isso. A última coisa de que precisavam era chamar mais atenção. Ele queria que Zack chegasse lá logo para poderem levar Ari a algum lugar seguro e com vigilância constante. A polícia certamente seria envolvida no caso, embora o carro que Brent estava dirigindo não tivesse nenhum registro. Beau duvidava que os outros veículos envolvidos também fossem dar mais informações que o dele. As autoridades provavelmente iriam considerar aquilo alguma atividade relacionada a gangues ou ao tráfico de drogas. Para ele isso não tinha importância, desde que Ari não acabasse ainda mais exposta como

resultado do uso de seus poderes.

Quando não viu nenhum movimento nos dois carros destruídos, que antes os estavam perseguindo, Beau orientou Ari a ficar agachada, e então ele se arrastou de volta ao interior do veículo para descobrir a gravidade dos ferimentos de Brent.

“Eu estou bem”, Brent murmurou. “A porcaria da minha perna ficou presa no painel. Quando o Zack chegar, vá embora com Ari e me deixe aqui. A polícia e uma ambulância vão chegar em breve. Eles vão precisar me tirar daqui e a última coisa de que Ari precisa é mais atenção da mídia. É melhor você e ela estarem o mais longe possível. A culpa do que aconteceu aqui é bem clara e eu duvido que aqueles idiotas vão se dispor a contar muita coisa à polícia. E eu conheço gente o suficiente no departamento de polícia de Houston para não me meter em problemas.”

“Que droga”, Beau reclamou. “Você sabe que não é assim que nós operamos. Não deixamos um homem ferido para trás.”

O olhar penetrante de Brent cruzou com o de Beau.

“E você sabe que é isso que precisa fazer. Você e Ari não podem se envolver nisso. Precisam fugir daqui antes que os policiais apareçam. E antes que os jornalistas apareçam também, se suspeitarem ou descobrirem que você está ligado a ela.”

O argumento de Brent era forte, mas isso não significava que Beau precisava gostar da ideia de fazer aquilo. Antes que ele pudesse retrucar, embora soubesse que qualquer coisa que falasse iria entrar por um ouvido e sair por outro – porque Brent, assim como a maioria dos operadores da DSS, era cabeça dura, muito teimoso e tinha a tendência de fazer as coisas de sua maneira –, Beau ouviu um veículo se aproximar e frear bruscamente atrás do carro batido deles. Ele suspirou aliviado, porque aqueles sob seu comando sempre cumpriam com suas funções e Beau costumava deixá-los praticamente soltos, sem necessidade de gerenciá-los de perto. E tinha instruído Dane e Eliza a fazerem o mesmo. Zack chegou, com seus olhos verde-escuros queimando de raiva.

“Relatório da situação”, ele pediu.

Beau rapidamente atualizou Zack sobre tudo enquanto eles levavam Ari até o carro de Zack. Não tinham tempo para ficar parados ali até Beau explicar a situação do início ao fim. Subitamente, Ari empurrou os dois homens para o lado. Eles estavam desprevenidos e quase caíram. Beau viu, horrorizado, um dos homens escapar do carro que Ari tinha destruído e apontar uma arma na direção deles.

“Não!”, ele exclamou, e seu grito foi ecoado ao mesmo tempo por Zack, quando ambos pularam para cima de Ari, tentando protegê-la.

Um tiro foi disparado e os dois homens observaram atônitos a bala desacelerar, a ponto de conseguirem *vê-la* zunindo na direção de Ari. E apesar de ela ter sido capaz de desacelerar o projétil e desviá-lo para longe dos dois, a bala a atingiu na lateral do corpo e Ari caiu de joelhos, colocando a mão no ferimento, que já estava sangrando.

Beau ficou furioso. Estava irritado por Ari ter tomado um tiro que ele ou Zack iriam levar. Estava irritado por supostamente estar protegendo-a, e, no entanto, ela ficou ali o tempo todo enquanto ele e Zack foram empurrados para fora da linha de tiro.

Ari estava inclinada, pálida, sangrando pelo nariz, boca e ouvidos, e agora também pela lateral do corpo, onde a bala tinha passado de raspão. Beau e Zack imediatamente formaram uma barreira protetora em volta dela. Beau pegou Ari nos braços e praticamente a jogou dentro do carro blindado de Zack, onde bala nenhuma seria capaz de penetrar e, principalmente, atingir Ari. A mente de Beau estava obscurecida pela raiva. Ele queria matar aqueles desgraçados ali mesmo, naquela hora.

Mas à distância, era possível ouvir um coro de sirenes. Por mais que doesse deixar Brent ali, o motorista estava armado e era capaz de se defender, e aqueles que conseguiram fugir já haviam deixado a cena. Com a polícia e o resgate a caminho, ele duvidava que o idiota que atirou em Ari tivesse chance de atirar mais uma vez e, se fizesse isso, a mira de Brent era mortal, mesmo que ele estivesse preso em um veículo destruído.

Beau colocou Ari no banco de trás e sentou-se ao lado dela. Em seguida, procurou por algo sob o banco e retirou de lá um kit de primeiros socorros. Precisava limpar o sangue do rosto e dos ouvidos dela. Ari parecia alguém que tinha sido espancada, com aquela combinação de hematomas antigos e sangue fresco. Mas a prioridade de Beau era ver qual o estrago que a bala tinha causado. Ele torcia muito para que fosse apenas o arranhão que parecia ser.

“Que diabos aconteceu lá atrás?”, Zack perguntou, olhando para eles pelo retrovisor. “Preciso levá-la direto para o hospital? Ela não está sangrando só pelo tiro.”

Ari meneou a cabeça com veemência, ao mesmo tempo em que Beau também vetou a ideia.

“Isso é sangramento psíquico”, ele explicou para Zack. “Ela precisa ser monitorada para averiguarmos se não houve danos permanentes no cérebro ou se

houve alguma hemorragia mais severa.”

Zack franziu a testa, e a expressão em seu rosto fez Ari se arrastar ainda mais para perto de Beau, como se ela estivesse com medo do outro homem. Beau na mesma hora colocou seu braço ao redor dela, como se essa fosse a reação mais natural do mundo.

“Sangramento psíquico?”, Zack perguntou. “Então ela é paranormal? Foi isso que aconteceu com aqueles outros carros que tentaram tirar vocês da estrada?”

Ari ficou tensa e travada nos braços de Beau. A respiração dela estava acelerada e ele não sabia se era por causa da perda de sangue, do medo ou da combinação de ambos.

“Você pode confiar nele”, Beau sussurrou no ouvido de Ari. “Ele trabalha para mim e não tem ninguém em que eu confie mais, tirando meus irmãos.”

Ela assentiu com um movimento curto, mas ainda assim encarava Zack com desconfiança, enquanto eles seguiam pela estrada o mais rápido que podiam sem chamar a atenção de algum policial com um radar de velocidade.

“Você vai me contar que diabos está acontecendo e quem é a nossa nova cliente?”, Zack perguntou com impaciência.

Beau esboçou um sorriso pelo canto da boca. Era bem típico de Zack ir se enfiando no meio das coisas. As mãos dele seguravam com firmeza o volante, enquanto ele mudava de faixa rapidamente para lá e para cá, costurando no trânsito intenso do rodoanel 610.

“Mais tarde”, Beau disse, lacônico. “Agora eu preciso levá-la a algum lugar seguro e garantir que esteja tudo bem com ela. E preciso que você verifique com o pessoal quem está livre para ajudar nesta tarefa. Sei que Dane e Eliza estão ocupados com outro trabalho neste momento.”

“Eu cuido disso”, Zack respondeu com simplicidade.

“Para onde estamos indo?”, Arial perguntou em voz baixa.

Ela parecia estar em choque, com o sangue gerando um forte contraste com seu rosto pálido. Beau pegou algo do kit de primeiros socorros e começou a levantar lentamente a camisa encharcada de sangue de Ari, de forma a não assustá-la. Em resposta à pergunta implícita e ao olhar desconfiado dela, Beau a tranquilizou da melhor forma que pôde. Ele não era uma pessoa boa de papo, era franco e agressivo demais para saber como acalmar uma mulher com medo. Especialmente uma mulher cuja camisa ele estivesse arrancando naquele momento.

“Preciso ver a gravidade disso aqui”, Beau disse com uma calma que não

estava sentindo.

Por dentro, ele era um caldeirão fervendo, furioso por Ari ter se colocado voluntariamente na linha de tiro para proteger Zack e ele. Protegê-la era o trabalho dele, e não o contrário, droga. Beau ficou extremamente irritado por ela ter se colocado em um risco tão grande. Isso não aconteceria novamente e, assim que ele tivesse a garantia de que estava tudo bem com ela, os dois teriam uma conversa bem franca sobre como as coisas iriam funcionar dali em diante.

Ari se contraiu quando Beau tocou cuidadosamente o ferimento de cinco centímetros de comprimento na lateral de seu corpo. Mas o que o deixava ainda mais irritado eram os hematomas roxos que já estavam presentes na costela dela. Prova do último encontro que teve com os desgraçados que queriam pegá-la.

“Não está tão mal assim”, ele murmurou. “Vai precisar de pontos, mas podemos cuidar disso quando estivermos em um lugar seguro.”

Ari levantou a sobrancelha, com dúvidas.

“Quando se tem mais dinheiro do que Deus, como é o caso de Caleb, os médicos vão até ele, e não o contrário”, Beau disse dando de ombros.

“E você não?”, Ari perguntou. “Você não compartilha a fortuna dos Devereaux?”

Beau deu de ombros novamente, desconfortável com aquela conversa sobre seu status social. A maior parte da fortuna dos Devereaux vinha de dinheiro sujo, herdado de seus pais, que certamente estavam envolvidos em negócios escusos. Ao menos o pai estava. Beau não sabia até que ponto sua mãe tinha conhecimento dos negócios do pai ou se ela mesma estava envolvida diretamente neles. Os irmãos usaram bem a herança e fizeram fortuna à moda antiga, ganhando dinheiro com trabalho árduo e investimentos inteligentes. As pessoas sem dúvida acreditavam que todo o dinheiro deles havia sido herdado, quando na verdade, seus pais não lhes deixaram tanto assim, considerando o patrimônio líquido que tinham quando foram assassinados.

“Aonde estamos indo?”, Ari perguntou com mais firmeza dessa vez, como se ela tivesse se livrado de parte do entorpecimento que a afetava até agora.

“Para algum lugar seguro”, Beau disse com seriedade. “Algum lugar em que eu possa me certificar que você esteja em segurança, para que não saia por aí despreparada atrás dos seus pais. Você me contratou para um serviço e é exatamente o que vou fazer. Mas você vai ficar quieta no lugar onde eu a deixarei. A última coisa que preciso é ter de me preocupar com você quando estivermos procurando pelo paradeiro de seus pais.”

“Não vou atrapalhar”, Ari respondeu baixinho. “Se você acredita que

consegue encontrar meus pais, então terá minha cooperação total.”

Satisfeito com a promessa dela, Beau começou a limpar cuidadosamente o sangue do nariz, do rosto e dos ouvidos de Ari. O sangue chegou até mesmo a deixar algumas trilhas pela lateral do pescoço, alcançando ombros e mais abaixo, o peito dela. Beau fez o possível para preservar o pudor de Ari, e não tocou no sutiã, por mais sangue que houvesse lá. A última coisa que ele queria era deixá-la envergonhada ou constrangida.

“Eu nunca sangrei antes”, ela disse, claramente confusa. “Não entendo. Você chamou isso de sangramento psíquico. Como é que você sabe o que é isso?”

Beau gentilmente limpou o restante de sangue do rosto de Ari e a analisou para ver se havia mais ferimentos. Ele fechou o rosto quando viu pequenos cortes nos braços e nas mãos, sem dúvida ocasionados quando ela se arrastou para fora do veículo capotado. Beau tratou de limpar os cortes e de passar antisséptico neles, para depois fazer um curativo leve.

“Já tive experiência com pessoas com habilidades psíquicas”, ele disse calmamente. “O sangramento parece ocorrer quando o sensitivo está se focando com muita intensidade em um objeto ou mentalizando algo com muita concentração. Isso às vezes é demais e eles podem ficar seriamente feridos.”

Ari estremeceu e cruzou os braços ao redor do próprio corpo, em um gesto de autoproteção. Beau quase a trouxe para seus braços, como tinha feito antes, mas dessa vez ele se obrigou a manter uma postura profissional. Ari sentiu a pele arrepiar, pelo choque ou por coisa pior. Com o desgaste mental que tinha sofrido, seu cérebro poderia estar temporariamente incapaz de regular sua temperatura corporal. Isso só reforçou a decisão de que, assim que ela estivesse escondida em segurança, ele iria arranjar um médico de confiança para examiná-la da cabeça aos pés. Era preciso um médico que tivesse experiência com sangramentos psíquicos.

“Eu nunca usei meus poderes dessa forma”, Ari admitiu. “Eu não fazia ideia de que era capaz de fazer algo nesse nível. No passado, eu fazia objetos levitarem, mas eram coisas pequenas. Meus pais disseram que, quando era um bebê, eu fazia meus dois bichinhos de pelúcia preferidos aparecerem no meu berço. Isso deixou minha mãe apavorada até eles perceberem que era eu quem estava fazendo aquilo e não alguém que estava entrando no quarto sem eles saberem. Eles me falaram para jamais usar meus poderes e eu obedeci. Fiquei anos sem usá-los. E aí veio o incidente na escola. Nem cheguei a pensar, tudo aconteceu naturalmente. Foi quase automático, como se eu estivesse usando e praticando minhas habilidades a vida toda. E isso agora. Você viu os carros

virando de lado?”

Havia um tom de perplexidade naquela pergunta, como se nem ela estivesse acreditando no que fez. Beau assentiu.

“Com certeza eu vi. Aquilo foi bem impressionante.”

“Eu não fazia ideia”, Ari disse com seriedade. “Preciso encontrar um jeito de controlar meus poderes, agora que parecem estar vindo tão naturalmente para mim. Não quero machucar alguém ou, Deus me livre, matar alguém usando meus poderes.”

Beau segurou o queixo de Ari e virou o rosto dela, para que se olhassem nos olhos.

“Você vai conseguir controlar seu poder. O que você fez hoje pareceu estar bem sob controle para mim. Não explodiu nada, apenas fez as coisas para imobilizar os perseguidores.”

O rosto de Ari se fechou com uma pergunta silenciosa. E então ela olhou para Beau com aqueles olhos hipnotizantes.

“Você acha que eu seria capaz de explodir alguma coisa? Quero dizer, se eu imaginar isso acontecendo na minha mente?”

Beau hesitou em responder. A Ari com um objetivo na cabeça seria altamente imprevisível, e seria impossível a DSS realizar o trabalho se ela decidisse sair por conta própria, confiando na sua capacidade de fazer qualquer coisa. E talvez ela fosse capaz mesmo de fazer qualquer coisa. Mas Beau jamais permitiria que ela fosse sozinha atrás dos desgraçados que estavam com os pais dela.

“Foi assim que você fez os carros virarem e baterem?”, ele perguntou calmamente. “Foi imaginando aquilo acontecer na sua mente?”

Ari confirmou lentamente com a cabeça.

“Foi difícil, porque eu precisava manter a imagem na cabeça e me focar somente nela. Eu não podia me distrair, ou não conseguiria virar o carro da forma como fiz. Desde criança, eu não uso nem pratico meus poderes, por isso não sei exatamente do que sou capaz. Eu simplesmente nunca tive a oportunidade de medir minhas habilidades em um ambiente controlado.”

“Eu diria que você é poderosa pra caramba, especialmente para alguém que mal usou suas habilidades e, mesmo assim, só quando era criança. Eu acho que se você começar a praticar mais, é bom as pessoas ficarem espertas.”

Beau disse aquilo de forma espirituosa, com os lábios esboçando um sorriso.

“Você esqueceu que eu salvei nossa pele”, ela disse sarcástica.

“Sim, salvou mesmo e eu com certeza sou grato por isso, mas no futuro, se

você aprontar algo assim novamente, vou é dar uns tapas no seu traseiro e amarrá-la a uma cadeira para não sair de lá. E vou deixá-la em uma sala vazia, sem nada para você conseguir usar para se libertar. Estamos entendidos?"

Ari ficou espantada.

"Por que raios você não quer que eu use minha telecinese quando formos resgatar meus pais?"

Beau notou que ela disse "quando", e não "se" eles fossem resgatar os pais dela. Embora ele quisesse que Ari tivesse esperanças, ao mesmo tempo não achava que seria capaz de suportar a dor dela, caso descobrisse que os pais já estavam mortos. Estava bem claro que ela era extremamente ligada aos pais e eles, por sua vez, a amavam tanto quanto ela os amava.

"Não tem essa de *nós*. Eu não quero você envolvida nisso, Ari", Beau disse sem rodeios. "Seu pai a enviou para mim por uma razão, porque somos os melhores no que fazemos. Você iria nos atrapalhar porque nossa atenção seria dividida entre proteger você, garantir que você não caia nas mãos deles e tentar resgatar seus pais. Confie em mim, porque irei fazer meu trabalho, e tenha paciência. *Nós* – e aqui isso quer dizer eu e meus homens – iremos encontrar seus pais."

Os olhos dela se iluminaram de alívio, como se ela estivesse carregando um enorme fardo nos ombros, que subitamente foi retirado de lá.

"Eu acredito em você", Ari respondeu com sinceridade. "E, sim, ficarei fora do caminho, a menos que vocês não consigam encontrá-los em breve. Nesse caso, iremos fazer as coisas do meu jeito e irei me entregar a eles em troca da libertação em segurança da minha mãe e do meu pai. Isso é tudo que posso – e estou disposta a – prometer."

DOZE

Depois que o pico inicial de adrenalina passou, Ari começou a sentir dores na cabeça e no ponto onde a bala havia passado de raspão. Ela cerrou a mandíbula, decidida a não emitir um som nem deixar que Beau percebesse quanta dor ela estava sentindo. Ele também se feriu na batida e a última coisa de que precisava era ter de ficar cuidando dela e a paparicando.

Ari já tinha sido mimada, afagada e protegida a vida toda e agora era hora de assumir o controle de seu próprio destino, hora de ser proativa e de ser mais confiante e corajosa. Era hora de se tornar a mulher independente que ela planejava ser quando deu os primeiros passos em sua tentativa de sair da bolha de proteção dos pais e ao assumir o cargo de professora. Era um trabalho que Ari adorava, mas desde que tinha sido atacada por um aluno e se defendido usando telecinese, enxergava-se diante de um futuro incerto.

Ela suspirou suavemente e na mesma hora prendeu a respiração e ficou imóvel, torcendo para não ter chamado a atenção de Beau. Deveria ter percebido que ele estava atento ao menor ruído vindo dela. Beau olhou-a instantaneamente, com os olhos estreitados de preocupação. Ele a olhou de cima a baixo, quase como se pudesse enxergar o que havia por trás das roupas, para analisar cada hematoma, arranhão e corte em Ari.

“Estamos quase chegando”, disse, e ela ficou surpresa por ele não dizer nada sobre as condições dela.

Apreciava o fato de que ele não perdia tempo com bobagens e a tratava como uma pessoa de verdade e não como uma bonequinha inútil e perdida, que se quebraria ao menor toque.

Mentalmente, Ari se repreendeu por soar tão ingrata e ressentida com o cuidado que seus pais tiveram com ela, com tudo o que haviam feito para que ela pudesse levar uma vida com algo de normal.

Ela não tinha arrependimentos pela forma como havia sido criada. Ari amava muito a mãe e o pai e não trocaria os anos que passou junto com eles por nada. Simplesmente estava na hora de sair debaixo da asa dos pais e viver a própria vida. Hora de fazer as próprias escolhas e encarar as consequências. A maioria

das pessoas fazia isso bem antes dos 24 anos. Nunca houve nenhuma consequência para Ari, porque o pai dela sempre dava um jeito de fazer desaparecer qualquer problema que ela encontrasse. Seu pai era assim, mas agora ela precisava se tornar a pessoa que *ela* era. Com poderes ou não, ela precisava entrar no mundo e encarar os próprios problemas.

O carro entrou em uma estrada sinuosa, descendo cuidadosamente em direção a uma área muito arborizada que circundava uma casa. Ari piscou ao notar que eles haviam saído do perímetro urbano da cidade e ela nem tinha percebido. Estava focada demais nos próprios pensamentos e preocupações e também em tentar evitar que Beau percebesse quanta dor ela estava sentindo.

Zack parou o carro e saiu imediatamente, abrindo a porta no lado de Ari. Beau começou a sair e então parou, subitamente começando a se mover mais devagar, ao segurar na maçaneta do carro. Ari olhou para ele assustada, mas a expressão no rosto de Beau era uma incógnita. Ele deu a volta no carro e ela começou a se arrastar para fora do banco, onde parecia estar grudada. Ela não conseguiu evitar estremecer de dor e fechou os olhos imediatamente quando a agonia dolorosa desceu por sua espinha e subiu de volta até à nuca, fazendo o pescoço de Ari ter um espasmo. Ela apoiou os pés no chão pavimentado da garagem e seus joelhos bambearam na mesma hora. Beau e Zack a agarraram rapidamente, antes que ela caísse de cara no concreto. Zack passou o braço sob os joelhos dela e a levantou, carregando-a junto ao peito. Beau parecia ter a intenção de reclamar, mas Zack o olhou com firmeza.

“Vocês dois estão péssimos”, ele disse sem rodeios. “Você vai ter sorte se conseguir entrar em casa *sozinho*, ainda mais carregando ela.”

“Eu estou bem”, Beau reclamou.

Mas ele não continuou a retrucar, e Ari ficou ruborizada quando Zack entrou com passos firmes na casa. Ela se sentia humilhada por precisar ser carregada como uma inválida. Ela não estava preparada para a reação de seu corpo quando tentou se mover. E até mesmo sua cabeça, que antes estava apenas latejando no caminho até a casa, agora começou a receber pontadas de dor, como se cacos de vidro estivessem arranhando seu crânio por dentro. Ainda bem que Zack a havia pegado com o lado machucado para fora, assim não ficou pressionado contra o corpo dele. Mas Zack provavelmente tinha notado. Ele não parecia ser um homem que deixava escapar o menor dos detalhes.

Uma lufada de ar gelado deixou a pele de Ari arrepiada assim que ele a carregou pela porta. Ela começou a tremer nos braços dele e precisou cerrar a mandíbula para impedir os dentes de tilintar. Zack olhou para ela e depois para

Beau, preocupado.

“Ela está em choque. Você precisa chamar um médico para ver vocês dois.”

“Eu já disse que estou bem”, Beau reclamou. “É Ari quem precisa de atenção médica. Ela sangrou pelo nariz e pelos ouvidos e depois tomou um tiro. Eu só fiquei com alguns arranhões por causa da batida do carro.”

Zack deu de ombros, com uma expressão de indiferença.

“Onde você quer que eu a coloque?”

Ari não achava que seria possível ficar com mais vergonha do que já estava, mas ter dois homens despreocupadamente discutindo onde “colocá-la”, como se ela fosse um objeto inanimado, a deixou se sentindo ainda mais desamparada e, que droga, ela já estava de saco cheio de se sentir dessa forma. Estava cansada de ser tão dependente dos outros e queria ser autossuficiente. Mas o destino obviamente estava operando contra ela, porque se Ari quisesse ter esperança de ver os pais vivos, sãos e salvos, precisava confiar na promessa de Beau de que ele iria encontrá-los. Ari sabia com certeza que não tinha as habilidades necessárias para rastrear um inimigo desconhecido. Nem mesmo para descobrir por que seus pais haviam sido sequestrados e por que alguém queria tanto ter controle sobre ela a ponto de usar seus pais como moeda de troca.

Será que era por causa de seus poderes? Era a única explicação plausível. Antes da porcaria daquele vídeo viralizar na internet, a vida dela tinha sido tranquila. Ela era bastante protegida, sim, mas finalmente estava abrindo as asinhas.

Seu pai não ficou nada feliz quando ela se recusou a receber o dinheiro dele em sua conta bancária. Ari gentilmente – e com firmeza – lhe disse que era importante se virar sozinha. Ela queria viver como a maioria das outras jovens viviam, com um emprego, uma casa modesta e um carro econômico. Para Ari, isso tudo eram sinais de que ela estava conquistando a independência. Era uma necessidade que queimava dentro dela, uma necessidade que foi crescendo e se desenvolvendo até se tornar uma obsessão. Isso se tornou seu único foco e o objetivo: não correr para os pais por qualquer coisinha e fazer o que a maioria dos outros adultos faziam. Viver dentro do seu orçamento e de suas possiblidades, crescendo devagar na vida, conhecer pessoas normais, paquerar, namorar, ter um relacionamento sem o pai conferindo o passado de qualquer cara que apenas olhava para ela.

E agora tudo o que ela havia lutado tanto para conquistar desapareceu, por causa de um momento de pânico, quando seus instintos de sobrevivência assumiram o controle e o pensamento racional sumiu. Não era só Ari que estava

pagando o preço, mas seus pais também estavam pagando caro por sua falta de juízo. Se morressem por causa do que ela havia feito, Ari não conseguiria suportar, e jamais se perdoaria por ter feito a única coisa que seus pais sempre pediram que ela nunca fizesse. Nunca contar a ninguém. Nunca usar seus poderes. Nunca revelar.

Ela fechou os olhos outra vez, quando sentiu a pontada das lágrimas que não tinham nada a ver com dor física. Zack gentilmente a colocou em um sofá macio e ajeitou almofadas em volta dela, para que Ari não caísse de lado. E ela teria caído, porque estava completamente sem forças e se afundou na maciez do sofá, de olhos fechados e respirando profundamente para não ceder à vontade de cair no choro. Chorar não a ajudaria a encontrar os pais. Eles precisavam que Ari fosse forte, que mantivesse a cabeça no lugar e que fosse atrás deles. Assim como tinham ido atrás dela tantas e tantas vezes, sempre presentes quando ela precisou deles. Agora eles estavam precisando dela e não havia chance de Ari desapontá-los.

"Ari, você está sangrando de novo."

As palavras de Beau, ditas de forma tranquila, trouxeram-na de volta para o momento presente. Ela abriu os olhos e piscou até conseguir se focar no ambiente. Beau e Zack estavam em pé diante do sofá onde ela estava, e o rosto dos dois estava carregado de preocupação. Ari levou a mão ao nariz e sentiu sangue fresco. Franziu a testa, porque não estava usando seus poderes, mas estava se concentrando intensamente nos próprios pensamentos. Pensamentos dolorosos e assustadores.

Zack saiu apressado e Beau se ajoelhou no chão, para seu rosto ficar na mesma altura do rosto dela. Limpou com o dedo o sangue que escorria do nariz dela e depois esfregou a mão em sua calça jeans.

"Você precisa acalmar os pensamentos", ele disse. "Pense em uma boa lembrança ou imagem e se concentre nela. Tente esvaziar a cabeça de todo o resto."

Zack voltou com uma toalha úmida e Beau a pegou, limpando com cuidado o sangue fresco e o restante que já estava seco nos ouvidos e no pescoço dela, partes que ele deixou de limpar na pressa para ver se Ari tinha ferimentos, no caminho até ali. Ari olhou inquieta para Zack, constrangida por ele testemunhá-la em um momento de tanta fraqueza. Já era ruim o bastante ter Beau vendo-a naquela situação.

"Fiz uma ligação rápida para Caleb, e ele vai mandar o médico para cá", Zack comentou, como se tivesse percebido o desconforto de Ari. "Talvez seja

melhor colocá-la em um dos quartos e deixá-la descansar até ele chegar. Assim ele pode examiná-la com privacidade.”

Beau levantou-se devagar, e apesar de ele insistir que não tinha se machucado, Ari conseguiu perceber que no mínimo ele tinha sofrido alguns hematomas e estava dolorido. Quando estendeu a mão para baixo, obviamente para pegá-la, ela o impediu com a mão.

“Eu consigo me levantar”, Ari disse em voz baixa. “Estou um pouco trêmula, mas se me ajudar com seu braço, consigo andar sem problemas.”

Beau apertou os lábios em desaprovação, mas ele não retrucou nem insistiu. Em vez disso, colocou sua mão sob o cotovelo de Ari e a ajudou a se levantar. Ela bambeou levemente e ficou parada por um tempo, apertando o braço de Beau com os dedos até se estabilizar. Então deu um passo hesitante à frente, com Beau ao seu lado. Ari levou automaticamente a mão ao ombro de Beau, para se apoiar melhor, e ele por sua vez, tirou a mão sob o cotovelo dela e a pegou pela cintura, com cuidado para não tocar no local onde ela havia levado o tiro. Beau firmou o braço sob o ombro de Ari e olhou para ela.

“Está tudo bem?”

Ela assentiu e então deu mais um passo, dessa vez com menos hesitação, porque sabia que Beau não iria deixá-la cair. Relaxou nos braços dele, e se inclinou junto ao corpo de Beau enquanto eles lentamente saíam da sala de estar e caminhavam até um quarto, ao fim de um longo corredor. Assim que entraram no quarto, Beau a ajudou a chegar até a cama e então pediu que ela se apoiasse na cabeceira, enquanto ele puxava as cobertas e ajeitava os travesseiros para proteger-lhe a cabeça.

“Você vai se machucar ainda mais se tentar subir na cama”, ele disse ríspido.

Sem esperar resposta, Beau simplesmente a carregou nos braços, e Ari instintivamente o segurou pelo pescoço, sentindo os músculos de Beau enquanto ele a baixava no colchão macio. Ela imediatamente suspirou, fechando os olhos enquanto sentia o prazer e o conforto que a cama trazia a seu corpo maltratado.

“Vou limpá-la melhor antes que o médico chegue aqui”, ele disse, saindo em direção ao que Ari presumiu ser o banheiro.

Beau voltou logo em seguida com uma toalha de rosto molhada, gaze e diversas ataduras. Primeiro, ele cuidadosamente voltou sua atenção para onde já tinha limpado, os ouvidos e o nariz, esfregando gentilmente o sangue seco. Em seguida, ele levantou a bainha da camisa dela, que estava com um grande rasgo na parte onde a bala tinha atingido de raspão o tecido e a pele. Felizmente, o ferimento ficava logo abaixo do elástico do sutiã, e ele não precisou removê-lo.

Ari tinha certeza de que suas bochechas estavam pegando fogo e ela ficou olhando para o teto, tentando controlar os pensamentos e dizendo a si mesma para não ficar envergonhada. Não havia diferença entre Beau e o médico que estava vindo para examiná-la. Pelo menos era no que ela tentava acreditar.

Beau grunhiu de leve e Ari abriu os olhos para enxergar o rosto dele em fúria. Estava analisando o ferimento da bala e seus olhos tinham um brilho assassino. Ari estremeceu, incapaz de controlar sua reação à clara fúria dele. Naquele momento ela percebeu que ele seria capaz de agir violentamente se alguém sob sua proteção fosse ameaçado. Ele passou o dedo de leve sobre o machucado na pele dela, ficando mais carrancudo à medida que o examinava.

"Isso nunca deveria ter acontecido", ele falou em voz baixa. "Eu prometi protegê-la e em vez disso deixei você tomar um tiro."

"Não…"

A negação imediata de Ari foi interrompida quando Beau baixou a cabeça e, para a surpresa dela, pressionou a boca carinhosamente no ferimento. Não havia nada de erótico naquele beijo. Foi algo carinhoso, para trazer conforto. *Foi delicado*. Ari olhou para os cabelos escuros dele, sentindo o prazer inundar suas veias e substituir a dor que estava tão em evidência momentos atrás. Um gesto tão simples e ainda assim capaz de deixá-la com o peito apertado, sentindo as emoções se acumularem na garganta. O roçar dos lábios de Beau em sua pele foi como tocar as asas de uma borboleta, algo suave e infinitamente gentil. Um contraste e tanto com o caldeirão borbulhante de raiva que ele parecia ser, apenas alguns momentos antes. Ari ficou deitada ali, segurando a respiração, com medo de se mexer, sem querer quebrar a magia que havia no ar. Os dois estavam envoltos em um momento de intimidade e o tempo parecia ter parado. Tudo em volta tinha sumido e só havia Ari e Beau, com os lábios pressionados carinhosamente contra a pele dela.

Tão abruptamente quanto tinha baixado para beijar o machucado, Beau se levantou, com arrependimento e vergonha no olhar. Ficou em pé e jogou a toalha de rosto no chão, a alguns metros de distância. Sem olhar para Ari, ele se virou e caminhou em direção à porta.

"O médico vai estar aqui em breve", disse com rispidez. "Descanse até ele chegar."

TREZE

O humor de Beau tinha mudado e ele estava profundamente arrependido por se aproveitar de Ari em um momento totalmente vulnerável. Que diabos ele estava pensando quando a beijou? Não importava o fato de não ter sido um beijo apaixonado nem que ele a tivesse beijado na boca. De alguma forma, ter tocado o ferimento dela com os lábios, como se aquilo pudesse ajudá-la a se curar, parecia algo muito mais íntimo do que se ele a *tivesse* beijado nos lábios. Que arrogante e babaca da parte dele achar que tinha o poder de fazer a dor dela desaparecer, mesmo que isso fosse exatamente o que ele *queria*. Beau meneava a cabeça ao voltar para a sala de estar, onde Zack o aguardava.

"Você tem um plano?", Zack perguntou, dissipando os pensamentos dele e concentrando-os totalmente na situação do momento. Pelo menos um dos dois pensava com clareza, porque Beau ainda estava reprisando diversas vezes em sua mente o momento que ele teve com Ari, a ponto de deixá-lo maluco. Pois o que ele mais queria mesmo era voltar correndo para aquele quarto, para Ari não ficar sozinha. Tinha sido um idiota por ter agido de forma grosseira e a deixado ali apenas porque estava aborrecido com a própria falta de autocontrole. Beau queria abraçá-la e apenas reconfortá-la. Isso era exatamente o que Ari estava precisando depois de seu mundo ter virado de cabeça para baixo e ela ficar apavorada pela possibilidade de seus pais estarem mortos ou terrivelmente feridos. Tudo por culpa dela. Esse era um fardo que ninguém deveria ter de carregar, especialmente uma mulher tão frágil e vulnerável, que no fundo era incrivelmente corajosa, quer ela percebesse ou não.

Beau sentou-se no sofá, permitindo que seus músculos doloridos descansassem. E então olhou para Zack.

"Não", disse honestamente. "Ela entrou no escritório hoje com uma história inacreditável, e se eu não tivesse testemunhando tudo o que aconteceu depois, em primeira mão, acharia que ela ou era louca ou estava inventando tudo. Mas é tudo verdade. E, depois de ouvir a história dela, é bem provável que seus pais tenham sido raptados como uma forma de manipular Ari, para fazê-la se entregar a alguém, em troca dos pais."

Zack emitiu um som de desprezo.

“Até parece que vão deixar os pais dela saírem intactos depois que puserem as mãos em Ari. Isso não é nada provável.”

“É o que fiquei tentando colocar na cabeça dela, porque no pânico, Ari estava pronta para sair sem pensar direito e ir se entregar a eles para ter os pais de volta. Precisei explicar a ela que não liberariam os pais assim que tivessem conseguido o que queriam. E se eles realmente estão mantendo os pais dela vivos, é apenas para que possam controlar Ari e ameaçar feri-los caso ela não concorde com o que quer que eles pensem em fazer com ela.”

“Parece que esse deve ser nosso ponto de partida”, Zack disse. “Nós precisamos checar o histórico da vida deles, começando com os pais dela e com qualquer inimigo potencial que o pai dela tenha. A menos que haja uma ameaça, um homem *não* faz todo esse esforço para garantir a segurança da família, ou para mantê-la afastada da vida pública. Talvez a gente dê sorte e haja alguém no passado de Ari ou do pai, que nos dê uma pista de quem está atrás dela agora. E por quê.”

“Até consigo imaginar bem o porquê”, Beau murmurou. “Depois que aquela porcaria de vídeo se espalhou, vai haver um monte de loucos por aí que conseguem ver utilidade em controlar Ari – e os poderes dela.”

“Mas nenhum louco costuma ter os recursos que esses caras obviamente têm”, Zack retrucou. “E eu duvido que a equipe de segurança do pai dela – homens em quem ele claramente confiava a vida da mulher e da filha – iria entregá-los em troca de uma merreca. Isso provavelmente já vem sendo planejado com muita antecedência, e do jeito que o pai dela era cuidadoso, pode ter levado anos até colocarem os homens certos lá dentro. Isso indica para mim que o vídeo não tem nada a ver com essa ameaça em particular, o que torna ainda mais importante fuçar na vida do pai, tanto na vida pessoal como nos negócios, porque isso parece um ataque cuidadosamente planejado. Ninguém prepara algo assim de improviso. Foi oportuno demais, foi profissional demais. O vídeo pode simplesmente ter acelerado os planos deles para chegarem até Ari.”

“O que significa que alguém sabia dos poderes dela antes que ela fosse obrigada a se defender dos moleques, e o vídeo se espalhasse.”

“Exatamente”, Zack disse com uma voz sombria.

Beau passou a mão nos cabelos.

“Precisamos de informação e precisamos disso para ontem. Ari não vai cooperar por muito tempo. Ela está desesperada para encontrar os pais e não se

importa de se entregar, mesmo que isso seja exatamente a última coisa que ela deva fazer, e caso faça isso, vai perder qualquer vantagem ou poder de negociação que possa ter.”

Zack assentiu, concordando.

“Você vai precisar acalmá-la, Beau. E tem de mantê-la sob rédeas curtas. Não vamos conseguir fazer nosso trabalho se a cada passo estivermos preocupados com a segurança dela.”

“Nem me fale”, Beau murmurou.

Ele esfregou as mãos no rosto, subitamente sentindo-se cansado, depois de tudo o que aconteceu naquele dia. Atiraram nele, jogaram-no para fora da estrada, atiraram nele de novo. Ari levou um tiro por ele. Ari usou seus poderes para protegê-lo. Beau nunca tinha se sentido tão inútil em toda a sua vida. Mesmo quando Caleb estava completamente focado em proteger Ramie e a família – especialmente Tori, que ainda era frágil e estava lidando com os pesadelos depois de seu sequestro –, Beau sempre manteve a mão firme, ajudando o irmão a passar pelo inimaginável.

No entanto, uma pequena mulher, tão vulnerável e… boa… o deixou abalado e inseguro. E ela era uma boa pessoa no fundo da alma. Beau tinha um instinto infalível para discernir o caráter das pessoas e isso era evidente não só para ele, mas para todo mundo que entrava em contato com ela. Ari não era a pessoa certa para ele, tampouco merecia alguém como ele, que via o mundo em tons de cinza e não em preto e branco. A linha que separava o certo do errado ficava embaçada quando a questão envolvia as pessoas que importavam para Beau. Ele não se recusava a quebrar as leis quando isso era favorável aos seus propósitos. Pessoas como Ari viam apenas o lado bom do ser humano, e agora de repente ela estava testemunhando um mundo inteiramente novo. Era de partir o coração ver o véu da inocência ser retirado dos olhos dela, sendo substituído pela dor profunda e pela tristeza. No espaço de apenas um dia, a vida toda de Ari e a barreira de proteção cuidadosamente erguida, onde ela sempre tinha vivido, desmoronaram por completo. Era natural que ela estivesse aturdida e agitada, com a mente no mais absoluto caos, e ainda assim ela não desabou diante do primeiro sinal de adversidade. Ela enfrentou os agressores que estavam atrás deles e lançou uma tempestade de fúria sobre eles. O pior de tudo era que Ari provavelmente se sentia culpada por agir para salvar não só a própria vida, mas a dele e a de Brent também.

“Só para você saber, quando liguei para Caleb, ele quis saber que diabos estava acontecendo e está vindo pra cá agora. Sabendo como ele é,

provavelmente vai chegar aqui antes do médico", Zack disse, irônico.

Beau não sabia se ficava aliviado ou irritado por seu irmão mais velho estar se metendo naquela história. Normalmente eles trabalhavam como uma equipe, mas por alguma razão inexplicável, Beau considerava essa missão como dele. Apenas ele, e aqueles que ele escolhesse para a equipe, quase certamente liderada por Zack – e não Dane – iriam trabalhar no caso. Caleb tinha outras preocupações. Tinha terminado a construção da casa que ergueu para Ramie, depois de a antiga ter sofrido danos severos. Tori – por enquanto – estava com Caleb e Ramie, enquanto Beau estava reformando a casa no mesmo terreno. A falha na segurança que tinha levado à destruição da antiga casa foi solucionada de forma permanente, e Beau gostava do isolamento e da segurança do local. Ele compreendia por que Caleb gostaria de iniciar a vida com a esposa em uma casa nova, longe do lugar que tinha trazido tanta dor para eles.

Pela primeira vez desde a morte dos pais, os irmãos Devereaux estavam separados e não viviam mais sob o mesmo teto, onde poderiam garantir a proteção da irmã caçula. Tori estava segura com Caleb. Beau tinha escolhido permanecer ali, na casa reformada depois de ter quase sido completamente destruída, enquanto Quinn foi morar em um apartamento de luxo perto da sede da DSS, no centro de Houston.

Naquele momento, a porta da frente se abriu e Caleb entrou, sem demonstrar nenhuma emoção no rosto, mas com a preocupação refletida em seus olhos azuis. Para a surpresa de Beau, que fechou a cara, Ramie veio acompanhá-lo. Será que deixaram Tori sozinha? A dúvida no rosto dele devia estar óbvia, porque Caleb respondeu imediatamente:

"Dane e Eliza estão com Tori", disparou. "Estou mais preocupado com o que aconteceu hoje. Por que você não me deixou a par de tudo, desde o começo?"

"Ari veio até mim", Beau explicou. "Ela foi ao escritório, completamente apavorada. O pai dela disse que, se ela estivesse com problemas, deveria procurar ou você ou a mim. Era eu quem estava lá, então ela falou comigo. Não vi razão para incomodá-lo quando eu tinha tudo sob controle."

Caleb levantou uma sobrancelha.

"Não considero ter tudo sob controle. Levar um tiro, ser jogado para fora da estrada, ter destruído três carros e mal ter conseguido escapar com vida."

"Eu cuidei de tudo", Beau disse entredentes.

"O que aconteceu, Beau?", Ramie perguntou calmamente, ao sentar-se no sofá ao lado dele.

Beau notou que ela tomava o cuidado de não o tocar, o que era bom, porque

Ramie seria instantaneamente inundada pela fúria e pelos pensamentos sombrios dele, e isso era a última coisa que ele queria para a cunhada. Ela já havia passado por violência e maldade demais em sua curta vida. Beau iria se odiar se causasse mais dor a ela.

Naquele instante, a campainha tocou. Era alguém que pedia passagem pelo portão de segurança na entrada da longa e sinuosa pista de acesso até a propriedade. Zack foi até o interfone depressa e conversou brevemente com o médico, ao mesmo tempo em que analisava as imagens da câmera com cuidado para certificar-se de que fosse o único ocupante do veículo. Ele permitiu a entrada do carro, e Beau ficou em pé, relutante em ter aquele tipo de conversa com o irmão antes de ter a certeza de que Ari estava bem.

"Zack pode lhe contar tudo o que sabemos", Beau disse. Ele olhou para o irmão mais velho e o encarou com intensidade, sem desviar o olhar nem por um instante. "Mas, Caleb, esta missão é minha. Zack vai trabalhar comigo e ele vai montar a equipe."

Caleb arregalou os olhos de surpresa.

"Dane é o chefe de segurança, ele não deveria tomar essa decisão?"

"Eu pago o salário do Dane", Beau retrucou com impaciência. "Ele tem um trabalho em andamento e não vou chamá-lo só para isso. Não quando Zack e eu somos perfeitamente capazes de cuidar dessa situação."

Caleb fechou ainda mais o rosto e olhou para Zack, obviamente impaciente para escutar o relatório do que estava envolvido naquele caso.

A porta se abriu e o médico, um antigo amigo da família, entrou na sala de estar, carregando duas maletas. Beau foi recebê-lo, ignorando os outros enquanto o levava até o quarto de Ari.

Ele bateu de leve à porta para alertar Ari, para que ela não se assustasse quando ele entrasse no quarto com um total estranho. Mas Beau não deveria ter se preocupado. Quando abriu a porta com cuidado, encontrou Ari curvada em posição fetal, deitada sobre o lado que não estava machucado, e ficou tocado pela cena que viu.

Mesmo dormindo, seu rosto estava marcado pelo medo e pelo cansaço, como se os sonhos dela a estivessem levando direto ao inferno. A testa de Ari estava franzida e enrugada, como se estivesse sentindo dor, e Beau soltou um palavrão quando viu o sangue gotejar lentamente do nariz dela. Ele foi até a cama, sentou-se na beirada, estendeu o braço para tirar os cabelos da testa dela e acariciou gentilmente as marcas de expressão para aliviar a testa franzida. Confusa, Ari começou a se mexer e a abrir os olhos, que ainda estavam inchados pelo

cansaço.

“Beau?”

“Sim, querida, sou eu. Desculpe acordá-la, mas você está sangrando de novo e o médico está aqui para vê-la.”

Ari tocou timidamente o nariz, mas antes que ela pudesse limpar o sangue, Beau segurou os dedos dela e pegou a toalha de rosto que ele tinha jogado no chão antes. Cuidadosamente, ele limpou o sangue e depois se virou, para que Ari pudesse ver o médico parado a poucos metros dali. A pulsação dela disparou. Beau conseguiu notar a súbita mudança nos batimentos cardíacos, com a mão que ele colocou no pescoço dela.

“Está tudo bem”, ele disse, tentando acalmá-la. “Você pode confiar nele.”

“Mas estou bem”, Ari reclamou. “Não preciso de um médico.”

Doutor Carey adiantou-se em seu estilo rápido e sem enrolação, e colocou as maletas na cama, na frente de Beau.

“Por que você não deixa que eu decida isso, minha jovem?”, ele disse gentilmente e depois olhou de lado para Beau. “Você prefere sair enquanto eu a examino?”

A respiração de Ari imediatamente acelerou e ela olhou em pânico para Beau, como se ele fosse uma boia salva-vidas.

“Vou ficar”, ele respondeu com firmeza.

Ari relaxou e se afundou na cama, fechando os olhos brevemente enquanto se posicionava de forma mais confortável nos travesseiros.

“Minha cabeça está doendo”, ela admitiu. “Muito mais do que o corpo. O ferimento da bala só arde um pouco, mas minha cabeça está me *matando*.”

Beau olhou para o médico, preocupado.

“Ela teve um sangramento psíquico bastante sério. Estava sangrando muito pelos ouvidos e pelo nariz. Estou preocupado que Ari possa ter sofrido alguma hemorragia cerebral ou alguma lesão permanente.”

Ari ia reclamar na mesma hora, mas manteve a boca fechada, olhando desesperada para Beau, como se não pudesse acreditar que ele tivesse sido capaz de trair a confiança dela. Beau na mesma hora levou a mão ao rosto de Ari, de forma carinhosa.

“Não é nada que ele nunca tenha visto. Você pode confiar nele, Ari. Eu nunca colocaria você em risco se não tivesse certeza de que ele é absolutamente confiável e que podemos contar com a mais completa discrição neste assunto.”

O médico ficou preocupado.

“Isso de fato parece sério e é evidência de grande esforço do seu cérebro. Eu

gostaria de fazer uma tomografia só para termos certeza de que não há sangramento ou que não está sangrando mais. Se não cuidarmos disso, sua vida pode ficar em risco. Mas primeiro vamos ver esse ferimento de bala e então decidiremos o que fazer com sua cabeça."

O jeito rápido e eficiente do médico pareceu acalmar um pouco Ari e ela não reclamou quando Beau cuidadosamente levantou a camisa rasgada dela para mostrar o corte de cinco centímetros na lateral do corpo. O médico franziu a testa e mexeu gentilmente no ferimento, examinando a profundidade do corte.

"Isso precisa de pontos. Posso fazer aqui, mas como disse, eu me sentiria melhor se pudesse levá-la à minha clínica para fazer uma tomografia da cabeça. Dessa forma saberemos exatamente o que está acontecendo. Isso não vai demorar. Seu caso será prioridade e irei garantir que não sejam feitos registros médicos, assim nada vai indicar que você foi uma paciente em minha clínica."

Ari olhou para Beau, buscando a orientação dele. Ele balançou a cabeça para concordar com o médico.

"Você precisa ser examinada", Beau disse com firmeza. "Se quer ajudar seus pais, precisamos que você esteja cem por cento boa, e quanto a isso não há discussão. Então ou você concorda em ir de boa vontade, ou eu mesmo vou te arrastando até lá."

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios dela.

"Alguém já falou o quanto você é mandão?"

O sorriso no rosto de Beau era tão discreto quanto o dela, mas era um esforço para dar a Ari um mínimo de tranquilidade, já que ele percebia que ela estava no limite.

"Sim… Já me falaram isso uma ou duas vezes."

"Então, está bem, já que você não me deixa escolha. Pelo menos posso ir vestida com uma roupa que não esteja rasgada e ensanguentada? Estou horrível e não quero chamar mais atenção do que o necessário."

"Ainda tenho algumas das roupas da Tori aqui", Beau disse. "Vou pegar algo para você vestir e depois vamos sair imediatamente. Não vou descansar enquanto não tiver a certeza de que você está bem, Ari. Você vem em primeiro lugar. Depois vamos atrás dos desgraçados que pegaram seus pais."

CATORZE

Apesar da ameaça de fazê-la ir voluntariamente ou arrastada, Beau insistiu em carregar Ari para fora do quarto e de nada adiantaram as reclamações dela. Ele simplesmente a pegou nos braços e saiu caminhando depressa, ignorando as afirmações dela de que tinha certeza de poder caminhar. Assim que chegou à sala de estar e Ari viu mais pessoas reunidas ali, ela sentiu o rosto ficar ruborizado. Estava envergonhada por Beau carregá-la feito uma inválida, mas ele insistiu, afirmando que não queria que ela passasse por mais nenhum tipo de estresse até terem certeza da extensão dos ferimentos dela.

Ari baixou o rosto, incapaz de aguentar ser analisada por um homem taciturno, que se parecia com Beau. Ela presumiu que devia ser Caleb, o outro Devereaux que seu pai lhe disse para procurar. Naquele instante, sob o olhar penetrante e inquisidor dele, Ari ficou aliviada por ser Beau quem estava no escritório e não Caleb. Beau certamente tinha um jeito intimidador, e no começo ela havia ficado extremamente nervosa e amedrontada com ele. Quase tinha mudado de ideia e saído do escritório. Mas apesar de seu jeito rude, Beau tinha sido sempre gentil e delicado com ela. Já Caleb, por outro lado, parecia cruel e implacável, enquanto olhava para Ari de maneira quase repreensiva, como se não tivesse gostado de ver sua família invadida por ela.

Havia uma jovem mulher sentada ao lado de Caleb no sofá, e Ari novamente presumiu que ela deveria ser Ramie St. Claire. Ou, melhor, Ramie *Devereaux*, já que agora ela estava casada com Caleb. A intimidade que havia entre os dois saltava demais aos olhos para que ela fosse apenas uma colega de trabalho. Os dois estavam com as mãos entrelaçadas, e Caleb acariciava o dedo dela distraidamente com o polegar.

Ramie apareceu e sumiu da mídia ao longo dos anos e Ari acompanhava as notícias, normalmente pesquisando a fundo as histórias que envolviam Ramie, indo além da notinha solta e das manchetes sensacionalistas, porque ficava fascinada com o que ela considerava ser um espírito bastante gentil. O que era bobagem, já que ela nem mesmo conhecia a mulher. Mas em um mundo onde poderes psíquicos supostamente não existiam, Ari sentia um certo conforto em

saber que ela não era uma aberração – ou pelo menos não era a *única* aberração. Havia outras pessoas por aí que também compartilhavam tais dons bizarros, mesmo que se manifestassem de forma diferente.

Ari olhava para Ramie com os olhos semicerrados, porque não queria que os outros a vissem encarando Ramie abertamente. Ela precisou morder os lábios para não implorar àquela mulher que a ajudasse a encontrar seus pais. Ramie tinha um histórico de cem por cento de sucesso na localização de vítimas de sequestro, embora por duas vezes os sequestradores tivessem conseguido fugir da polícia, ao menos até o ano passado, quando um deles finalmente foi morto em uma ação conjunta da polícia de Houston com a Devereaux Security.

Ela estremeceu inconscientemente, sentindo o medo percorrer sua espinha com a *ideia* de alguém ir atrás do *assassino* de seus pais. Ari fechou os olhos e se aconchegou melhor em Beau, buscando conforto na força dele, porque ela não podia – nem iria – se permitir pensar na possibilidade de seus pais estarem mortos. Ela se apegou com firmeza às garantias de Beau – à promessa dele – de encontrar seus pais e trazê-los de volta em segurança. Era só o que Ari tinha em um mundo onde tudo mais era incerto. Ela precisava acreditar em *algo*, ou então ficaria maluca ao se torturar com as possibilidades terríveis que lhe vinham à mente toda vez que pensava em seus pais em algum lugar presos e passando por só Deus sabia o quê. Em seus piores pesadelos, Ari imaginava a mãe sozinha, separada do marido, apavorada e sem saber se ele estava vivo ou morto.

Beau segurou Ari com mais força, baixando a cabeça na altura da dela, como se tivesse percebido o rumo errado dos seus pensamentos e estivesse tentando protegê-la com um pequeno gesto, mas bem-vindo.

“Eu agradeceria se você e Ramie ficassem aqui até nós voltarmos”, Beau disse para o irmão. “Temos muita coisa para conversar, mas primeiro quero ter certeza de que Ari está bem e que não está com hemorragia cerebral.”

Ramie arregalou os olhos e olhou primeiro para o marido, depois para Beau, com a pergunta implícita em seu rosto.

“Sangramento psíquico, dos pesados”, Beau comentou lacônico. “Muito pior que o que você e Caleb tiveram no passado.”

Ari franziu a testa, confusa. Será que Caleb também possuía habilidades sensitivas? Será que era uma coisa que corria na família Devereaux e era por isso que seu pai sabia tanto sobre eles?

O rosto de Ramie imediatamente ficou carregado de preocupação, mas ela permaneceu em silêncio, ainda analisando Ari, que estava firmemente aninhada nos braços de Beau. Ramie parecia estar mais interessada no fato de Beau a estar

carregando, o que deixava Ari ainda mais constrangida. Ela cravou os dedos no peito de Beau, num pedido silencioso para que fossem logo.

Beau simplesmente se virou e caminhou na direção do hall de entrada. O médico foi na frente às pressas para abrir a porta e, quando Beau chegou lá, parou brevemente e virou a cabeça para olhar por cima do ombro, ficando de perfil para Ari, mostrando sua mandíbula firme e forte. Seus dentes pareciam cerrados, de determinação ou de preocupação. Talvez uma combinação de ambos.

“Comece a pesquisar, Zack. Precisamos de toda a informação que conseguirmos para ontem. Estarei de volta assim que puder, a menos que Ari precise ser internada.”

“Já estou nisso”, Zack disse.

Ari emitiu um ruído abafado de reclamação enquanto Beau caminhava rapidamente até um veículo que os aguardava.

“Não preciso de um hospital”, ela insistiu enquanto ele a colocava no banco de trás. “O que preciso é encontrar meus pais. *Essa* deveria ser nossa prioridade.”

“*Você* vem em primeiro lugar”, Beau afirmou em um tom que não dava margem para discussões. “Sem você, não temos nenhuma moeda de troca, nem vantagem alguma, e então pode dizer adeus a seus pais. Porque se você morrer, as pessoas que os sequestraram não vão mais ter motivos para mantê-los vivos. Você precisa entender isso. Sei que é difícil, mas precisa encarar os fatos. Você é *importante*, Ari, e dizer que *não é*, só serve para me irritar. Não vou deixar você trocar sua vida pela dos seus pais. Ponto. E com certeza não vou te deixar fazer nada imprudente, impensado ou precipitado. Você me procurou pedindo minha ajuda, então vamos fazer as coisas do meu jeito. Entendido?”

Ari sentiu a raiva e a impotência fervilharem dentro de si, o que a deixou irritada e fez sua pulsação disparar. A respiração ficou acelerada e pesada, enquanto ela tentava controlar a fúria esmagadora que sentiu ao ouvir as palavras agressivas de Beau e a opinião dele sobre as duas pessoas mais importantes da sua vida.

“Mas que droga”, Beau reclamou. “Você está sangrando de novo. Ari, você precisa controlar seus pensamentos e se acalmar. Pode ficar brava comigo o quanto quiser, mas vou mantê-la viva e com saúde, e também vou trazer seus pais de volta. Você precisa parar de brigar comigo e começar a *acreditar* no que lhe prometi.”

Ari limpou o nariz com as costas da mão, e acabou espalhando sangue no

rosto quando fez isso. A cabeça latejava, e a dor, que já era quase insuportável, estava aumentando. Ela fechou os olhos e pressionou as têmporas com as mãos. Beau xingou novamente, com raiva, mas limpou o sangue no rosto de Ari com um toque incrivelmente gentil, em contraste com seu humor azedo e sua fúria.

“Deite-se e tente ficar confortável. Vou pedir para o doutor Carey lhe dar um analgésico quando chegarmos à clínica.”

Ari assentiu, e o leve movimento que fez com a cabeça lançou pontadas de dor que estilhaçavam seu crânio. Talvez realmente precisasse de socorro médico. Isso tudo era novidade e Ari não tinha ideia se era uma consequência normal de usar seus poderes ou não, já que nunca os *havia testado* antes.

“Estou com dor”, ela disse em voz baixa, colocando nessas três palavras uma carga emocional que já não conseguia segurar.

Beau segurou o rosto de Ari com muito cuidado e se inclinou, pressionando sua testa contra a dela. Assim como o beijo que ele tinha dado antes no ferimento dela, esse gesto também não tinha nada de sexual e, no entanto, foi bastante íntimo, pungente. Com aqueles dois toques, o beijo e agora simplesmente descansando a testa na dela, com a respiração dos dois se misturando, Ari sentiu o peito apertar de emoção e quase chorou com a consideração e o respeito que havia em cada toque e cada ação de Beau.

“Eu sei, querida”, Beau, respondeu em voz baixa. “Não consigo nem imaginar a dor que você deve estar sentindo agora, nem o quanto deve estar exausta, preocupada e triste. Mas faça isso por mim: cuide de você primeiro, está bem? Deixe o doutor Carey pelo menos aliviar sua dor física. A dor emocional vai ser mais difícil de suportar, mas você é forte, Ari. E tem a mim. De agora em diante, pode me considerar sua sombra constante. Você nunca vai sair da minha vista a menos que eu tenha homens da mais absoluta confiança perto de você. Você *não* está sozinha e irá *superar* isso.”

Os olhos de Ari se encheram de lágrimas e ela piscou rapidamente, embora o menor movimento que fizesse lhe causasse pontadas de dor na cabeça, que reverberavam diversas vezes em sua mente despedaçada. Tomada pela emoção e incapaz de expressar em palavras o que sentia no coração, Ari pegou as mãos de Beau, que estavam segurando seu rosto, e as puxou para o peito, para que ele sentisse a batida de seu coração. Assim Beau iria saber o efeito que sua promessa solene causava nela.

Ele surpreendeu Ari roçando os lábios, como se fossem a ponta macia de uma pena, sobre a testa dela e depois recuou com um movimento rápido e abrupto, como se tivesse se dado conta do que estava acontecendo naquele

momento. Ele franziu a testa, mas depois pareceu se esforçar para controlar sua expressão. No entanto, Ari acabou sentindo-se rejeitada por ele, de certa forma. Ela virou o rosto, assim como Beau, para que ele não visse em seu olhar que ela estava machucada, e Ari tinha certeza de que estava evidente. Seus pais sempre lhe disseram que os olhos refletiam todas as emoções dela, todos os pensamentos. Dando risada, eles falavam que ela era completamente transparente, e que era bom o fato de ser uma pessoa honesta por natureza, porque era impossível para ela contar uma mentira sem ser pega. Ari suspirou, e a sensação boa que tinha no peito se transformou em uma dor branda quando ela se deitou sobre o lado não machucado do corpo no banco de trás da SUV. Preocupada, levantou a cabeça quando a porta se abriu e mãos gentis cuidadosamente seguraram sua cabeça e colocaram um travesseiro sob o pescoço, para que ela não ficasse deitada desconfortavelmente.

Quente e frio. Beau Devereaux era um enigma que Ari não conseguia decifrar, e que também não tinha certeza se queria tentar. Em um minuto ele era extremamente carinhoso, zeloso e *exigente* em relação aos cuidados com ela e seu bem-estar. No minuto seguinte ele era tenso, distante e parecia até mesmo arrependido de tocá-la. Ari estava física e mentalmente exausta, esgotada demais para compreender o mistério da personalidade dupla de Beau. Ela fechou os olhos, pensando em algo bom e reconfortante, qualquer coisa que pudesse aliviar a dor aguda na cabeça, o ruído surdo que tinha nos ouvidos e também o medo e a preocupação constantes com sua família.

De repente, Ari se deu conta de que, sem seus pais, ela estava completamente sozinha no mundo. Seus pais tinham perdido os próprios pais quando eram relativamente jovens. Sua mãe estava ainda na faculdade quando conheceu seu pai. Ele era dez anos mais velho e já tinha conseguido acumular uma fortuna quando engatou um romance com sua mãe, que mais parecia história de cinema, resultando em casamento poucos meses depois. Ari não tinha avós, nem tias, tios ou primos. Simplesmente não havia ninguém além dela, sua mãe e seu pai. Era por isso que eram tão próximos. Seu pai sempre dizia que a família era tudo o que ele poderia querer, era muito mais do que ele poderia esperar, e que considerava a esposa e a filha os dois presentes mais preciosos em sua vida.

Ari fechou os olhos com ainda mais força ao sentir a tristeza tomar conta dela, mas imediatamente se reprimiu por causa da sensação de perda que se abateu sobre ela. Não iria perder as esperanças. A esperança era tudo o que Ari tinha e, se abrisse mão disso, estaria verdadeiramente perdida. Ela se apegou com firmeza à promessa que Beau lhe fez mais de uma vez. Seu pai o escolheu e

para um homem que não confiava em ninguém, deveria significar algo entregar a vida da própria filha aos Devereaux. Será que ele sabia que Ramie tinha poderes sensitivos? Era por isso que ele tinha certeza de que Ari seria bem recebida por Beau ou Caleb? Não… Ramie e Caleb não estavam juntos tanto tempo assim. E o pai de Ari tinha conversado sobre isso havia três anos, quando ela se formou na faculdade um ano antes do previsto.

Os lábios de Ari estavam cerrados de preocupação, embora seus olhos continuassem fechados. Qual era a conexão de seu pai com os Devereaux? Beau não parecia conhecer Gavin e, se Caleb o conhecia, não demonstrou de modo algum, tampouco olhou para ela com algum tipo de carinho, como seria o caso se fosse amigo ou conhecido de seu pai. A menos que não gostasse de Gavin, mas não, isso também não fazia sentido, porque seu pai jamais confiaria a segurança de Ari a outro homem se houvesse alguma discordância entre eles.

Ela suspirou, e sua cabeça doeu ainda mais enquanto tentava organizar seus pensamentos caóticos. Uma gota quente escorreu sobre seus lábios e ela imediatamente levou a mão para limpar o sangue, na esperança de que Beau não visse aquilo. Ari abriu os olhos apenas para ver, para sua surpresa, que Beau estava no banco do passageiro, enquanto o doutor Carey dirigia a SUV. Beau estava olhando diretamente para ela, com a cara fechada de preocupação.

“Que diabos você está remoendo desta vez?”, ele perguntou, embora tivesse falado em voz baixa, talvez por respeito à enxaqueca dela.

“Eu estava tentando entender tudo isso”, Ari murmurou, passando a manga da camiseta fina mais uma vez sobre o nariz, para tirar o resto do sangue.

De nada adiantou trocar a roupa por uma que não estava ensanguentada, em uma tentativa de não chamar atenção para si.

“Deixe que *eu* faço isso”, Beau disse com uma voz firme, encarando Ari com um olhar penetrante, como se quisesse que ela concordasse com sua ordem tácita para deixar quieto.

Mas como ela poderia “deixar quieto”? Como ela poderia simplesmente ficar sem fazer nada, escondida, enquanto outra pessoa – um estranho – liderava a busca por seus pais? E por que não estavam ligando para a polícia? Havia perguntas demais sem resposta. Perguntas que ela mesmo reconhecia, não chegou a fazer a Beau por não ter tido tempo. Tudo tinha acontecido muito rapidamente. Depois que ela visitou o escritório dele, tudo se transformou em um inferno, literalmente. Não tiveram um único momento para sentar e focar na questão dos pais desaparecidos. Beau não teve a oportunidade de fazer perguntas a ela ou mesmo de averiguar fatos simples, como o nome dos seus pais,

endereço, algo sobre o passado e o histórico de vida deles. O que parecia ser uma eternidade para Ari era na verdade algumas poucas horas. Além disso, menos de 24 horas tinham se passado desde o desaparecimento de seus pais. Meu Deus, isso aconteceu só ontem? Ari automaticamente olhou para o pulso, onde seu relógio – um presente de sua mãe – sempre esteve, mas agora tinha sumido e Ari nem sabia quando, onde ou como seu relógio havia sido arrancado do pulso.

"Que horas são?", perguntou com fraqueza, olhando para Beau com dúvida no rosto.

A cara de Beau ficou ainda mais fechada, e sua expressão era claramente questionadora, como se estivesse pensando na pergunta dela. E talvez fosse mesmo uma pergunta ridícula quando havia tanta coisa mais importante em jogo. Mas, para Ari, uma vida inteira havia se passado e, subitamente se tornou uma questão de vida ou morte saber quanto tempo havia se passado desde que ela viu os pais pela última vez.

"São quase três horas", Beau disse com uma voz gentil, como se estivesse falando com um idiota ou com alguém prestes a pular de uma ponte, quando qualquer palavra errada seria capaz de fazer essa pessoa decidir saltar.

Meu Deus, seu cérebro estava confuso. Pensar em coisas tão tolas e ridículas, quando a situação dela – de seus pais – era tão grave, parecia… loucura. Talvez ela *estivesse* louca. Talvez simplesmente tivesse desabado, após utilizar seus poderes com todas as forças, depois de passar a vida toda sem usá-los. Talvez isso tivesse causado um curto-circuito em seu cérebro e seus nervos tivessem simplesmente queimado.

Ari ouviu um ruído estranho, e para aumentar ainda mais sua humilhação, percebeu que o som vinha *dela*. *Dando risada*. Uma *risada* trêmula, histérica e estridente, pelo amor de Deus!

Beau desistiu de tentar não parecer preocupado. Ele se virou para o doutor Carey, com uma expressão sombria no rosto e disse:

"Pisa fundo, ela precisa ser atendida *agora.*"

"Eu estou bem", Ari disse com uma voz fraca. "Só acabei de perceber que apesar de parecer uma eternidade, não faz nem 24 horas que vi meus pais pela última vez."

"Você não está bem", Beau disse com um tom de voz que se parecia bastante com um rosnado.

Será que as pessoas realmente rosnavam? Ah, Deus, lá estava ela de novo. Pensamentos ridículos aparecendo do nada em sua mente, parecia até que o

cérebro estava tentando protegê-la, envolvendo-a em uma bolha de pensamentos banais e sem sentido, para que ela não ficasse pensando na terrível realidade da situação em que se encontrava.

Ari levou a mão automaticamente até o nariz para ver se estava sangrando de novo. Beau, claro, sempre percebia tudo, e o olhar dele estava atento procurando também por algum sinal de sangue. Para o alívio de Ari, a mão dela voltou apenas com resquícios de sangue seco, que tinha pingado antes, sem nenhum sinal de sangue fresco. Pena que a dor não tinha reduzido como o sangue. Ari colocou a palma da mão na testa e apertou, em uma tentativa de reduzir a violenta pressão da enxaqueca. O topo da cabeça literalmente parecia estar sendo espremido, como se fosse uma espinha. A impressão era que a qualquer momento iria ceder e explodir.

“Me conte um pouco sobre sua mãe”, Beau disse calmamente. “Ela é tão bonita quanto você?”

Ari olhou atônita para Beau por um momento, até perceber o que ele estava fazendo. Beau a estava distraindo do redemoinho caótico que era sua mente, e estava tentando fazê-la se concentrar em algo bom. E quando Ari absorveu as palavras que ele disse, sentiu o peito aliviar, e um calor reconfortante percorrer o corpo. Um sorriso veio automaticamente, como sempre acontecia quando ela pensava na mãe. Por um breve segundo, a imagem da mãe, sorridente e linda, surgiu em sua mente, trazendo um alívio temporário da dor e da escuridão que pareciam estabelecidas permanentemente nos recantos mais fundos de sua alma.

“Ela é a mulher mais linda do mundo”, Ari sussurrou. “Carinhosa, amorosa, está sempre sorridente e feliz. E a maneira como meu pai olha para ela… como se ela iluminasse o mundo todo dele. E a forma como ela sorri para meu pai quando ele olha daquele jeito para ela… O amor deles é algo que achei que só existisse nas histórias românticas, mas eu vivi a realidade de duas pessoas que se amam de coração e alma, e que me amam também. Incondicionalmente.”

“De quem você puxou esses olhos? Eles têm uma cor tão incomum. Ou melhor, cores incomuns, no plural”, ele acrescentou. “Nunca vi ninguém com olhos como os seus.”

Ari olhou para ele, momentaneamente sem palavras, e então franziu a testa, trazendo à mente a imagem de sua mãe e de seu pai. Olhou intrigada para Beau, porque jamais havia pensado de quem tinham vindo seus olhos ou de quem tinha herdado aquele caleidoscópio incomum de cores.

“De ninguém”, ela disse com sinceridade. “Acho que vieram de um dos meus avós, mas não sei. Eles morreram – meus avós dos dois lados – antes de

meus pais se casarem. E os dois ainda eram crianças quando isso aconteceu. Eles não tinham família. Eram almas gêmeas, como meu pai sempre disse. Duas metades de um todo, sozinhas no mundo até que finalmente se encontraram."

Ari encolheu a cabeça, constrangida, porque aquela frase parecia forçada, quando dita em voz alta por ela e não no tom respeitoso com que seu pai falava da própria esposa. Parecia algo que tinha inventado ou uma tentativa boba de soar poética. Beau a surpreendeu.

"Esse é um sentimento lindo. Pena que mais pessoas não sintam isso em relação a quem escolheram para passar a vida junto. Ou pelo menos uma parcela delas."

Ari não gostou da última parte.

"Você não acredita no amor eterno?"

Beau deu de ombros.

"Acho que nunca encontrei ninguém que me fez *querer* algo eterno."

A resposta prática e nada emotiva não a surpreendeu. Ele era um homem, afinal de contas. Normalmente, eles não pensavam da mesma forma que as mulheres. Ela nem mesmo deveria ter gasto energia se preocupando com a visão prática e direta que ele tinha de relacionamentos. Ari havia aprendido rapidamente que seu pai… bem, ele era uma pessoa diferente, e não era porque era o pai dela ou porque ela o idolatrasse, como se fosse a filhinha querida do papai. Via em seus olhos o quanto ele adorava a esposa, e toda vez que ele a olhava. Ari via como ele era abertamente afetuoso com ela e como era frio e sério com o resto do mundo. Ela nunca tinha percebido como as outras pessoas enxergavam seu pai antes de crescer e conseguir entender a diferença de quando ele estava em casa com suas "garotas", como ele carinhosamente as chamava, e quando estava fora de seu refúgio. Mas ele também não estava nem aí para quem sabia que ele, na verdade, comia na mão da esposa. Embora parecesse que seu pai era quem mandava no relacionamento, Ari sabia com toda a certeza que sua mãe era quem detinha todo o poder, e que tudo o que seu pai fazia era pela esposa. E também por Ari.

"Está se sentindo melhor?"

A preocupação no rosto de Ari desapareceu com a pergunta de Beau, e seus lábios se abriram em um sorriso de agradecimento pela breve recordação de todas as coisas boas em sua vida. E, na verdade, a dor e a pressão na cabeça tinham diminuído. Elas ainda estavam lá, e a dor ainda era bem forte, mas a cabeça de Ari já não parecia mais que iria explodir a qualquer segundo ou que ela fosse uma bomba-relógio prestes a detonar.

“Sim, obrigada”, Ari respondeu com uma voz rouca, cheia de emoção. “Eu estava mesmo precisando desse momento de felicidade. Ele me deu uma bem-vinda injeção de esperança. Porque sem esperança, eu não tenho nada.”

Para a surpresa de Ari, o carro estacionou. Ela nem mesmo percebeu que tinham diminuído a velocidade e entrado no estacionamento de um edifício térreo que levava o nome de uma clínica médica. No entanto, Beau não se moveu de imediato. Ele estava olhando para Ari, e aparentava um ar de completa seriedade e… sinceridade.

“Você tem uma coisa, Ari. E não quero que você jamais esqueça isso. Você tem a mim agora. E você tem à disposição todo o poder e os recursos da DSS.”

Ari prendeu a respiração e nem ouviu as últimas palavras, porque tudo o que tinha registrado em sua mente foi o fato de ele dizer “você tem a mim”. E Ari se perguntou se Beau realmente sabia e compreendia o que uma afirmação como aquela significava para alguém como ela. Alguém que acreditava em milagres e em felizes para sempre, mesmo diante de obstáculos aparentemente intransponíveis. Alguém que era sempre otimista. Ela podia literalmente ouvir a voz de seu pai provocando-a e depois sua mãe dando uma bronca nele por dar a entender que não era bom ser otimista.

E então, Beau abriu a porta do carro, e desta vez Ari não abriu a boca para reclamar quando ele a pegou nos braços e rapidamente caminhou até uma entrada nos fundos onde estava indicado “somente funcionários”. Aparentemente as regras não valiam para homens como Beau. Ari sorria com tristeza ao mesmo tempo em que estremecia com a atmosfera fria que havia na clínica médica. Ela odiava aquele cheiro. O odor estéril de antissépticos e o cheiro sutil de doenças, morte e desolação. Aquele era um lugar onde fatores opostos se misturavam. As pessoas que vinham ali ou recebiam boas notícias ou recebiam notícias péssimas, que iriam mudar suas vidas. Ari não conseguia deixar de ficar triste por aqueles que recebiam as notícias ruins.

Beau a carregou para uma sala onde um aparelho de tomografia ocupava o centro, e ela olhou para aquilo em pânico, porque na prática não passava de um tubo; um tubo fechado onde enfiavam pessoas dentro, para ficarem espremidas.

A respiração de Ari ficou acelerada e ela levou a mão para o nariz, caso aquele pico de estresse causasse outro sangramento. Beau já estava maluco de preocupação com ela e não havia razão para lhe dar ainda mais motivos para enlouquecer.

O médico orientou Beau a deitar Ari na mesa e a posicioná-la corretamente. Depois ele gentilmente afagou o braço dela.

“Você gostaria que Beau ficasse com você? Alguns dos meus pacientes não gostam de espaços fechados e evitam situações claustrofóbicas. Posso colocar uma roupa de proteção nele, o que vai evitar qualquer efeito negativo. Nossa prioridade é garantir o seu conforto e, mais importante, precisamos que você fique relaxada e siga nossas orientações. Você vai conseguir fazer isso?”

“Não… Sim… Quer dizer, eu vou ficar bem”, Ari respondeu rapidamente, embora tudo o que ela quisesse era que Beau ficasse. Mas se recusava a fazê-lo correr mais riscos por sua causa. Já tinham atirado nele, duas vezes, bateram em seu carro e o jogaram para fora da estrada… isso era o bastante e já estava na hora de Ari crescer. Hora de agir como a mulher independente que ela havia se esforçado tanto para ser, desde a formatura na faculdade e quando começou a trabalhar; não que seu pai tivesse ficado feliz com suas escolhas. No entanto, a atitude gentil, mas firme de sua mãe, fez seu pai mudar de ideia e dar à Ari liberdades que ela nunca teve até poucos anos antes.

“Eu aguento isso, estou bem. De verdade. Não quero fazer Beau correr mais nenhum risco. Ele já se arriscou demais por mim hoje.”

“E você morre de medo de espaços fechados”, Beau disse lacônico. “Eu vou ficar.”

Ari olhou para ele espantada.

“Como você sabe disso?”

“Querida, você não viu o seu rosto mostrando pavor e total desconforto assim que olhou para o aparelho de tomografia. Não vou deixá-la sozinha para suportar uma coisa que vai ser como passar pelo inferno. Então nem tente retrucar, porque essa discussão você *não* vai ganhar.”

“Tudo bem”, Ari reclamou. “Mas se você tiver envenenamento por radiação ou qualquer coisa que você pegue dessas máquinas de raio X, vai ser tudo culpa sua e eu me recuso a me sentir culpada se você ficar com câncer e morrer.”

Os lábios de Beau se curvaram em um sorriso.

“Ora, Ari, estou começando a achar que você se importa comigo”, ele provocou.

A expressão no rosto dela era seríssima.

“Eu me importo, Beau. Eu me importo demais. Gostaria de conseguir ser egoísta e fazer o que fosse preciso para trazer meus pais de volta, sem me importar com as consequências para a vida dos outros ou com a segurança deles, mas não sou assim. Eu nunca fui esse tipo de pessoa e também não quero *ficar* assim.”

Já estava virando um hábito cada vez mais frequente Beau pressionar seus

lábios em qualquer lugar, menos na boca de Ari, quase como se estivesse evitando a possibilidade de criar intimidade demais entre ele e uma cliente. No entanto, na cabeça dela, aqueles momentos de carinho tinham um significado muito maior do que se Beau a tivesse beijado, de fato, na boca. Ela fechou os olhos, quando ele lhe deu um breve beijo na testa franzida.

“Está bem, já perdemos tempo demais com discussões que não levam a lugar nenhum. Você precisa colocar a roupa para o exame, e eu também, porque, como disse, estarei ao seu lado o tempo todo. Se você ficar com medo é só me chamar. Eu estarei aqui.”

“Obrigada, Beau. Você sabe disso e eu também sei que você tem feito muito mais do que normalmente faria por um cliente. Então, obrigada. Significa muito para mim ter seu apoio, a sua promessa de encontrar meus pais e também de me proteger daqueles que estão atrás de mim.”

“Você já me agradeceu antes e isso foi mais que o suficiente”, ele disse carinhosamente. “Agora vamos fazer os exames, para que o doutor Carey possa me dar boas notícias sobre o seu estado de saúde.”

QUINZE

Beau abriu a porta de casa com os ombros, carregando com firmeza o corpo inerte de Ari. Conforme ele tinha pedido, Caleb e Ramie ainda estavam lá, sentados na sala de estar - a cunhada parecia dormir, apoiada no ombro do marido, com o rosto parcialmente coberto pelos cabelos.

Beau olhou para Caleb, levantando uma sobrancelha como quem quer saber de algo. Os irmãos sempre foram mestres na arte da comunicação silenciosa. Era como se eles se entendessem tão bem, que um simples olhar pudesse dizer muita coisa ou fazer várias perguntas. Provavelmente era por isso que Caleb estava confuso e até mesmo irritado por Beau não ter falado com ele sobre Ari. Na verdade, dada a velocidade com que a situação de Ari – e o perigo que ela corria – se desenvolveu, Beau nem teve chance de conversar com o irmão.

“Ela está bem…”, Caleb murmurou. “Ficou acordada até tarde ontem à noite. Tori teve um pesadelo e Ramie ficou com ela.”

“Algo que eu precise saber?”, Beau perguntou.

Caleb ficou em silêncio por um momento.

“Ontem, achei que não. Mas agora… Sim, acho que você precisa saber do sonho que ela teve.” Ele desviou o olhar para Ari. “Como ela está?”

“Eu diria que ela não tem a menor tolerância para analgésicos”, Beau comentou irônico. “Ou isso ou ela só está exausta, o que é provável depois de tudo o que aconteceu nas últimas 24 horas. Doutor Carey não encontrou nada na tomografia, mas aplicou uma injeção, porque Ari estava ficando maluca de dor. Ela apagou em menos de cinco minutos. Eu precisei carregá-la até o carro, enquanto esperava pelos resultados da tomografia.”

“Coloque-a na cama então”, Caleb disse em voz baixa. “Temos mesmo que conversar. Zack encontrou muita coisa… E apesar de você não querer Dane e Eliza envolvidos no caso, eu achei bom usarmos a expertise de Eliza em acessar dados que não estão disponíveis ao público. Zack está na sala de segurança, fazendo algumas ligações, mas ele vai saber que você chegou, então imagino que esteja aqui quando você voltar, depois de deixar Ari no quarto.”

Havia algo no tom de voz de Caleb que imediatamente deixou Beau com os

pelos arrepiados e fez sua intuição disparar um alarme interno. A expressão no rosto do irmão era séria e sombria.

Reclamando em voz baixa, Beau virou-se e carregou Ari pelo corredor, mas em vez de colocá-la no quarto de hóspedes, onde ela havia ficado anteriormente, ele foi para a direita, onde ficava o novo quarto principal. Originalmente, a casa era um sobrado, mas depois que uma bomba tinha arrasado o térreo e Beau teve de sair pela janela do andar de cima e escalar o telhado para escapar, ele decidiu por reconstruir uma casa térrea. Ele preferia as rotas de fuga que não envolviam lidar com vários andares.

Beau colocou Ari na própria cama, tentando se convencer de que não queria que ela acordasse sozinha e assustada, e que esse era o único motivo para colocá-la em seu quarto. Mesmo com esse pensamento, ele sabia que estava mentindo na cara dura. Sim… ele dormiria na poltrona reclinável no canto do quarto, olhando para uma enorme TV de tela plana instalada na parede em frente ao pé da cama. Mas a verdade é que ele queria Ari ao seu alcance. Beau fez uma promessa a ela, e talvez estivesse usando isso como desculpa para tê-la em sua cama. De qualquer forma, não iria deixá-la sozinha e desamparada, nem mesmo por um segundo. E isso incluía os momentos em que ela dormia. Beau até a colocou embaixo dos cobertores, ajeitando-os com cuidado para que nada pressionasse o ferimento, agora com pontos e atadura. O médico tornou o procedimento de sutura mais fácil ao dar a Ari uma injeção de analgésico, assim que a tomografia apresentou resultados dentro dos parâmetros normais.

O médico disse que havia uma leve “contusão” em uma área do cérebro cujo nome científico Beau tinha se esquecido. Ele ficou muito aflito com a palavra “contusão” até o médico lhe informar que não havia motivos para se preocupar com aquilo, a menos que ela sofresse “novos traumatismos”. Será que isso significava que, caso Ari sangrasse novamente, a contusão iria piorar? Havia agora mil perguntas que Beau deveria ter feito lá na clínica, mas estava concentrado demais em Ari, focado demais em tentar aliviar a ansiedade que via em seus olhos.

E, bem… depois que Ari recebeu a injeção e rapidamente dormiu, Beau ficou aliviado, porque os olhos dela se fecharam, e ele não veria a dor profunda refletida neles. Ele sabia que Ari teria ao menos uma pausa temporária no sofrimento físico e emocional por que estava passando. Sentindo pena, o médico comentou que jamais tinha visto um paciente apagando de forma tão pesada sob os efeitos de um analgésico administrado por ele, mas também reconheceu que isso facilitou bastante o trabalho de anestesiar a área e suturar. E de fato, ele

levou pouco tempo para finalizar os pontos, prescrever os remédios em nome de Beau e orientá-lo sobre os cuidados com Ari nos próximos dias. Beau não precisava ter recebido *aquelas* orientações porque ele mesmo pretendia garantir que Ari não passasse por estresse nem dor, e se pudesse ajudar, ela também não sofreria com preocupações incessantes. O que significava que ele precisava agir rápido para solucionar o mistério envolvendo o sumiço dos pais dela. Algo no rosto do irmão lhe dizia que talvez ele não tivesse descoberto coisas boas. Se era esse o caso, Beau precisava estar preparado para lidar com Ari com muito cuidado, para não correr o risco de fazê-la sofrer um sangramento psíquico fatal.

Ele ficou ajeitando os cobertores por mais tempo do que o necessário e percebeu que estava apenas adiando o inevitável, relutante em deixá-la, mesmo que fosse só pelo tempo que levaria para ele, seu irmão e Zack conversarem sobre o que haviam descoberto até o momento.

Bufando de desapontamento por sua falta de perspectiva, logo ele que era totalmente desapegado quando se tratava de seus clientes, Beau virou-se e saiu do quarto, tomando o cuidado de deixar a porta entreaberta para que pudesse perceber qualquer movimento de Ari. Ele também ligou o interruptor do sistema de vídeo que mostraria o interior do quarto nos monitores da sala de segurança. Caleb poderia muito bem dizer o que precisava na sala de segurança, assim Beau ficaria de olho em Ari pelos monitores.

Beau voltou para a sala de estar e viu que Ramie tinha acordado e que Zack estava encostado despreocupadamente na parede oposta, com as mãos nos bolsos. Aquela postura dele era enganosa, porque Zack estava sempre preparado, mesmo quando parecia relaxado e confortável. Havia uma cautela constante nas atitudes de Zack que deixavam Beau curioso em relação à sua vida pessoal no passado e aos eventos que o fizeram ter aquela conduta discreta, mas letal, no presente.

“Vamos conversar na sala de segurança, onde eu posso monitorar Ari”, Beau disse lacônico, sem esperar pela resposta dos outros.

Ele se virou e caminhou de volta pelo corredor na direção oposta ao seu quarto, deixando Zack e seu irmão para trás. Depois de digitar o código de segurança de acesso à sala, Beau entrou e sentou em uma cadeira de onde, girando-a, poderia ver e conversar com os outros e também observar o monitor com imagens de seu quarto. A tela ficava à esquerda de onde Caleb e Zack iriam se sentar, ou ficar em pé. Zack entrou na sala, aparentemente despreocupado, embora a expressão em seu rosto fosse sombria e dura. Caleb entrou com Ramie, de mãos dadas. Era raro que Caleb estivesse perto de Ramie sem tocá-la de

alguma maneira. Depois dos eventos torturantes que quase os separaram para sempre, Caleb ainda lutava para se recuperar. Tocar Ramie parecia lhe trazer a garantia de que ela estava bem, viva e inteira. Caleb jamais se esquecia do fato de ter sido *ele* quem quase a matou, e Beau, com certeza, sabia disso.

"Então, quem vai começar a falar? O que nós sabemos?", Beau perguntou sem rodeios.

Caleb passou a mão nos cabelos.

"Antes de prosseguirmos, há algo que você precisa saber sobre o pai de Ari Rochester, Gavin Rochester."

Beau levantou uma sobrancelha e simplesmente esperou, ao mesmo tempo em que observava a infinidade de emoções transparecerem no rosto normalmente controlado e indiferente do irmão.

"Gavin era solteiro na época, mas pelo que tudo indica, conhecia nossos pais."

Beau assentiu, perguntando-se por que Caleb estava dizendo algo óbvio. Por que outra razão o pai de Ari a orientaria a procurar por Caleb ou Beau, quando nenhum dos dois jamais viu Gavin Rochester, e muito menos chegaram a conhecê-lo?

"Ele também foi a última pessoa a ver nossos pais vivos", Caleb disse com um tom de voz frio. "Depois que se casou e que Ari nasceu, Gavin mudou-se para Houston e efetivamente varreu todo rastro de sua vida passada."

Beau apertou o olhar enquanto cogitava as possíveis ramificações daquilo. Não era nenhum segredo entre os três irmãos Devereaux – embora eles sempre tivessem escondido a verdade de Tori – que ao menos o pai, não levava uma vida honesta. Eles não tinham certeza de tudo em que ele estava envolvido, mas sabiam que não tinha conseguido sua fortuna com dinheiro herdado do petróleo. Os pais deles sempre viveram esbanjando e gastando, e se gabavam publicamente de sua riqueza e influência. Os filhos eram pequenos incômodos e um entrave para o tipo de vida que seus pais – especialmente a mãe – queriam viver.

Embora uma babá tivesse sido contratada, na prática era Caleb quem cuidava e criava os irmãos. Desde pequeno ele era sério, suportando o peso de muita responsabilidade sobre seus ombros tão novos. Mas Caleb jamais reclamou. E garantiu que seus irmãos ficassem o mais longe possível das pessoas que conviviam com seus pais. Como resultado disso, ele se viu obrigado a crescer antes do tempo e teve sua infância roubada por pais egoístas e imprudentes.

Quando jovens, tanto Caleb como Beau tinham maturidade suficiente para

lidar com a indiferença dos pais, mas Quinn e especialmente Tori – ainda uma criancinha que mal tinha começado a andar – ficavam desnorteados com o fato de serem praticamente ignorados pela mãe e pai. Isso deixava Beau furioso e ele precisou passar várias noites consolando uma Tori em prantos ou lendo histórias de ninar, porque a babá, embora competente, não era uma educadora e, além disso, tinha percebido rapidamente que não precisava se dedicar *muito* para satisfazer as "exigências" do patrão. A única regra parecia ser manter as crianças fora do caminho e garantir que elas nunca atrapalhassem os pais. Os irmãos frequentemente comentavam que não entendiam por que seus pais se deram ao trabalho de ter filhos, a menos que tivesse sido para firmar a imagem de uma família íntegra, que não estava envolvida com quaisquer negócios sujos do pai. Era um fato bem conhecido que ser um homem de família era bom para os negócios.

Beau nunca admitiu, nem mesmo para Caleb, que foi um alívio quando seus pais morreram. Ou melhor, foram assassinados. A morte foi considerada um assassinato seguido de suicídio, causado pelo pai, mas Beau e Caleb sabiam que não era bem assim. Os pais estavam deslumbrados demais com a riqueza e com o estilo de vida para abrir mão de tudo, de forma voluntária. Mas o caso foi encerrado rapidamente, nunca foi reaberto e jamais questionado. O que só aumentava as suspeitas de Beau de que estavam acobertando o crime.

"Afinal, qual era a relação de Gavin Rochester com nosso pai?", Beau perguntou em voz bem baixa.

Ele estava se remoendo por ter sido contratado por uma mulher sedutora, mas de olhar inocente, para resgatar o homem que poderia muito bem-estar envolvido na morte de seu pai, mesmo que não houvesse nenhum sentimento entre ele e seus pais. Então Beau se puniu mentalmente por ter um pensamento como aquele. Ele era cético por natureza – crescendo da forma como foi criado, Beau não tinha outra opção a não ser duvidar de tudo –, e presumir algo automaticamente, baseado em apenas um evento *não* era uma qualidade inata dele.

"Esse é um fator desconhecido neste momento", Caleb admitiu. "Mas com certeza é algo para investigarmos. Você não concorda?"

"Posso responder pelo menos algumas das perguntas sobre o relacionamento de Gavin com o pai de vocês", Zack disse, claramente excluindo a mãe daquela discussão.

Tanto Caleb como Beau olharam para Zack em silêncio, mas curiosos.

"Eles eram *uma espécie* de parceiros de negócios."

“*Uma espécie*?”, Caleb interveio antes que Zack pudesse continuar. “Como alguém pode ser *uma espécie de parceiro*?”

O olhar de Zack brilhou de impaciência por um breve momento, prova de seu descontentamento por ter sido interrompido.

“Uma espécie significa que não há – ou se há eu ainda não encontrei – uma associação explícita entre os dois. Mas o nome de Gavin apareceu com frequência no que se refere aos diversos empreendimentos do seu pai.”

A forma como Zack disse “empreendimentos” imediatamente deixou Beau preocupado, porque parecia que Zack sabia ou suspeitava do que Beau *sabia* que era verdade. Uma coisa era Beau saber e reconhecer a verdade sobre quem e o que era seu pai. Agora, alguém que não fazia parte da família Devereaux pensar nisso ou especular sobre o assunto era algo bem diferente. Ficou claro que Caleb também reagiu mal ao que Zack falou, porque seus olhos ficaram frios e Ramie recolheu a mão, já que a enxurrada das emoções do marido se tornou também desagradável para ela. Ele nem percebeu, prova de como estava focado no que Zack tinha a dizer.

“Que tipo de empreendimento?”, Beau perguntou, encarando Zack com um olhar penetrante, tentando descobrir o quanto ele estava sabendo sobre Franklin Devereaux.

“Pelo que percebi à primeira vista, a maior parte é formada por empresas laranjas que são praticamente impenetráveis e que constituem um verdadeiro labirinto para qualquer um que tente investigá-lo ou queira analisar seus negócios. Vou levar algum tempo para mergulhar no meio disso e ver aonde está a saída. Tudo foi cuidadosamente pensado e estruturado. Ele apagou seus rastros muito bem.”

Não havia julgamento nem condenação nas palavras de Zack ou na forma como ele falava. Ele relatou o que sabia de maneira casual, como se estivesse discutindo o caso de qualquer cliente da DSS. O tom pareceu aliviar a tensão que emanava de Caleb. A expressão no rosto dele suavizou, sua testa não estava mais franzida, e ele automaticamente pegou a mão de Ramie, olhando para ela com um olhar intrigado, como se só naquele momento tivesse percebido que ela havia recolhido a mão. Caleb olhava Ramie com culpa e abraçou-a gentilmente contra seu corpo, deixando-a apoiada ao seu lado. Em seguida, ele se voltou para Zack.

“A menos que haja uma ligação direta com Gavin Rochester, deixe quieto”, Caleb disse resoluto.

“Eu dou a palavra final nesse assunto”, Beau interveio, olhando torto para seu irmão. “Fique fora disso, Caleb. Esse caso é meu e de Zack. Se você não

quiser saber o que descobrirmos, tudo bem. Mas eu preciso saber tudo o que puder sobre Gavin Rochester para poder encontrá-lo junto com a esposa, antes que seja tarde demais para eles. E tarde demais para Ari também."

Caleb cerrou a mandíbula e Ramie ficou agitada ao lado dele, repelindo instantaneamente qualquer argumento potencial que Caleb tivesse. Ele fez uma careta e depois bufou.

"Está bem, o caso é seu. Entendi. Mas quero saber se ele teve alguma coisa a ver com a morte de nosso pai."

Beau assentiu, concordando.

"Agora, e quanto à informação que Eliza levantou?"

Zack olhou fixo para Caleb, com uma pequena fagulha de irritação no olhar, como se estivesse bravo pelo irmão mais velho se meter em uma missão que Beau tinha deixado claro que pertencia a ele e a Zack. Mas aquilo sumiu tão rapidamente, que Beau ficou pensando se não tinha sido apenas imaginação sua, pois era raro que ele exprimisse alguma emoção. Zack era curiosamente frio e, até Ari aparecer, Beau diria que eles se pareciam, pois ele sentiu uma afinidade instantânea com Zack. Mas parecia que Ari tinha mudado tudo e virado o mundo de Beau de cabeça para baixo.

Ele definitivamente tinha perdido sua objetividade, algo raro, e se jogou no caso de forma pessoal – e não completamente profissional –, algo *mais raro* ainda. E o pior era que Beau não conseguia reunir forças para se retirar do caso, que era o que ele *deveria* fazer. Pelo contrário, Beau insistia que ele, e *apenas* ele, coordenaria a proteção pessoal de Ari e cumpriria a promessa feita a ela, a qualquer preço. Estava disposto a usar todos os recursos da DSS e, na verdade, *qualquer* meio disponível que o permitisse atingir seu objetivo primário, que era localizar e resgatar os pais de Ari e, mais importante, evitar que ela corresse perigo. Mesmo que o pai dela estivesse envolvido – direta ou indiretamente – no assassinato do pai dele.

"Eliza está trabalhando com diversas hipóteses", Caleb respondeu. "Mas a verdade é que Gavin Rochester está – ou estava – mergulhado em atividades obscuras. Ele nunca foi *pego* envolvido com atividades ilegais, mas ele claramente está operando fora da lei. Ele era intocável, tinha diversos contatos, com amigos em posições de destaque, poderosos e influentes. Aqueles que se opunham a ele sofriam perdas financeiras misteriosas e repentinas."

Até ali aquilo estava assustadoramente similar à forma como o próprio pai deles agia. Beau conseguia se lembrar de como seu pai ficava furioso por achar que tinha sido destratado insultado ou desafiado por um concorrente ou mesmo

por um conhecido. Ele sabia com certeza que seu pai faria uma retaliação, mas teria o cuidado de ficar o mais longe possível das consequências de seu ato. Depois Beau o escutava gabando-se com sua mãe sobre a "vitória" dele e sobre como quem quer que fosse a infeliz vítima certamente estava arrependida de ter contrariado Franklin Devereaux.

"Mas isso fica interessante três anos depois de Gavin ter se casado com Ginger Crofton – agora Rochester –, que era uma garçonete trabalhando para pagar a faculdade na época em que os dois se conheceram. Em pouco tempo, Gavin a conquistou e eles se casaram em menos de um ano."

"Chegue logo à parte interessante", Beau disse impaciente, porque até então Caleb só estava dando um recital inofensivo de fatos que eram praticamente de domínio público, disponíveis a qualquer pessoa que tivesse acesso à internet.

"A esposa dele teve a gravidez interrompida diversas vezes em um período de tempo relativamente curto. Um dia, eles subitamente desapareceram. Gavin liquidou a maioria de seus ativos, vendeu seus negócios – os legítimos e os não tão legítimos assim – e saiu do país. Quando voltaram, eles tinham uma filhinha, Ari."

"E daí? Talvez Gavin tenha viajado com a esposa para ela se recuperar, ela engravidou de novo e ele garantiu que ela fosse constantemente monitorada. Imagino que, se ela sofreu tantos abortos espontâneos, ele seria mesmo extremamente cuidadoso com ela, para garantir que conseguisse levar a gravidez até o fim dessa vez."

"A cronologia não bate", Caleb respondeu impaciente, obviamente irritado pelas constantes interrupções de Beau. "Me escute e fique quieto por um minuto. Eles ficaram fora por cinco meses e, antes de retornarem, Gavin vendeu tudo o que tinha em Nova York e na Costa Leste, e eles se estabeleceram em Houston. Gavin tinha uma empresa legítima em Houston e essa era a única conexão dele na cidade. Essa empresa e o nosso pai. Na minha opinião, isso parece extremamente pretencioso e confiante demais, porque não consigo imaginar, depois de tantas tentativas malsucedidas de ter um filho, que Gavin de repente teve a certeza de que daquela vez a esposa teria um bebê."

Beau mordeu os lábios, obrigando-se a ficar em silêncio e esperando o irmão terminar de dizer o que queria. Qualquer que fosse o ponto onde queria chegar.

"Eles voltaram com Ari, o que significa que a esposa deveria estar grávida de quatro meses quando saíram, talvez três, no caso de um parto prematuro. Mas de acordo com registros médicos sigilosos, ela teve uma gravidez interrompida aos cinco meses, no período em que deveria estar grávida de *Ari*."

Beau fez uma careta, pensando em todas as implicações das descobertas do irmão.

“É possível que Gavin tenha falsificado os registros médicos, dizendo que a esposa abortou, para que eles pudessem sumir de vista e a mulher conseguisse chegar até o fim da gravidez sem estresse nenhum, em um lugar onde ela talvez estivesse mais confortável?”

Caleb deu de ombros, com ceticismo evidente em seu rosto.

“Possível é, mas é altamente improvável. Estou só chutando, mas acho que eles podem ter adotado Ari. E o fato de eles saírem do país e Gavin apagar completamente tudo o que estava ligado à vida deles antes da chegada de Ari me faz desconfiar que eles a adotaram de maneira ilegal.”

Zack franziu a testa, sua primeira reação desde que começou a ouvir o relatório de Caleb. Beau também estava atônito e tentava encontrar respostas para por que, como e… bem, mais uma vez *por quê*?

“Ela não se parece em nada com a mãe nem com o pai. Eliza conseguiu encontrar fotos dos pais já falecidos de Gavin e Ginger e também não há a menor semelhança com eles, e os dois eram filhos únicos. Como é que duas pessoas morenas, de cabelos e olhos escuros, conseguem ter uma filha que tem cabelos com no mínimo dez tons diferentes de loiro, prata e dourado, olhos indescritíveis e pele clara?”

Um frio percorreu a coluna de Beau e o deixou preocupado em relação a Ari. Ela não tinha comentado nada sobre ser adotada e até mesmo tinha falado sobre ter puxado algumas características da mãe. E ainda havia o fato de seus poderes terem aparecido quando ela era um bebê. Se Gavin e Ginger Rochester não eram os pais biológicos, então quem era? Será que a vida inteira de Ari tinha sido uma *mentira*? Novamente Beau estava se precipitando, mas seu estômago revirava, e as contradições e coincidências estavam ficando cada vez maiores. Ele massageou as têmporas distraidamente, e desviou o olhar do irmão por um momento. Quando cruzou o olhar com Caleb novamente, este viu preocupação nos olhos de Beau.

“Vou pedir para Eliza enviar um e-mail para você com o relatório completo, assim você vai poder ler as informações detalhadas e tirar suas próprias conclusões”, Caleb disse em voz baixa. “Ramie e eu precisamos ir. Nós já ficamos longe de Tori por tempo demais.”

“Ele precisa ouvir o sonho de Tori”, Ramie interveio suavemente, falando pela primeira vez.

A expressão no rosto dela era séria, e seus olhos acinzentados estavam

carregados de preocupação, enquanto ela olhava para os dois irmãos alternadamente. Caleb passou a mão nos cabelos, num sinal de que estava agitado.

“Fiquei tão focado no resto, que acabei me esquecendo disso por um momento. E sim, você precisa ouvir isso.”

Zack cruzou os braços, ansioso, fixando seu olhar penetrante em Caleb. Beau também olhava para Caleb, sugerindo silenciosamente que ele continuasse.

“Ela sonhou com você”, Caleb disse em voz baixa. “Você estava coberto de sangue. Isso deixou Tori apavorada, porque da última vez que ela sonhou com um dos irmãos encharcados de sangue, eu quase matei minha esposa. Então, é compreensível que ela esteja traumatizada e bastante assustada.”

Beau suspirou de alívio.

“Isso pode ser facilmente explicado. Eu já estive coberto de sangue. Foi Ari, no local do acidente, onde ela sangrou bastante. Havia sangue por todo lugar. Então Tori estava certa – como normalmente está –, mas pode dizer a ela que não há motivo para se preocupar agora. Já passei por isso e está tudo bem.”

Ramie voltou seus olhos agitados para Beau, com o rosto cheio de preocupação.

“Ela não viu Ari no sonho, apenas você. E você estava deitado no chão, de costas, com sangue espalhado sobre seu corpo. Acho que você precisa levar isso mais a sério, Beau. Por favor, tome cuidado.”

Beau aliviou o tom de voz, porque não queria descontar sua frustração e impaciência em uma mulher que não merecia nada disso.

“Você também não estava no sonho onde Caleb estava coberto de sangue, o seu sangue”, ele destacou.

Caleb visivelmente se retraiu e Ramie empalideceu. A cor fugiu de seu rosto.

“Então é provável que o sonho dela tenha sido sobre a sequência de eventos que aconteceram depois que Ari e eu saímos dos escritórios da DSS”, Beau continuou, sentindo uma pontada de culpa por lembrar o irmão e a cunhada do pior dia da vida deles.

Os olhos de Ramie não escondiam sua dúvida em relação àquilo, mas ela não quis retrucar. Ela entrelaçou os dedos com os de Caleb, quase como se estivesse querendo analisar o que ele estava sentindo por dentro. Como ela não retirou a mão, Beau supôs que os pensamentos de Caleb não estavam tão agitados assim.

O movimento que apareceu no monitor de vídeo chamou a atenção de Beau e ele focou na tela, observando Ari se mexer inquieta na cama. Ele começou a se levantar para sair da sala e ir até o quarto onde ela estava, mas – tão subitamente

quanto tinha mostrado sinais de perturbação – Ari aquietou-se e voltou a dormir tranquila. Beau permitiu que seus músculos relaxassem e depois voltou sua atenção para Caleb e Zack, que o analisavam com bastante atenção. Ele se sentiu desconfortável ao ser examinado pelos dois e subitamente quis se afastar de tudo aquilo.

"Zack, pegue o relatório com Eliza", ordenou ríspido, ignorando o olhar deles. "Veja o que chama a atenção lá e tente juntar o que a Eliza descobriu com o que você encontrou. Caleb, você e Ramie voltem para ficar junto de Tori. Eu tenho as coisas sob controle aqui. Pode deixar que aviso se precisar de você."

Beau tinha efetivamente dispensado os dois. Zack não teve problema nenhum em se virar e sair da sala, já se concentrando em seu objetivo. Caleb, por outro lado, parecia disposto a discutir. Beau levantou a mão.

"Nem comece, Caleb", Beau disse em voz baixa. "Preciso que você se afaste desse caso."

Foi o mais próximo que Beau chegou a pedir ao irmão para que, na prática, fechasse os olhos para algo que os dois normalmente compartilhavam, trabalhavam juntos e decidiam em conjunto o que fazer. Caleb, que não estava acostumado a responder ou a obedecer ninguém, estudou o irmão em silêncio por um momento e então pareceu chegar a uma decisão ou, pelo menos, ceder àquele pedido, que mais parecia uma ordem.

Ramie soltou a mão de Caleb, cruzou a curta distância entre eles e se inclinou para dar um beijo no rosto de Beau.

"Prometa que você vai tomar cuidado", ela disse em voz baixa.

Beau respondeu com um sorriso confiante.

"Sempre."

DEZESSEIS

Beau acordou de repente, sentindo o pescoço doer enquanto endireitava o corpo. Ele tinha ficado em uma posição desajeitada na poltrona reclinável, onde ele havia sentado para passar a noite vigiando Ari. Piscou os olhos rapidamente para enxergar direito o ambiente, e sua visão logo se ajustou à luz fraca irradiando da porta entreaberta do banheiro. Então, Beau piscou outra vez, sem saber se estava enxergando direito ou se estava tendo alguma espécie de alucinação bizarra.

Os mais variados objetos flutuavam a esmo pelo quarto. O abajur, que estava desligado, bateu na parede e de repente piscou. O controle remoto da televisão pairava a cerca de trinta centímetros acima do chão, ao lado da poltrona. Livros que estavam em uma das prateleiras da estante quicaram e bateram um contra o outro, depois saíram da prateleira e, de repente, despencaram no chão de forma sincronizada, em movimento de cascata. Coisas que Beau não conseguia ver, mas podia *ouvir*, estavam chacoalhando, batendo e estalando. Parecia que o quarto inteiro estava em movimento. Ele instintivamente pressionou as mãos nos braços da poltrona só para ter certeza de que ela não estava se movendo, balançando nem flutuando. Depois apoiou os pés com firmeza no chão, para recuperar o equilíbrio.

Ao compreender subitamente o que estava acontecendo, Beau desviou o olhar dos objetos tiritantes e se voltou para a cama, onde Ari ainda estava deitada em posição fetal. Sua testa estava enrugada de preocupação, com sulcos profundos. A boca estava contraída e, em seguida, se abriu, deixando escapar um choramingo. Chacoalhando um braço, Ari tentava manter à distância um agressor invisível.

Beau percebeu rapidamente que ela estava tendo um pesadelo, e seus poderes, agora sem controle, estavam fluindo pelo quarto como se fossem uma corrente elétrica, deslocando e mexendo objetos sem motivo ou razão, simplesmente refletindo o completo caos dos pensamentos dela naquele momento. Ele sentou aos seus pés, receoso de que Ari pudesse sofrer um grave sangramento psíquico se continuasse daquele jeito. Chamando-a calmamente

pelo nome, ele subiu na cama, pegou o braço agitado dela e o prendeu contra seu peito rijo.

“Ari, querida, acorde. Está tudo bem, você está segura. Sou eu, Beau Devereaux. Abra os olhos, por favor. Olhe para mim, estou bem aqui.”

Ele continuou balbuciando palavras para acalmá-la, e usou a mão livre para alisar carinhosamente o braço preso em seu peito. Sem saber mais o que fazer, Beau se inclinou e beijou a testa de Ari bem onde havia uma marca profunda de expressão, ao mesmo tempo em que murmurava coisas reconfortantes e pedia a ela que acordasse. Beau esticou a mão, roçou o polegar embaixo do nariz de Ari, depois tocou-lhe o lábio superior carnudo e soltou um suspiro aliviado ao perceber que, até então, ela ainda não estava sangrando. Agora tudo o que Beau queria era livrá-la das garras do pesadelo e trazê-la de volta antes que *começasse* a sangrar.

“Ari, por favor, querida, você precisa acordar”, ele pediu suavemente. Seu hálito era quente na pele fria de Ari.

Ela estremeceu violentamente e Beau se afastou quando Ari abriu os olhos, com as pupilas bem dilatadas, a tal ponto de cores tão vívidas, estarem quase transformadas em preto. A respiração estava curta e irregular, e quando Beau levou sua mão ao peito dela, sentiu o coração batendo acelerado.

“Beau?”, ela sussurrou.

Aquela única palavra – o nome dele – expressava tanto medo, que ele sentiu o peito apertar de dó.

“Sim, querida, sou eu. Você estava tendo um sonho ruim, mas está tudo bem. Eu estou aqui. Você lembra onde está?”

Ari enrugou o nariz momentaneamente e olhou para Beau um tanto intrigada, até que visivelmente se acalmou. Em seguida, pareceu murchar diante dos olhos dele.

“Ah, meu Deus”, Ari disse, fechando os olhos. “Por favor me diga que *isso* é um sonho, que nada *disso* está acontecendo. Me diga que meus pais estão em casa… e estão bem.”

Beau viu-se completamente desamparado e sentiu a impotência dominar seu coração e sua mente, uma sensação a que ele não estava acostumado. Não que ele *quisesse* se acostumar com tal fraqueza. Para Beau, essa era a pior sensação do mundo, saber que ele não tinha como consertar a situação para Ari e fazer todos os problemas dela desaparecerem.

“Não posso dizer isso, sinto muito”, Beau respondeu, e cada palavra ecoava seu lamento. “Eu daria qualquer coisa para ser capaz de lhe dizer isso, querida,

mas *agora* você não está sonhando.”

Ari abriu os olhos novamente, e suas pupilas estavam mais normais – e uma estava igual a outra –, uma das coisas que o doutor Carey havia dito que era um sinal de lesão cerebral: pupilas minúsculas, desiguais ou inertes. Isso deu a Beau um pequeno alívio, já que, apesar de ter usado os poderes – inconscientemente –, Ari não sofreu um novo sangramento, nem parecia ter sido afetada pelo incidente.

“Você está sentindo dor?”, ele perguntou em voz baixa. “Precisa do analgésico que o médico receitou?”

Ari meneou a cabeça, negando em silêncio. Ela olhou Beau nos olhos, como se quisesse *absorvê-lo*. Beau sentiu aquela sensação deslizar por sua coluna, apesar de tentar ignorar o sentimento. Mas ela sentiu aquilo também. Ele sabia que Ari tinha sentido, porque ela olhou para ele de forma ainda mais intensa, a ponto de Beau achar que estivesse se afogando nos olhos dela. Eles eram como dois ímãs, inexoravelmente atraídos um pelo outro por um poder que desafiava qualquer explicação ou definição. Havia a sensação de que aquilo era… certo. Tão certo. Mais certo do que qualquer coisa que ele já tivesse vivido antes. A atração que Ari exercia era pura eletricidade. Beau podia sentir o choque em suas terminações nervosas, e estava sentindo a pele arrepiada. Era desconfortável e, no entanto… prazeroso. Os pensamentos dele estavam tão caóticos quanto os de Ari, quando ela estava sonhando profundamente. Só que nesse caso, era um sonho do qual Beau não queria despertar jamais.

Lentamente, como se estivessem mesmo em um sonho, Ari levantou a cabeça e começou a deslizar a mão sobre o braço de Beau, subindo até seu ombro. Ela acariciou de leve a pele sensível do pescoço dele e enfim pousou a mão em seu queixo. Os lábios de Ari estavam a poucos centímetros dos de Beau, e sua respiração tocava levemente a boca e o queixo dele.

Cuidadosamente, quase como se estivesse com medo de ser rejeitada, ela inclinou a cabeça, apenas um pouco, para que as bocas ficassem perfeitamente alinhadas, e então ela pressionou seus lábios quentes e exuberantes contra os dele. Foi uma descarga elétrica, um choque que percorreu o corpo inteiro de Beau. Ele prendeu a respiração e ficou com os músculos tensos e contraídos enquanto Ari explorava sua boca, com alguma hesitação no começo. Depois, quando não encontrou resistência, ela ficou mais ousada, e começou a tocar os lábios de Beau com a língua, um convite para que ele se abrisse a ela.

Ele atendeu ao pedido silencioso, relaxando a boca e permitindo o acesso. O toque leve da língua de Ari na dele o estava deixando louco de desejo e

necessidade. Desejo como jamais tinha sentido antes na vida, com nenhuma outra mulher. Beau nunca sentiu com ninguém aquela vontade arrebatadora de proteger, dominar, possuir, cuidar, tranquilizar, de fazer promessas que ele não tinha como saber se poderia cumprir, mas que ele fazia questão de prometer mesmo assim.

Um alarme disparou na cabeça de Beau, em meio aos prazeres que a boca de Ari oferecia. Ela estava vulnerável, frágil. Sem condições de saber de verdade o que estava fazendo. Um deles precisava ser capaz de pensar com clareza, e naquele momento, Beau não conseguia.

Ele não podia fazer isso. Não podia – nem iria – se aproveitar dela. Mesmo que seu corpo e mente estivessem pedindo em uníssono que ele a tomasse para si, que a possuísse, que se apropriasse dela.

Beau nunca tinha entendido a obsessão de Caleb por Ramie. Não entendia como um homem podia ficar tão envolvido por uma mulher a ponto de perder totalmente a razão e a capacidade de pensar direito. Mas agora Beau via que, se seu irmão tivesse sentido uma fração que fosse do que ele estava sentindo agora, aquilo era compreensível. Foi um momento de clareza quase extasiante, quando tudo se encaixou no lugar e ele experimentou a sensação de certeza que apenas uma mulher *específica* podia dar a um homem.

Beau precisou de toda sua força de vontade e energia para interromper o beijo. O esforço de tirar seus lábios dos dela o deixou arfando como se tivesse acabado de subir correndo uma trilha de dois quilômetros. O coração de Beau estava batendo com tanta força quanto o de Ari alguns minutos antes, quando ela acordou daquele sonho terrível. Só que o de Beau era o *mais doce* dos sonhos, aquele do qual ele jamais queria acordar.

“Beau?”, Ari sussurrou, com a mágoa evidente em sua voz.

Os olhos dela se fecharam e Ari tentou virar o rosto para que ele não visse o que a rejeição tinha feito com ela. Gentilmente, Beau segurou o rosto de Ari, forçando-a a olhar para ele. Esforçando-se para controlar as palavras ele fez questão de olhá-la os olhos, na esperança de que Ari pudesse ver a total sinceridade que certamente estava emanando dele.

“Não podemos fazer isso, Ari.”

Beau quase engasgou ao falar. Por que ele não podia ser o babaca egoísta que sempre achou que era? Ou agir como o babaca frio e sem papas na língua que ele estava acostumado a ser? Por que agora, logo agora, Beau foi sentir um peso na consciência, obrigando-o a proteger Ari acima de tudo, e que, de maneira alguma, ele se aproveitaria dela em um momento de vulnerabilidade e fraqueza?

Quando os olhos de Ari ficaram marejados, Beau quase perdeu o controle. Que droga, ele nunca quis magoá-la. A língua dele estava desajeitada e travada na boca, quando poucos segundos antes, estava saboreando o mais doce dos prazeres. Beau lutou para encontrar as palavras – as palavras *certas* – para aliviar a dor que ela sentia por ter sido rejeitada. Que inferno, ele não a estava rejeitando. Muito pelo contrário. Estava era rejeitando a si próprio e também a ideia de causar mais dor ou angústia a ela, ou algo pior, como *arrependimento.* Por que Beau praticamente morreria se visse nos olhos dela a decepção *ou* o arrependimento depois de ter feito amor com ele.

“Não posso me aproveitar de você”, ele disse com a voz rouca. Beau acariciou os lábios de Ari com a ponta do polegar, enquanto ele falava, lembrando-se da sensação do toque dos lábios quando se beijaram. “Você está completamente vulnerável agora. Acabou de acordar de um sonho terrível e está abalada e confusa. Você está se sentindo perdida, sozinha… seu mundo inteiro virou de cabeça para baixo, você e as pessoas que mais ama estão em perigo. Eu seria a pior pessoa do mundo se fizesse amor com você agora.”

Ari na mesma hora fechou a cara, e seus olhos brilharam de raiva. Depois a expressão no rosto ficou mais suave, ela suspirou, aninhando seu rosto na palma da mão de Beau.

“Você me considera uma mulher inteligente e capaz, Beau?”

Beau piscou os olhos, olhando para Ari sem saber o que responder por um momento. A pergunta veio do nada, mas ela o encarava, aguardando sua resposta.

“Claro que sim”, ele disse, imitando a expressão dela. “Por que raios você me perguntou isso?”

Ari levou o dedo até os lábios de Beau para que se calasse, deixando-o completamente imóvel ao ser tocado por ela, apenas sentindo a onda de prazer que percorria seu corpo por algo tão simples como os dedos dela em sua boca. Embora ele admitisse que aquilo era um substituto inadequado para a boca, os lábios e a língua dela.

“Se uma mulher inteligente e capaz está atraída por você, *quer* você e quer que você faça *amor* com ela, chamaria *dar o que ela quer* de se *aproveitar* dela? A menos, é claro, que você não a *deseje*.”

Beau quase riu. Em vez disso, ele gemeu, um som de desejo masculino reprimido. Então ele simplesmente pegou a mão de Ari, que estava em seu rosto, e a baixou, levando-a até sua virilha, que estava doendo de desejo, onde seu pênis quase abria um buraco na calça jeans, de tão duro que estava.

“Isso aqui por acaso parece dizer que eu não quero você?”, ele perguntou.

Ari ficou ruborizada, não de vergonha ou constrangimento. Beau conseguia ver o calor ardendo nos olhos e no rosto dela. Ari inconscientemente entreabriu os lábios, deixando escapar um som que deixou Beau ainda mais agoniado.

“O problema não é eu querer você ou não”, ele reclamou. “O problema é eu me aproveitar de você.”

Um sorriso suave se abriu nos lábios de Ari, e os olhos dela brilharam atrevidos. Uma nítida e deliciosa fagulha feminina brilhou no fundo daqueles olhos expressivos, e Beau soube naquele instante ele estava em apuros. Mas era algo que não deixava um homem necessariamente preocupado. Então Ari soltou um suspiro exagerado, como se ela estivesse sendo injustiçada, e em seus olhos havia a promessa de dar o troco.

“Bem, se você não vai se aproveitar de mim, então acho que eu vou ter que me aproveitar de *você*.”

DEZESSETE

Apesar de suas palavras atrevidas e de seu jeito provocador, Ari estava apavorada. Sua esperança era conseguir fazer aquilo sem se entregar completamente. Beau Devereaux não era um homem que passava despercebido pelas mulheres, e Ari tinha certeza de que ele nunca precisou ir muito longe para encontrar uma companheira sexual.

Embora ele não fosse bonito de um jeito sofisticado e polido, como alguns homens ricos, Beau era… durão. Era como se ele tivesse conhecido e passado pelo lado mais difícil da vida, onde havia escuridão e perigo. E a segurança dele era extremamente atraente para uma mulher como Ari, que não era nada confiante, mas gostaria de ser. Ela admirava as pessoas seguras de si, e uma coisa que tinha percebido em todos os funcionários ou agentes da DSS – ou qualquer que fosse a forma como eram chamados – era que eles eram naturalmente confiantes, e não tinha como aquilo ser fingido. Ari sabia disso, porque ela era péssima para fingir qualquer coisa.

Ela pressionou um pouco mais a virilha de Beau, sobre a rígida ereção, bem onde ele tinha colocado sua mão. Mesmo sob o tecido grosso da calça jeans e a cueca que ele estava usando, Ari conseguia sentir o pênis, pulsando e contraindo-se ansioso ao toque dela.

Parecia que a mente e o corpo de Beau não estavam em sintonia. Ele resistia, mas seu corpo a desejava. Mesmo com o pouco conhecimento sexual que tinha, Ari reconhecia os sinais de volúpia e desejo, e isso deu a ela a injeção de confiança de que ela tanto precisava. Ari não sabia como ser uma mulher tentadora, uma beldade que sabia seduzir um homem com seu corpo e suas palavras. Mas ela estava para fazer um curso intensivo sobre isso, porque não perderia por nada a chance de ver Beau Devereaux nu, só dela. Ao menos por uma noite… – esse pensamento possessivo a surpreendeu. O fato era que ela queria tomar aquele homem para si e marcá-lo como seu, para que as outras mulheres ficassem longe dele, sob risco de incorrerem em sua fúria. Quem poderia imaginar que ela poderia ser tão ciumenta e ávida? Ari até que gostou desse seu lado, até então, desconhecido. Não eram só seus poderes que estavam

liberados e operando em alta velocidade. Sua sexualidade se abria como as pétalas de uma flor na primavera. Seu corpo todo desejava aquele homem. Sua alma o desejava… O toque de dois corações, dois espíritos tornando-se um.

Um chiado escapou dos lábios de Beau, e Ari viu que a mandíbula dele estava cerrada e trêmula. Ele estava de olhos fechados e a cabeça jogada para trás, com o quadril elevado, arqueando para receber melhor o toque dela.

"Você me quer, Beau?", ela sussurrou arfando, excitada. "Porque eu quero você… eu quero *isso*! Eu preciso de *você*. Aqui e agora." Ari pausou por um microssegundo, prendeu a respiração e então continuou: "Por favor".

Ela estava implorando demais para o próprio gosto. Sim, ela era mimada e paparicada, e nunca negou isso. Mas era orgulhosa e a verdade é que jamais tinha precisado implorar por nada na vida. Aquilo tudo era novo e estranho e Ari estava tensa com a incerteza, embora seu coração estivesse acelerado com a expectativa deliciosa de ter o corpo de Beau sobre o dela, de sentir dentro de si aquela ereção que estava em sua mão. Ari estava quase delirando, tentando imaginar como seria a sensação de ter Beau penetrando sua intimidade.

"Deus, sim, eu quero você", ele disse entredentes. "Tenha piedade de mim, querida. Você vai me matar assim. Não é preciso me pedir para dar o que você quer, o que você precisa. Se tem certeza… se tem certeza absoluta de que sou eu quem você quer, então fico mais do que feliz por atender a um pedido feito de forma tão gentil."

Ari alisou o corpo musculoso de Beau e o puxou pelo pescoço para junto de si, desesperada para sentir os lábios dele novamente. E então ela estremeceu ao imaginar sua boca em outras partes de seu corpo: primeiro em seus seios… e depois nos lábios latejantes de sua vagina.

Aquilo tudo era demais para processar de uma vez. A mente dela estava agitada, repleta de imagens eróticas dos dois juntos, enroscados, movendo-se em sintonia. Imagens de Beau gozando dentro dela, gozando nela, marcando-a como se ela fosse uma propriedade dele.

Os arrepios percorreram sua pele, em uma dança provocante. Os mamilos ficaram duros e seus seios estavam pesados e inchados de desejo e necessidade do toque de Beau. Subitamente, Ari ficou impaciente e queria logo o contato de pele com pele, sem nenhuma barreira entre eles.

"Mostre para mim", ela sussurrou. "Me mostre o que fazer, como fazer. Me mostre como faço para te agradar. Eu quero te ver por inteiro, Beau. Tire a roupa, por favor."

Desta vez o "por favor" não soou como alguém implorando, e sim como um

pedido feito de amante para amante. Ari estremeceu delicadamente de novo. A palavra *amante* nunca tinha exercido tanto impacto porque Ari jamais tinha vivido a experiência de ter um amante, ou de ser a amante de alguém.

Beau levantou-se da cama e quase rasgou as roupas enquanto tirava tudo, até ficar só de cuecas. Em seguida, ao perceber a excitação cada vez maior de Ari, ele demorou para tirar a cueca e foi descendo deliciosamente devagar até expor, centímetro por centímetro, do seu pênis duro e grosso. Ele era um verdadeiro exemplar de macho alfa, e Ari queria tanto tocar e explorar seu corpo que nem mesmo sabia por onde começar.

"Agora é sua vez", Beau disse de forma rude. "Sente-se na beira da cama para que eu possa te ajudar. Não vou deixar você se apressar a ponto de se machucar. Eu devo estar maluco por concordar com isso. Você tomou um *tiro*, pelo amor de Deus."

Ari estava prestes a retrucar e começar uma discussão, mas Beau se inclinou sobre ela na cama, apoiando os braços ao lado do corpo dela, com a boca a poucos centímetros da dela, e começou a tirar a roupa de Ari lentamente. Antes que ela percebesse, antes mesmo que soubesse como era capaz de fazer aquilo sem que ela notasse, Ari estava nua, e Beau ainda estava diante dela, analisando seu corpo com um olhar absolutamente intenso.

"Você pode ter me provocado e me convencido a fazer isso, mas sua influência só vai até aí. Quem manda agora sou eu e vou demorar o tempo que quiser para mostrar quanto quero você. Isso significa que vamos fazer as coisas do meu jeito. E você vai ficar deitada aí enquanto faço meu trabalho e não vai fazer nada que possa abrir os pontos que levou."

Oh, bem… Ari engoliu em seco, com o coração quase subindo pela garganta. Beau roçou a boca no queixo dela e foi descendo, mordiscando a pele delicada abaixo da orelha.

Provocando-a, Beau mordiscava e depois passava a língua. Então ele fechava a boca e sugava a pele gentilmente, fazendo Ari revirar os olhos. Na verdade, ele precisou segurá-la, pois Ari começou a bambear perigosamente na beira da cama e isso não tinha nada a ver com o analgésico que havia tomado antes. Beau era centenas de vezes mais potente que qualquer analgésico.

Ari apoiou a testa no peito dele, roçando o queixo de Beau no topo de sua cabeça, e inspirou profundamente, absorvendo a fragrância que emanava dele, curtindo a sensação de sua pele tocando o coração dele. Ela também estava com uma vista privilegiada da enorme ereção de Beau e arfou levemente. Incapaz de se controlar, Ari se afastou um pouco e deixou seus dedos percorrerem o abdome

de Beau, chegando até o redemoinho de pelos no púbis. Ele ficou completamente imóvel enquanto a mão dela alisava seu pênis por inteiro. Ari estava fascinada pelo fato de Beau estar todo rijo, mas sua pele – apesar de estar totalmente esticada – era macia, como se fosse um veludo envolvendo uma barra aço. Ari pressionou com o polegar a veia inchada que percorria o membro de Beau e foi subindo. Ficou surpresa quando viu o fluido subitamente escapar da cabeça do pênis, escorrendo pela ponta de seus dedos como se fosse seda. Ela tirou a mão, levando o dedo indicador até a boca, curiosa para conhecer o sabor dele. Beau soltou um gemido, como se estivesse sendo violentamente torturado, mas quando ela encontrou seu olhar, viu que os olhos dele queimavam de prazer e desejo.

Beau parecia estar prestes a chupá-la e devorá-la por inteiro e Ari queria muito isso, ela queria isso agora. Ela fervilhava de impaciência, porque queria vivenciar tudo aquilo sobre o que sempre leu, mas jamais experimentou na prática. Aquilo tudo era como… uma fantasia, uma cena de um livro muito sensual, só que era *real*. E estava acontecendo com ela! Lançando a Beau o que esperava que fosse um olhar instigante, convidativo, Ari lentamente se reclinou na cama e levantou os braços sobre a cabeça, em um sinal de submissão, torcendo para que essa visão o deixasse tão louco quanto ele a tinha deixado.

Os olhos de Beau tinham um brilho perigoso, e percorriam o corpo de Ari de cima a baixo, queimando como um maçarico. Havia no rosto dele uma imensa satisfação pela submissão dela, por ter obedecido seu pedido de ficar deitada e o deixar fazer tudo do jeito que quisesse.

Beau subiu propositalmente devagar na cama, sobre Ari, envolvendo o corpo dela com o seu. Quando ele estava chegando quase na altura da cintura dela, apoiou os joelhos no colchão e se ergueu para olhá-la de cima. Seu belo corpo musculoso mais parecia uma obra de arte cobrindo a pele de Ari. Beau passou a mão sobre a atadura na lateral do corpo dela, e fez uma pequena careta enquanto examinava o curativo. Ari estava decidida a não permitir que ele mudasse de ideia e achasse que ela estava “ferida” demais para transar. Então elevou o corpo, intencionalmente chamando a atenção de Beau para seus seios. Aquilo funcionou, porque os olhos dele imediatamente brilharam e Beau tirou a mão das costelas de Ari e a levou para o seio. Com a outra mão, ele pegou o outro seio e os juntou, apertando, para logo em seguida colocar a boca sobre eles e passar a língua nos mamilos com um movimento circular, primeiro em um e depois em outro, até os bicos ficarem rígidos e contraídos, implorando por mais atenção, implorando pela boca e pelos lábios dele. E por sua língua… Ari queria que ele

chupasse seus seios, queria sentir a deliciosa sugada que, por instinto, sabia que seria extasiante.

Como se estivesse lendo os pensamentos dela – ou talvez ele estivesse cansado de ir devagar – Beau puxou um mamilo rijo com os dentes, gentilmente roçando a pele hipersensível e depois sugando a aréola inteira com a boca.

Ari soltou um gemido abafado, elevou o corpo e segurou com firmeza a cabeça de Beau junto de si, para não perder um único momento da prazerosa sucção. Ari sentiu uma deliciosa satisfação ao ouvir o grunhido de prazer de Beau. Ela passava os dedos pelos cabelos dele, apreciando a sensação de tanto contato de pele com pele. Seus sentidos estavam em chamas, sendo consumidos pelo fogo. Pelo fogo de Beau.

Ele rapidamente descobriu os pontos sensíveis de Ari, e sabia exatamente como deixá-la maluca, provocando-a com seu toque. Descobriu lugares que Ari nunca imaginou que poderiam ser zonas erógenas, percorrendo seu corpo da cabeça aos pés com suas mãos, sua boca e sua língua. Meu Deus, que língua… Ari estava delirando, sem controle, chegando cada vez mais e mais perto do arrebatamento. Diversas vezes ela achou que iria chegar lá e estava pronta para sair voando, mas Beau parecia sempre saber o momento certo de segurá-la, impedindo que ela explodisse em direção ao espaço.

Ari estava pronta para gritar, para implorar que acabasse com aquela tortura, com aquela tensão que não parava de aumentar, que a estava fazendo fervilhar, deixando-a cada vez mais inquieta e agitada, a ponto de ter se tornado um caldeirão borbulhante de êxtase. Logo quando Ari estava chegando a um ponto sem volta e respirando de boca aberta, na tentativa de aspirar oxigênio o suficiente para conseguir balbuciar qualquer coisa, Beau, que explorava com volúpia o clitóris inchado, afastou o rosto, pegou com firmeza o quadril dela e afastou-lhe as pernas com o joelho. Então ele a penetrou com uma estocada firme.

Os pulmões de Ari pegaram fogo quando ela sentiu a dor queimar sua vagina inchada. Beau parou completamente, e seu corpo inteiro ficou tenso, enquanto ele olhava para Ari chocado. Ela estava de olhos arregalados e olhava para Beau desamparada tentando processar o bombardeio de sensações conflitantes que sentia naquele momento.

Ari não sabia como ele conseguiu, mas Beau deitou sobre ela com muito cuidado e carinho, encostando a testa cheia de pingos de suor com a sua.

“Ari, querida… Por que você não me contou?”, ele sussurrou.

“Eu não sabia”, ela respondeu sussurrando também, sentindo o choque ainda

presente em seu corpo e mente.

Beau abriu um meio sorriso.

“Você não sabia que era virgem?”

Ari não conseguia segurar as próprias mãos. Elas alisavam o braço e o pescoço de Beau, apreciando todos os músculos.

“Não foi isso que eu quis dizer”, ela respondeu, meneando levemente a cabeça.

Beau gemeu.

“Preciso que você pare de se mexer, querida. Estou tentando muito me controlar, mas se você continuar assim, não vou poder me segurar.”

“Eu não achei que ia doer tanto”, ela disse, parando de mexer as mãos e o corpo, e ficando imóvel como ele. “Quero dizer, nos livros nunca dói. É sempre uma coisa tão… maravilhosa. Eu sinceramente achei que essa história de que doía era só um mito para assustar as meninas e elas não começarem a fazer sexo cedo demais.”

Beau beijou a testa franzida de Ari e deixou escapar um suspiro.

“Eu entrei em você com toda a delicadeza de um touro no cio. Claro que ia doer.”

Ari se mexeu de leve, tentando avaliar a dor, que agora já não queimava como antes, ou melhor, a sensação de dor ainda estava presente, mas era uma dor de prazer. Ela começou a se esfregar em Beau feito um gato, cruzou os braços atrás do pescoço dele e depois cruzou as pernas em volta da cintura, unindo os dois com firmeza e mantendo seus corpos conectados, para que não houvesse a chance de Beau escapar de dentro dela. Ele estava exatamente onde ela queria que estivesse, e Ari queria aquela sensação de novo. A sensação de voar, de estar para ser arremessada na beira do abismo, de estar em queda livre em um turbilhão de vontades, desejo, volúpia e tesão, tudo isso mesclado em uma cadeia infinita de sensações.

“Está tudo bem agora?”, Beau perguntou, com um tom de voz que indicou a Ari que seus movimentos tinham feito com ele exatamente o mesmo que ele estava fazendo com ela. Aquela espera era angustiante para os dois.

“Sim”, Ari sussurrou no pescoço de Beau, virando o rosto para se aconchegar nele. Começou a mordiscar o pescoço e passou a língua sobre alguns pelos de sua barba malfeita, enquanto foi subindo até o queixo. Depois ela foi na direção da orelha, lambendo e arranhando com os dentes e, quando ela chupou o lóbulo, Beau soltou um longo suspiro e finalmente, *finalmente* começou a se mover.

Ari queixou-se de verdade quando Beau foi saindo de dentro dela com uma lentidão angustiante, mas o carinho e o cuidado sinceros que ele tinha com ela chegava a ser comovente.

“Segure-se em mim”, Beau falou com a voz rouca.

Beau acariciou as curvas de Ari, apertando e alisando seus seios, antes de continuar a descer. Ele deslizou as mãos pela lateral do corpo dela, até chegar sob o quadril. Em seguida, agarrou as nádegas levantando-a e ajustando o ângulo para que dessa vez, quando ele a penetrasse, conseguisse chegar fundo, tocando partes que a deixassem de olhos arregalados e sua boca aberta em um O. Um *enorme* O, de orgasmo. Piadinha infame, absolutamente intencional.

“Acho que acabei de descobrir o que é o ponto G”, ela disse maravilhada.

Beau riu, chacoalhando o peito, e abriu um largo sorriso no rosto.

“Eu também estou me sentindo como um virgem”, ele comentou em tom de brincadeira.

Ari se afastou, apoiando a cabeça no travesseiro para que pudesse enxergar o rosto de Beau.

“Não é que eu queira ficar imitando você, mas porque raios você disse isso?”

Ele sorriu de novo e, brincando, puxou várias mechas do cabelo de Ari, enrolando-as nos dedos enquanto apertava a bunda dela com a outra mão, em gestos claros de afeto.

“Porque essa é a primeira vez que sexo está sendo divertido.”

Beau soava tão novato em relação ao sexo quanto ela, o que era bem engraçado já que Ari tinha zero experiência com isso e ele provavelmente tinha feito sexo várias vezes. Certamente um homem não ficava bom daquele jeito sem muita prática.

Ari sentiu um prazer absurdo pelo fato de ser a primeira de Beau em algo. No entanto, percebeu que ele estava mesmo surpreso com a descoberta do lado divertido do sexo.

“Mas o sexo não tem que ser divertido?”, ela perguntou intrigada.

“Ah sim, tem que ser sim”, ele respondeu, com a voz cheia de satisfação. “Você é um argumento convincente para o sexo ser *bem* divertido. É que dizem que sou sério e intenso, e supostamente as garotas curtem isso. Não posso dizer que alguma vez já dei risada transando. Mas você é uma gracinha.”

Ele riu ao dizer isso e alisou carinhosamente o queixo dela. Em seguida, empurrou o quadril e a penetrou mais profundamente, deixando Ari sem palavras, tomada pelo êxtase. Enquanto sentia Beau entrar inteiro, Ari dançava no fio da navalha, caminhando sobre a linha fina que separava prazer e dor.

Por dentro, ela estremecia e apertava Beau, tentando evitar que saísse cada vez que ele começava a se retirar. Ari já não se importava com aquele vago desconforto causado pela dor, porque a atmosfera sensual que a envolvia e que corria em suas veias era tão potente quanto qualquer remédio já produzido.

“Você me deixa louco”, ele sussurrou com os lábios colados na orelha dela. Disse tão de leve, que Ari não sabia se realmente tinha ouvido aquilo ou se estava imaginando coisas.

Ela puxou Beau pelo pescoço e o beijou, sugando sua língua da mesma forma como seu corpo estava sugando o pênis dele para dentro de si a cada estocada.

“Vou fazer você gozar”, ele disse secamente. “Quero que você também chegue lá quando eu gozar. Quero ver você sentir isso tudo pela primeira vez.”

Finalmente… Ele iria atender ao desejo desesperado de Ari. Ele finalmente iria lhe dar o alívio sexual de que ela tanto necessitava. Ela estava se revirando por dentro de expectativa e Beau gemia, num som bruto e atormentado de um homem que estava no limite.

“Me diga o que você precisa”, Beau pediu. “Me ajude a fazer você chegar lá, querida.”

“Eu não sei!”, Ari gritou. “Só continue. Por favor, não pare.”

Cada músculo, cada terminação nervosa, cada célula em seu corpo estava contraída, como uma mola prestes a… quase… ah, meu Deus, estava acontecendo. Ari lançou-se ao ar, numa adrenalina tão eletrizante que era como esquiar montanha abaixo, escorregadio como a neve, totalmente fora de controle, cada vez mais rápido. Cada vez mais alto. O quarto ao redor dela desapareceu. A cama chacoalhou. Havia um som distante de batida que foi ficando cada vez mais alto, fazendo a cama vibrar cada vez mais. Era Beau dando estocadas nela, fazendo-a afundar cada vez mais na cama e cobrindo o corpo dela com o seu, como se fosse um cobertor. Pele com pele, sem nenhuma barreira, sem separação. O tempo parou por um breve momento e todo o resto sumiu, e nada nem ninguém poderia atrapalhar ou quebrar a conexão que havia se estabelecido entre coração, mente e alma. Beau a preenchia, e não só o corpo. Ele a preenchia total e completamente: seu coração, sua alma. Ele a preenchia de esperança, de confiança. Da certeza de que não iria fracassar com ela e que a protegeria do mundo lá fora e a defenderia das agruras da vida.

As pequenas mãos de Ari apertaram os ombros de Beau, cravando os dedos nele com toda a força. Ela o abraçava como se sua vida dependesse daquilo. Um quadro que estava pendurado na parede chamou sua atenção. Ari ficou olhando,

porque ele estava muito mais baixo do que antes. Ou então ela estava em um ponto mais alto. Foi então que percebeu que a cama estava levitando. Ari começou a rir.

"Você não deve rir logo depois de um homem lhe dar o melhor orgasmo de sua vida", Beau disse sério.

Os olhos dele, no entanto, brilhavam travessos, e indicavam que ele estava sendo intencionalmente arrogante no que tinha dito. Mas Beau também tinha razão. Ari sorriu para ele.

"Estou me sentindo como no filme *O Exorcista*, sabe? Aquela parte onde a cama sai flutuando."

Beau a beijou, e o som suave do beijo ecoou de leve nos ouvidos dela.

"Ou talvez a gente tenha caprichado tanto a ponto de nossa energia sexual chacoalhar o quarto. Literalmente."

Ari moveu os ombros e abraçou Beau, trazendo-o para perto de si assim que a cama desceu suavemente no chão, batendo de leve, mas o bastante para balançar os dois. O sorriso no rosto de Ari era praticamente permanente agora. Nem em um milhão de anos ela imaginou que sua primeira vez seria tão avassaladora, e suas expectativas sempre foram altas. E erradas, por falar nisso. Então a boa ficção aparentemente era só isso. Apenas ficção. No início ela tinha ficado extremamente desapontada e, bem, tinha se sentido idiota e ingênua. Mas Beau não riu dela. Riu por causa dela, porque ela havia tornado o sexo divertido para ele. No quesito sensualidade, Ari não sabia bem onde é que a diversão se enquadrava, mas seu coração estava feliz por saber que, de alguma forma, tinha sido especial para ele. Ela não foi só mais uma mulher da – sem dúvida – longa fila que havia para ele. Homens como Beau jamais tinham de se preocupar com abstinência forçada. O mais provável era que ele precisasse botar a mulherada para correr, quando estivesse cansado. E, no entanto, ele a tinha escolhido.

Esse pensamento errado trouxe Ari de volta para a realidade e o "sorriso permanente" desapareceu. Ela olhou para os olhos apaixonados de Beau e sentiu a insegurança – algo que certamente não era novidade para Ari – aumentar e diminuir o prazer de algo que tinha sido realmente maravilhoso.

Beau aproximou-se dela, cheio de preocupação no olhar.

"Ari? Eu te machuquei de novo? Fui bruto demais?"

"Não", ela respondeu rapidamente para tranquilizá-lo. "Eu só estava sendo boba. Você não precisa se preocupar com nada. Foi maravilhoso."

Ari foi completamente sincera ao dizer isso. Mas Beau continuou analisando-a com atenção, com um olhar penetrante, procurando ver o que havia

por trás da negativa apressada.

Ele apoiou o peso do corpo em um único braço amparado no colchão, para não pesar demais sobre Ari, e também deslocou o peso para o lado dela que não estava machucado, assim não faria nenhuma pressão sobre o ferimento. Com a mão livre, Beau alisou diversas mechas de cabelo que estavam cobrindo o rosto suado e corado de Ari.

“No que você estava pensando”, ele perguntou suavemente.

Ari suspirou e fez uma careta.

“Eu não sou a pessoa mais segura do mundo e você vai achar isto um enorme absurdo. Mas eu estava pensando no fato de que eu signifiquei algo especial para você, ou pelo menos algo único. Porque você disse que eu fui a primeira com quem você se divertiu. E depois meu pensamento foi para a ideia de que homens como você nunca precisam se preocupar com abstinência forçada e que, na verdade, provavelmente precisa é botar para correr a mulherada que quer transar com você.”

Ari mordeu os lábios, consternada por ter admitido a última parte. Uma coisa era alimentar pensamentos em segredo. Esses pensamentos eram seus, e Ari jamais teve de se preocupar que alguém fosse descobrir suas fraquezas. Mas Beau queria ter acesso a eles e isso a deixava inquieta.

Beau ainda tinha uma expressão intrigada no rosto, mas continuava olhando para ela, obviamente aguardando a resposta, *sabendo* que havia mais coisas para ela dizer.

“Eu estava com essa sensação boba, como uma garota de 16 anos que acabou de ser convidada para o baile de formatura pelo cara mais lindo da escola. Pensei comigo que ele poderia ter escolhido qualquer mulher no mundo, e ele me escolheu. E assim que pensei nisso, percebi que você não me escolheu. Eu que me atirei para você e praticamente implorei para você transar comigo, e te deixei com peso na consciência por me rejeitar. Basicamente, você transou comigo por dó…”

Ari estremeceu com as próprias palavras. Soaram duras e rudes, e ela ficou surpresa por ter dito. Aquilo tinha passado por sua mente quando ela falou sobre ser rejeitada e foi dito sem pensar direito. E agora ela estava envergonhada por ter aberto a boca, porque, independentemente dos motivos que Beau tinha para fazer amor com ela, foi tudo lindo e comovente, e Ari estava depreciando o aconteceu entre eles.

“*Transei com você por dó*?”

As palavras saíram engasgadas. Ele estava visivelmente furioso e Ari se

arrependeu na mesma hora de ter falado o que se passava em sua cabeça naquele momento de descuido, um erro que ela não conseguiria apagar. Um erro que podia muito bem estragar aquele lindo momento de união de corações e almas.

"Você honestamente não consegue enxergar quem é?", Beau perguntou incrédulo.

Beau deixou Ari atônita ao ignorar suas lamúrias e choramingos melindrosos, e então simplesmente a pegou no colo e a carregou até o banheiro, totalmente nua. Com cuidado, colocou-a diante do espelho e ficou atrás dela, obrigando-a a olhar o próprio reflexo. Ari viu que seu rosto estava corado e completamente despenteada.

Tinha a aparência de uma mulher que havia acabado de fazer amor gostoso. Seus lábios estavam inchados, seus olhos ainda traziam os resquícios daquele orgasmo arrebatador e estavam cheios de brilho, e na luz fraca do banheiro, eles pareciam brilhar ainda mais.

Beau colocou o corpo de Ari entre suas mãos, uma de cada lado, e permitiu que percorressem livremente suas curvas, segurando seus seios por baixo e os levantando, de forma que era impossível não ver os mamilos duros e tensos, também inchados pelos carinhos de Beau.

"Você é linda", Beau disse com a voz rouca. "Mas você é a *mais* linda de uma maneira que nem imagina. Eu diria que obviamente você não se vê da mesma forma que eu. Você não vê a sua essência."

Beau colocou a mão sobre o peito dela, espalmando os dedos possessivamente.

"Deixe-me dizer o que *eu* vejo."

Ari prendeu a respiração, ansiosa. Estava cheia de esperança e, mesmo assim, temia se permitir sentir, ainda que fosse mínima, já que ela poderia ser facilmente esmagada caso Beau a rejeitasse.

"Eu vejo uma jovem mulher linda, leal e corajosa, que coloca as pessoas que ama acima dela mesma, acima da própria segurança. Poucas pessoas são tão abnegadas quanto você, Ari. Você tem um dom. Tem ideia de como me senti honrado e fiquei completamente emocionado por você ter *me* escolhido para sua primeira vez? E ainda assim você não acha que eu escolhi *você*? Que eu *transei com você por dó*?"

Ari se encolheu ao ouvir as palavras serem jogadas de volta para ela. Porque agora, pela reação de Beau e de tudo o que ele estava fazendo para tranquilizá-la, parecia que ela tinha dito aquilo só para receber elogios. Clássica manipulação feminina. E isso a deixava desconfortável, sentindo-se incrivelmente

envergonhada e, se fosse possível, ainda mais constrangida.

“Você não só se desvaloriza e se menospreza muito com isso, como faz o mesmo comigo ao sugerir que eu usaria *meu* corpo por dó de alguém. Que eu faria amor com você de corpo e *alma*, da maneira como você *merece*, porque estava com pena de você. Tudo bem você ter problemas de autoestima, mas jamais se despreze assim diante de mim – aliás, diante de qualquer pessoa –, porque isso vai me deixar irritado de verdade.”

Ari engoliu em seco e lentamente assentiu, enquanto Beau se inclinava para acariciar o pescoço dela com o rosto. Mesmo ainda hipersensível como estava após o orgasmo, seu corpo reagiu energeticamente ao toque de Beau, ao calor intenso que surgiu entre eles quando voltaram a ficar próximos.

Beau encheu de beijos o pescoço inteiro de Ari e foi descendo até chegar aos ombros. Então simplesmente a puxou para junto de si, em seu peito e a abraçou com firmeza. O reflexo dos dois no espelho trazia uma imagem tão íntima e sensual, que Ari imediatamente fez questão de guardar aquela cena na memória, para que a lembrança jamais se apagasse, e ela fosse sempre capaz de trazê-la à tona quando quisesse. Porque essa cena ela jamais iria se esquecer. Uma noite com tantas primeiras vezes.

Beau apoiou o queixo no topo da cabeça de Ari, olhando diretamente para ela no espelho, com um olhar atento. Claramente satisfeito pelo que viu – pelo menos parecia que tinha visto ou o que gostaria na expressão do rosto de Ari –, ele a abraçou com força mais uma vez e a virou. Segurou o queixo dela, alisando seu rosto com o dedão. Não havia raiva nem censura nos olhos negros de Beau, apenas determinação inabalável. Ari sentiu o aconchego e o afeto preencherem todos os seus membros e se espalharem depressa pelas veias para o resto do corpo. Novamente ela estava envolta na felicidade e pôde relaxar nos braços de Beau, permitindo que seu corpo se moldasse ao dele, em um encaixe perfeito.

“Olhe para o espelho, Ari”, ele murmurou, seus lábios roçavam o cabelo logo atrás da orelha dela. “Veja como você é linda. Veja de verdade.”

Hesitando, Ari se virou, atendendo ao pedido gentil. O que viu a surpreendeu, pois ela estava se observando com um olhar objetivo, como se não fosse ela, mas outra mulher. Era como se estivesse se vendo pela primeira vez sem um véu que ela mesma tinha se colocado. Ela estava… linda. Mais importante do que isso, *ele* a fazia sentir-se linda e desejada. Ari estava sentindo-se como a mulher que Beau escolheu, e não como uma mulher que precisou “convencê-lo” a fazer amor com ela. Agora, passado um tempo daquele momento vulnerável, quando estava tão exposta e fragilizada após a intensidade

do sexo, Ari podia perceber como aquele primeiro pensamento e seu medo eram ridículos. Beau não era um homem facilmente manipulável. Aliás, ele não era manipulável em absoluto – por ninguém. Ari queria pedir desculpas, mas isso só tornaria as coisas piores e o melhor que podia fazer era simplesmente aceitar o que ele via e o que *ela* também estava vendo agora. Ela enxergava uma linda mulher, que tinha acabado de fazer amor por inteiro e de entregar um pedaço de seu coração a um homem que ela mal conhecia. Mas, ao mesmo tempo, Ari sentia como se estivesse aguardando por esse momento a vida toda.

DEZOITO

Beau deixou o conforto de sua cama na manhã seguinte, olhando sempre para Ari, para ter a certeza de que não a havia acordado. Ela precisava descansar, e ele, bem, ele precisava de… distância. De objetividade. Porque a noite anterior alterava todo o relacionamento – supostamente profissional e objetivo, com uma mulher na qual ele não deveria ter colocado suas mãos, nem outras partes de seu corpo. Beau deveria ter mantido um nível absoluto de profissionalismo, preservado a relação imparcial de cliente e prestador de serviço. Não podia ter comprometido sua perspectiva daquela forma. Caramba, quem ele queria enganar? Podia pensar que precisava se distanciar – e podia até reconhecer que era isso que *deveria* fazer –, mas com certeza não era isso o que ele queria. Ao menos era honesto o suficiente consigo mesmo para não inventar desculpas, nem tentar racionalizar seu desvio de conduta profissional. Uma conduta que ele e Caleb insistiam que fosse seguida por seus especialistas em segurança o tempo todo. Ele era um tremendo de um hipócrita e não estava nem aí para isso. O que significava que estava mais envolvido com Ari do que poderia imaginar.

Ele se vestiu apressadamente e foi até a cozinha preparar uma xícara de café. Beau precisava de uma infusão de cafeína para dissipar a névoa de letargia em que se encontrava. O que ele queria mesmo era continuar na cama com Ari, envolvendo-a com seu corpo, para que ela acordasse em seus braços, confortável e sonolenta, e olhasse para ele toda contente e lânguida com aqueles olhos multicoloridos. Mas ele tinha trabalho a fazer e precisava tirar o atraso. O relógio não parou e eles estavam trabalhando com um prazo bastante curto. A cada hora que os pais de Ari permaneciam desaparecidos aumentavam as chances de não serem resgatados com vida.

Se Beau fosse o sequestrador, e este era o tipo de desgraçado capaz de usar as maiores fraquezas de uma mulher vulnerável contra ela mesma, mataria um dos pais, enviaria provas e depois diria a Ari que, caso não cumprisse com as exigências, poderia dizer adeus ao outro que ainda estava vivo. E mataria o pai primeiro, já que devia ser uma ameaça maior do que a mãe. Isso acabaria com Ari. Ela jamais conseguiria se recuperar e ele carregaria consigo o fardo da

responsabilidade – a incapacidade de cumprir promessas – pelo resto da vida. Ari jamais o perdoaria e ele também…

Enquanto Beau mexia o açúcar que tinha colocado no café forte, apenas o suficiente para tirar o amargor e torná-lo palatável, seu celular tocou. Aquele toque era usado para números que não estavam na lista de contatos e, ao puxar o celular e conferir de onde vinha a ligação, Beau fez uma careta quando viu escrito “bloqueado” na tela do telefone. Normalmente não atenderia uma ligação sem ter alguma forma de rastreá-la, mas dada à situação de seu caso atual, ele não podia se dar ao luxo de perder nenhuma pista.

“Alô?”, disse simplesmente, em vez de atender com o costumeiro *Beau Devereaux*. Não havia motivo para dar a quem estivesse ligando qualquer informação que ele – ou ela – já não soubesse, e, caso fosse um engano, Beau não estava nem um pouco disposto a associar seu nome com um número que apareceria no histórico de chamadas da pessoa.

“Senhor Devereaux, você tem minha filha e é fundamental que a mantenha em segurança e escondida. As pessoas atrás dela não irão parar por nada até pegá-la.”

Beau franziu a testa e sentiu a raiva fervilhar enquanto segurava seu celular com mais força.

“Gavin Rochester? Que merda é essa? Você tem ideia de como sua filha está desesperada? Qual é o seu problema? Você está fazendo Ari atravessar um inferno.”

“Não sou Gavin Rochester”, o homem respondeu, com uma voz cansada. Ele parecia abatido e Beau, após sua raiva inicial passar, percebeu um pouco de medo na voz dele. “Ari Rochester é minha filha biológica.”

Beau ficou alerta, e instintivamente se virou para ver se Ari não vinha atrás dele. Depois de garantir que estava sozinho, caminhou depressa até a sala de segurança, entrou e trancou a porta atrás de si. A sala era à prova de som e os monitores de lá exibiam o vídeo de todas as câmeras de segurança ao redor e dentro da casa. Sua maior preocupação era Ari, por isso Beau fez questão de ficar de frente para o monitor que a mostrava dormindo tranquila em sua cama.

“O que você quer dizer com pai biológico?”, Beau perguntou, voltando sua atenção exclusivamente para o homem do outro lado da linha, agora que ele tinha Ari em seu campo de visão. “Juro por Deus, que se isso for um trote eu vou te achar, vou arrancar suas bolas e fazer você engolir.”

Houve um silêncio desconfortável enquanto o homem parecia estar reunindo a coragem necessária para falar – ou pelo menos parecia buscar as palavras

certas. Naquela hora, outro pensamento ocorreu a Beau. Como é que aquela pessoa, não importava o que estivesse dizendo, tinha conseguido seu celular particular? Um número que poucas pessoas tinham. Apenas seus irmãos, Dane e Eliza, Zack. Nem mesmo Anita tinha acesso. Beau tinha um celular de trabalho e um pessoal, que raramente era usado, já que a maioria dos seus irmãos ou da meia dúzia de pessoas que tinha aquele número trabalhavam com ele. Assim, normalmente era mais fácil – e mais natural também – ligar para o telefone que ele sempre atendia, não importava o que estivesse fazendo ou a que horas a ligação fosse feita. Apesar de, na noite anterior, caso o celular tivesse tocado, Beau o teria jogado pela janela.

"Como é que você conseguiu meu número?", Beau perguntou, com seu jeito direto, já demonstrando sinais de que sua paciência estava acabando, e rápido.

O homem também demonstrou impaciência com todas as perguntas e, ignorando todas elas, simplesmente seguiu falando o que queria.

"Você tem razão ao dizer que Gavin Rochester é o pai dela. É um título que ele fez por merecer. A última coisa que desejo é magoar Ari. Eu era jovem, convencido e arrogante. Tenho certeza de que você sabe como é." O homem que dizia ser o pai biológico de Ari acertou em cheio, ou melhor, suas palavras acertaram.

De fato, Beau sabia, porque tinha sido um garoto assim na faculdade e sempre se aproximava de outros que tinham as mesmas características. Embora desde muito jovem ele tivesse assumido muita responsabilidade, a faculdade foi sua forma de rebeldia, ao mesmo tempo em que carregava um enorme fardo por sua família.

"Sim", Beau disse em voz baixa. "Eu sei como é."

O homem continuou falando, sem dar tempo a Beau para processar tudo o que estava ouvindo, muito menos fazer perguntas. E havia um monte delas pipocando na cabeça de Beau, perguntas para as quais queria respostas, porque Ari as merecia de verdade.

"Ela está correndo grande perigo. Você precisa estar ciente de que essas pessoas não vão parar enquanto não puserem as mãos em Ari. Elas sabem o que ela pode fazer, do que ela é capaz. E estão decididas a usá-la e não vai ser para algo bom", ele disse em voz baixa. "Nós… eu… achei que ela estaria segura com Gavin Rochester. Ele tinha a reputação de ser implacável. Foi a coisa mais difícil que fiz na vida, abrir mão daquele bebezinho. Mas eu sabia que não teríamos como mantê-la segura. Nós não tínhamos os recursos nem os meios para garantir que ela não fosse encontrada.

“Nós quem?”, Beau perguntou.

O homem pausou e, quando voltou a falar, havia tristeza em suas palavras suaves.

“A mãe dela e eu.”

“Tem muita coisa que não estou entendendo”, Beau interrompeu. “Mas vamos começar pelas mais pertinentes. Como essas *pessoas* a quem você se refere – e nós já vamos falar delas em seguida – poderiam saber que uma simples criança teria todos aqueles poderes que ela iria exibir mais tarde? Os pais adotivos só descobriram que Ari tinha poderes quando ela estava com quase um ano de idade.”

“Porque Ari nasceu de um experimento”, o homem interveio. Subitamente havia um senso de urgência em sua voz e ele estava mais apressado. “Olha, não tenho muito tempo. Então você precisa saber o tipo de homens contra quem está lutando. A única razão para terem descoberto Ari, e isso aconteceu há alguns anos e não há alguns dias, como você está pensando, devido ao rebuliço que a mídia causou quando ela usou seus poderes.”

Beau estava assentindo, embora o homem do outro lado da linha não pudesse ver. Nessa, Zack tinha acertado em cheio. Foi um plano minucioso e bem pensado para se infiltrarem entre os homens de Gavin Rochester, ganhar a confiança dele e então, quando ele menos esperasse, atacar e levar Ari. Mas para onde e por quê?

“Como eles descobriram?”, Beau perguntou, cansado da conversa enrolada.

“A mãe de Ari e eu fomos selecionados para participar de um programa de pesquisa e desenvolvimento de habilidades psíquicas. Nós dois possuíamos talentos incomuns. A mãe dela era bastante pobre e mal conseguia pagar as contas no fim do mês. Eles a contrataram para ser barriga de aluguel, sem explicar que o bebê não iria para uma família de verdade. Eles fingiam ser uma agência de adoção legítima, especializada em barrigas de aluguel. Eles se valeram da fragilidade dela e ela concordou em carregar a criança porque ofereceram muito dinheiro, além bancar moradia e todos os gastos. Eu fui o doador do esperma, e aconteceu a mesma história comigo. Só que a mãe de Ari e eu nos apaixonamos. E quando descobrimos, por acaso, o que essa organização era de fato e quais eram os planos para nossa filha, decidimos fugir. E continuamos fugindo… cada escapada estava ficando mais difícil que a anterior, e nós sabíamos que, quando Ari nascesse, simplesmente não teríamos como continuar fugindo com um bebê para cuidar. Então procuramos seu pai para nos ajudar. Ele nos orientou a procurar os Rochester, que até onde sabíamos, não

podiam ter filhos.”

A resposta – reação – de Beau foi explosiva.

“Mas que merda é essa? O que meu pai tem, ou melhor, tinha a ver com isso. É melhor você me explicar direitinho.”

Beau estava com dificuldade para absorver tudo aquilo. A história parecia mais um filme bizarro de ficção científica, mas era assustadoramente real. Tudo se encaixava bem demais no histórico que ele tinha conseguido levantar de Ari e dos pais dela. Mas agora aparentemente seu pai também estava envolvido de alguma forma naquilo? E depois Beau se lembrou da vaga associação de Gavin Rochester com seu pai. Seu sangue gelou. Gavin foi a última pessoa – até onde eles sabiam – a ver seu pai ainda vivo. Será que Gavin tinha matado seu pai para proteger Ari? Ou será que ele o matou em defesa de seus próprios interesses escusos? Para a frustração ainda maior de Beau, o homem ignorou completamente seu pedido impetuoso e continuou como se não tivesse dito nada explosivo.

“Eles encontraram Ari, ou melhor, encontraram quem teve Ari, porque nos acharam e pegaram minha esposa.” As palavras dele, ditas com dificuldade, carregavam muita dor. A tristeza era tangível naquela ligação telefônica e Beau automaticamente segurou o celular com mais firmeza, olhando para o monitor, só para garantir que estava tudo bem com Ari. “Eles a torturaram”, ele continuou com a voz rouca. “Fizeram coisas inimagináveis com ela por três dias seguidos, até que ela cedeu e lhes disse com quem tinha deixado a filha. Então a mataram e jogaram o corpo em um lugar onde eu a encontraria, com um bilhete dizendo que era aquilo que acontecia com quem os traía. Então precisa saber com quem está lidando, senhor Devereaux. Precisa saber que eles são muito perigosos e não há a menor chance de eles simplesmente desistirem e irem embora. Eles assassinaram minha esposa há quatro anos. E, desde então, começaram a sistematicamente pôr em operação um plano que os permitiria ter acesso a Ari. E acredite em mim quando digo que, a cada tentativa frustrada, eles se tornam ainda mais determinados a atingir seus objetivos.”

Beau estava chocado e tentava lidar com todas as consequências daquilo que o pai biológico de Ari tinha acabado de revelar. Meu Deus, se tinham feito aquilo com a mãe biológica – uma mulher indefesa –, então certamente fariam o mesmo com os pais adotivos. Beau não conseguiria encarar Ari se o corpo de um dos pais dela aparecesse à porta de casa ou em algum local onde soubessem que ele seria encontrado pela DSS. Eles iam querer que Ari visse e soubesse exatamente o quanto estavam falando sério, e isso só deixava Beau ainda mais

determinado a jamais permitir que pusessem as mãos nela.

Beau escutou algum barulho no fundo e depois o homem falou apressado.

“Preciso desligar.”

“Espere!”, Beau falou rapidamente. “Como entro em contato com você?” Havia muito mais que ele queria saber daquele homem, especialmente como era que seu próprio pai havia se metido naquele atoleiro.

“Você não entra”, o homem respondeu laconicamente.

E ligação se encerrou nesse ponto, deixando Beau frustrado, com muito mais perguntas vibrando em sua mente.

“Que droga”, reclamou, jogando o celular sobre uma das poltronas de couro da sala de segurança, onde o aparelho caiu fazendo um barulho suave.

Ele novamente olhou para o monitor, sentindo medo enquanto observava Ari dormir o sono dos inocentes. O sono de alguém que não vivia em um mundo onde mulheres eram torturadas e depois descartadas como lixo.

A questão era se Beau devia contar à Ari o que ele agora sabia com certeza. Ou que, no mínimo, tinha chegado à conclusão de que era verdade. Por que a vida dele – e a dela – era um emaranhado de mentiras desde o início.

DEZENOVE

“A primeira coisa que quero fazer é inserir um rastreador indetectável em Ari, por precaução”, Beau disse aos membros reunidos da DSS, que foram chamados assim que ele saiu da ligação com o pai biológico de Ari.

Ela ainda estava dormindo, provavelmente exausta por causa dos eventos ocorridos nas últimas 48 horas, e só depois que Caleb, Zack, Dane e Eliza chegaram, atendendo à convocação urgente de Beau, ela começou a se agitar na cama. Beau foi até o quarto e lhe disse para tomar um banho demorado e tentar relaxar, porque a chamaria quando o café da manhã estivesse pronto.

Ele não gostou de mentir, mas não estava pronto para contar coisas que podiam ou não ser verdade, e além disso precisaria de tempo para repassar tudo o que tinha descoberto com sua equipe antes de tomar qualquer decisão em relação a ela.

Ramie estava na cozinha, preparando o café da manhã que Beau tinha prometido a Ari. Ela provavelmente tinha escolhido não participar daquela que seria uma reunião tensa e difícil para ela, já que absorvia muito das emoções negativas das outras pessoas. Beau sabia com certeza que não queria tocar sua cunhada e sujeitá-la a seus pensamentos focados em assassinato e vingança, da maneira mais impiedosa, se fosse preciso. Também não estava disposto a revelar a participação potencial do pai nessa história até ter certeza de todos os fatos. Caleb ficaria furioso e mandaria a objetividade da discussão por água abaixo, e quem sairia perdendo seria Ari.

“Boa ideia. Nunca é demais tomar esses cuidados”, Dane reconheceu. “Podemos planejar ao máximo, mas com os recursos desse grupo e levando em conta a selvageria deles, é impossível se proteger por todos os ângulos, quando não sabemos quem e o que são eles e qual é o propósito maior.”

“Está bem claro que eles não têm o menor problema em torturar mulheres inocentes”, Zack disse, com um tom de voz sombrio. “Caleb, talvez você queira manter Ramie trancada em casa e garantir proteção a ela 24 horas por dia, porque se esses desgraçados já descobriram a ligação entre Ari e a DSS – o que ficou óbvio já que eles tomaram tiros quando estavam saindo do prédio da

empresa –, então nenhuma pessoa associada à DSS, particularmente seus entes queridos, está segura.”

Os olhos de Caleb tornaram-se frios, e seu rosto ficou duro como pedra.

“Você pode ter certeza absoluta de que eu *vou* proteger minha esposa”, ele disse em um tom de voz baixo e letal.

“Quinn e Tori estão sob minha guarda constante e sob a de Eliza também”, Dane comentou. “Embora Quinn esteja bastante irritado com isso. Ele já me disse que não precisa da porcaria de uma babá e que ele é bem capaz de se proteger sozinho.”

Beau olhou com sério para Dane.

“Estou pouco me lixando para o que Quinn disse. Pode amarrá-lo se for preciso. Até isso aqui estar resolvido, ninguém dessa família – nem da DSS – vai ficar sozinho. Eu espero que você avise todos os seus homens, Dane.”

“Já cuidamos disso. Todo mundo do nosso lado já está avisado. Você só precisa se preocupar com si próprio”, Eliza disse calmamente. “O que me deixa incomodada é você e Zack estarem praticamente sozinhos com Ari. E *ela* é o objetivo primário, não o resto de nós.”

“Mas eles não querem matar Ari”, Zack retrucou. “Ela precisa ser recuperada viva a qualquer custo, o que significa que todos vocês são descartáveis, ela não. De todos nós, Ari provavelmente é a pessoa que mais está segura.”

A afirmação ríspida de Zack foi recebida em silêncio por todos, seguida pelo reconhecimento relutante de que ele tinha acertado na mosca. Eles sabiam que Zack falava a verdade. E o resto das pessoas ali estava em perigo porque poderiam e *seriam* usados para manipular Ari.

Esse grupo misterioso tinha marcas de um movimento de fanáticos, no entanto, operavam com paciência e frieza metódicas. Se a DSS estava aguardando algum erro ou escorregão da parte deles, provavelmente iriam esperar por muito tempo.

“Vou cuidar do dispositivo rastreador”, Dane disse. “O resto de vocês precisa ir. Não deixem rastros e considerem a possibilidade de estarem sendo seguidos e monitorados o tempo todo. Tratem de despistar e usem locais que não estejam ligados a nós de maneira nenhuma.”

“Acho que é uma boa ideia você transferir Ari também”, Eliza falou, encontrando o olhar de Beau, sem se intimidar por ele.

“Já pensei nessa possibilidade”, Beau respondeu em voz baixa. “Não quero ficar com ela em nenhum lugar por mais de alguns poucos dias. Quero mantê-la em constante movimento, para tornar mais difícil alguém seguir uma pista que

leve até ela.”

***

Ari ficou impaciente enquanto aguardava Beau vir buscá-la. Com certeza ele não pretendia carregá-la até a cozinha. Era hora de dar um basta naquilo. Se ela estava sentindo-se bem o suficiente para fazer suas proezas sexuais na noite anterior, com certeza seria capaz de andar por conta própria.

Ela ficou ruborizada quando seus pensamentos se voltaram para aquela noite. Ela estava deliciosamente dolorida em locais íntimos, um incômodo grande o suficiente para distraí-la de qualquer desconforto que pudesse sentir devido a uma prolongada dor de cabeça e ao corte com os pontos na lateral do corpo. Engraçado, mas não tinha pensado naquilo até agora. Estava mais focada em seus ferimentos íntimos. Ela fez uma careta. Ferimento não era a palavra certa para descrever aquilo. Talvez lembrança dolorida? Sim, basicamente era isso. Ela era bastante sensível e mesmo o toque mais leve em seus seios, entre suas pernas, ou mesmo na boca – inchada pelos beijos intensos de Beau – era como uma descarga elétrica que a deixava acesa e a levava de volta ao momento em que ele finalmente a fez chegar lá.

Seria capaz de permanecer na cama relembrando aquela experiência o dia todo, saciada e preguiçosa, e com certeza querendo repetir tudo aquilo.

O estômago de Ari roncou com os aromas instigantes que invadiam o quarto. Ela ficou com água na boca e passou a mão na barriga. Quem diria que fazer sexo abriria o apetite daquele jeito? Normalmente ela não era de tomar café da manhã, e na verdade raramente comia antes do meio-dia, mas estava sentindo-se faminta.

Ela ficou tentada a brincar de mulher sedutora e ir nua até a cozinha, só para ver quanto tempo demoraria para Beau levá-la de *volta* para a cama. Um sorriso satisfeito apareceu em seus lábios enquanto ela se lembrava da sensação de liberdade que teve ao tomar parte ativa em um jogo de sedução mútuo e muito prazeroso. Quem diria que ela tinha esse vulcão sexual dentro de si, só esperando a hora certa para entrar em erupção. Em vez de sentir-se constrangida ou envergonhada, Ari recusou com veemência essas duas emoções. Algo como aquilo, tão bom, tão lindo e emocionante, não tinha nada para gerar arrependimento ou constrangimento. E definitivamente a vergonha passaria longe de algo tão perfeito.

E nessa hora, dois pensamentos estouraram a bolha de sua felicidade,

fazendo a realidade retornar como um tapa na cara. Primeiro, eles provavelmente não estavam sozinhos para que ela saísse desfilando pela casa completamente pelada. E, em segundo lugar, *oh, meu Deus*. Como ela podia se esquecer? Como ela podia ter ficado com alguém como se seu mundo *não* tivesse virado de cabeça para baixo? Como se tudo estivesse na mais perfeita harmonia e equilíbrio, quando, na verdade, sua vida estava em ruínas ou destroçada. A vergonha, algo que Ari tinha se recusado a sentir, bateu com tanta força em seu coração que ela foi obrigada a sentar-se na cama, para não cair de joelhos. E o medo, o companheiro constante de que tinha sido capaz de se livrar por algumas poucas horas, voltou com mais força que nunca.

Enquanto ela pôde aproveitar uma noite de total entrega – em que a porta de um mundo novo e até então inexplorado se abriu completamente para ela entrar, de braços abertos e esticados, como se quisesse abraçar o sol – o paradeiro de seus pais ainda permanecia desconhecido. E Ari estava feliz, loucamente feliz. Sorrindo, dando risada… fez sexo pela primeira vez e finalmente compreendia todo o *auê* em torno do assunto. Ela estava agindo como se nada mais tivesse importância no mundo, quando seus pais *eram* o seu mundo e, sem eles, Ari estaria diante de uma vida solitária e vazia.

Seus olhos ficaram marejados e ela baixou a cabeça. Na mesma hora, notou algo escorrendo por suas narinas, com um cheiro metálico. Estava pingando sangue em seu colo. Ela tocou o sangue com um dedo trêmulo, e começou a sentir a enxaqueca ecoar em sua nuca e se espalhar pelo crânio como se fosse uma teia de aranha.

“Eu amo vocês, mamãe e papai”, ela sussurrou.

Por que os poderes dela não podiam incluir telepatia? Assim poderia conversar com seus pais, não importava onde estivessem. Jamais haveria uma barreira que ela não conseguiria atravessar e não haveria lugar onde eles pudessem estar escondidos. Qual a utilidade de ser capaz de mover objetos com a mente? Parecia que tudo o que ela era capaz de fazer era de gerar caos e criar violência. E fazer a cama levitar durante o sexo. Grande coisa. Quem se importava com isso?

Ari quase conseguia ouvir sua mãe falando com ela em seu tom de voz gentil e tranquilizador, usado apenas com ela e com seu marido: *Pare de ser tão dura consigo, querida. Você não tem que provar nada para ninguém. Com certeza não precisa provar nada para mim nem para seu pai. Nós a amamos exatamente como você é e jamais mudaríamos absolutamente nada em você. Você é o maior orgulho que temos em nossas vidas, a coisa mais importante. Ninguém nos traz*

mais felicidade que você.

Ari enxugou uma lágrima no canto dos olhos, espalhando sangue no rosto. Em seguida ela bufou, desgostosa. Não poderia ir até a cozinha parecendo alguém que acabou de sair de um filme de terror. Beau ficaria maluco se a visse daquele jeito.

Sentindo o peso de tanta tristeza e medo, ela foi se arrastando até o banheiro e ficou surpresa com a palidez de sua pele e com como o sangue vermelho vivo se destacava em seu rosto desbotado. Ari aqueceu a água e molhou uma toalha de rosto. Em seguida ela a torceu e a colocou no rosto, inspirando o ar úmido e aquecido. As lágrimas foram absorvidas pelo pano e se misturaram com a umidade restante da água da torneira. Ari então soltou a toalha, endireitou os ombros e visivelmente pareceu mais controlada.

A última coisa que um homem queria era ver a mulher com quem ele transou na noite anterior surgir na cozinha dele na manhã seguinte toda abatida e chorosa. Não era algo que faria bem ao ego dele, e Ari queria garantir com toda certeza que Beau jamais achasse que ela estava arrependida de qualquer coisa. Porque, mesmo envergonhada por não ter pensado em seus pais durante aquelas horas preciosas, Ari não conseguia se arrepender do que tinha feito.

Isso provavelmente a tornava uma pessoa horrível, mas pelo menos ela estava sendo honesta. Mais importante, Ari estava sendo honesta consigo mesma. Não iria adicionar a hipocrisia à sua numerosa lista de pecados.

Mas fazer amor com Beau tinha sido como tomar um banho de sol após semanas de dias chuvosos e cinzentos. Ele foi a única luz no mundo dela desde que tudo mudou por completo com o sumiço de seus pais. Beau era a âncora de Ari, a única coisa que ela tinha de verdadeiro e sólido, e ela estava agarrada desesperadamente a ele porque não tinha nada – nem ninguém – com quem contar naquele momento de verdadeira dificuldade. Se isso a tornava uma pessoa fraca e dependente, quem se importaria? Beau era tudo de que Ari precisava, tanto para encontrar seus pais e garantir o retorno deles com segurança – e ela confiava que Beau iria cumprir sua palavra – como para ser seu amparo, para segurá-la quando ela não estivesse mais aguentando e desabasse.

Ari gostaria de ser uma pessoa mais forte, mais independente. Certamente tinha dado alguns passos nessa direção. Mas no fim, fracassou até mesmo nisso, porque ao primeiro sinal de dificuldade, ela correu para seu pai. E depois foi obrigada a correr até Beau. Ela não era nenhuma super-heroína e aceitava bem esse fato. Só esperava que Beau um dia não acordasse e a olhasse com desprezo, pensando como tinha se envolvido com alguém tão diferente dele. Ele era forte e

tinha iniciativa. Ari não conseguia imaginar Beau alguma vez precisando de *alguém*. Mas ele a queria, ele a havia escolhido. E também ficou bem irritado quando ela sugeriu que ele pudesse ter feito amor por obrigação ou por dó dela.

Ari se focou na reação violenta que Beau teve, quando disse que a havia escolhido e que ela não o obrigou a fazer nada que ele já não estivesse querendo fazer desesperadamente. Isso a deixou animada e renovou suas forças, em um momento em que estava insegura e hesitante.

Com um suspiro, Ari parou de adiar o inevitável e se recusou a permanecer ali escondida, apesar do fato de Beau ter dito que viria buscá-la quando o café da manhã estivesse pronto. O mínimo que ela podia fazer era olhá-lo nos olhos e dizer a ele, sem palavras, que não tinha o menor arrependimento de ter passado a noite em seus braços. Ela só rezava para não olhar nos olhos *dele* e ver decepção ou arrependimento.

Terminando de se arrumar rapidamente, Ari prendeu o cabelo às pressas em um coque desajeitado, fuçando nas gavetas dele para encontrar um elástico ou algo assim. Não era o ideal para prender os cabelos, mas Ari não estava esperando encontrar lá elásticos próprios de cabelo. O banheiro de Beau não tinha nada que fosse nem remotamente feminino e não havia sinais de que alguma mulher *um dia* tivesse passado por lá. Presumir isso escapava um pouco da lógica, mas acreditar dava à Ari um prazer absurdo, então ela se apegou a essa ideia.

Pena que ela estava sem maquiagem para disfarçar a palidez do rosto e as olheiras. Dando de ombros, ela se vestiu, mas ficou descalça, e inspirou profundamente antes de sair do refúgio que era o quarto de Beau e ir encarar a realidade. Hora de sair da bolha onde o tempo parecia ter parado e estava suspenso indefinidamente. Ah, se pudesse voltar no tempo, antes de seus pais desaparecerem, e implorar para que eles não saíssem. Ari fechou os olhos rapidamente e se endireitou antes de virar no corredor, seguindo na direção oposta à da sala de estar, para entrar na cozinha.

Ela arregalou os olhos e subitamente sentiu-se constrangida quando viu Ramie Devereaux pegando ovos mexidos na frigideira com uma colher e colocando em um prato. Ari parou na porta sem saber se deveria entrar ou não, nem se ela seria bem-vinda lá. Ela não teve uma boa impressão de Ramie – ou Caleb – no dia anterior e não fazia ideia do que eles achavam sobre Beau ter concordado em ajudá-la. Como se tivesse sentido que estava sendo observada, Ramie olhou para Ari e lhe deu um sorriso de boas-vindas.

“Bom dia”, disse, colocando a frigideira na pia. “Você chegou bem na hora

do café da manhã. Já fiz o bacon e só o que falta é tirar os biscoitinhos do forno. Infelizmente o mingau de canjica é uma receita sulista que ainda não sei fazer direito."

Ela entortou o nariz ao mencionar o mingau e Ari não deixou de sorrir com o jeito tranquilo e amigável de Ramie.

"Não se sinta mal com isso. Morei a vida toda no Texas e nunca nem experimentei o mingau. Já me disseram que em alguns estados do Sul isso é uma ofensa grave, mas meus pais vieram da Costa Leste, então eles nunca ficaram muito preocupados com essa obrigação de ter à mesa os pratos sulistas tradicionais."

Ramie enxugou as mãos no pano de prato ao lado da pia e então caminhou na direção de Ari, estendendo a mão em um cumprimento.

"Nós não fomos apresentadas direito ontem. Eu sou Ramie Devereaux."

Ari gelou, abaixando as mãos e colocando as palmas contra sua calça jeans, instintivamente dando um passo para trás.

"Você não pode me tocar", Ari comentou em voz baixa, constrangida.

Ramie olhou para ela intrigada.

"Você só vai se machucar", Ari explicou. "Já li muito sobre você ao longo dos anos, como você só sente emoções negativas. Eu sei que é bobagem minha, mas sempre imaginei nós duas como uma espécie de almas semelhantes. Tipo irmãs vindas de mães diferentes e coisas assim. Você me fazia sentir menos sozinha no mundo."

"Por que você vai me machucar?", Ramie perguntou.

"Porque meus pensamentos não são nada bons neste exato momento", Ari respondeu com sinceridade.

Ramie abriu um sorriso gentil.

"Nenhum de nós está livre de ter um pensamento ruim, Ari. Meu dom se manifesta de uma forma bem peculiar. Na verdade, é mais uma maldição do que uma bênção. Se bem que é melhor deixar para os outros classificarem, já que são os que normalmente se beneficiam dele, enquanto eu… eu sofro."

"É por isso que não acho bom você me tocar."

"O que eu queria dizer", Ramie continuou, ignorando o pedido de Ari ao conduzi-la até uma banqueta na frente de um dos pratos, "é que consigo sentir a verdadeira essência de uma pessoa. Consigo saber se ela é má por natureza, quais são seus pecados. Não consigo ler necessariamente o pensamento delas. Sei que isso parece bizarro e eu mesma acabo ficando confusa às vezes, mas você me parece ser uma pessoa boa de coração e alma. Só porque tem alguns

pensamentos sombrios – especialmente em um momento em que tem todo o direito de tê-los – isso *não* torna você uma pessoa má.”

Como se quisesse provar o que estava dizendo, Ramie pegou a mão de Ari, entrelaçou os dedos com ela e pressionou a palma das mãos. Por um momento, Ramie ficou em silêncio e, quando Ari a viu franzir a testa, tentou tirar a mão, para não causar mais nem um momento de dor àquela mulher. Mas Ramie não deixou e segurou a mão de Ari com mais força, obrigando-a a continuar ali, com suas mãos firmemente presas. Quando enfim soltou, Ramie abriu um sorriso e a testa já não estava franzida.

“Você não é má, Ari. Na verdade, é uma das almas mais doces que já encontrei, e acredite em mim quando digo isso, já vi muitas almas e corações.”

“Então por que você fez aquela careta?”, Ari perguntou, atônita.

“Porque senti sua dor. Senti a sua sensação de perda e o seu total desamparo. E sei bem como é sentir isso”, Ramie disse suavemente. “Eu fiz a careta porque isso me deixou chateada, por vê-la passando por tanta angústia. Você precisa confiar em Beau. Ele é um bom homem. Meu marido também é, embora ele vá discordar disso.” O sorriso no rosto de Ramie ficou levemente provocador. “Na verdade, ele insiste que não é bom o bastante para mim, mas ele é egoísta demais para me deixar ir embora. Eu só respondo que ele está sendo esperto, não egoísta.”

Ari riu, sentindo o coração aliviado e foi então que ela se lembrou da amplitude dos poderes de Ramie. Com a respiração acelerada, Ari recordou as diversas histórias de Ramie no noticiário ao longo dos anos. Também lembrou da conversa com Beau no escritório, que agora parecia ter acontecido havia uma eternidade, sobre a possibilidade de Ramie ser capaz de localizar seus pais. Ari mordeu os lábios, sem saber como trazer à tona um assunto tão delicado, especialmente quando Ramie sofria o mesmo que as vítimas. E se ela fosse capaz de ajudar, e de descobrir exatamente o que estava acontecendo com seus pais, Ari não sabia se suportaria aquela terrível verdade.

“Qual o problema?”, Ramie perguntou. “Você está parecendo completamente apavorada, Ari.”

Ramie olhava para ela cheia de preocupação nos olhos acinzentados.

Ari fechou os olhos brevemente, buscando coragem, rezando para encontrar forças, para que Ramie concordasse em ajudar e que Ari fosse capaz de suportar a verdade.

“Sei que estou pedindo demais”, Ari disse nervosa. “Mas, você sabe, meus pais estão desaparecidos. Eles sumiram sem deixar pistas e não tenho nem ideia

de onde começar a procurar. Será que você…” – ela inspirou profundamente antes de concluir – “não poderia usar seus poderes para tentar localizá-los?”

VINTE

“*Nem a pau!*”

Ari pulou de susto, e ficou tão assustada que tropeçou e precisou esticar a mão para se segurar no apoio de costas de uma das banquetas e não cair de cara no chão da cozinha. Seu coração quase explodiu no peito com a intensidade do acesso de raiva de Caleb. Ari se virou apressada, completamente apavorada, e viu que Caleb, Beau, Zack, Dane e Eliza tinham entrado na cozinha bem quando ela tinha feito seu pedido para Ramie. O coração de Ari disparou e batia tão irregularmente que ela estava sentindo-se zonza. Ela bambeou e, de repente, Ramie estava com ela, segurando-a com firmeza pela cintura enquanto repreendia seu marido com o olhar.

Caleb estava furioso, seu corpo todo estava tremendo de raiva, e seus olhos brilhavam, fazendo-o parecer… letal. Ari deu um passo para trás, e se soltou do braço de Ramie enquanto tentava escapar. Mas ela deu de cara com o balcão e então percebeu que estava encurralada, sem ter como escapar da terrível ira de Caleb.

Ari engoliu em seco, incapaz de articular qualquer tipo de resposta, nem mesmo para conseguir se desculpar. Ela estava paralisada, sentindo o estômago revirar de pânico.

“Como você tem coragem de tentar *manipular* emocionalmente minha esposa quando *sabe* muito bem o inferno que ela passa quando usa os poderes para localizar vítimas de sequestro?”

Ari cerrou os punhos com força, desejando não ter falado aquilo ou que não tivesse colocado os pés nos escritórios da DSS. Enquanto poucos momentos antes ela estava sentindo-se segura – confortável pelo fato de que Beau a protegeria *e* iria encontrar seus pais –, agora ela estava apavorada e queria estar o mais longe possível daquele lugar.

Ela caminhou de lado, estudando o caminho até o corredor que levava aos quartos. Lá havia uma porta logo depois da saída da cozinha, à esquerda, em direção à sala de estar e, então, à porta de saída. Havia outras empresas de

segurança. Ari só procurou os Devereaux porque foi seu pai quem pediu para ela fazer isso. Podia até mesmo contratar um investigador particular ou simplesmente ir até a polícia, que era o que ela deveria ter feito desde o início.

Quando passou pelas banquetas e estava pronta para cair fora dali, Ari saiu em disparada na direção do corredor, agitada feito um animal selvagem. Ela foi agarrada na cintura por um braço forte, e começou a ser carregada de volta. Ari se virou, pronta para lutar. Duas das banquetas do balcão simplesmente se levantaram no ar e foram jogadas violentamente contra seu agressor desconhecido.

“Droga, Ari! Sou eu, Beau. Pare de fazer isso com as cadeiras. Essas porcarias machucam!”

A voz de Beau conseguiu penetrar a barreira criada pelo pânico e pela vontade absurda que ela tinha de fugir, ou de estar em qualquer lugar, menos ali. Ari ficou imóvel e as banquetas caíram no chão, de lado. Beau continuava segurando-a com firmeza pela cintura, olhando para ela com uma expressão dura e furiosa, parecida com a tempestade que havia nos olhos do irmão.

Os olhos de Ari ficaram marejados. Ele estava bravo com ela *também*? Quando discutiram no primeiro encontro deles a possibilidade de Ramie ajudar na busca? Beau era quem tinha mencionado aquilo, não ela! Uma lágrima quente escorreu por seu rosto gelado.

“Por que você está tão bravo comigo?”, Ari disse com dificuldade, usando todo o controle que conseguiu para evitar que suas palavras terminassem em choro.

A raiva no olhar de Beau era simplesmente demais para ela suportar. Ari baixou o olhar e a cabeça, em sinal de derrota. A raiva e a impotência tinham tomado o lugar do desespero e faziam seu sangue ferver. Ela queria derrubar aquela maldita casa inteira – e seria capaz de fazer isso. Agora, mais do que nunca, sabia o quanto era poderosa. Suas habilidades, que até poucos dias atrás nunca tinham sido testadas, agora estavam naturalmente incorporadas a ela, sempre prontas para entrar em ação. Pela primeira vez, Ari estava assumindo seus poderes. Ela tinha algo que os sequestradores de seus pais não tinham: tinha a capacidade de causar completa destruição e caos, mesmo à distância. Ari já tinha provado que era capaz de desacelerar uma bala. Seu único ponto fraco era ser dopada, mas alguém precisaria chegar perto dela o suficiente para lhe injetar a droga. E alguém com um disparador de tranquilizantes não teria sucesso, já que ela não só podia desacelerar o projétil, como também sabia – *sabia* mesmo – que era capaz de jogar o dardo de volta no atirador. A menos que… *não* soubesse

que o dardo estava a caminho… será que era vulnerável a um atirador oculto disparando dardos tranquilizantes à curta distância?

Assim que esse pensamento lhe ocorreu, Ari o rejeitou. A certeza do que ela era capaz estava lá, no fundo de seu subconsciente. Com certeza ninguém tinha lhe dito aquelas coisas. E quem poderia? Seus pais estavam tão perdidos quanto ela em relação à origem e ao funcionamento de seus poderes. E, no entanto, ela sabia ou talvez sentisse, mas, de qualquer forma, Ari tinha certeza absoluta de que era capaz de se defender de qualquer ameaça, *mesmo que ela não soubesse da existência dessa ameaça*. Mas até onde iam seus poderes? Possuir tais reflexos e instintos era algo além da simples telecinese, que exigia concentração e foco. Agora, caminhar na rua, tomar um tiro inesperado e ainda assim ser capaz de desviar a bala era algo totalmente diferente. Embora Ari não soubesse o que era, nem como ou por quê.

Ela sentiu uma onda de poder surgir de dentro, inquieta e agitada, ansiosa para ser liberada, para ficar livre e fazer o que devia: protegê-la e proteger as pessoas que importavam. E todas aquelas pessoas ali paradas – nervosas e disparando grosseiras contra ela – *não importavam*. As portas dos armários se abriram e copos saíram voando violentamente na direção de Caleb. Ari tinha se virado o suficiente para enxergá-lo com sua visão periférica. Ele xingava e tentava se esquivar de copos que atingiam o chão, a parede atrás dele e até mesmo o teto. Um deles conseguiu acertar Caleb, resvalando em seu ombro e depois se espatifando no chão.

Ari tomou o cuidado de proteger Ramie. Projetou um escudo invisível, construindo-o com atenção em sua mente, e ordenando silenciosamente que os objetos sob seu comando não chegassem perto dela. Por incrível que parecesse, aquilo funcionou. Ramie levantou um braço para proteger seu rosto, mas o prato bateu em algo a meio metro de distância e literalmente ricocheteou, caindo, inofensivo, no chão, onde se partiu em dois.

Beau segurou Ari pelos ombros, com firmeza, mas com o cuidado de não a machucar. Ele a virou e então simplesmente a beijou intensamente, um beijo profundo, devorador, poderoso. Se a intenção dele era desviar o foco de Ari da infinidade de objetos que seu irmão e os outros estavam precisando se esquivar, com certeza deu certo. Ele largou seus ombros e gentilmente segurou seu rosto com as mãos, enquanto beijava carinhosamente as lágrimas que escorriam.

“Eu só quero ir embora”, Ari murmurou soluçando, assim que Beau afastou a boca e a permitiu falar. “Por favor, só me deixe ir embora. Eu vou encontrar meus pais por conta própria. Estou acostumada a ficar sozinha com eles.”

Quando Beau falou, seu tom de voz não passou de um sussurro abafado.

“Eu *não* estava bravo com *você*, Ari. *Jamais* com você. Eu estava *furioso* com o babaca do meu irmão, mas você estava para sair correndo, então precisei escolher entre encher Caleb de porrada ou garantir que você não desaparecesse da minha vida para sempre.”

Enquanto olhava para Ari intensamente, os olhos de Beau queimavam de sinceridade, e a raiva que havia neles estava diminuindo.

“Eu escolhi *você*.”

As mesmas palavras da noite anterior não eram coincidência. Estavam sendo usadas para trazer à memória a noite de amor e o fato de que Beau *tinha* escolhido Ari. A corrente elétrica que havia percorrido o ambiente, fazendo tudo estalar com o poder de Ari – bem como com sua mágoa e raiva – foi se extinguindo, e as lascas e estilhaços de copos, pratos e outros objetos pararam de vibrar no chão. A cozinha ficou no mais absoluto silêncio. Ari sabia que todo mundo estava olhando para ela e Beau. Conseguia sentir o olhar encolerizado de Caleb, ainda mais agora depois que seu ataque havia sido direcionado a ele.

“Você a protegeu”, Beau murmurou, apontando para trás de Ari, onde Ramie estava.

Ari se virou lentamente, com os lábios fazendo bico e interrompendo o momento íntimo e silencioso que estavam compartilhando. Ramie estava de olhos arregalados enquanto olhava incrédula para Ari. Os outros estavam com uma expressão semelhante e Ari ficou irrequieta diante dos olhares. Estava se sentindo uma aberração e isso a fez querer sair correndo novamente. Ela faria qualquer coisa para escapar daquela situação constrangedora.

“Sinto muito pelo que pedi, Ramie”, disse Ari em voz baixa, com o choro evidente em sua voz. Então ela se virou para Beau. “E sim, eu a protegi. Ela não merecia ser vítima da minha raiva.”

Os dedos da mão de Beau, que estavam agora firmemente entrelaçados com os dedos de Ari, estremeceram em uma fúria silenciosa.

“Você ergueu uma barreira invisível em volta de mim, para me proteger”, Ramie disse com um espanto que se refletia em suas palavras e em seu rosto. “Ari, você tem noção de como seus poderes são extraordinários?”

“Eu trocaria meus poderes pelos seus sem pensar duas vezes”, Ari respondeu amargurada.

“Você não tem ideia do que está falando”, Caleb disse rudemente.

Foi o bastante para Beau perder o pouco controle que tinha, e rapidamente dirigiu-se até o irmão. Agarrou Caleb pelo colarinho, com o punho fechado, e o

empurrou com violência contra a parede, a mesma parede em que vários copos e pratos haviam sido quebrados.

As veias no pescoço de Beau ficaram saltadas e seu rosto vermelho. A respiração estava acelerada e errática, e sua mandíbula estava cerrada com tanta força que até chegava a pulsar de agitação.

“Já aguentei *demais* suas afrontas a Ari”, Beau disparou. “Juro por Deus que se você falar mais qualquer coisa, eu vou arrancar sua cabeça! Esse é seu único aviso, Caleb. Nem pense em me testar.”

Ari alternava o olhar nervoso entre os dois irmãos, os outros três membros da DSS e, finalmente, Ramie, que parecia estar furiosa. Ari não podia culpá-la por estar irritada pelo fato do irmão de seu marido tê-lo jogado contra a parede e em seguida o ameaçado com um tom que fez Ari sentir um frio percorrer a espinha.

Ele parecia mortal, suas palavras eram violentas e apaixonadas, mas, acima de tudo, eram… convincentes. Naquela hora, Ari acreditava de fato que, se Caleb pronunciasse mais uma palavra dirigida a ela, Beau iria agredir seu irmão.

“Beau!”, Ari gritou, finalmente saindo de sua paralisia.

Ela olhou para Ramie de forma suplicante, um pedido silencioso de ajuda, para impedir um desastre em potencial, enquanto corria até onde Beau estava prendendo Caleb contra a parede. Beau pressionava o pescoço de Caleb com o antebraço e Ari percebeu que ele estava impedindo o irmão de respirar com a força com que apertava seu pescoço. O rosto de Caleb foi ficando cada vez mais avermelhado, já que Beau não parava de pressionar, e Ari o puxava pelo braço, sem sucesso.

“Beau, por favor”, ela implorou. “Não faça isso. Ele é seu *irmão*. Eu saio. Ninguém jamais deveria causar uma desavença em família e obviamente foi isso que eu fiz. Não posso culpá-lo por ter ficado bravo, eu não tinha o direito de pedir à Ramie o que pedi. Eu só estava… desesperada. Você consegue se lembrar da sensação que teve quando sua irmã estava desaparecida?”

Ela direcionou a última parte mais para Caleb, embora tivesse incluído os dois irmãos na pergunta. Ela sabia que tinha acertado em cheio quando viu um lampejo de culpa nos olhos de Caleb, que ficaram sem vida. Ari ficou ainda mais desesperada e falou um palavrão em voz baixa por ter causado ainda mais dor. Ela tinha esfregado sal em uma ferida.

Ari se virou, sabendo que o melhor era simplesmente sair e deixar os irmãos se entenderem depois que ela fosse embora. Com a origem da discórdia longe dali, tudo voltaria ao normal, e a vida seguiria em frente. Mas pelo menos ela teria sempre a lembrança de uma noite linda. Ari jamais abriria mão daquilo,

essa memória pertencia a ela, para sempre. Nada nem ninguém poderia tirar aquela noite dela.

Com a intenção de sair de uma vez, sem perder tempo, apesar de estar triste por ter que deixar seu coração e uma parte de sua alma ali, Ari rapidamente caminhou em direção à outra porta, uma que dava direto para a sala de estar, em vez de atravessar os corredores, a saída que Beau a tinha impedido de pegar. Ela conseguiu passar por Dane e Eliza e deu de cara com Zack, que simplesmente entrou na frente, impedindo-a.

“Saia da minha frente ou eu tiro você do caminho”, ela disse com uma voz ameaçadora, que nunca imaginou ter.

“Não posso fazer isso”, Zack respondeu em voz baixa. “Já perdi uma pessoa uma vez, Ari. Eu sei como é. E sei como Beau vai se sentir se você sair da vida dele e desaparecer. E acho que você vai se sentir da mesma forma que ele. Não estou errado, não é.”

Embora tecnicamente aquilo fosse uma pergunta, foi dita como uma afirmação. Como se Zack fosse capaz de entrar em sua mente e navegar entre os pensamentos, chegando até sua essência e conseguindo ver a marca deixada por… Beau. Como se visse que Beau a tinha deixado marcada permanentemente. Sempre haveria uma parte de Ari reservada para ele e para a lembrança da noite de amor que tiveram.

“Sinto muito por sua perda”, Ari disse com seriedade. “Então talvez você consiga entender por que eu me recuso a ficar parada e ver meus pais serem levados para longe de mim, enquanto fico aqui sem fazer nada para ajudar a trazê-los de volta.”

Havia frustração na voz de Ari, que foi ficando cada vez maior até ela terminar de falar. Em seguida, braços conhecidos puxaram seu corpo e a arrastaram até o peito de Beau, embora ela ainda estivesse de frente para Zack. Ari não sabia o que estava acontecendo atrás dela, uma vez que estava focada somente em fugir dali. Se as pessoas falaram ou alguém pediu desculpas, ela não escutou; na verdade não estava ouvindo nada, já que se preparava para encarar o que sabia ser o adeus. Ari sentiu lábios quentes roçarem seu cabelo, logo acima da orelha.

“Não vá embora, Ari”, Beau sussurrou. “Apenas… fique aqui. *Por favor*.”

Atônita por ouvir Beau pedir alguma coisa daquela forma, ela se virou nos braços dele, olhando-o fundo nos olhos para tentar descobrir exatamente *o que* ele estava pedindo. O jeito que ele fez o pedido fazia tudo parecer tão… *definitivo*. Ele não disse aquilo como se estivesse apenas querendo que ela

ficasse lá até a missão dele estar concluída. Havia vulnerabilidade verdadeira nos olhos de Beau, o que a deixou tão espantada quanto o fato de vê-lo implorar. Na mesma hora, Ari o imaginou de joelhos, olhando para ela cheio de sinceridade com seus lindos olhos escuros. Ela ficou triste porque jamais gostaria de ver aquele homem orgulhoso e arrogante de joelhos por ninguém. A menos, é claro, que ele estivesse fazendo um pedido de casamento.

Opa, isso que é chegar a conclusões precipitadas! Ari meneou a cabeça para se livrar de todas as bobagens que pareciam estar acumuladas ali. Esse era um desagradável efeito colateral de usar seus poderes. Um efeito que ela jamais tinha percebido, já que nunca nem mesmo chegou a testar suas habilidades.

E então ela sentiu uma gota quente escorrer do nariz e olhou para Beau com receio, na mesma hora em que sua cabeça, que estava latejando de leve, despercebidamente até então – porque Ari estava focada em todo o resto –, começou a doer violenta e explosivamente, como se a enxaqueca estivesse aprisionada e tivesse sido libertada. Ari mordeu os lábios para não deixar escapar um gemido de dor, temendo que qualquer som fizesse sua cabeça explodir. Ela levou as mãos para cobrir as orelhas e as deixou ali. O rugido em seus ouvidos tornou-se cada vez mais alto, até que ficou insuportável. O ambiente parecia rodar enquanto ela estava em pé, parada. Aquilo a deixou tão zonza, que temia ficar enjoada. Ari bambeou e fechou os olhos, tentando fazer aquele movimento constante parar. Beau falou um palavrão em voz alta e Ari se contraiu inteira, quase gritando ao sentir o som, amplificado em centenas de vezes, perfurar sua cabeça. Ari deixou escapar um gemido, incapaz de segurar seu sofrimento.

“Por favor”, ela sussurrou tão baixo a ponto de não saber se seria ouvida, mas em sua cabeça aquilo mais parecia um grito. “Por favor, não fale nada. Nenhum som, Beau. Estou ficando enjoada!”

“Ninguém fala nada!”, Beau exclamou, virando as costas para Ari, para que ela não sentisse o impacto de sua voz diretamente.

Quando ele se virou, Ari cambaleou e, de repente, foi apoiada ao redor dos ombros por um par de mãos estranhas, que a seguravam com firmeza. Mas nem isso impediu que suas pernas cedessem. Ela desabou, já se preparando para sentir o impacto, sabendo que o chão duro iria partir sua cabeça, ou ao menos seria essa a sensação. Mas antes que atingisse o chão, Ari foi carregada, e ela fechou os olhos novamente porque a sala estava girando, fora de controle. Era Zack. Quando se virou para Beau, Ari se esqueceu completamente que Zack estava lá, e foi ele quem a impediu de sair.

“Que merda foi essa?”, Beau murmurou suavemente.

Ari abriu apenas um olho, contraindo o corpo inteiro com a luz, que parecia perfurá-lo como se fosse uma agulha. Beau se virou de novo, e seus olhos escuros ficaram ainda mais escuros de preocupação ao ver Ari carregada nos braços de Zack.

“Ela quase caiu de cabeça no chão”, disse este, em um tom de voz sombrio.

Em seguida à explicação, Ari emitiu um som de angústia. Beau imediatamente se aproximou deles e a pegou com cuidado dos braços de Zack.

“Apoie sua cabeça nos meus ombros, querida”, Beau sussurrou. “Vou levá-la de volta para a cama e Zack vai pegar seu remédio. Vai ficar tudo bem, eu prometo. Agora tente relaxar e controlar seus pensamentos. Concentre-se em algo que seja tranquilizador e relaxante, em alguma coisa feliz e boa. Ou apenas esvazie a mente por completo, se você for capaz de fazer isso.”

A cadência lenta da voz de Beau, embora absurdamente alta, por estranho que parecesse era tranquilizadora para Ari. Ou talvez fosse a vibração, aquele leve tremor vindo do peito dele, que estivesse agindo como um calmante para os nervos abalados dela. Beau a carregou como se ela fosse a coisa mais preciosa e frágil do mundo. Ele a carregou como se ela fosse… *importante*, tomando o cuidado de não a balançar de forma alguma. As cobertas ainda estavam desarrumadas, Beau a deitou no colchão e depois puxou e esticou os lençóis em volta dela, parando brevemente para se certificar de que os curativos ainda estavam bem colocados sob a camisa.

Ela mal percebeu quando Zack entrou, e então virou o rosto no travesseiro, tentando abafar o som dos comprimidos no pote que ele trazia consigo. Zack pegou dois e os levou com cuidado perto dos lábios de Ari.

“Abra a boca, lindinha”, Zack murmurou. “Trouxe um pouco de leite para você tomar, já que não comeu nada no café da manhã.”

Ari pensou vagamente por que não era Beau quem estava lhe dando o remédio, mas então sua dúvida foi respondida quando Beau gentilmente levantou a cabeça, o suficiente para que ela abrisse a boca e permitisse que os comprimidos fossem colocados por entre os lábios. Ela ficou surpresa com o esforço exigido para engolir os comprimidos com a ajuda da língua. Em seguida Beau a ergueu mais alguns centímetros, e Zack levou o copo de leite até a boca de Ari e o virou, tomando cuidado para que ela não tomasse leite demais. Isso era bom, porque a dor de cabeça a deixou tão nauseada, que ela temia vomitar qualquer coisa que engolisse. Terminada a tarefa, Zack saiu e Beau sentou-se na beira da cama, alisando os cabelos de Ari com a mão e tirando as mechas do

rosto com um movimento carinhoso.

“Dói”, Ari disse. Foi a única coisa que conseguiu pronunciar. Algo parecia estar terrivelmente errado, mas ela não conseguia articular palavras para expressar nada naquele momento.

“Eu sei, querida. Sinto muito. Devia ter enfiado porrada no babaca do meu irmão assim que ele abriu a boca. Ele não tinha o direito de atacar você daquela forma”, Beau disse carrancudo.

“Ele é… irmão…”

O sermão que Ari pretendia dar, explicando que Caleb era o irmão de Beau e que nada era mais importante do que a família, acabou se resumindo àquelas três palavras que ela conseguiu dizer. Mas foi o suficiente para dar seu recado. Beau acariciou os cabelos dela, sem pronunciar nenhuma palavra. Ele agia como se não tivesse escutado o que ela falou. Ou talvez simplesmente tivesse optado por ignorar.

“Depois que o remédio estiver fazendo efeito, vou trocar essas suas roupas por algo mais confortável”, Beau falou, continuando a acariciar o corpo de Ari para tranquilizá-la. “Tente relaxar, querida. Sei que é difícil, mas tente fazer isso por mim.”

“Me… pediu…”

Beau ficou confuso por um breve momento, ao mesmo tempo em que se aproximava de Ari para ouvir melhor as palavras pouco audíveis que ela dizia.

“O que pedi para você, Ari?”

“Para… ficar. O que… quis… dizer?”

A expressão no rosto de Beau ficou aliviada e ele levou a mão à testa franzida de Ari, pressionando e massageando até perceber que a tensão estava se esvaindo.

“Não quero que você vá embora”, ele respondeu, lacônico.

“Por quê?”

As pálpebras de Ari estavam ficando cada vez mais pesadas, mas ela não queria dormir ainda. Queria escutar o *porquê*. Lentamente, ela piscou os olhos e os deixou semiabertos, e o quarto parecia estar cada vez mais escuro.

“Beau?”, ela perguntou ansiosa, querendo saber por que o quarto estava ficando escuro.

“Estou aqui”, ele respondeu. “O remédio já está fazendo efeito?”

“Por quê?”, ela insistiu, determinada a não ceder aos efeitos da medicação enquanto ele não respondesse à sua pergunta.

Beau hesitou, aparentemente travando uma batalha interna, como se não

conseguisse decidir se contaria a ela ou não. Ari esticou o braço às cegas, procurando pela mão dele, a sua âncora. Beau fechou a mão sobre a dela, e Ari imediatamente foi preenchida pelo calor, que se espalhou pelo braço e chegou a seu peito. Então ele levou a mão até a boca e deu um beijo na palma dela.

"Porque você é minha", ele disse sinceramente.

VINTE E UM

Beau saiu do quarto, com o rosto fechado e carrancudo. Ele sabia que os outros estavam agora na sala porque ouviu vozes vindas de lá. Estava tão irritado que literalmente não conseguia enxergar direito. A fúria criou uma névoa vermelha ao seu redor, embaçando sua visão. Assim que entrou na sala, caminhando apressado, Dane olhou para ele e disse:

“Ah, merda.”

“Beau, cara, deixa quieto”, Zack recomendou em voz baixa.

Ignorando todo mundo, ele foi diretamente a Caleb, que estava massageando o pescoço, depois de Beau prendê-lo contra a parede pela garganta. Caleb mal teve tempo de olhar para o irmão antes de receber um soco no queixo, que o derrubou. Um pandemônio se formou em seguida. Beau foi para cima de Caleb com a intenção de levantá-lo pela camisa e olhá-lo nos olhos. Mas Caleb, mesmo deitado, acertou um chute lateral em Beau, que recuou alguns passos, lutando para não perder o equilíbrio. Isso deu a Caleb tempo o suficiente para ficar em pé, olhar para o irmão mais novo, esfregando a mandíbula no ponto onde havia recebido o soco.

“Esse é o único que você vai acertar”, Caleb avisou.

“É o que vamos ver”, Beau retrucou com uma voz suavemente ameaçadora.

“Agora chega!”, Ramie disse enfática.

Ela correu pela sala e se enfiou entre os dois homens bem quando Beau avançava para cima de Caleb. Beau se segurou, já que não queria que sua cunhada pequena e franzina fosse atingida por engano. Se acertasse Ramie acidentalmente com um soco tão forte quanto o que deu no irmão, provavelmente quebraria sua mandíbula. Em vez disso, ele permaneceu parado, fervendo de raiva, com os punhos baixados ao lado do corpo, abrindo e fechando a mão, louco de vontade de acertar Caleb mais uma vez. Ele nem mesmo conseguia olhar para o irmão sem ficar completamente transtornado de fúria.

“Ele agiu mal, Beau”, Ramie reconheceu em voz baixa.

“O cacete que agi”, Caleb disse, com os dentes cerrados.

Ramie virou-se para Caleb, mas antes disso Beau conseguiu notar a

expressão em seu rosto, que certamente estava feroz. Ele assistiu surpreso a Ramie dar uma bronca no marido, avisando-o de que ele não tomaria decisões por ela e que, se ela quisesse ajudar Ari, faria isso, sim.

“Juro por Deus que se você causar mais um único momento de dor para minha esposa, eu vou partir você em pedaços”, Caleb disse, com o rosto vermelho e os olhos em chamas.

“Seu hipócrita filho de uma puta”, Beau disse suavemente.

Ramie começou a falar, mas Beau gentilmente colocou a mão no ombro dela, e rapidamente a retirou, antes que ela captasse toda a ira que ele estava sentindo. Foi um gesto para que ela ficasse em silêncio, e Ramie respondeu com um aceno curto de cabeça, mas ainda assim permaneceu bem no meio dos dois irmãos.

“Não viu o que *você fez* com Ari?”, Beau perguntou. “Aquela mulher está desesperada, apavorada e sozinha. A única família que ela tem desapareceu sem deixar pistas e você a *atacou*. Pior ainda, você fez Ari se sentir *indesejada*. Qual é o seu problema? E como se isso não fosse o bastante, você continuou a pressionar, a ponto de ela se sentir indefesa. E usar os poderes é desgastante para o corpo dela. Você já deveria saber do perigo dos sangramentos psíquicos. Só que o seu não chegou nem perto dos sangramentos dela. E para piorar ainda mais, a dor que ela sente é aterrorizante. Ari já estava com uma contusão cerebral antes de você a maltratar hoje. Eu acabei de colocá-la na cama e ela não conseguia dizer nada com mais de duas palavras porque estava fraca demais e porque qualquer som fazia a cabeça dela explodir de dor. Tive de ficar lá sentado, só observando, porque não havia porcaria nenhuma que eu pudesse fazer para ajudá-la além de enfiar uns comprimidos pela goela dela e torcer para ela apagar rápido e fugir da realidade. Agora, me diga você, irmãozão, desde quando você se tornou um imbecil que agride verbalmente uma mulher frágil e vulnerável? Ah, espera. Eu me lembro. Você tem bastante experiência com isso, já que foi assim que obrigou Ramie a obedecê-lo depois que ela te disse ‘não’ na lata.”

Ramie empalideceu, e o rosto de Caleb desvaneceu, tomado pela dor, e seu olhar ficou sombrio. Beau desejou de verdade que Ramie não estivesse entre eles, para que não precisasse dar seu recado na frente dela, que não necessitava ser lembrada do inferno que Caleb involuntariamente a fez passar.

“Você está esquecendo quem é o pai dela? Esqueceu que ele foi a última pessoa a ver nosso pai vivo?”, Caleb perguntou com a voz rouca, embora já fosse possível ver em seus olhos traços de arrependimento. Ele olhou para Ramie cheio de tristeza, com as feições completamente tomadas por remorso. E

Beau ficava ainda mais irritado ao ver Caleb sentir tanto pesar e lamentar profundamente tudo o que fez Ramie passar, mas não ver nada de mais em maltratar uma garota totalmente inocente.

E naquele instante, Beau sabia que havia tomado a decisão certa ao não mencionar todos os detalhes confidenciais ao seu irmão a respeito do telefonema que tinha recebido, porque sabia que Caleb ficaria ainda mais cruel e irrefreável em relação à Ari.

“Até onde vejo, o único crime de Ari foi ter nascido”, Beau respondeu. “Você é a merda de um hipócrita se acha que ela deve ser julgada e responsabilizada pelos atos do homem que ela chama de pai. Porque você e eu sabemos que nosso pai não era nenhum santo. E se quer fazer Ari assumir os pecados do pai dela, então é melhor você estar disposto a responder pelos pecados do nosso pai também.”

Caleb fechou os olhos, mas não antes que Beau pudesse perceber que ele havia sentido o baque.

“Meu Deus, eu sou um idiota”, Caleb disse cansado. Ele esticou os braços para Ramie, como se estivesse precisando do seu toque, como se, ao tocá-la, ele fosse ser perdoado. Mas não era Ramie que precisava perdoá-lo. Ela já tinha dado seu perdão ao se casar com ele.

“É, você é mesmo. Mas isso não é novidade”, Beau disse, ainda irritado.

Ele ainda conseguia ver Ari, magoada e cheia de temor nos olhos. Ele a via dar passos apressados para trás diante das palavras agressivas, afiadas como faca, que Caleb direcionou a ela. E o pior… ele a viu *derrotada*. Como se ela não tivesse ninguém, ninguém que se importasse, ninguém para apoiá-la e dizer que tudo ficaria bem. E em seguida o pavor, sua raiva incandescente, os copos e pratos voando em disparada pelo ar, tudo porque Caleb a havia magoado e Beau não teve tempo de impedi-lo. Ari pensou que ele também estava contra ela, assim como os demais, que não fizeram nada, nem questionaram as palavras e as ações de Caleb.

Beau queria demitir todo mundo naquela mesma hora. Onde estava a raiva da Eliza? Ela certamente já havia peitado Caleb antes quando se tratava de Ramie. Apenas Zack tinha sido gentil com Ari e chegou a olhar para Caleb com raiva antes de impedir que ela fugisse. Graças a Deus havia Zack. Alguém naquela sala ainda tinha um pouco de bom senso. Não suportava imaginar Ari por aí sozinha e desprotegida – rejeitada pelas pessoas que tinham jurado protegê-la –, sem queimar de indignação por dentro.

Beau estremeceu, seu corpo inteiro vibrava com a sede de vingança. E então

uma mão, pequena e gentil, deslizou por seu braço, e Beau se virou, imediatamente controlando o aglomerado fervilhante de emoções que havia dentro de si, porque ele não queria machucar Ramie. Ela não merecia. Ela tinha sido gentil com Ari, e ela própria, percebendo isso, fez questão de garantir que não acontecesse nada de mal com Ramie, mesmo em meio à confusão e desordem que teve origem na agressividade vinda de Caleb. Seria muito fácil para Ari mandar todo mundo para o inferno, derrubar aquela casa, sair andando dos destroços, e lavar as mãos em relação ao que aconteceria com o resto deles.

"Mesmo enquanto você estava massacrando Ari, quebrando o espírito dela em pedaços, ela protegeu Ramie, a sua esposa. Porque Ari é uma pessoa boa, de corpo e alma, e não merece nada do que ouviu hoje."

Beau se virou, para incluir Dane e Eliza em suas reprimendas.

"Ari não merecia nada disso, de nenhum de nós, mas foi exatamente o que ela recebeu. E por quê? Porque ela está desesperada para encontrar a única família que tem nessa vida? Eu não estou nem aí se os Rochester têm laços de sangue com ela ou não. Para Ari, eles são o mundo inteiro dela. É isso que os torna importante e não cabe a nós julgar e condenar um homem com base em evidências tão frágeis que até mesmo um tolo conseguiria derrubar."

"Você tem sentimentos bem fortes por ela", Ramie disse com sua voz doce e gentil.

Beau olhou atônito para a cunhada.

"Por que eu preciso ter sentimentos fortes por uma mulher para condenar o abuso que ela sofreu por um homem duas vezes maior que ela?"

Beau notou, assim que pronunciou essas palavras, que soava como alguém na defensiva, como se tivesse ficado irritado com o que Ramie havia dito. E, caramba, talvez ele tivesse mesmo. Beau estava tão irado com toda aquela situação que já não sabia mais dizer o que estava acontecendo. Ele sentia como se estivesse vivendo uma primeira vez, como se fosse virgem da mesma forma que Ari. A lembrança de que na noite anterior ela havia oferecido a ele sua inocência de forma tão bonita fez uma nova onda de fúria queimar em suas veias. Beau deveria estar lá abraçando e reconfortando Ari, garantindo que ela não sofresse. Em vez disso, estava ali, fora do refúgio do quarto dele, defendendo-a contra o imperdoável abuso sofrido pelas mãos de seu próprio irmão, quando deveria estar lá com Ari, para que ela não acordasse sozinha, pensando no pior.

Caleb olhou torto para o jeito como Beau respondeu à Ramie, mas Beau o encarou de forma intimidadora, desafiando-o a dizer uma palavra que fosse. Para

a surpresa de Beau, Ramie pegou a mão dele e a segurou entre as suas. Ela sorriu e olhou para ele com um brilho nos olhos.

“Eu só falei para você o que senti”, ela disse, aparentemente contendo o riso. Por que raios ela daria risada em um momento como aquele?

Ramie apertou gentilmente a mão de Beau e depois ficou na ponta dos pés, colando os lábios no rosto dele.

“Você foi fisgado, Beau Devereaux”, ela sussurrou, enquanto se afastava.

Ainda sorrindo, Ramie virou-se para o marido com um olhar de repreensão. Beau achou interessante o fato de Caleb na mesma hora ter recuado e relaxado a postura, obedecendo automaticamente a ordem silenciosa da esposa. De acordo com Ramie, Caleb estava tão fisgado quanto Beau. E parecia que nenhum dos irmãos estava ligando para isso. Em seguida ela ficou com uma postura séria, e seus olhos acinzentados ficaram mais escuros, com um turbilhão de vários tons de cinza, que para Beau se assemelhavam a uma tempestade em tarde de verão.

“Quando Ari estiver se sentindo melhor, por favor diga a ela que ajudarei. Mas não posso garantir nada.” Ela falou a última parte com uma expressão bastante séria. “Normalmente eu uso um item da área onde ocorreu o sequestro ou o ato de violência. Obviamente neste caso não é possível, já que Ari não faz ideia de quando nem onde seus pais desapareceram.”

Ignorando o protesto imediato de Caleb, Beau voltou-se para Ramie e se concentrou somente nela, já que Zack ocupou o lugar de Ramie entre os dois irmãos.

“Você pode conseguir localizá-los mesmo assim?”, Beau perguntou, e só percebeu que estava prendendo a respiração quando seu peito começou a queimar.

“É possível que eu consiga, se Ari puder me dar um objeto favorito deles ou mesmo um pedaço de roupa que os dois tocavam ou usavam frequentemente. Se ela tiver algo que eles compartilhavam, melhor ainda”, Ramie disse, esfregando a mão no braço oposto, um sinal de que estava inquieta. Era visível sua preocupação com a possibilidade de fracassar e desapontar Ari.

Caleb se moveu e Zack imediatamente ficou tenso, dando ao patrão um olhar de advertência. Caleb podia ser o irmão mais velho, mas estava claro o lado que Zack tinha escolhido.

Beau pegou Ramie e abraçou seu corpo miúdo. E embora Ari fosse ainda menor, as duas tinham uma estrutura corporal parecida, com feições delicadas. Ambas tinham muito em comum, e não eram apenas suas habilidades paranormais. Ele beijou Ramie no topo da cabeça e lhe deu um abraço gentil.

“Ari vai entender. Ela é uma pessoa boa e doce de verdade, e vai ficar imensamente grata só de você tentar e oferecer ajuda. Vai significar muito para ela. Apesar de Caleb afirmar – sem saber o que estava falando – que Ari não fazia ideia do que você passava e o quanto sua habilidade faz você sofrer, ela está bem ciente disso e é por esse motivo que estava hesitando tanto em lhe pedir. É por esse motivo que ela não pediu sua ajuda imediatamente, logo no primeiro momento em que vocês se viram. Nós falamos sobre você no dia em que ela foi ao escritório. Ela sabe exatamente quem você é. Depois, ela me revelou que sempre sentiu uma espécie de ligação com você e que acompanhava todas as suas histórias na mídia. Acho que ela ficou meio envergonhada porque sente que é um pouco arrogante da parte dela acreditar que vocês duas são almas com uma espécie de ligação. Você a fazia se sentir menos sozinha e menos bizarra, porque ela chegou à conclusão de que o fato de vocês possuírem habilidades psíquicas representava uma chance razoável de haver mais pessoas por aí.”

Ramie pegou Beau pela cintura, com os dois braços, e lhe deu um abraço bem apertado.

“Eu sei exatamente como é essa sensação. E não é bobagem ou arrogância acreditar que somos almas ligadas uma à outra. Eu também gosto da ideia de que há mais pessoas por aí como eu. Não sei exatamente por que ela ou eu achamos isso reconfortante, mas é tranquilizador, de certa forma, acreditar que não somos um acidente da natureza, uma espécie de abominação.”

“Uma vez conheci uma pessoa capaz de ler mentes”, Zack disse em voz baixa, surpreendendo o resto do grupo ao falar. Ele normalmente era o observador silencioso dos acontecimentos ao redor. “Ela se sentia basicamente como você e Ari.”

Beau levantou uma sobrancelha com a inesperada revelação de seu parceiro, normalmente discreto e muito reservado. Isso só reforçava sua crença de que algo no passado de Zack o havia tornado o homem que era hoje. Agora Beau se perguntava se Zack tinha perdido alguém importante para ele. Será que foi a mãe? Uma irmã? Uma mulher que amava?

Caleb estava carrancudo e finalmente conseguiu passar por Zack quando, por um momento, a atenção deste não estava voltada para ele; tinha um olhar pensativo e distante. Caleb arrancou sua mulher dos braços de Beau. Em seguida, ele a segurou pelo queixo com as duas mãos e inclinou o rosto dela, para que seus olhares se encontrassem.

“Você não é *nenhum* acidente. Você é um verdadeiro *milagre*, o *meu* milagre.

E agradeço a Deus todos os dias por ter você.”

Caleb virou o rosto para Beau, com arrependimento sincero no olhar, antes de voltar a encarar com gentileza a esposa.

“O mesmo vale para Ari. Ela, como você, é uma mulher bonita e generosa, com um coração doce, *altruísta* e benevolente, e é extremamente leal às pessoas que ela ama. Beau tem razão e eu sou um completo idiota. E ao contrário de você e Ari, eu sou egoísta. Eu *admito* a qualquer hora que sou um egoísta desgraçado. Mas que droga, Ramie. Eu odeio pensar na ideia de você passar por algo horrível, *de novo*. Você já sofreu muito na vida. Eu só quero *protegê-la*. Você consegue entender isso? Eu te *amo* e jamais quero te ver sofrendo daquele jeito de novo”, ele disse irritado.

A raiva de Beau sumiu na mesma hora, e ele também ofereceu seu pedido silencioso de desculpas ao irmão com um único olhar, que foi recebido com um pequeno sorriso, embora os olhos de Caleb ainda estivessem carregados de preocupação. E Beau não podia culpá-lo. Os dois irmãos estavam fazendo exatamente a mesma coisa: protegendo suas mulheres dos horrores, da maldade e do sofrimento. Suas mulheres… Ao reconhecer isso, Beau selou seu destino e alterou para sempre o rumo de sua vida, o rumo de seu futuro. E o de *Ari* também. Na verdade, ele aceitou o presente que o destino lhe deu na noite anterior, e tomou posse dele de um jeito consagrado pelo tempo. Beau marcou Ari do jeito mais primitivo que um homem poderia deixar sua marca estampada em uma mulher. Ari era dele… Beau até mesmo tinha *dito* essas palavras para ela uma hora antes, e, no entanto, a ficha ainda não tinha caído direito. Ele não estava admitindo abertamente o que seu coração já sabia. A verdade o atingiu com a força de um trem em alta velocidade. Será que ele a amava? Porque aquilo certamente se parecia com amor. Ou ao menos com o que ele achava que era amor. Com certeza nada a não ser amor seria tão poderoso e intenso assim. Mas agora não era hora de pensar nisso. Havia coisas demais para serem acertadas antes entre os dois. Os lábios de Ramie se abriram em um sorriso e o olhar dela era triunfante.

“Eu diria agora que acertei em cheio, mas isso me tornaria uma pessoa convencida demais, não? Fisgaaaaadooo, Beau Devereaux. Com-ple-ta-mente *fisgado*”, ela disse, pronunciando devagar as últimas palavras para dar ênfase.

“E você também…”, Beau resmungou.

Dane e Eliza, que tinham se mantido discretamente afastados da balbúrdia inicial, agora se aproximaram e estavam agindo de forma objetiva e profissional.

“Isso vai criar um enorme risco para a segurança”, Dane disse. “E esse

também não pode ser nosso único plano de ação. A própria Ramie não tem certeza se vai conseguir localizar os pais de Ari, então precisamos operar, presumindo que não temos essa carta na manga. E não podemos deixar Ari fazer um passeio em busca de itens pessoais para Ramie usar. O perigo é alto demais."

Eliza concordou com a cabeça.

"Com toda a certeza, estão vigiando a casa dela."

Beau franziu a testa e comentou:

"Ari mencionou que seu pai tem diversas residências, e ao checar os endereços que ela deu com o dono registrado em cartório, descobrimos que há um verdadeiro labirinto burocrático por trás da papelada das casas.

"Alguém se esforçar tanto assim para ocultar seu paradeiro é algo para se desconfiar", Caleb murmurou.

"Para mim faz todo o sentido", Zack disse lacônico. "Se eu tivesse uma filha com poderes, como Ari, eu faria todo o possível para mantê-la fora da vida pública e minimizar os riscos em relação a ela."

"Isso é verdade", Beau concordou. "No entanto, não consigo deixar de pensar que há mais coisa por trás disso. Algo que tenha a ver com o telefonema do suposto pai biológico e com essa misteriosa facção que torturou uma mulher para obter informação e depois a matou quando ela finalmente cedeu."

"Acho interessante o fato do pai biológico dela saber que sua esposa ou parceira – ou o que quer que eles fossem – foi torturada e morta, e saber também o que o tal grupo queria e que eles conseguiram extrair isso dela. É muita informação para alguém saber em detalhes, a menos que ele estivesse presente e testemunhando os eventos", Dane cogitou.

"E, se ele estava presente, como conseguiu escapar ileso?", Eliza perguntou, batendo a ponta do dedo no queixo. "Falando nisso, como raios ele descobriu onde Ari estava agora, e como conseguiu o número do celular particular de Beau?"

Beau não queria divulgar todos os detalhes sangrentos que ouviu, porque não queria deixar Caleb apavorado. Ari podia ficar em uma situação complicada se Beau revelasse como o pai biológico sabia o que comentou que sabia.

"Ele me disse que se livraram do corpo dela em um local onde ele poderia encontrá-la", Beau disse em voz baixa. "Foi bem planejado. E deixaram uma mensagem dizendo que era aquilo que acontecia com as pessoas que traíam o grupo. Se alguma coisa disso é verdade, eu não faço ideia. Não sou ingênuo o bastante para acreditar na incrível coincidência de receber uma ligação 'prestativa' bem na hora que mais precisava."

Caleb estava tenso, e o medo estava claro em seu olhar. Ele puxou Ramie para mais perto de si, como se quisesse protegê-la do desconhecido ou das possíveis consequências do envolvimento dela no caso de Ari.

Beau suspirou, cansado, e passou a mão nos cabelos. Olhou para o relógio de seu avô, que ficava no canto da sala, e viu que estava na hora de voltar para ficar perto de Ari antes que o efeito do remédio passasse e ela acordasse. Aquele era o momento perfeito para Dane injetar o dispositivo rastreador sob a pele dela. Com Ari cansada e sob efeito de analgésicos, Dane precisaria de poucos segundos para inserir o dispositivo. Assim, eles teriam uma forma de localizá-la caso o pior acontecesse. E seria o cúmulo da arrogância – e da estupidez – acreditarem que eram invencíveis ou imunes a um ataque. Beau certamente não iria correr riscos envolvendo a vida de Ari. Ele olhou para Dane.

"Você está com o chip pronto? Ela está dormindo, então vamos resolver logo isso."

Beau sabia que estava irritado e impaciente, mas queria estar perto de Ari quando ela acordasse, queria ser a primeira coisa que ela visse. Estava agitado com sua impaciência, mas sabia que nada daquilo tinha a menor importância se não conseguissem encontrar os pais dela. Biológicos ou não, ela os amava muito, e estava igualmente claro – pela maneira como Ari falou do afeto deles por ela – que ela também era muito amada por seus pais. E bem, se a informação que Zack levantou fosse verdadeira, então Ginger Rochester já teve sua cota de sofrimento ao tentar várias vezes ter um filho, sem sucesso.

Só parecia ser muita coincidência – coincidência *demais* – que, poucos meses depois de perder um quarto filho com vinte semanas de gravidez, um bebê recém-nascido tivesse sido simplesmente deixado à porta de Gavin Rochester, bem na época em que sua esposa teria dado à luz, se tivesse conseguido levar a gravidez até o final. Cada vez mais, Beau percebia que a resposta para *tudo* estava em descobrir de onde e *de quem* Ari tinha vindo. E descobrir também que diabos o pai *dele* tinha a ver com esse caso sórdido.

VINTE E DOIS

Ari despertou sentindo a testa e a nuca latejando de leve, mas a dor tinha diminuído e estava muito mais tolerável. Ela estava se sentindo deliciosamente aquecida e, quando tentou se espreguiçar, seu cotovelo bateu em um peito musculoso. O que explicava o calor aconchegante. Os corpos deles, sob o cobertor, estavam grudados e o ar ao redor era aquecido, basicamente por Beau, porque, ao que parecia, depois que Ari usava seus poderes, quando estava se sentindo completamente vulnerável e indefesa, seu cérebro sofria com o desgaste e não conseguia regular a temperatura do corpo. O resultado era que Ari sempre acordava tremendo de frio, da cabeça aos pés, por causa do sono pós-trauma, induzido por remédios. E parecia que ela ficava gelada até por dentro, o que tornava impossível se aquecer. Mas não dessa vez.

Instintivamente, ela se aconchegou melhor no corpo de Beau, entrelaçando as pernas com as dele, para que o calor a cercasse por inteiro. Ari aninhou seu rosto no peito de Beau e suspirou contente, com a satisfação que somente uma mulher com o homem perfeito podia ter. O homem perfeito para *ela*.

Eu escolhi você. Aquelas palavras, tão poderosas e capazes de derreter o coração, ficaram se repetindo sem parar na cabeça de Ari, ajudando-a a aliviar os resquícios de dor, raiva e violência. Será que havia três palavras mais doces aos ouvidos dela? Ari pensou por um momento e percebeu que havia sim. Só uma frase tinha mais poder do que um homem dizer a uma mulher que, entre milhões de mulheres no mundo, ele havia escolhido somente *uma*. Uma! Ele a tinha escolhido.

Eu te amo. Ah, ouvir essas palavras vindas dos lábios de Beau, do *coração* dele. Saber que ele dizia isso com a sinceridade emanando de todo o seu ser. Ari daria qualquer coisa no mundo para realizar os desejos de seu coração. Ver seus pais vivos, em segurança e em casa. E ter o amor de Beau Devereaux. Se ela conseguisse essas duas coisas, não pediria por mais nada na vida.

Ao identificar os desejos que vinham do fundo de sua alma, Ari se viu obrigada a reconhecer a profundidade dos próprios sentimentos. O coração dela tinha literalmente se partido, rachado, trincado. Ele foi se despedaçando a cada

passo que ela deu quando se afastou – ou melhor, tentou se afastar – de Beau, para deixá-lo com a família em paz e unida, como ele merecia. Ari sabia da importância da família. Sua família não era tão numerosa como a de Beau, mas isso não significava que tinha menos importância. E, talvez, exatamente *porque* a família sempre foi apenas ela, sua mãe e seu pai, o laço entre eles fosse tão indestrutível.

Em um mundo onde o divórcio era comum, onde os filhos saíam de casa ainda jovens, maridos batiam nas esposas, os parceiros traíam um ao outro e crianças sofriam abuso, a família de Ari havia sobrevivido ao teste do tempo e, na verdade, ela se fortaleceu – e não se enfraqueceu – com o passar dos anos.

As lembranças de Ari – tantas memórias maravilhosas e queridas – eram-lhe tão preciosas, que ela rezava com todo o coração para que pudessem ter juntos ainda muito mais lembranças. Que algum dia ela daria netos aos pais para eles protegerem e mimarem tanto quanto tinham feito com ela. *Os filhos de Beau*. Sua mente combalida sussurrou esse pensamento provocador. Ari automaticamente levantou a cabeça, procurando a tranquilidade que as feições masculinas de Beau sempre lhe davam. Seus lábios se abriram de surpresa quando ela percebeu que ele estava totalmente desperto – e já estava acordado fazia algum tempo, porque seus olhos estavam alertas e atentos, sem nenhum sinal de sono. E estavam focados firmemente nela.

Ficou claro que ela não era a única abstraída em um momento quieto de reflexão. Ari só queria saber o que se passava na cabeça dele. Queria muito que seus desejos e necessidades, esperanças e sonhos, estivessem alinhados com os dele. Queria compartilhar sua *vida* com Beau. *E somente* com ele. Será que era loucura da parte dela ter se apaixonado de forma tão intensa e tão inexplicavelmente *rápida*? Ari franziu a testa, enquanto olhava para o belo rosto de Beau, contemplando em silêncio o pouco tempo em que eles estavam juntos.

Até poucos dias antes, ela só conhecia Beau Devereaux por nome. E mesmo assim, seu nome só aparecia nos raros momentos em que seu pai estava bastante sério e Ari ficava com a sensação incômoda de que ele estava… *com medo*. De algo ou de alguém. Porque era nesses raros momentos de preocupação que ele ficava ainda mais próximo da mulher e da filha, e só se separava delas, no máximo, por poucos instantes.

Foi em um momento taciturno assim que seu pai, do nada, lembrou a Ari de que, se ela alguma vez estivesse em perigo ou precisando de ajuda – e se ele, por qualquer motivo, não estivesse disponível, próximo ou incapaz de garantir a segurança e o bem-estar da filha –, ela deveria imediatamente contatar Caleb ou

Beau Devereaux, e fazer isso apenas pessoalmente, para nunca dar a chance de a rejeitarem, pensarem que ela era maluca ou simplesmente dizer que não havia espaço na agenda.

Seu pai – e sua mãe também – sempre lhe disseram rindo, ao longo dos anos, que ninguém era capaz de resistir ao seu rosto belo e meigo, e que seus olhos eram capazes de enfeitiçar até mesmo o mais amargo dos corações. Ari pensou que talvez tivesse sido por isso que ela procurou Beau pessoalmente. Talvez ela estivesse receosa de que ele não quisesse ajudá-la, a menos que pedisse pessoalmente. Qualquer que fosse o motivo, Ari agradeceu ao pai em silêncio. Como resultado da promessa que ele a obrigou a fazer, Ari não só tinha agora maior chance de salvar seus pais, mas também encontrou um homem que a fez querer sonhar. Um homem com quem ela queria estar junto para sempre.

“No que você está pensando, querida?”, Beau perguntou suavemente, levando um dedo até o rosto dela e gentilmente tocando as rugas formadas em sua testa. “Você está preocupada com algo? Está sentindo alguma dor?”, ele perguntou, como se aquilo tivesse acabado de lhe ocorrer.

Já estava pegando o pote de analgésicos no criado-mudo, quando Ari o fez parar. Ela colocou a mão no peito dele, para que não se movesse mais, e Beau relutantemente voltou-se para ela, cheio de preocupação no olhar.

“Tem certeza?”, ele perguntou com dúvida na voz. “Ari, se você está machucada, precisa controlar a dor ou vai correr o risco de mais um sangramento psíquico ou, Deus me livre, uma hemorragia mais séria.”

Ari sorriu, sentindo o coração todo se alegrar, com a preocupação que vinha de Beau, não só pelas palavras, mas também por sua linguagem corporal. Ari colocou seu braço sobre o peito largo de Beau e o apertou com muita força. Foi uma tentativa de abraçá-lo, já que os dois estavam deitados, Beau de costas e Ari de lado, aninhada sob o braço dele.

“Ei”, ele falou suavemente. “Não que eu esteja reclamando, de jeito nenhum, mas por que você fez isso? O que está acontecendo, querida? Você parecia meio intrigada e depois preocupada. Seus olhos estavam brilhando, como se você estivesse processando meia dúzia de ideias nessa sua cabeça linda. E a última coisa que você precisa é passar por qualquer tipo de estresse. Então pode contar para mim, que eu vou cuidar disso e resolver tudo.”

Ari queria tanto dizer o que sentia. As palavras estavam na ponta da língua, implorando para serem ditas. Em vez disso, ela mordeu os lábios, para se segurar. Só de pensar em falar aquelas três pequenas palavras, as palavras mais importantes do mundo – do mundo de Ari, pelo menos –, ela já ficava

completamente apavorada. E oferecer seu amor a alguém *jamais* deveria ser assustador. Deveria ser algo para ser celebrado, abraçado. Seria uma memória para ser apreciada – e guardada perto do coração – para sempre. Mas Ari tinha medo, medo de ser rejeitada ou de ver nos olhos negros dele algum desconforto ou receio. Ou ver a pior reação possível de todas: *pena*. A última coisa que Ari queria dele era piedade. Ela queria seu amor, seu compromisso com ela, sua proteção. Ela queria o tipo de amor que havia entre seus pais, e ah, ela conseguia ver isso tudo muito claramente com Beau. Ari jamais tinha conhecido um homem que a fizesse pensar que ele talvez pudesse ser comparado a seu pai. E que ela poderia viver com ele o mesmo que sua mãe e seu pai viviam. Ari sentiu um anseio melancólico lhe pesar no peito, e um breve momento de tristeza no coração, um leve aperto, enquanto ela imaginava um amor assim simplesmente… desaparecendo.

O mundo era um lugar melhor com pessoas como seus pais. Todo mundo deveria querer mais e melhor… todo mundo deveria exigir isso. Seus pais eram um exemplo a ser levado em alta conta, eram um exemplo de prova de amor, lealdade, fidelidade e generosidade absolutas em um relacionamento.

“Está bem, Ari, você está começando a me deixar preocupado”, Beau disse com firmeza, levando a mão ao queixo dela e virando-lhe o rosto, para que sua atenção estivesse voltada a ele novamente. “Você parece estar viajando para só Deus sabe onde. Só sei que você não está *aqui* comigo.”

“Mas aqui é exatamente onde quero estar”, ela respondeu baixinho, alisando com a mão o peito de Beau, explorando cada contorno de seus músculos, as ondas de seu abdome. Então ela beijou o peito dele logo acima do mamilo esquerdo, apreciando o toque dos lábios na pele firme e nos músculos peitorais ainda mais firmes.

“Não é possível você querer isso mais do que eu”, Beau comentou, deslizando os dedos por todo o braço dela, que ainda estava em volta de seu corpo.

“Você está falando sério mesmo?”, Ari perguntou hesitante, olhando em seus olhos na mesma hora, procurando por sinais de que ele falava a verdade.

Beau ficou confuso e depois preocupado. Ele se virou de lado, segurando o braço de Ari com a mão, para que ela continuasse junto dele enquanto ele se movia. Em seguida, ele alisou com o dedo o rosto dela, fazendo uma onda de arrepios eletrizantes percorrer seu corpo.

“Como você pode duvidar disso?”, ele perguntou. E então Beau ficou levemente preocupado e olhou atento para Ari, como se estivesse fazendo a

mesma coisa que ela fazia com ele. Beau estava tentando ver o que ela pensava, compreender ou descobrir os pensamentos e sentimentos dela. E também seus medos.

"Ari, você duvida que quero estar com você? Que quero você aqui comigo? E isso não é apenas temporariamente. Não é só por alguns dias, nem por semanas, nem por meses."

"Por quanto tempo então?", ela sussurrou, ignorando o que ele perguntou sobre estar duvidando dele. Ari estava muito mais interessada na segunda parte da conversa.

A esperança fez seu coração palpitar e disparar. Ela prendeu a respiração pelo que pareceu uma eternidade, enquanto aguardava a… confirmação? Algo mais? Compromisso? Amor? Ah, meu Deus, ela não podia ficar pensando nisso, ou estaria correndo o risco de quebrar a cara. Ari precisava aprender a se controlar, a não levar as coisas tão a sério. Precisava ser capaz de deixar as coisas negativas para trás e abraçar as boas.

As bochechas de Beau inflaram enquanto ele expirava longamente, e ele tirou a mão que estava no rosto de Ari para segurar o braço dela sobre o peito. Ele pegou-lhe a mão, entrelaçou os dedos com os dela e então simplesmente colocou as mãos sobre seu coração.

"É aqui que você está, Ari. Aqui. E é aqui onde você vai ficar. E como você está aqui", ele disse, pressionando a mão dela com mais força contra seu peito, que batia acelerado, "isso significa que *eu quero* você aqui."

Ele apontou para a cama e em seguida fez um gesto com o braço, indicando o quarto inteiro.

"Por todo lugar", Beau falou suavemente. "Em todo e qualquer lugar onde eu estiver é onde quero que você esteja."

Beau se inclinou para a frente, ainda mantendo a mão de Ari presa com firmeza entre seus corpos, e a beijou apaixonadamente. Ele ainda a tratava com muita gentileza, como se estivesse com medo de que pudesse quebrá-la ou, de alguma forma, lhe causar mais dor.

"Para sempre", ele sussurrou em sua boca, que inspirou as palavras junto com o sabor, o aroma e a sensação de Beau perto de si. "Eu quero você *para sempre*."

E essas duas palavras, tão simples, mas completamente sinceras, deram à Ari uma alegria que ela jamais tinha vivido ou experimentado. Encontrava-se o amor quando menos se esperava. Mesmo sob circunstâncias aparentemente impossíveis, ele estava lá. Ainda tenro e florescente, mas resoluto e constante. O

amor realmente superava tudo. O amor exigia confiança, fé incondicional diante da adversidade.

Um pouco do medo aterrador que Ari sentia de perder sua família diminuiu porque, naquele momento, ela sabia, sem dúvida alguma, que Beau iria encontrar seus pais e que o amor que sentiam seria tão inabalável e verdadeiro quanto o amor dos pais dela, e, assim como o deles, resistiria ao teste do tempo.

VINTE E TRÊS

Beau ficou carrancudo e xingou quando ouviu uma batida na porta do quarto. Ele se virou e ficou de costas na cama, soltando um grunhido e batendo na testa com a palma da mão, em sinal de frustração.

“Só podem estar de brincadeira comigo. Agora? Alguém vem nos interromper logo agora? Juro por Deus, é melhor a casa estar pegando fogo.”

Ari abafou um riso e tentou ficar irritada como ele, mas Beau estava engraçado demais, rabugento e fazendo bico, como se fosse um garoto proibido de brincar com seu brinquedo preferido. Quando continuaram batendo na porta, Beau saiu da cama e se levantou, batendo o pé no chão. Em seguida, caminhou apressadamente até a porta, e a abriu com força o suficiente para arrancá-la das dobradiças.

“Que foi?”, Beau rosnou.

Ari se virou, curiosa para saber quem iria incorrer na ira de Beau para interrompê-los logo de manhã. Então ela fez uma careta. Pelo menos ela achava que era de manhã. O ontem estava completamente nebuloso em sua memória, e Ari precisou lutar para dissipar a névoa e conseguir se lembrar de tudo que tinha acontecido. Ela estremeceu com o frio de gelar os ossos que sempre sentia após uma explosão psíquica – um termo que inventou na hora, porque… bem, era apropriado –, pois Beau não estava mais lá para mantê-la aquecida e a cama ficou fria, de repente. Ela esticou os pés, procurando o calor residual das pernas e pés de Beau.

No começo, Ari não conseguiu ver quem tinha batido, porque Beau estava bloqueando toda a visão da porta e eles estavam conversando em voz baixa. Será que era para ela não ouvir? Ou em respeito ao fato de que ela estava sempre sensível ao som? Mas Ari não estava assim agora, então devia ser porque eles *não queriam* que ela escutasse.

Ari franziu a testa e sentou-se na cama, esticando o pescoço para ver em volta de Beau, e finalmente conseguiu ver o intruso o suficiente para reconhecê-lo. Era Zack. Só que ele não estava sozinho. Tanto Caleb quanto Dane estavam ao lado dele. Ari mordeu os lábios de ansiedade. Que diabos estava

acontecendo? Por que os *três* estavam lá com um ar determinado no rosto? Menos Caleb, cujos olhos e rosto pareciam congelados e feitos de pedra. Ele não parecia estar preocupado, mas também não sorria. Era impossível ler seu rosto – mas era óbvio que estava sério e, ainda assim, deixava Ari completamente intimidada.

De modo inconsciente, Ari se afundou nos travesseiros, e puxou as cobertas até o queixo, como se quisesse se proteger, como se estivesse criando algum tipo de barreira entre ela e a figura fria e intimidadora que Caleb representava.

O que o tornava daquele jeito? Somente quando ele estava perto da esposa ou quando ela entrava no ambiente é que sua postura ficava mais leve e ele parecia se alegrar, brilhando de dentro para fora. Ari conseguia ver a mudança imediata – a diferença – e sabia que ele, com certeza, era totalmente apaixonado por sua mulher e acabaria com qualquer ameaça contra ela. Era certo que um homem que ficava completamente indefeso assim que sua esposa aparecia na sala não poderia ser de *todo* ruim. Ari sabia que seu próprio pai era considerado uma pessoa bem cruel, inclusive frio e intimidador; as mesmas qualidades que ela atribuía a Caleb. Mas, assim como Caleb, seu pai se tornava um homem diferente ao menor sorriso de sua esposa para ele. E Ari sabia com certeza que seu pai era um bom homem, apesar das aparências. Então talvez ela não estivesse sendo justa com Caleb. Ela havia chegado a algumas conclusões bem precipitadas devido ao seu medo. Era algo de que agora ela se envergonhava.

Beau conversou com os homens por mais alguns minutos, mas Ari não deixou de notar que ele agia como uma verdadeira parede, bloqueando a visão de dentro do quarto. Mais especificamente, a cama onde ela estava deitada. Não que Beau precisasse ficar preocupado, já que Ari estava completamente enfiada dentro dos cobertores e só o seu rosto estava descoberto.

Então ele fechou com cuidado a porta e voltou para Ari, controlando cuidadosamente a expressão. Em vez de voltar para a cama e se enfiar debaixo do cobertor, como ela achou que ele faria, Beau sentou-se na beira da cama e simplesmente estendeu a mão, como se estivesse precisando ter contato com ela. Ou talvez ele tivesse pensado que *ela* iria precisar de seu toque depois de contar o que motivou a visita matinal de seu irmão e dos membros da DSS. Ari estendeu a mão por debaixo dos cobertores e a colocou sobre a mão de Beau. Ele imediatamente fechou os dedos sobre os dela, com um aperto reconfortante.

“Eu preciso que você me ouça com atenção”, Beau disse com uma voz cuidadosamente comedida.

O coração de Ari deu um pequeno salto antes de continuar batendo, mas foi

o suficiente para deixá-la sem fôlego. Beau parecia estar perfeitamente sintonizado com a reação dela, com sua linguagem corporal e suas respostas. Ele estava em perfeita sintonia com *ela*.

"Querida, isso pode ser algo *bom*. Então não tire conclusões precipitadas. Preciso que você esteja calma e racional agora."

Está bem, então não era uma notícia terrível. Ela seria capaz de lidar com isso. Ari se esforçou para regular sua respiração e relaxar. Após um momento, depois que Beau parecia estar certo de que ela estava pronta para ouvir, aproximou-se dela e apoiou sua mão no colo.

"Ramie concordou em nos ajudar. Ela vai tentar estabelecer uma ligação com sua mãe ou seu pai, ou com os dois."

Desta vez, o coração de Ari pulou de empolgação, não de temor. Ela precisou se esforçar para não sair pulando literalmente em cima da cama, como uma criança feliz.

"Ela topou?", Ari sussurrou, sem conseguir deixar de soar incrédula. "Mas Caleb… ele estava tão *inflexível*." Beau não deixou de notar o tremor na voz de Ari, que não conseguiu se controlar ao lembrar de como a reação de Caleb tinha sido inflamada.

Os olhos de Beau queimaram ao se lembrar de como o irmão tinha sido inflexível. Mas então ele se esforçou para deixar aquela súbita raiva para trás e sorriu diante da pergunta vacilante, mas carregada de esperanças, de Ari.

"Ramie decide as coisas por si, apesar do que Caleb ache ou possa fazer os outros acharem. Ele bem que gostaria de controlar todos os aspectos da vida dela. Não porque ele seja um babaca insuportável – embora com certeza possa agir como um –, mas porque ele a ama demais e só quer protegê-la. E eu não posso culpá-lo por isso. Você não faz ideia das coisas pavorosas que eles sofreram não faz muito tempo. O que Ramie teve de suportar, várias e várias vezes ao longo dos anos. Um dia, quando eu tiver tempo e estivermos tranquilos, vou contar a história deles, mas não é uma história bonita", disse Beau, em um tom sombrio. "E como Ramie não permite que Caleb a coloque no cabresto e exerça todo o controle que gostaria, ela basicamente lhe disse que ele não toma as decisões por ela e que, se decidiu ajudar você, então é isso o que ela vai fazer. Ramie realmente gosta de você, Ari. Você mexeu com ela. Pode parecer bobagem, mas aquele seu pensamento, sua crença, de que vocês duas estavam ligadas de algum jeito – com um parentesco de almas, até mesmo sendo irmãs de alguma forma, embora jamais tivessem se encontrado –, é exatamente dessa maneira que Ramie se sente em relação a você. E parte o coração dela saber que

você perdeu seus únicos familiares. Ramie cresceu sem família *nenhuma*. Ela nunca teve ninguém até conhecer Caleb. Somos a única família dela agora, então ela se sensibiliza com sua situação e se identifica com a dor que você está sentindo. E quer fazer tudo o que puder para ajudar a localizar seus pais."

"Quando?", Ari falou com dificuldade. "Onde? *Hoje*?" Oh, meu Deus, que fosse hoje. Por favor, faça com que seja hoje. Ari não achava que ia conseguir passar mais um dia sem algo – qualquer coisa – que a fizesse saber que seus pais estavam vivos.

Beau segurou a mão dela com mais força.

"Sim, hoje. Mas primeiro você precisa fazer uma coisa por nós."

"Faço o que vocês quiserem", Ari respondeu no mesmo instante.

"Ramie normalmente consegue estabelecer uma ligação com a vítima tocando algum pertence dela no local do sequestro. Pode ser até mesmo um item pequeno, às vezes até as coisas mais bobas servem. Mas se o assassino tocou o mesmo objeto que a vítima, ou se ele estava perto o bastante de fazer isso e deixou uma impressão particularmente forte, Ramie pode usar o objeto como um caminho até a vítima."

Ari fechou a cara.

"Estou sentindo que virá um, *mas*…"

Beau assentiu.

"Estamos com um certo dilema. O problema é que não sabemos onde seus pais desapareceram. Não sabemos nada até agora, então não temos nem por onde começar. Mas Ramie acredita que se você puder pensar em um objeto de que seus pais gostavam bastante, algo que tocavam frequentemente e onde possam ter deixado impressões mentais e físicas, então *talvez* ela seja capaz de criar uma ligação. Só que Ramie me pediu para deixar bem claro com você que, embora ela vá fazer tudo o que puder até esgotar todas as possibilidades, não quer que você tenha esperança demais e acabe completamente decepcionada e desesperada se nada disso der certo."

A mente de Ari já estava trabalhando febrilmente, desfocando por um instante de Beau, enquanto se concentrava intensamente nas possibilidades. Ari ignorou a última parte da explicação, porque ela não se permitiria contemplar, nem por um segundo, a hipótese de Ramie fracassar. Ela precisava conseguir, ou então Ari realmente *iria* ficar em pedaços, e talvez jamais se recuperasse outra vez. A única coisa que ainda mantinha sua sanidade, por um fio, era a esperança de ter seus pais de volta. Se isso fosse tirado dela… Ari estremeceu, fisicamente, sabendo que ela iria desabar por completo.

O palavrão que Beau falou acabou filtrado em meio a seus pensamentos dispersos e Ari olhou para ele, intrigada com o que poderia estar errado. Beau saiu da cama, foi rapidamente ao banheiro e voltou logo em seguida com uma toalha de rosto macia e aquecida, com a qual limpou cuidadosamente o nariz e a boca de Ari. Quando ele afastou a toalha e Ari viu o sangue vermelho vivo, fez uma careta.

“Mas, Beau, eu não estava usando meus poderes. De verdade. Eu estava só pensando – me concentrando bastante – e tentando me focar.”

Mas Ari sentiu a culpa pesar sobre seus ombros e apertar sua garganta, porque ela havia permitido que seus pensamentos vagassem para uma direção mais assustadora, o que provavelmente era a causa do sangramento.

“Pelo visto, isso é o bastante. Você está muito fragilizada, Ari. Você passou pelo que acredito ser uma sobrecarga psíquica ontem. Eu nunca tinha visto você tão acabada depois de usar seus poderes. Acredito que isso seja apenas um dano residual, de regiões de seu cérebro que ainda não estão totalmente curadas. Nesse caso, qualquer esforço excessivo de sua mente pode acabar causando um sangramento, mesmo um sangramento pequeno.”

Ari deu de ombros, como se não se importasse. E não se importava mesmo. Ela só se importava em ter seus pais de volta e com o fato de que Ramie tinha concordado em ajudar.

Mas, em respeito à preocupação de Beau, Ari pelo menos tentou selecionar calmamente as memórias, lembranças e qualquer objeto que seus pais gostassem o bastante para tocá-los com frequência. No entanto, parecia que simplesmente havia coisas *demais*. Porta-retratos, álbuns de recordações, mas nada que realmente se destacasse. E Ari queria dar à Ramie algo que lhe garantisse a melhor oportunidade de encontrar o rastro dos pais. E então a ideia simplesmente ocorreu a ela, de forma bastante discreta. Mas era algo tão óbvio, que Ari se repreendeu por não ter pensado naquilo antes.

“Oh, meu Deus”, sussurrou. “Mas é claro!”

“O que foi?”, Beau perguntou ansioso. “Você lembrou de alguma coisa?”

“Meus *fofinhos*.”

Ele a olhou confuso.

“Seus *fofinhos*?”

Ari sorriu, mais uma vez deixando o tempo presente para trás, enquanto rememorava todos aqueles momentos ao longo dos anos. Os *fofinhos* ocupavam um lugar sagrado entre as lembranças, porque foi por meio daqueles amados bichinhos de pelúcia, que os pais dela acabaram descobrindo seus poderes. Ari

os mantinha com ela, embora quando ainda morava com os pais, seus *fofinhos* tinham um lugar de honra em uma das prateleiras na sala de estar, e seu pai e sua mãe costumavam pegá-los, sorrindo de leve enquanto se perdiam momentaneamente entre lembranças do passado.

“Eles eram meus bichinhos de pelúcia favoritos. Mesmo quando tinha só nove meses de idade, eu já os reconhecia. Os *fofinhos* eram meus objetos de conforto, mas minha mãe nunca me deixava no berço com eles, por ter medo que eu pudesse me sufocar. Aparentemente eu não gostava nada disso e era capaz, mesmo ainda bebezinho, de trazê-los da sala. Eles vinham voando até meu berço e caíam ao meu lado.”

Beau balançou a cabeça.

“Isso é incrível.”

“Imagine o estado em que meus pais ficaram”, ela disse irônica. “Eles precisaram aceitar o fato de que eu, que não tinha nem um ano ainda, era diferente e por isso não seria capaz de ter uma vida ‘normal’. E isso alterou a vida deles também. Meus pais fizeram muitos sacrifícios por mim, e mudaram suas vidas para se ajustarem a mim e às minhas necessidades. Eu sempre vim em primeiro lugar para eles, e é por isso que preciso encontrá-los. Eu devo isso a eles e a mim também. Devo fazer tudo o que for necessário, mesmo que signifique sacrificar minha própria vida para trazê-los de volta.”

Beau imediatamente fechou a cara, e quase esmagou a mão de Ari, de tanta força com que a segurava.

“Você *não* vai morrer”, Beau disse com um tom de voz severo, mas Ari vislumbrou vulnerabilidade em seus olhos, antes que ele disfarçasse.

“Eu *não quero* morrer”, Ari respondeu suavemente, para tranquilizá-lo. “Eu tenho muito pelo que viver. Só estou dizendo que se a coisa chegar a esse ponto – e eu confio em você e na DSS para garantir que isso nunca aconteça –, para mim a escolha é fácil. Eu não teria de pensar muito ou considerar possibilidades, nem precisaria me convencer a fazer isso. Meus pais são importantes demais para mim e não consigo imaginar meu mundo sem eles.”

“Você precisa entender que eles se sentem da mesma forma em relação a você. Imagine como se sentiriam sabendo que você sacrificou a própria vida para que eles pudessem viver. Você acha mesmo que seus pais ficariam gratos? Acha que eles conseguiriam tocar a vida em frente? Isso não é algo do qual eles se recuperariam e deixariam para trás, Ari. Isso iria acabar com eles.”

Houve uma longa pausa, e a respiração de Beau estava ofegante após seu discurso inflamado. E então ele olhou Ari diretamente nos olhos.

“Isso iria acabar *comigo*…”

O coração de Ari deu pulos dentro do peito. Ela se sentiu preenchida por amor, por muito amor, a ponto de transbordar. E sentiu também a necessidade de contar para ele. De compartilhar com Beau aquele pedaço de si que ela havia segurado. Mas agora simplesmente não era a hora certa. Tinham uma tarefa a cumprir, e esse era o acontecimento mais importante da vida dela.

“Precisamos pegar os fofinhos”, Ari disse. “O mais rápido possível. Não quero esperar nem mais um minuto além do que for absolutamente necessário. Se Ramie está disposta a fazer isso – e preparada –, por favor pergunte a ela se podemos fazer isso hoje, logo que pegarmos os bichinhos de pelúcia.”

“Opa!”, Beau exclamou, levantando a mão. “Não tem essa de nós aqui, a menos que *nós* signifique eu, Zack, Dane, Eliza e outros membros da DSS.”

Ari não gostou disso.

“Mas você não sabe onde eles estão e eu sei. Faz mais sentido eu ir junto para pegá-los. Se você tem tantas pessoas envolvidas nesta missão, então com certeza estaremos bem protegidos. E você parece ter se esquecido de que sou bem capaz de causar um estrago”, ela acrescentou, com um brilho nos olhos, substituindo a cara que tinha feito ao discordar dele.

Beau bufou.

“Onde eles estão, Ari? Na casa que já vinha sendo controlada por eles? Porque com certeza, vão ter alguém vigiando por lá, só para o caso de sermos idiotas o bastante – e aparentemente somos mesmo – de voltar ao mesmo lugar onde você quase foi sequestrada.”

Ari sorriu.

“Mas eles não estão lá. Meu pai nunca fica na mesma casa por mais de alguns meses, no máximo, então levo comigo os objetos importantes para mim, o tempo todo. Mas tenho um apartamento – cujo dono é meu pai –, que não está em meu nome. O edifício não tem como ser associado a ele, porque está registrado em nome de uma empresa que não existe, embora haja toda uma papelada indicando que ela está indo muito bem. Duvido que saibam sobre o apartamento, e, se souberem, então precisariam estar me observando já há bastante tempo, porque nunca vou dirigindo direto do trabalho para meu apartamento. Sou muito boa em despistar carros e esse hábito já está tão arraigado em mim, graças a meu pai, que nunca fujo dele.”

Beau meneou a cabeça, balbuciando algo, mas não parecia nem um pouco surpreso com as medidas de segurança meticulosas e à prova de falhas que o pai de Ari tinha colocado em prática.

“Agora… quando é que vamos?”, ela perguntou ansiosa.

Beau suspirou, esfregando a mão no rosto, resignado.

“Vamos sair assim que eu avisar os outros da mudança nos planos, o que vai exigir um nível maior de proteção, porque não estávamos planejando levá-la conosco. Eu me sentiria muito melhor se você e Ramie ficassem aqui, para que pudéssemos garantir a segurança das duas.”

“Você consegue se adaptar de acordo com o momento”, ela comentou alegre. “Já o vi em ação. Isso vai ser tranquilo para você.”

Beau a pegou, segurou-a pelos ombros e olhou-a diretamente nos olhos, sentindo uma verdadeira tempestade de emoções rodopiar em um turbilhão caótico dentro de si.

“Você não entende, Ari. Se fosse qualquer outro cliente, eu estaria tranquilo, mesmo sob pressão. E sim, nosso lema é mudar, adaptar e sobrepujar a qualquer custo. Mas você não é só mais uma cliente. E é aí que está o problema. Porque se alguma coisa acontecer com você, eu não vou me responsabilizar pelos meus atos. Para ter você de volta, sou capaz de fazer o inferno desabar sobre o mundo. E se o inimaginável acontecesse e eu *perdesse* você…”

Beau precisou parar por um tempo, já que a emoção – tão sólida e intensa – parecia estar entalada em sua garganta, impedindo-o de articular seus pensamentos agitados e a ideia de que era perfeitamente *possível* que ele a perdesse.

“Eu jamais sobreviveria a isso, Ari. Você consegue entender? Eu não vou sobreviver se perder você.”

Ari olhava para Beau, perplexa com o que via. Ele estava de guarda baixa, vulnerável e exposto a ela. Havia uma dor física e verdadeira em seu coração, a ponto de ela se sentir desconfortável. Ari chegou a levar a mão e massagear o peito, distraidamente, embora a dor fosse mais profunda. Tão profunda que não havia forma de aliviá-la.

Beau não fez questão nenhuma de esconder seus sentimentos dela. A tensão – e a sinceridade – irradiavam dele em ondas que Ari conseguia sentir, e quase tocar. Os sentimentos de Beau a penetraram e foram rapidamente absorvidos por sua alma. Ele podia não ter dito aquelas palavras, as palavras que ela queria tanto ouvir, mas, naquele momento de compreensão, Ari percebeu que não era *necessário* ter dito. Não era preciso dizê-las para que ela entendesse e *acreditasse*. Ela *sentia* o amor de Beau, e isso era infinitamente mais precioso do que escutar palavras – apenas palavras. Palavras sem ação não significavam nada. E cada ação, reação, palavra e linguagem corporal vindas de Beau não

eram as de um homem que tinha um interesse passageiro por uma mulher. Ou de um homem que a considerava um caso temporário, um que ele poderia terminar facilmente. Não… aquilo só poderia vir de um homem que tinha se entregado de coração, mente e alma a uma mulher.

Beau podia não ter falado *eu te amo*, mas não precisava, não mais. As inseguranças de Ari em relação àquelas três palavras evaporaram, desaparecendo completamente. Porque ele as disse de toda forma *possível*, sem chegar a expressar o sentimento em palavras. E isso era prova – garantia – mais que suficiente de que Beau sentia por Ari absolutamente o mesmo que ela sentia por ele. Que ele, na verdade, a amava também, intensamente, sem hesitação, sem dúvida nenhuma.

Duas metades de um todo incompleto – vazias e sem rumo, em busca do par perfeito – tinham finalmente se unido de corpo e alma, de forma perfeita e impecável, e já não estavam mais separadas. Porque agora eles estavam completos e suas almas estavam unidas, tinham se tornado uma só. Elas jamais precisariam suportar a dor de se verem separadas ou de sentirem-se vazias e ocas. Perfeição… perfeição pura e completa. E finalmente Ari tinha isso – *eles tinham*. Ari era capaz de aguardar as tais palavras. Beau, a seu tempo, iria dizê-las. Mas não significava que Ari deixaria de falá-las para Beau.

VINTE E QUATRO

A atmosfera no veículo que carregava Beau, Ari, Zack, Eliza e Dane era silenciosa e tensa. Beau insistiu que Ari fosse sentada no meio do banco dos passageiros, para não ficar vulnerável a ataques pelo para-brisa ou pelas janelas das portas traseiras da SUV. Beau segurava a mão dela com tanta força, que Ari estava até sentindo dor, mas não reclamou em nenhum momento. Ela percebia que Beau estava apavorado com a possibilidade de algo acontecer com ela, apesar de todo o planejamento e as medidas de segurança que foram tomadas para evitar uma ocorrência.

Um outro veículo seguia atrás do carro de Beau e Ari, levando mais cinco membros altamente treinados da DSS, que Ari não tinha chegado a ver quem eram. Mas se fossem como os demais que ela já conhecia, então sabia que estava em boas mãos.

Caleb ficou para trás, junto de Ramie, graças à insistência de Beau. Ele estava extremamente relutante em deixar o irmão ir sem que o acompanhasse. Apesar da aparência intimidante de Caleb, Ari podia ver nos olhos dele o amor e a preocupação enquanto olhava ou falava com o irmão. Isso era o suficiente para Ari perdoar qualquer grosseria que ele tivesse feito com ela no passado.

Pararam em um estacionamento particular do outro lado da rua, em frente ao arranha-céu que se lançava para bem alto, aparentemente tocando as estrelas. Tinham analisado a planta do edifício e decidiram não correr o risco de subir pelos elevadores, já que poderiam ser facilmente desligados, prendendo seus ocupantes entre os andares, tornando-os alvos fáceis.

Isso significava uma longa e cansativa subida pelas escadas, por vinte e três andares. Ari sabia que Beau tinha dúvidas se ela seria fisicamente capaz de realizar tal feito; não porque achasse que ela não estava em forma ou não fosse forte o suficiente, mas simplesmente porque os eventos dos últimos dias – bem como os múltiplos sangramentos psíquicos e as debilitantes enxaquecas – a deixaram bem desgastada.

A própria Ari não sabia se daria conta da tarefa, mas estava decidida a suportar qualquer dor ou cansaço e não atrasar o grupo de maneira alguma. Sabia

que era fundamental entrar e sair o mais rápido possível, para evitar que fossem detectados. O ideal era que eles entrassem despercebidos e escapassem de qualquer confronto potencial. A possibilidade de enfrentarem o inimigo e um deles – qualquer um, inclusive os homens que ela não conhecia – ficar ferido ou morrer, fazia o estômago de Ari se revirar. Ela não queria ser responsável por mais sangue e violência. Já tinha visto o suficiente pelo resto da vida, e não pretendia ver nada disso, nunca mais.

Todos estavam vestindo roupas negras, perfeitamente camuflados na noite, movendo-se em silêncio até a saída de emergência por trás do edifício e de lá indo para as escadas.

Dane fez uma série de comandos com a mão que Ari não entendeu, mas os homens sim. Ele deveria ter posicionado dois homens para guardar a porta dos fundos e observar qualquer perigo potencial, porque os dois desapareceram na escuridão, de rifles em punho e pistolas no coldre. Dane posicionou um outro homem na porta que dava para a escadaria, dentro do edifício. Ele a trancou, impedindo qualquer pessoa que já pudesse estar dentro passar, e, em seguida, se posicionou na lateral da parede, para ficar escondido, caso a porta se abrisse, contando com o elemento surpresa.

Ari não estava nervosa antes. Estava empolgada demais com a possibilidade de Ramie conseguir localizar seus pais, e confiava plenamente nela e em suas habilidades. Mas agora, enquanto subiam rapidamente as escadas em silêncio, usando botas militares especialmente projetadas para não emitir nenhum som, - Beau tinha lhe explicado enquanto amarrava os cadarços do par de botas dela - Ari começou a ficar ansiosa. Sentiu o desconforto percorrer suas costas e apertar o peito, comprimindo-o e fazendo seu coração bater acelerado. Ela respirava silenciosamente pelo nariz, inspirando fundo, sem emitir som, e soltando o ar da mesma maneira, para não correr o risco de seu medo fazer algum ruído escapar pela boca.

Ari estava posicionada de forma bem protegida, com Zack em sua frente e Beau atrás. Dane liderava o caminho e Eliza estava posicionada atrás de Beau, cobrindo a retaguarda. Os homens que vieram no outro carro, foram sendo estrategicamente deixados em diversos pontos pelo caminho, de forma estratégica, para defender o grupo de alguém que pretendesse invadir a escadaria e se aproximar deles. Ari sabia que não teriam a menor preocupação com os homens que estavam arriscando suas vidas para protegê-la. O único foco deles era *ela*. Uma oração incessante rapidamente se tornou um mantra em sua mente, sendo repetido em um ciclo constante, pedindo a Deus que protegesse todos,

para que o bem prevalecesse sobre o mal. Ela rezou para que eles fossem bem-sucedidos e retornassem – todos eles, sem que nem um único homem precisasse sacrificar a vida para ajudá-la – sãos e salvos, que não encontrassem resistência e pudessem voltar até Ramie rapidamente, para que ela tentasse fazer seu milagre.

Ari estava determinada, com os punhos cerrados, quando chegaram ao 18º andar e ela sentiu os primeiros sinais de fadiga e um princípio de ardor nos pontos que tinha levado na lateral do corpo. Suas costelas, que depois do segundo dia de repouso não tinham lhe trazido nenhum desconforto, de repente começaram a lembrá-la de que estavam machucadas e moídas, e que ela estava se esforçando demais. Ari não iria parar nem andar mais devagar. Não seria motivo para nenhum atraso. Qualquer demora poderia ser fatal.

Cerrando os dentes e bloqueando a dor mentalmente, ela acelerou o passo, mantendo a cabeça baixa, para que ninguém fosse capaz de ver seu cansaço e angústia. Embora Beau tivesse a incrível capacidade de perceber o *menor* sinal de desconforto ou preocupação vindo dela, graças a Deus, ninguém lá era sensitivo e capaz de ler os pensamentos dela, ou Ari seria pega.

Que merda. Ari percebeu a gota quente de sangue deslizando, mas antes que pudesse limpar com a manga da roupa – que graças aos céus era preta –, a gota caiu no degrau sob os pés dela, formando um grande círculo. Pior ainda, gotejou deixando um rastro no degrau seguinte. Ari limpou o sangue rapidamente e usou a manga da blusa para limpar tudo direito e não deixar nada escapar. Ela já devia saber que Beau não deixaria de ver aquilo. Será que ele não podia ser menos observador pelo menos uma vez? Ele devia estar focado no objetivo deles, não *nela*. Mas Beau pulou um degrau para sair de trás de Ari e ficar ao lado, caminhando no mesmo ritmo, e virou o rosto dela para sua direção, observando-a intensamente, cheio de preocupação.

A única coisa a favor dela era a necessidade de permanecerem em completo silêncio, e ela podia ver que Beau estava se remoendo por ter de ficar quieto e não poder lhe dar uma bronca por não controlar melhor os pensamentos. Mas era difícil para Ari se controlar quando sua mente estava zumbindo de agitação. O pavor – e não só relacionado a seus pais – dominava e consumia todos os seus pensamentos. Era particularmente assustadora a ideia de entrar em seu apartamento sem saber se estavam correndo o risco de sofrer uma emboscada, ou o que os aguardava lá dentro.

Finalmente, chegaram ao andar de Ari, o que veio em boa hora, porque ela estava prestes a esmorecer. Sentia-se grata por Dane orientar todos eles a grudarem o corpo na parede, do mesmo lado da porta, e assim Ari ganhou uma

pequena pausa para recuperar o fôlego e bloquear a dor.

Dane e Eliza assumiram a dianteira, com ela cuidadosamente inserindo a chave para abrir a porta, enquanto Dane colocou-se à direita. Ele seria o primeiro a entrar, com Zack logo atrás, e Eliza depois. Foi uma entrada coordenada, com cada um cuidando de áreas diferentes, para que não houvesse a possibilidade de serem pegos de surpresa. Quando, e somente quando, Dane deu o sinal de que estava tudo limpo, foi que Beau entrou com Ari. Como os fofinhos estavam, felizmente, na sala de estar, em uma prateleira com fotos e outras recordações, isso significava que não precisariam ir além dali. Fariam uma entrada e saída rápidas, e depois era só descer pelas escadas o mais depressa possível.

Eliza seguia diretamente no meio, bem na frente de Beau, mas não de Ari, já que ele a mantinha em segurança em suas costas, trazendo-a pela cintura, junto dele. Com a outra mão, Beau segurava uma pistola intimidante. A arma estava apontada para a frente, e o corpo todo dele tenso, em sinal de completa atenção.

Quando Ari o sentiu caminhar, ainda a segurando com firmeza junto de si, ela presumiu que tinham liberado a área. Mas, Beau parou logo que entrou pela porta, trocando Ari de lugar. Não havia mais chance de perigo vindo pela frente, mas por trás, ainda era uma possibilidade.

“Vá pegar os bichos de pelúcia”, Beau sussurrou. “Seja rápida. Estaremos por perto, atentos, e você vai estar coberta. Então não se preocupe em ficar olhando ao redor. Apenas pegue os objetos para podermos sair logo daqui.”

Ari caminhou rápido pela sala até chegar às prateleiras presas na parede. Tirou os dois fofinhos de seus lugares de destaque e voltou carregando-os junto ao peito, sabendo que, por mais que isso parecesse bobagem, aqueles dois adorados bichinhos de pelúcia poderiam ser a chave para encontrar seus pais.

VINTE E CINCO

“Não estou gostando disso”, Zack murmurou, enquanto voltavam para a casa de Beau.

Dane estava dirigindo, como antes, mas Eliza ia no banco do carona, e Ari estava sentada atrás, entre Beau e Zack.

Talvez fosse porque Zack tivesse participado desde o começo – e também tinha sido gentil, quando os outros não deram exatamente boas-vindas calorosas –, mas Ari estava sentindo-se completamente segura e protegida com ele de um lado e Beau de outro. Ela estava mais perto de Beau do que exatamente no meio do banco, já que estava encostada nele, que a abraçava com firmeza, e apoiava a cabeça confortavelmente em seu ombro.

Quando conseguiu recuperar os fofinhos sem passar por obstáculos, dificuldades ou perigo, Ari ficou exultante. Assim que o veículo começou a rodar, ela queria comemorar para valer. Estava com esperança e empolgação, sentia o gosto da vitória… da fé. Tinha a mais completa fé de que aqueles homens – e especialmente Ramie – seriam capazes de encontrar seus pais e trazê-los de volta. Ari queria que eles conhecessem Beau. Por mais que seu pai fosse exigente e difícil de agradar, ela sabia que Beau seria aprovado. Quando Gavin o olhasse, veria alguém bastante parecido com ele e, mais importante – para seu pai –, veria alguém que protegeria Ari com a própria vida, com o mesmo zelo que ele sempre teve por ela. Mas as palavras de Zack rapidamente trouxeram Ari de volta para a dura realidade de sua situação.

“O que está deixando você incomodado?”, Dane perguntou, sem soar nem um pouco cético. Ele fez a pergunta em um tom calmo, que refletia sua confiança nos instintos de Zack.

“Foi fácil demais”, Zack disse com seriedade. “Não acredito nem por um minuto que eles não tenham deixado sob vigilância todos os possíveis locais para onde Ari pudesse fugir ou retornar. E, no entanto, nós conseguimos entrar e sair em questão de minutos, e tudo correu tão bem que isso imediatamente fez meu desconfiômetro disparar. E meu estômago está se revirando de um jeito que só acontece quando eu *sei* que tem alguma coisa errada.”

Ari ficou tensa ao lado de Beau, e ele imediatamente a trouxe para mais perto de si, mesmo estando completamente atento no que Zack dizia. Beau alisou o braço dela com a mão, uma carícia para tranquilizá-la, mas que só deixou Ari mais agitada, agora que estava sentindo uma enorme angústia no peito.

“Então a pergunta é: por quê?”, Eliza disse, virando-se para trás para olhar para Zack. “Por que eles se manteriam afastados, quando foram extremamente agressivos em suas tentativas de capturar Ari? Eles já estão com os pais dela, e quanto antes conseguirem capturá-la, antes vão poder usar os pais para coagi-la a fazer o que eles querem. Porque eles *sabem*, assim como nós todos sabemos, que Ari vai fazer qualquer coisa para proteger os pais.”

Ari ficou boquiaberta diante da avaliação calma e objetiva que Eliza fez de sua personalidade. Não conhecia aquela mulher e seu contato com ela tinha se limitado a apenas poucos minutos aqui e ali, e as duas com certeza jamais tinham conversado diretamente. Eliza percebeu a surpresa de Ari e abriu um sorriso simpático para ela.

“Garota, está bem claro o quanto você ama seus pais. Está igualmente claro que você é extremamente leal às pessoas que ama. Então não é nenhum exagero achar que você faria qualquer coisa neste mundo para mantê-las em segurança. Sou boa em observar as pessoas, Ari. Eu fico em um canto e apenas observo. E tenho orgulho de estar sempre absolutamente correta nas minhas primeiras impressões e na minha avaliação do caráter de alguém. O que vejo, sempre que olho para você, é uma mulher com fortes convicções, talvez um pouco ingênua e que confia demais. Você é alguém que *escolhe* ver somente o lado bom das pessoas. E quando se trata de proteger quem ama, você pode ser bem implacável, com ou sem poderes.”

Ari ficou ruborizada e baixou a cabeça, lisonjeada e um pouco espantada com o tom de admiração com que Eliza relatou a impressão da personalidade dela. Bem, estava cem por cento correta. O que mais Ari poderia dizer? Obrigada? Parecia meio absurdo agradecer quando a mulher não estava lhe fazendo elogios, mas simplesmente relatando a avaliação que tinha feito dela. Mas Ari levantou a cabeça e sorriu para Eliza, com um leve aceno em reconhecimento ao que ela disse.

Beau a abraçou com mais firmeza, e sorriu diante da perplexidade de Ari. Ele se aproximou e falou no ouvido dela, para que somente ela escutasse.

“Eliza está certa, sabe? Ela só esqueceu de dizer algumas coisas. Como o quanto você fica linda quando seus olhos estão cheios de paixão. Como o quanto seus seios são perfeitos e como os seus lábios são macios como pétalas. E você

sabe de que lábios eu estou falando… que me pertencem. Você sabe como me dá tesão saber que sou o único homem que tocou você lá dentro, bem no fundo? Que sou o único a quem você deu esse presente tão precioso?”

Ari ficou ruborizada da cabeça aos pés, e suas bochechas e seu pescoço pareciam estar queimando. Meu Deus, ela torcia para que ninguém a estivesse olhando naquele momento, porque então saberiam exatamente o tipo de coisas que Beau estava sussurrando no seu ouvido. Ari amaldiçoou o fato de seu rosto sempre refletir seus pensamentos, sentimentos, humores e emoções. Ela era, na prática, uma vitrine ambulante. Ari deu uma cotovelada com força nas costelas de Beau, apesar de ter ficado absurdamente excitada com suas palavras.

“Pare com isso”, ela chiou. “Você está me deixando envergonhada!”

Beau riu em voz baixa.

“Mais tarde eu te mostro. Me lembre de fazer isso com meu corpo em vez de com palavras.”

A respiração de Ari ficou acelerada e o calor que sentia no rosto chegou a outras partes do corpo, especialmente seus seios, que agora estavam inchados e doendo de desejo, e no meio de suas pernas, onde o clitóris pulsava e latejava de necessidade.

“Você vai pagar caro por isso”, ela prometeu.

O sorriso no rosto de Beau apareceu lentamente, um exemplo da mais pura arrogância masculina e da mais completa satisfação.

“Estou ansioso para apreciar cada minuto da sua vingança.”

Ari emitiu um suspiro de alívio bem audível quando pararam na entrada da garagem da casa de Beau. Os pensamentos dela se voltaram imediatamente para os dois bichinhos, que estavam em seu colo. Ela tocava e acariciava os pelos gastos e esfarrapados deles. Estavam desgastados pelo tempo, mas Ari sempre tomou cuidado para que não se despedaçassem. Eles eram importantes demais para ela. Ari jamais soube por que estava tão profundamente ligada àqueles dois bichinhos de pelúcia. Mas mesmo hoje, quando os via, tocava ou simplesmente pensava neles, ela se sentia preenchida por uma sensação de carinho e amor.

Ari saiu apressada do carro pelo lado de Zack, já que ele foi o primeiro a sair, ignorando Beau, que tinha estendido a mão para ajudá-la. Ela estava ficando louca de impaciência e estava muito ansiosa para entregar os objetos a Ramie o mais rapidamente possível, para que pudesse extrair deles toda a informação. Ari caminhava em um ritmo acelerado, conseguindo inclusive acompanhar o passo rápido e decidido de Dane, deixando os outros para trás. Beau nem se deu ao trabalho de reclamar, porque ele sabia o quanto isso era importante para ela.

Finalmente, Ari podia agir de forma proativa para encontrar seus pais.

Ela ficou cheia de empolgação ao ver Ramie e Caleb na sala de estar, obviamente esperando por eles, já que deviam ter recebido uma ligação avisando que estavam retornando. Caleb parecia doente de tanta preocupação e, embora Ari tivesse compaixão por ele e compreendesse sua relutância – e até a compartilhava –, ela não era hipócrita a ponto de lamentar o que isso poderia fazer com Ramie. Ari rezava para que Ramie não sofresse, porque isso significaria que seus pais também estariam passando pelo mesmo sofrimento. Ela desejava, do fundo do coração, que não tivessem sofrido nenhum arranhão, já que basicamente eram apenas uma moeda de troca para um propósito maior.

Ari se aproximou de Ramie, mas manteve um pouco de distância para dar espaço a ela. Em seguida, entregou os bichos de pelúcia, que carregava carinhosamente nos braços.

“Meus dois pais tocaram bastante esses bichos de pelúcia, por muitos anos. Eles devem estar com as impressões – ou aura, ou como quer que você chame isso – dos meus pais, bem como a minha. O que você precisa que eu faça? Há alguma forma que eu possa ajudar?”

Quando Caleb parecia que iria responder, Ramie o fez ficar quieto com um simples olhar. Ele ficou de boca fechada, carrancudo, mas se recostou no sofá e permaneceu em silêncio.

“Normalmente, prefiro fazer isso longe da vista dos outros”, Ramie disse suavemente. “Porque a coisa pode ficar feia, até mesmo pavorosa. Mas neste caso, acho que todo mundo precisa estar presente. Às vezes digo coisas que vêm das vítimas, coisas de que nem sempre me lembro depois. Ou talvez eu imite uma ação ou gesto que você possa reconhecer. As coisas que eu disser talvez façam mais sentido para você do que para qualquer outro. Tudo o que peço é espaço, não fique perto de mim. E, acima de tudo, não interfira de maneira nenhuma, não importa o que aconteça. Pode ser perigoso para mim se alguém fizer qualquer coisa que não seja observar.”

Ari assentiu firmemente.

“Como você quiser. Vai ser da forma como você precisa. Não irei interferir, eu juro.”

Ramie olhou para os demais. Seu olhar passou por Dane e Eliza – que já estavam familiarizados com o processo – e parou em Beau e Zack, como se quisesse ouvir deles que concordavam com suas condições.

“Eu vou ficar com Ari”, Beau disse em voz baixa.

Zack simplesmente acenou com a cabeça, em resposta ao pedido dela, e

assumiu posição em um canto distante da sala, onde ainda tinha uma visão clara de tudo e conseguia ouvir o que acontecia, mas estava afastado o suficiente para não incomodar ninguém.

Ramie inspirou profundamente.

“Está bem, então. Por favor, dê os brinquedos para Caleb. Prefiro que ele entregue os objetos para mim. Em seguida, afaste-se para me dar espaço o bastante e, novamente, permaneça em silêncio absoluto e não faça nada que possa me distrair.”

Ari entregou os bichos de pelúcia para Caleb, agitada, com as mãos tremendo de leve e se recusando a olhá-lo nos olhos.

Para sua surpresa, Caleb não apenas pegou os bichinhos de sua mão. Em vez disso, ele segurou as mãos de Ari e as apertou gentilmente.

“Eu odeio ter deixado você com medo de mim”, ele falou em voz baixa, com um tom carregado de arrependimento. “Juro que não sou a pessoa que mostrei a você outro dia. Mas admito completamente que, quando se trata de minha esposa, costumo agir de forma irracional.”

Ramie bufou de ironia, o que fez Caleb olhar para ela carrancudo. Ela simplesmente riu em resposta à careta dele.

“Espero que você aceite minhas desculpas, Ari. Mas, o mais importante, espero que Ramie consiga encontrar seus pais.”

“Obrigada”, Ari respondeu com sinceridade. “Eu também espero que ela consiga.”

Caleb soltou a mão dela e Ari, que se afastou alguns metros para dar à Ramie o espaço pedido. Beau imediatamente envolveu Ari com seu braço, apertando-a em volta dos ombros em sinal de apoio.

Ramie inspirou profundamente e estendeu a mão para pegar os bichinhos de pelúcia que estavam com Caleb. Devagar, ele esticou seus braços e colocou um bicho em cada mão de Ramie, ao mesmo tempo. Por um momento, ela simplesmente ficou olhando para eles, e em seguida começou a piscar, com as pálpebras fazendo movimentos erráticos. Quando ela reabriu os olhos, foi realmente algo assustador. Era quase como se os olhos de Ramie tivessem mudado de cor. Suas pupilas estavam enormes e seu olhar era vazio, vago, como se não estivesse prestando atenção no que havia em sua volta. Ramie imediatamente começou a balançar o corpo para a frente e para trás, aparentemente tomada por uma grande angústia. Caleb olhava para ela, morrendo de vontade de puxar sua esposa para perto de si e reconfortá-la. Mas ele seguia as regras de Ramie e ficou sentado lá, bastante tenso.

“Como podemos fazer isso?”, Ramie perguntou, com uma voz chorosa que não era dela.

“Como é que não podemos?”, ela disse, desta vez claramente falando do ponto de vista de uma pessoa diferente.

“Olhe para ela. É tão linda, tão inocente. Como é que podemos simplesmente abandoná-la?”

“Porque não temos como protegê-la. Franklin Devereaux prometeu nos ajudar, ele conhece alguém. Alguém que pode proteger nosso bebê. É a única chance que temos de viver uma vida normal. Você sabe que, se a pegarem de volta, ela será tratada como um animal. Ela vai ficar enjaulada, vai ser maltratada, castigada e obrigada a fazer sabe lá Deus o quê. Não podemos permitir que isso aconteça.”

Tanto Caleb como Beau gelaram com a menção ao nome de Franklin Devereaux. Eles olharam um para o outro com um brilho no olhar. Beau até mesmo soltou o braço que estava em volta de Ari, aparentemente esquecendo dela por um breve instante.

“O que ela disse?”, Caleb sussurrou com uma voz esganiçada.

Beau levou um dedo a seus lábios. Não queria que aquilo viesse à tona, droga. Não queria dar a Caleb ainda mais motivos para menosprezar Ari e desdenhá-la. Beau passou a mão pelos cabelos, desejando muito que aquela informação não tivesse surgido por meio da conexão de Ramie. Uma conexão que claramente estava indo além dos pais adotivos de Ari. Mas fazia sentido que os bichinhos de pelúcia tivessem sido deixados com Ari, já que foram objetos que seus pais biológicos deram para ela.

Em seguida, Ramie se encolheu, tremendo violentamente, e seus lábios ficaram roxos, como se ela estivesse sendo exposta a baixas temperaturas.

“Está tão frio”, ela disse com a voz feminina da primeira pessoa que tinha falado. “E se ela acabar morrendo de frio? Não podemos deixá-la aqui! E se eles não a quiserem?”

“Eles vão querer.” Havia certeza no tom de voz com que Ramie falava agora. “Franklin me disse que Ginger Rochester já sofreu diversos abortos espontâneos e, ao que tudo indica, ela é incapaz de ter filhos. Nossa filha vai ser uma bênção para eles, e ela merece isso. Ela jamais vai passar necessidade e, o mais importante, ela vai estar segura.”

Ari deixou escapar um grito abafado, incapaz de compreender o que estava ouvindo. Ela caiu de joelhos, suas pernas já não conseguiam mais suportar o peso do corpo. Em seguida, Ari afundou o rosto nas mãos quando as

consequências do que Ramie estava vivenciando – e dizendo – a atingiram com toda a força. A negação veio na mesma hora, com intensidade. Ari meneava a cabeça irracionalmente, tentando fazer as vozes desaparecerem. Aquilo estava errado, não podia ser verdade. Ramie estava *enganada*.

Beau ajoelhou-se com ela e, embora estivesse profundamente consternado, ele não parecia surpreso. Mesmo em meio a sua confusão e tristeza, Ari não deixou de notar o fato. Quanto será que ele tinha escondido dela? Ele tentou abraçá-la e reconfortá-la, trazendo-a para junto de si, mas Ari resistiu, quase histérica. Ela não queria ser tocada, não queria ser reconfortada. Não havia conforto nenhum, nem bálsamo ou atadura que fosse capaz de cobrir aquela ferida.

"Adeus, meu amor", Ramie sussurrou. Ela fez o gesto de segurar um bebê nos braços e deu um beijo no ar, na posição onde estaria a cabeça da criança.

Houve um breve momento de silêncio, embora Ramie continuasse ainda em um lugar distante, e não ali. Ela estava perdida no tempo, presa aos segredos que lhe estavam sendo revelados pelos bichinhos de pelúcia.

"Oh, meu Deus, Gavin! Alguém deixou um bebê aqui para morrer *congelado*?"

Ari ficou imóvel quando ouviu a voz de Ramie mudar de novo, e dessa vez para uma voz assustadoramente parecida com a de sua mãe, deixando-a arrepiada da cabeça aos pés. Seu coração foi tomado pelo temor – agora confirmado por meio de Ramie – de que o inimaginável… era *verdade*. Não, não! Não *podia* ser verdade. Ela era amada, não era um bebê indesejado e abandonado por seus pais. A vida inteira de Ari tinha sido uma mentira. Ela estava verdadeira e completamente sozinha. Sem rumo. Perdida. Tentou se enclausurar dentro de uma bolha, fechando-se na esperança de fazer a verdade, a realidade, desaparecer. Mas Ari ainda continuava a ser assombrada pela voz de Ramie, que dessa vez estava parecida com a de seu *pai*.

"Vamos sair do país e ficaremos fora por um tempo."

Em seguida, sua mãe falou novamente, só que ela *não era* sua mãe.

"O que vamos fazer, Gavin?"

A voz de Ramie ficou áspera, assim como ficava a voz de Gavin quando ele estava sério, implacável e determinado.

"Vamos fazer conforme nos foi pedido e iremos cuidar dela como se fosse nossa filha."

Ramie ficou em silêncio, e seus olhos piscavam rapidamente, como se estivessem processando informação com a velocidade de um computador. Ela

fechava e abria as mãos apoiadas no colo, agitada. Claramente ela não estava ali, mas sim completamente entregue ao passado. Mas… e quanto ao presente? Mesmo que o mundo inteiro de Ari tivesse virado de cabeça para baixo no espaço de poucos minutos, ela ainda amava seus… pais. Ou o que quer que eles fossem. Ela queria vê-los em segurança, e agora, mais do que nunca, Ari queria respostas. Queria a verdade! A verdade que deveria lhe ter sido contada quando ela tivesse uma idade em que seria capaz de compreender tudo. E vindo de seus pais adotivos, a informação não seria tão chocante, porque ela seria capaz de entender a verdadeira motivação deles: se realmente a queriam ou se apenas não conseguiam suportar a ideia de ver um órfão levado pela assistência social e jogado em meio ao sistema de adoção, sem jamais ter um lar estável e pessoas em quem confiar.

Ari precisava saber disso e só saberia por meio de seus pais, de mais ninguém. Se estava desesperada para salvá-los antes, esse desespero se multiplicou por dez. Porque se seus pais morressem antes que ela tivesse respostas para as perguntas que rodopiavam em sua mente – feito um turbilhão, o que a estava deixando zonza e desequilibrada –, a sua vida ficaria incompleta para sempre. Uma parte importante dela estaria perdida para sempre. Como poderia esperar que Beau a aceitasse quando ela própria nem sabia mais quem era?

Sabia muito bem que seu pai nem sempre tinha sido alguém correto e íntegro, e que ele tinha um passado obscuro e questionável, mas quando sua mãe entrou na vida dele, ele se esforçou de verdade para se tornar o homem que ela merecia, e isso alterou para sempre sua história. Mas agora, pela primeira vez, Ari se perguntava se seu pai tinha mesmo abandonado a antiga vida. Questionava se aquele “bom” homem que ela sempre considerou seu pai era mais uma mentira em uma lista cada vez maior de mentiras e inverdades. Mentiras causadas pela omissão eram tentativas claras de *esconder* a verdade, de impedir que uma pessoa *descobrisse* a verdade. Isso era pura manipulação; não era nada digno, e só ia contra a integridade de uma pessoa.

Doía pensar que o homem que Ari sempre teve como referência, que ela idolatrava e adorava, fosse capaz de fazer algo como aquilo. Porque agora ela estava sendo obrigada a duvidar de todos os aspectos de seu passado. O que mais ele tinha escondido dela? Sobre o que mais ele havia mentido para ela na cara dura? Sua vida inteira tinha sido uma mentira?

Em meio à névoa de sua dor e total desespero, Ari viu Ramie cambalear na direção oposta à Caleb. Ele imediatamente a segurou com incrível cuidado. Ele a

guiou de volta para perto de si, e simplesmente a puxou para o colo, abraçando-a com carinho e tocando os lábios na testa dela. Caleb estava profundamente aliviado por ela não ter sido obrigada a passar pelo inimaginável. Mas Ari estava muito preocupada. O que significava o fato de Ramie aparentemente ter visto apenas o *passado*?

Ari não conseguia se firmar. Suas pernas estavam tão bambas e ela estava tão devastada, que toda a sua força tinha sumido completamente. Então ela foi meio engatinhando, meio se arrastando em direção ao sofá onde Ramie estava nos braços de Caleb, acordada, mas sonolenta e letárgica. Ari estava cheia de constrangimento refletido no rosto e no olhar quando olhou para Caleb. Mais uma vez, ele a surpreendeu, porque ela foi recebida com carinho e compaixão.

“Eu sei que ela está cansada, eu sei o quanto isso é desgastante. Mas, por favor, preciso falar com Ramie antes que ela apague. Eu preciso saber.”

Ramie se mexeu e olhou para Ari, com olhos distantes.

“Estou bem, Ari. Muito melhor do que das outras vezes. Só estou cansada pelo desgaste mental de manter as conexões. Neste caso foi com quatro pessoas. Vou tentar responder suas perguntas se puder. Apenas tenha paciência comigo, eu fico meio lenta depois que saio dessas experiências e meus pensamentos ficam dispersos.”

“Tudo o que peço é que você tente”, Ari murmurou.

Ela apoiou os cotovelos nos joelhos de Caleb, torcendo para que ele não se importasse com o peso extra, mas essa foi a única forma que Ari conseguiu para não desabar completamente no chão.

“Tudo o que você falou aconteceu no passado, em um passado bem distante”, Ari falou com a voz rouca. “Mas e agora? Você captou qualquer coisa que pudesse nos ajudar a localizar meus pais?”

Ramie olhou para Ari como se pedisse desculpas. Com um movimento débil, ela pegou a mão de Ari e a apertou, tentando reconfortá-la e dar apoio.

“Não captei nada”, Ramie admitiu. “Sinto muito, Ari. Eu estava disposta a suportar *qualquer coisa* para poder ajudá-la. As impressões que recebi eram *fortes*, apesar de os eventos terem acontecido há anos. Houve relances de eventos que aconteceram depois daquelas passagens que relatei em voz alta. Vi você ainda bebê, em seguida já criança. Depois uma garotinha e uma adolescente que foi se tornando uma mulher. Os fofinhos, como você os chama, eram observadores silenciosos dos eventos que ocorreram ao longo dos anos. É quase como uma história, a história de você e sua família. São objetos muito especiais. Espero que consiga guardá-los com você por muitos anos ainda.”

Ari se afastou, apoiando-se sobre os calcanhares, e tirou os braços de cima das pernas de Caleb. Ela não queria que ninguém a tocasse ou a visse naquele estado, sendo consumida e revirada por uma terrível agonia. Tinha sido tudo em vão. Em vez de conseguir localizar os “pais”, e trazê-los em segurança de volta para casa, tudo o que ela conseguiu foi ouvir uma notícia que mudou sua vida e deixou seu coração despedaçado e ensanguentado.

“Não!”, Ari gritou, balançando a cabeça, recusando-se a aceitar a verdade que estava bem diante dela.

Ela se levantou, trôpega e cambaleante, e novamente tirou as mãos de Beau quando ele tentou ajudá-la. Ele se afastou e não insistiu. Ari não conseguia suportar ser tocada. Ela estava sentindo-se suja, rejeitada, *indigna*. Logo ela, que a vida toda sempre teve certeza de seu lugar no mundo, sempre teve certeza do amor dos pais.

Ari estava se sentindo… traída… da pior maneira possível. Foi uma traição que a tocou fundo, até a alma, e a deixou despedaçada, sem… nada. Nem ninguém. A súbita sensação de estar completamente sozinha, em um mundo frio e escuro, onde ela não tinha um porto seguro e nada era como parecia, deixou Ari com um desespero que chegava ao fundo do seu coração.

Em um único momento, ela se viu arrancada de tudo o que tinha. E agora, nem mesmo sabia mais *quem* ela era.

VINTE E SEIS

Impotente, Beau observava Ari desabar bem diante de seus olhos. E não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer para ajudá-la. Ninguém poderia. Algumas mágoas – vindas de traições – eram simplesmente profundas demais e não podiam ser perdoadas, esquecidas ou mesmo compreendidas.

“Não”, Ari disse novamente, soando como um animal ferido.

Ela envolveu os braços em torno do próprio corpo, como se estivesse tentando se proteger da dolorosa verdade. Ari se inclinou para a frente, com o rosto se contorcendo de dor, e os objetos na sala estavam reagindo à clara perturbação de sua mente devastada.

“Eu *não* era indesejada”, ela falou com a voz esganiçada. “Eu *não fui* abandonada. *Não fui* largada para morrer no frio, dependendo de pessoas que podiam ou não me encontrar na porta de sua casa.”

Lágrimas corriam livres pelo rosto de Ari. Seu olhar era tão desolador, que Beau ficou com os olhos marejados e engoliu em seco suas emoções. Ninguém na sala deixou de ser afetado pela dor de Ari.

Eliza virou o rosto para a cena, mas não antes que Beau pudesse vê-la enxugar as lágrimas que corriam em sua face. Os olhos de Dane estavam carregados de compaixão, e ele se mexia irrequieto, com as mãos nos bolsos, claramente perdido e sem saber o que dizer nem fazer, enquanto observava o colapso total de Ari. A expressão no rosto de Zack era fria e sem vida, e seu olhar estava desolado e distante, como se ele estivesse se recordando de algo igualmente doloroso.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Ramie e ela saiu do abraço reconfortante de Caleb, sem dúvida sabendo que não era a pessoa que mais precisava ser reconfortada naquela hora.

Toda vez que Beau tentava chegar perto de Ari, para tocá-la ou simplesmente para segurá-la e apoiá-la, deixá-la chorar em seus braços e ombros, ela reagia violentamente, como se temesse maculá-lo ou contaminá-lo de alguma maneira.

Beau xingava em voz baixa, e naquela hora ele odiava com todas as forças o pai de Ari, Gavin Rochester, e os desgraçados que estavam tornando a vida dela

um inferno. Ela tinha sido manipulada desde o nascimento. Como podiam ter feito isso com ela? Pelo que ele podia deduzir – com os pedaços de informação e diálogos que Ramie repetiu quando estava em transe – Ari não passava de uma transação comercial. Uma compensação dada a Gavin e a Ginger Rochester para aliviar a dor de suas perdas devastadoras. Um bebê de presente, como se qualquer criança servisse, e Ari simplesmente foi uma solução conveniente para todo mundo. E por que os pais biológicos insistiram tanto em dar Ari? E que raios seu próprio pai tinha a ver com tudo isso? Seria possível que ele realmente tivesse enviado Ari para Gavin? Será que ele estava em dívidas com Gavin, de alguma forma? Era por isso que Gavin tinha dito à Ari para procurar Caleb ou Beau Devereaux se algum dia estivesse em perigo? Era quase como se ele estivesse se preparando para o que estava acontecendo agora.

O fato de Gavin ter sido a última pessoa a ver Franklin Devereaux vivo, junto com as novas informações que vieram à tona, só deixava Beau mais convencido do que nunca de que o pai adotivo de Ari tinha algo a ver com a morte de seu pai. Se direta ou indiretamente, quem saberia dizer? Beau duvidava que Gavin fosse o tipo de homem que faria o serviço pessoalmente. Não havia motivo para isso quando ele tinha tantos capangas e mercenários. Pelo preço certo, era possível comprar a lealdade de qualquer pessoa.

Ramie levantou-se do sofá, trêmula e hesitante, e Caleb estendeu os braços atrás dela, no caso de ela cair. No entanto, mesmo vacilante ela conseguiu chegar até onde Ari estava encolhida, com os braços cruzados com firmeza em volta da cintura e soluçando de tanto chorar. Uma cena de partir o coração. Ramie tocou de leve as costas de Ari e então, quando ela não reagiu ao gesto, Ramie a puxou gentilmente para si, com um abraço. Ari afundou o rosto no ombro dela, e seu corpo inteiro estremecia com os soluços.

“Sinto tanto por isso, Ari”, Ramie disse, com um tom carregado de lástima. “Mas, querida, me escute. Olhe para mim, Ari”, ela falou com uma voz mais firme.

Ramie aguardou, paciente e compreensiva, até que finalmente Ari ergueu seus olhos encharcados de lágrimas. Beau sentiu o peito apertar ao ver a mais pura agonia refletida no rosto e nos expressivos olhos de Ari.

“Você foi amada. Um amor absoluto, inabalável e incondicional. Essa é a *verdade*. Você foi amada desde o momento em que Gavin e Ginger Rochester a encontraram na porta da casa deles. Os dois tomaram muitos cuidados para garantir que você jamais fosse levada deles e que pudesse ter uma vida normal. Claro que isso mudou quando descobriram suas habilidades, mas só os deixou

ainda mais determinados a dar a você tudo o que eles pudessem.”

As lágrimas escorreram mais depressa pelo rosto de Ari, e brilhavam com intensidade em seus olhos, o que os tornavam ainda mais intensos que de costume. Estavam elétricos, quase fluorescentes.

“E eis aqui mais uma verdade, Ari”, Ramie disse suavemente. “Essa é uma verdade que eu quero que você escute e preste bastante atenção. Porque é a verdade. Eu jamais mentiria sobre algo tão importante, nem iria lhe dar palavras vazias só para reconfortá-la, quando você está claramente tão devastada. Você também foi muito amada pelos seus *pais biológicos*.”

Ari automaticamente balançou a cabeça em negação, e seus olhos se encheram de mágoa mais uma vez. Ramie a encarou intensamente.

“Eu estava lá, Ari. Pude sentir tudo o que eles sentiam, eu sabia tudo o que eles sabiam. Você duvida dos meus poderes? Acha que, de alguma forma, esta por acaso é a única vez em toda a minha vida em que estou errada?”

“Então por quê?”, Ari exclamou. “Eu não entendo *por que* fizeram isso.”

“Porque as mesmas pessoas que estão atrás de você agora estavam atrás de você antes. E seus pais estavam apavorados, fugindo o tempo todo. Quando sua mãe engravidou, não foi fácil para eles se esconderem e se disfarçarem. Eles estavam sempre temendo pelo pior, sempre olhando para trás. E quando você nasceu, eles a amaram muito. Eles viam você como um milagre, algo bom e especial em meio a todo o mal. Seus pais tentaram manter você com eles, eles queriam ter você com eles. Mas as pessoas que estão atrás de você os encontraram. Eles escaparam por pura sorte, e porque alguém estava no lugar certo na hora certa. E foi aí que seus pais perceberam que não podiam mais continuar daquela forma. Aquilo não era um jeito de criar uma criança. A vida seria um inferno e ela jamais teria as coisas de que as crianças mais precisavam. Estabilidade, um lar e segurança, poder ir para a escola, ter amigos, praticar esportes ou fazer balé.”

Ramie pausou, claramente exausta pelo transe, mas parecia decidida a falar tudo o que precisava para Ari, antes que o desgaste mental – e físico – a obrigasse a parar.

“Seus pais queriam que você pudesse ter tudo isso. Então procuraram alguém para ajudá-los, ou talvez que até mesmo pudesse ficar com você. Eles foram até os pais de Caleb e Beau, Franklin e Missy Devereaux.”

Caleb e Beau estremeceram, e Beau cerrou os punhos com firmeza, pensando na espantosa coincidência que era estar ligado a Ari e à família dela não só por seu amor, mas também de outras formas. Qualquer dúvida que ele

tivesse sobre o telefonema do “pai biológico” dela ter sido um trote caía por terra, no momento em que as palavras de Ramie o atingiram diretamente no peito. Ramie olhou para Caleb e Beau com tristeza e pesar.

“Talvez vocês não queiram ouvir isso. Ari e eu podemos continuar em particular.”

Beau se aproximou, assim como Caleb, que se levantou do sofá. Intencionalmente ou não, os dois irmãos ficaram a poucos centímetros de distância um do outro, em solidariedade.

Caleb falou antes que Beau conseguisse esboçar uma resposta.

“Não há nada que você possa dizer sobre meu pai – ou minha mãe – que vá deixar chocado qualquer um de nós. Nós dois estamos bem familiarizados com exatamente quem e o que eles eram – e o que eles não eram”, ele disse com uma voz fria.

Beau simplesmente assentiu, sem ter nada para acrescentar que Caleb já não tivesse dito, de forma sucinta. Ramie suspirou e se voltou para Ari.

“Franklin queixou-se com seu pai biológico dizendo que já tinha três pirralhos e que a esposa idiota dele estava grávida de novo. Eles ficaram sabendo da gravidez somente na semana anterior, então não havia como ele pegar mais uma criança, pois mal podia tolerar as três que já tinha e ainda com uma quarta a caminho.”

Mesmo sabendo como seu pai era um perfeito desgraçado, Beau não conseguiu evitar estremecer de raiva ao ouvir as palavras ditas por ele.

“Foi então que Franklin recomendou Gavin Rochester, afirmando que era um parceiro de negócios e, por coincidência, ele e a esposa estavam desesperadas para ter um filho, mas até então não tinham conseguido. Franklin até mesmo forneceu o dinheiro a eles e emprestou o jato particular para que não pudessem rastrear seus movimentos.”

Ramie segurou o rosto de Ari, molhado pelas lágrimas, e a obrigou a olhar para ela.

“Ari, quero que você me escute. *Eu preciso* que você ouça isso.”

Ari focou seu olhar disperso em Ramie e piscou os olhos, tentando dissipar um pouco de sua óbvia confusão.

“Sua mãe e seu pai, seus verdadeiros pais – e com isso quero dizer as pessoas que a criaram como filha deles, que a amaram e a protegeram a vida toda –, não sabiam de nada do que aconteceu entre seus pais biológicos e as pessoas que os perseguiam. Também só foram tomar conhecimento do envolvimento de Franklin Devereaux e do fato de que, na verdade, era ele quem lhes tinha

enviado você, dois anos depois que a adotaram.”

“Eles atenderam à campainha da porta em uma noite de Natal cheia de neve e encontraram… você. Um lindo anjinho, que veio com um bilhete. Um bilhete que implorava para que os dois a aceitassem e cuidassem de você como se fosse filha deles, já que seus pais biológicos não poderiam sustentá-la e que, além disso, você estaria sempre em perigo com eles. Gavin e Ginger a amaram instantaneamente. E assim, Gavin levou a esposa e você para fora do país, onde forjou toda a documentação sobre a gravidez, seu nascimento em um país estrangeiro e depois, o retorno aos Estados Unidos.”

“Ele vendeu todos os negócios que tinha antes de você entrar na vida deles, exceto uma companhia petrolífera, aqui em Houston. E então se mudaram para cá, para começar a vida deles com você. Essa é a verdade e é a única que importa. Você foi amada, foi querida. Você é importante.”

Dessa vez foi Ari quem envolveu Ramie com os braços e a abraçou com força.

“Obrigada”, sussurrou. “Você não sabe o que isso significa para mim.”

“Eu imagino”, Ramie respondeu baixinho.

Ramie olhou para Beau, com um olhar terno, enquanto segurava a mão de Ari e entrelaçava seus dedos com força. E então segurou a mão de Ari na direção de Beau, e em seguida olhou novamente para Ari.

“Acho que tem alguém aqui que gostaria muito de abraçar você agora. Isso foi duro para ele também, Ari. Ele também escutou algumas coisas muito difíceis. Vocês dois deveriam consolar um ao outro.”

Beau observou a infinidade de emoções passar pelo rosto de Ari quando ela olhou para ele. E então, com um grito abafado, Ari correu pela sala se atirou nos braços abertos dele, envolvendo-o pela cintura, como se sua vida estivesse dependendo daquilo.

“Me desculpe”, sussurrou com a voz chorosa. “Sinto tanto, Beau. Você não merecia ser tratado daquele jeito por mim. Você é a última pessoa que merecia aquilo. Por favor, me perdoe. Você é a única coisa verdadeira que tenho em minha vida agora. É a única pessoa em quem confio e acredito totalmente. Por favor, por favor, não fique bravo comigo.”

Beau trouxe Ari para junto de si, apertando-a, segurando-a com toda a força que poderia usar sem quebrar os ossos dela. Ele afundou seu rosto nos cabelos cheirosos e ficou lá em silêncio, com o peito arfando de emoções, a ponto de transbordar. Ele não se permitiria chorar, não ali. Não na frente dos outros. Não quando Ari precisava desesperadamente que ele fosse forte por ela.

Quando enfim se afastou, Beau segurou o belo rosto dela com as mãos e olhou intensamente em seus olhos, perdendo-se neles e entregando-lhe sua própria alma. Jamais queria recuperá-la novamente. Beau estava apaixonado por Ari e pretendia continuar assim pelo resto da vida. Então ele a beijou. Foi um toque gentil, um beijo carinhoso para reconfortá-la, acalmá-la e tranquilizá-la. Para mostrar que ele estava lá, que era verdadeiro, confiável. E que não ia a lugar nenhum.

Ari inclinou a cabeça para a frente e apoiou a testa no pescoço de Beau, de forma que o queixo dele ficou apoiado sobre seus cabelos macios. Beau conseguia sentir a fatiga que irradiava de Ari. Sabia que ela havia chegado ao seu limite absoluto. Beau pegou as mãos dela.

“Vamos para a cama, querida. Amanhã iniciaremos um ataque total contra eles. Vamos atrair os desgraçados até nós e então vamos conseguir a informação de que precisamos, a qualquer custo.”

Ari estremeceu junto ao corpo dele, e Beau sabia que ela estava pensando na implicação de suas palavras. Mas ela não reagiu com temor ou repúdio, e simplesmente afastou a cabeça e olhou para Beau como se ele fosse todo o seu mundo. E era isso o que ele queria ser. Quando tudo aquilo estivesse acabado, ele iria lhe entregar seu coração por inteiro. Abriria o próprio peito e ficaria completamente vulnerável e exposto a ela. Beau só esperava que, quando fizesse isso, Ari não rejeitasse as únicas coisas que ele tinha para lhe dar. Seu coração. Sua alma. Seu corpo. *Seu amor*.

VINTE E SETE

Beau sentou-se ereto na cama, e Ari literalmente caiu de seus braços, indo direto para o colchão, logo abaixo. Ela quis reclamar e balbuciou alguma coisa, mas imediatamente se aninhou no travesseiro, sem, em nenhum momento, abrir os olhos.

“Que merda é essa?”, Beau perguntou, piscando quando o quarto foi subitamente inundado pela luz.

Quando conseguiu enxergar, viu Zack carregando um fuzil sobre um ombro, duas pistolas em um coldre de ombros e diversas granadas explosivas e bombas de efeito moral em volta da cintura. Ele trazia mais uma pistola na perna, presa por dentro da coxa, enquanto a outra perna tinha uma pistola presa do lado de fora, para que as armas não esbarrassem enquanto ele caminhava. Como se isso não fosse o bastante, carregava pelo menos mais três facas em locais convenientes e acessíveis no corpo e mais uma pistola menor no tornozelo. Zack tinha jeito de quem estava pronto para a guerra.

Beau ficou alerta no mesmo instante e saiu da cama, antes mesmo que Zack abrisse a boca.

“Relatório da situação!”, Beau exclamou, já indo buscar o próprio arsenal. Não tinha pegado uma camisa ainda, e parou apenas para colocar as calças camufladas especialmente projetadas para levar as *suas* armas preferidas. Colocou rapidamente um colete à prova de balas sobre o corpo e então vestiu uma camisa de manga comprida preta, invisível à noite.

“Estão vindo para cima de nós em nosso próprio território, preparando um ataque em larga escala. Já invadiram o perímetro, atravessaram a segurança externa, e estão se movendo com rapidez. Já alertei os outros, mas você precisa levar Ari para a sala de segurança. Caleb está levando Ramie para lá agora.”

“Merda!”

Depois de pegar todas as suas armas e acrescentar um pouco de explosivo plástico completamente ilegal a um dos bolsos de fácil acesso da calça, Beau correu para a cama e nem se preocupou em acordar Ari primeiro ou mesmo em tentar lhe explicar a situação. O tempo estava correndo e a prioridade era

garantir a segurança dela.

Beau carregou Ari de forma um pouco mais bruta do que gostaria e Zack foi na frente, garantindo a cobertura, embora até onde soubessem, os invasores estivessem a pelo menos quatro minutos de distância. Quatro preciosos minutos em que tinham de esconder as mulheres e decidir pelo melhor plano de defesa.

“Beau?”, Ari perguntou com uma voz intrigada e sonolenta.

“Shhh, querida. Não tenho tempo para explicar. Apenas confie em mim.”

Para ajudá-lo, Ari ficou muito quieta, embora Beau pudesse ver na mesma hora o medo em seus olhos. Ela ficou de boca fechada, apesar dele saber que era difícil para ela aceitar cegamente qualquer coisa que ele falasse sem ter ao menos alguma ideia do que estava acontecendo.

Ele virou às pressas no corredor e chegou à sala de segurança em tempo recorde, mesmo carregando o – leve – corpo de Ari. Zack digitou o código de segurança na parede, e a porta se abriu assim que Beau chegou e passou correndo por ela. Ramie já estava na sala, sentada em uma das cadeiras, parecendo completamente apavorada, de olhos arregalados e pálida. Mas, ao ver Ari, ela pareceu ficar aliviada por não estar mais sozinha.

Beau colocou Ari na cadeira ao lado de Ramie e se dirigiu até o armário de armas. Pegou quatro pistolas e mais dois pentes extras de munição para cada uma delas, além dos que já estavam carregados nas armas. Ele estendeu duas pistolas na direção de Ramie, e só as soltou de sua mão depois que ela as estava segurando com firmeza. Em seguida, Beau fez o mesmo com Ari. Ela olhava para as armas atônita, como se fossem um objeto completamente estranho.

Beau falou um palavrão em voz baixa. Ari obviamente nunca tinha pegado em uma arma antes, o que o surpreendeu, dada a obsessão do pai dela com tudo o que envolvia proteção pessoal. Beau imaginou que Ari tivesse familiaridade com armas, depois que a viu pegar calmamente na de Brent naquele primeiro dia e sair do carro capotado, para depois jogar a pistola de volta a ele. Agora percebia que Ari tinha agido por puro instinto, em sua intenção de proteger os outros.

“Me escute, Ari”, Beau falou em um tom de voz que não admitia interrupção. “Isto aqui é uma Glock. Ela não tem trava de segurança, então tome muito cuidado para onde você aponta isso e mantenha seu dedo fora do gatilho sempre, a menos que pretenda atirar. Se qualquer pessoa, e estou falando de qualquer um além de nós, conseguir entrar nesta sala, apenas aponte e dispare, e continue disparando até você matar o vagabundo. Entendeu?”

Ele se virou para Ramie, para ter a certeza de que também tinha ouvido sua

rápida orientação. Ela assentiu, confirmando.

“Vamos nessa!”, Beau exclamou para Zack. “Me faça um relatório sobre onde estão os outros e a posição que assumiram, e também se temos algum reforço que pode chegar a tempo de nos ajudar.”

VINTE E OITO

“O que está acontecendo, Ramie?”, Ari perguntou.

O pavor apertava sua garganta, praticamente a sufocando. Mal conseguia respirar e precisava se concentrar em toda inspiração e expiração para não fazer algo idiota, como desmaiar.

“Não sei…”, Ramie disse com uma voz fraca, e seu olhar refletia o mesmo pavor que Ari estava sentindo. “Estamos sob ataque. Caleb não me disse mais nada, não houve tempo. Ele me jogou aqui e saiu correndo.”

“Estamos seguras neste lugar?”, Ari perguntou cheio de temor na voz.

“Não sei bem de todos os detalhes”, Ramie admitiu. “Mas sei que seria necessária uma quantidade de explosivos maior do que o normal para abrir a porta. As paredes aqui têm tripla camada com aço reforçado, e o miolo é à prova de balas e explosão, mas nunca foram testadas. Sempre achei paranoia da parte deles ter uma sala como essa, mas agora estou bastante grata por isso.”

Ari concordava plenamente e assentiu com a cabeça. Em seguida, expressou em palavras o outro medo que a deixava paralisada:

“Mas… e quanto a… eles?”, ela perguntou com uma voz trêmula. “Como sabemos o que está acontecendo? E se alguma coisa acontecer com eles? Para que me trancar aqui se eu poderia ter mais utilidade lá fora?”

Ramie olhou para as armas nas mãos trêmulas, e mudou o dedo de posição, para que ficasse bem longe do gatilho.

“Beau jamais iria te colocar na linha de fogo. Não importa o que você seja capaz ou não de fazer. Eles são treinados para isso, você não. Lá você seria uma distração, porque Beau – e todos eles – estariam mais preocupados com você do que em se proteger e eliminar qualquer ameaça potencial.”

“Meu Deus, como odeio ficar aqui sentada. Completamente indefesa”, Ari falou irritada.

“Eu sei”, Ramie concordou com a voz trêmula. “Estou assustada também, Ari. Estou apavorada. Não quero perder Caleb.”

Ari sentiu seu peito apertar de dor e ficou momentaneamente incapaz de respirar.

“Eles não podem morrer”, disse com raiva, depois de recuperar a capacidade de falar. “Eles não podem e não vão. Precisam voltar para nós. Eles *vão* voltar para nós. Não podemos nem cogitar qualquer coisa diferente disso.”

Houve um silêncio entre as duas mulheres, enquanto ambas ficaram sentadas pensativas, sendo torturadas pelos próprios pensamentos, ao imaginar tudo o que podia dar errado.

Ari olhava para o relógio digital na parede, onde cada minuto parecia levar horas e não sessenta segundos. O tempo se arrastava lentamente até Ari ficar prestes a enlouquecer de preocupação, medo e incerteza. O que estava acontecendo lá fora? Será que Beau estava ferido? Incapaz de se proteger? Ela fechou os olhos, mordendo os lábios quando o próximo pensamento na sequência lógica e trágica surgiu flutuando em sua mente. Será que ele ainda estava vivo? Oh, meu Deus. Não podia mais fazer aquilo. Ari não conseguia mais ficar ali parada. Aquele silêncio, as paredes que pareciam estar cada vez mais perto dela, deixando a sala menor e menor até que Ari sentiu estar quase sufocando. Estava enlouquecendo. Cuidadosamente, ela deixou as armas de lado e colocou a palma das mãos sobre os olhos, pressionando e balançando o corpo para a frente e para trás, sentindo a cabeça doer.

“Ari, você está bem?”, Ramie perguntou ansiosa, quebrando o silêncio pela primeira vez no que pareciam ser horas.

Ari olhou para o relógio e viu que, na verdade, haviam se passado 53 minutos. Praticamente uma vida. Isso era ruim, não? Se tinham saído, detonado e acabado com os bandidos, já estava na hora de terem voltado, não? Balas eram rápidas e eficientes.

A sala chacoalhou de forma estranha e, por um momento, Ari pensou que tinha sido sua reação à sensação claustrofóbica, que aumentava a cada minuto. Ramie devia ter sentido o tremor também, porque voltou seu olhar imediatamente para a porta. Ari prendeu a respiração. Será que eles tinham voltado? Estavam prestes a entrar? Ou era alguém tentando abrir a porta? Talvez a sala vibrasse quando um código incorreto fosse digitado. Se fosse alguém tentando explodir a porta, com certeza elas teriam sentido algo mais do que aquela leve vibração.

“O que foi isso?”, Ari sussurrou.

“Não sei”, Ramie respondeu, também sussurrando. “Você ainda está escutando algo? Eu não.”

Ari concentrou-se nos ouvidos, pensando se ambas não tinham imaginado aquilo, mas dificilmente teriam tido a mesma ilusão.

De repente, houve uma explosão ensurdecedora e uma luz tão intensa, que deixou Ari cega. A força da explosão a arremessou pela sala, e ela bateu com força na parede, para em seguida cair sentada e atordoada no chão, e só não ficou deitada porque a parede a mantinha assim. Ari não conseguia ver nem ouvir nada. Sua mente estava caótica e isso não tinha nada a ver com seus poderes. Não que ela pudesse se concentrar o suficiente para usá-los, tampouco seria capaz de direcioná-los contra algum agressor, já que estava completamente cega. Que diabos tinha acabado de acontecer? E como? A porta não tinha sido aberta. Ari e Ramie estavam olhando para ela quando houve a explosão.

Ari sentiu-se ser carregada de forma bruta, e percebeu no mesmo instante que aquele não era Beau, nem alguém que estava tentando protegê-la. Seu corpo recebeu uma infusão de medo e adrenalina, que lhe deram a energia de que tanto precisava para dissipar os efeitos da bomba de efeito moral. Ramie berrou, emitindo um som pavoroso de medo.

“Ramie!”, Ari gritou. “Você está bem?”

A pessoa tapou sua boca com a mão e sussurrou com uma voz áspera perto de seu ouvido.

“Cale a boca, fique parada e me escute, ou sua amiga vai ser morta de uma forma bem desagradável.”

Ari ficou completamente imóvel, e o pavor fez seu sangue gelar. Se aqueles intrusos tinham conseguido de alguma forma acessar a sala de segurança, significava que tinham passado pelos homens da DSS. Se Beau estivesse vivo, ele não deixaria de protegê-la. Os olhos de Ari se encheram de lágrimas, que escorreram pelo rosto e chegaram até a mão que ainda tampava sua boca.

“Agora, é o seguinte…”, ele disse no ouvido que ainda estava zunindo por causa da explosão ensurdecedora. Ari de repente percebeu claramente que ele estava, na verdade, gritando.

“Nós só queremos você. Não precisamos dos outros nem queremos matar sem necessidade, a menos que você nos obrigue.”

O coração de Ari batia acelerado. Significava que Beau e os outros não estavam mortos?

“Você tem duas escolhas: ou vai embora com a gente ou vamos matar todo mundo, começando pela mulher que está na sala com você. Neste momento, meus homens estão apenas distraindo os outros, aguardando sua retirada. Então a decisão é sua. Se você se recusar, dou ordem para matarem todo mundo e a gente ainda vai te levar junto, então seu destino é inevitável. É só uma questão de poupar algumas vidas no processo.”

“Eu vou”, Ari murmurou. “Por favor não mate ninguém. Eu vou e irei cooperar. Eu juro. Só não machuque Ramie, nem mate os outros.”

A visão de Ari começou a clarear o suficiente para enxergar o ambiente. Foi aí que ela viu como a sala tinha sido invadida: pelo teto. Eles chegaram ao sótão e então cortaram um buraco grande o bastante para duas pessoas passarem facilmente. Ela deu um salto para trás, por instinto, quando uma escada surgiu pelo buraco e desceu até o chão da sala. Ari olhou para Ramie, perguntando-se se ela havia chegado a escutar a negociação feita para salvar sua vida. Para salvar a vida de todos.

A julgar pelas lágrimas nos olhos de Ramie e pela forma como olhava desamparada para ela, Ari chegou à conclusão de que Ramie estava ciente do que estava havendo. Um homem, que parecia um militar ou um assassino, segurava Ari de forma nada gentil. Ele tinha um olhar frio e cruel, como se nada lhe importasse. Ari estremeceu, sabendo que se não tivesse aceitado as condições, eles não hesitariam em assassinar Ramie na frente dela.

Ela olhou para Ramie em um pedido silencioso de que ela a compreendesse. O homem a empurrou até a escada, e Ari ficou com medo de subir por aquela coisa. Ela não precisava ter se preocupado com isso. Subitamente, Ari sentiu uma pontada no pescoço, como se uma vespa a tivesse picado, e a sala ficou ainda mais embaçada. A última imagem que registrou foram as lágrimas escorrendo pelo rosto de Ramie, e sua aparência completamente devastada.

VINTE E NOVE

Munidos com óculos de visão noturna, equipamentos de proteção e poder de fogo suficiente para enfrentar o exército de um pequeno país, Beau e Zack correram pela área do pátio, mantendo a postura baixa para não se tornarem um alvo fácil. Precisavam se encontrar com os outros rapidamente, porque tinham muito mais chances de acabar com os invasores se estivessem juntos e não espalhados pelo terreno da casa.

Subitamente, Dane e Eliza saíram das sombras e se mesclaram perfeitamente na noite escura. Com um aceno na direção de Beau, Dane falou em voz baixa no microfone e passou suas coordenadas para que todos se reunissem e detonassem quem quer que não pertencesse àquele lugar.

Em uma questão de segundos, o restante dos homens se uniu a eles – Caleb, Isaac e Capshaw –, e seguiram em frente, separados uns dos outros apenas o suficiente para não serem um alvo fácil para alguém com a intenção de atacá-los com um único projétil explosivo.

Havia uma ladeira no meio do caminho entre a casa e a mata fechada que cercava a propriedade por todos os lados. Ali, o terreno sofria um declive acentuado, para depois voltar a ficar nivelado, à medida que se afastavam da casa.

Beau liderava o grupo e estava tão concentrado nas redondezas, tão atento para a mata e qualquer possibilidade de emboscada, que ele tropeçou e quase caiu no chão quando bateu em algo grande e parrudo. Mas que merda era aquilo? Parecia mais um… *corpo*. Beau retomou o equilíbrio antes de se afastar e fez um gesto para os outros fazerem o mesmo. Zack e Dane apontaram suas armas para a pessoa caída, enquanto Beau decidiu se aproximar.

O homem estava completamente imóvel e não estava respirando. Eliza se ajoelhou ao lado de Beau e acendeu a luz da lanterna por um breve instante no rosto do homem. Beau levou um susto. Caramba, aquele homem tinha sido espancado até a morte.

“Que merda”, Eliza murmurou. “Nunca vi alguém tão desfigurado assim. Quem você acha que ele é?”

Para grande perplexidade de todos, o homem abriu os lábios, apenas alguns poucos centímetros. Mas foi o suficiente para que percebessem que ele estava vivo. O grupo todo trocou olhares atônitos. Era espantoso que alguém, depois de apanhar tanto daquele jeito, ainda conseguisse estar semiconsciente.

“Ari”, o homem disse com dificuldade, contraindo-se de dor assim que pronunciou essa única palavra.

Beau voltou toda sua atenção a ele e se inclinou para observar melhor o rosto machucado, inchado e ensanguentado do homem. Meu Deus, ele estava completamente irreconhecível como um ser humano. Parecia mais um monstro que um homem.

“O que é que tem Ari?”, Beau perguntou. “O que aconteceu com você? Quem te fez isso? E o que você sabe sobre Ari?”

“Filha”, ele balbuciou.

Beau sentiu um frio percorrer sua coluna e olhou incrédulo para os outros.

“Preciso… contar… uma coisa.”

A voz dele estava ficando mais fraca a cada segundo que se passava, e Beau chegou ainda mais perto para poder ouvir o que ele estava dizendo. O homem esticou a mão debilmente, como se estivesse procurando por algo em que segurar. A resposta de Beau foi automática. Não importava quem era o homem ou o que ele tinha feito, ninguém merecia ser brutalizado daquela maneira. Assim que Beau lhe deu a mão, o homem apertou seus dedos com força e abriu os olhos, que lá no fundo ainda tinham um brilho, uma firmeza de propósito.

“Diga a Ari… eu a amava. A mãe a amava também…”, sua voz desapareceu e subitamente ele engasgou e começou a tossir convulsivamente. O sangue não parava de escorrer de sua boca.

Essa não, aquilo estava feio. A situação era bem complicada. Não havia a menor chance de uma ambulância chegar a tempo. E ainda precisavam eliminar a ameaça a Ramie e Ari, bem como a ameaça a eles próprios.

“Me p-p-prometa”, ele balbuciou, com sangue escorrendo pelo queixo. “Sempre a amei. Diga a ela. Nunca a esqueci. Queria que ela fosse… feliz. Que tivesse… boa vida.”

O pai biológico de Ari fechou os olhos e afundou completamente, dando a impressão de que iria murchar no chão. Beau o acompanhou, para que eles não ficassem muito distantes e o homem pudesse ouvir sua promessa.

“Eu prometo”, ele disse, ainda segurando sua mão. “Você consegue me ouvir? Juro que vou transmitir sua mensagem a ela. Agora descanse um pouco.”

Ele abriu os olhos uma última vez, e em seguida abriu um sorriso cheio de

paz, o que trouxe certo alívio àquelas feições brutalizadas com extrema violência.

"Obrigado", ele sussurrou. "Significa muito."

E então sua cabeça rolou para o lado e sua mão ficou inerte na mão de Beau.

"Filhos da puta. Essas pessoas são animais e estão atrás de Ari!"

"Calma, Beau", Caleb disse, colocando a mão no ombro do irmão. "Nós vamos garantir que isso não vai acontecer."

"Meu Deus, eles colocaram uma etiqueta presa no dedão dele, igual fazem no necrotério", Zack disse enojado.

E, de fato, quando Eliza apontou a lanterna para as pernas do homem, havia um cartão amarrado ao dedão do pé dele.

"O que está escrito?", Dane perguntou.

Zack meneou a cabeça, com uma expressão cheia de desprezo enquanto arrancava o cartão e apontava sua lanterna para ele.

"Meu Deus", Zack murmurou. "Isso aqui é inacreditável."

"Diga logo o que está escrito", Beau disse entredentes. "Não temos tempo para ficar de bobeira aqui."

A voz de Zack tremia de raiva enquanto ele lia o que estava rabiscado no cartão, em letras miúdas.

Nós fomos muito mais misericordiosos com ele do que com sua esposa, mas somente porque o tempo era curto. Mas não teremos a mesma benevolência com vocês. Isso aqui é o que acontece com as pessoas que interferem em nossa causa. Arial Rochester é nossa. Nós a criamos, nós somos seu sangue. Afastem-se antes que sua organização seja aniquilada por completo. Nós temos mais recursos e poder do que vocês podem imaginar.

"Ah, essa não", Eliza disse com uma voz irritada e cheia de fúria. "Esses babacas estão nos provocando? Eu gostaria de dizer a eles exatamente onde podem enfiar todos esses *recursos*."

Beau esfregou a mão no rosto e fechou os olhos, sentindo muita pena por Ari. Seu coração estava doendo por ela, por toda a dor que isso iria lhe causar. A vida de Ari jamais seria a mesma novamente. Depois de passar por tudo isso, ela jamais levaria a vida de forma ingênua e inocente como fazia até então. Beau normalmente não defendia a tese de que os ignorantes eram felizes, mas, neste caso, seria muito melhor para Ari se ela não tivesse descoberto a verdade. Porque agora que ela conhecia uma parte da história – a mais importante, a que

os Rochester não eram seus pais biológicos – ela iria querer e exigir saber o resto. E ela merecia. Merecia saber a verdade, por mais que isso fosse doer. Por mais que fosse doer em Beau, por ser ele quem precisaria contar tudo para ela. Ao mesmo tempo, ele não queria que a verdade viesse de mais ninguém. Beau queria contar tudo para Ari quando ele pudesse abraçá-la e reconfortá-la. Caramba, se as coisas fossem como ele queria, estaria sempre presente para reconfortá-la quando necessário.

Quem diabos gostaria de viver sabendo que não passava de um experimento? Sabendo que havia sido projetado para ser uma aberração, moldado e criado para que seus poderes fossem utilizados contra sua vontade. Ari jamais teria sido dona da própria vida se os pais biológicos, desesperados, não tivessem procurado seu pai.

Beau odiava precisar dar crédito a seu pai, por qualquer coisa que fosse. Ele era o maldito de um egoísta que só pensava em si mesmo, mas, no entanto, tinha feito um enorme bem à Ari, ao enviá-la para Gavin e Ginger Rochester, porque ao menos lá ela era amada. Verdadeira e profundamente amada. Se seu pai tivesse concordado em criá-la, Ari teria crescido uma pessoa isolada e solitária, uma pária na sociedade, para sempre.

“As mãos de nosso pai estão muito sujas de sangue”, Caleb disse em um tom de voz casual. “Tenho vergonha de compartilhar o mesmo sangue *dele* – e o sangue dos outros. Daria qualquer coisa para não passar por isso.”

Beau assentiu, com a cara fechada, sem saber se seria capaz de exprimir os pensamentos sem ficar completamente furioso. E naquele momento ele precisava manter a cabeça fria para poder repelir um ataque contra seu lar. O lar de Ari. O lugar dela, era ao lado dele, quer ela se desse conta disso – e já aceitasse – ou não.

“Os pecados do seu pai não são os seus, Caleb”, Eliza comentou gentilmente. “Você fez muito para reparar os crimes dele. Ninguém pode culpar você pelo que *ele* fez. Por escolhas que *ele* fez quando você era só uma *criança*. O que você fez depois é o que conta. E fez a coisa certa. Você e Beau escolheram o caminho certo, não só para vocês, mas também para seus irmãos mais novos.”

Eliza direcionou suas palavras não só para Caleb, mas para Beau também. Só que ele estava completamente perdido em seus pensamentos sombrios para prestar atenção ao que ela dizia. Até quando Ari aguentaria tudo aquilo? Seus pais, que não eram exatamente seus pais, foram sequestrados, sua mãe biológica foi torturada e depois assassinada, e agora seu pai biológico teve o mesmo destino. Sem dúvida, aquilo aconteceu porque ele havia ligado para alertar Beau.

Os homens responsáveis pelo esquema de barriga de aluguel de Ari tinham sido rápidos e cruéis em sua vingança, e o destino do pai biológico dela estava selado assim que ele se arriscou ao entrar em contato com Beau. Quem eram essas pessoas, que tinham uma rede de contatos tão vasta e onisciente? O tipo de tecnologia a que eles tinham acesso não era civil, e não era também nenhuma tecnologia militar conhecida. Eles sabiam demais, eram pacientes demais, exigentes demais. E não agiram precipitadamente depois que arrancaram o paradeiro de Ari de sua mãe biológica. Não… esperaram o momento certo para atacar, e Beau seria capaz de apostar tudo o que tinha que aquele vídeo na internet era a última coisa que as pessoas atrás de Ari poderiam querer. Com seus poderes se tornando públicos, ou ao menos com as pessoas especulando sobre os poderes dela, os homens que desejavam capturá-la foram obrigados a acelerar os planos.

Beau duvidava que os pais dela fossem ser capturados no plano original, porque quanto mais pessoas envolvidas, maior a possibilidade de erros. Teria sido muito mais prático simplesmente pegá-la quando ela – e seus pais – menos esperassem, deixando Gavin completamente impotente para ajudá-la. E, para garantir sua cooperação, bastaria puxar algumas gravações de câmeras de segurança para mostrar a ela que eles sabiam quem eram seus pais e como encontrá-los e que, se ela não cooperasse, eles iriam morrer. Ari cederia sem a menor hesitação.

“Por que o deixaram aqui?”, Isaac perguntou, com o rosto carregado de preocupação. “Não entendo. Eles estão nos enviando uma mensagem, mas por quê? Eles já estão aqui e estão em maior número. Por que simplesmente não acabam com a gente, pegam Ari e saem correndo?”

Na mesma hora, todo mundo trocou olhares do tipo “ah, merda”. Beau saiu correndo antes que qualquer pessoa pudesse dizer alguma coisa.

“Voltem para a casa. *Agora*!”

Uma enorme explosão se fez ouvir e ecoou pela noite. Todos se jogaram no chão e instintivamente se protegeram, enquanto a terra vibrava e estremecia sob seus corpos.

“Chega dessa merda”, Zack disse furioso. “Já estou de saco cheio dessa bobagem. Está na hora de fazer esses babacas comerem grama pela raiz. Bando de filhos da puta que atacam mulheres.”

“Vai ser um apocalipse”, Capshaw murmurou. “Estou pronto para acabar com esses desgraçados. Vamos enfiar bala neles e mandá-los direto para o inferno.”

E Beau estava sentindo-se exatamente da mesma forma, embora não tivesse feito questão de dizer nada. Seu único foco estava em Ari e no fato de a explosão ter acontecido perto da casa. *Merda!* Dentro ou fora da sala de segurança, Ari e Ramie estavam sozinhas e vulneráveis na casa.

“Aquilo foi a droga de uma distração”, Beau gritou enquanto se levantava. “Eles sabiam que o corpo iria nos distrair momentaneamente. O cartão foi apenas para nos avisar do que eles eram capazes, ou talvez eles achassem que nós íamos nos assustar e retroceder.”

“Eles são capazes é de se foder”, Eliza rosnou. “E eu só vou retroceder depois que arrancar as bolas deles.”

“Calma, garota”, Dane murmurou, embora Beau tivesse notado que ele estava apertando os lábios para abafar o riso.

Eliza era uma mulher violenta quando estava em missão. Beau admirava isso nela. O plano deles – embora elaborado apressadamente devido ao fato de terem menos de cinco minutos – consistia em saírem da casa, se dispersando, para em seguida retornarem de diferentes pontos para se reunir, eliminando o maior número possível de alvos antes de iniciar um ataque frontal com força máxima. Mas a única e mais importante ordem que a equipe tinha recebido, era manter os invasores afastados da casa. A ideia era ir até *eles* para lutar, protegendo Ramie e Ari a qualquer custo.

“Nós *não* vamos nos separar”, Beau ordenou enquanto corriam até a porta dos fundos da casa. “Pelo amor de Deus, não se separem do resto do grupo para não se tornarem um alvo fácil.”

Sempre mantendo a cabeça fria debaixo do fogo cruzado, resoluto, confiável, firme e implacável. É o que parecia. Mas Beau estava completamente *desesperado* porque sabia que a situação era péssima. Aquele era o pior cenário possível, um que eles claramente não tinham previsto. Que droga! Não houve tiros, ninguém precisou se agachar para se proteger. A noite tinha ficado assustadoramente silenciosa, quando antes estava pipocando com tiros e explosões. Ainda assim, nenhum tiro foi disparado na direção deles. Tudo aquilo não passou de uma mera distração.

Beau estava correndo a toda velocidade quando chegou à varanda e quase arrancou a porta das dobradiças em sua pressa de entrar e encontrar Ari. Entraram rapidamente pela casa, de armas em punho, espalhando-se enquanto varriam cada ambiente no caminho até a sala de segurança. Aquele era o único lugar onde poderiam jurar que as mulheres estariam seguras, porque com certeza não correriam o risco de deixá-las sair da casa. Mas agora, de alguma forma,

Beau sabia que a sala de segurança havia, *sim*, sido invadida e que o inimaginável tinha acontecido.

Quando chegaram à porta da sala, que ainda estava fechada, Caleb parecia confuso. Com as mãos trêmulas, ele digitou o código de segurança e falou um palavrão porque, na pressa, digitou o código errado na primeira tentativa. Zack simplesmente o tirou da frente e digitou o código certo. A porta deslizou e eles correram direto para as entranhas do inferno.

A sala estava na mais completa desordem. Havia um enorme buraco no teto, o que significava que os desgraçados tinham entrado pelo sótão, por meio da porcaria do *teto*. A sala estava turva de poeira e com o resto de fumaça, que rodopiava erraticamente. O buraco no teto era grande o bastante para um elefante passar. Seria muita sorte a explosão não ter matado nenhuma das duas, porque, para forçar a entrada na sala de segurança, independentemente do lado escolhido, era preciso usar uma enorme quantidade de explosivos.

“Ramie!”, Caleb gritou com a voz rouca. “Ari!”

Os gritos de Caleb foram ecoados por Beau, que chamou por Ari. E então eles viram Ramie no canto oposto, com os joelhos encolhidos no peito e um olhar vazio. Suas pupilas estavam dilatadas e ela olhava fixamente para a frente, ao mesmo tempo em que balançava o corpo para a frente e para a trás, completamente angustiada.

“Meu Deus do céu”, Caleb sussurrou enquanto corria para se ajoelhar ao lado da esposa.

Beau vasculhou ansiosamente a sala – a fumaça e a poeira já estavam começando a sair pela porta, que agora estava aberta – e notou a escada pendurada pela abertura no teto. Zack já estava subindo com agilidade, de pistola em punho, com o fuzil pendurado no ombro pela correia, que o mantinha preso no lugar. Dane subia logo atrás para dar cobertura, e tudo o que Beau podia fazer era observar, atordoado, a destruição na sala, enquanto absorvia o fato de que ele tinha falhado completamente em proteger a mulher que ele amava de corpo e alma. Fúria e tristeza. Um pavor tão paralisante, que Beau literalmente não conseguia respirar. Ele estava sendo bombardeado por dor, muita dor. Apavorado por Ari e pelo que ela poderia estar passando naquele exato momento. Tudo isso sabendo que ela havia confiado nele, tinha depositado sua fé nele. E agora ela devia estar totalmente assustada e sentindo-se solitária por perceber que ele tinha fracassado em cumprir sua promessa.

Beau se virou lentamente, sabendo que as únicas respostas que poderia obter estavam com Ramie, que claramente estava em choque. Caleb a tocava e falava

com ela com muita urgência na voz, tentando trazê-la de volta do inferno onde estava.

Lágrimas escorriam silenciosamente pelo rosto dela e, assim como Caleb, Beau estava ajoelhado ao seu lado, mordendo os lábios para não exigir as respostas que ele queria – *precisava* – ouvir tão desesperadamente.

"Ramie, querida, fale comigo", Caleb pediu. "O que aconteceu? Você está bem? Está me assustando. Por favor, *por favor*, *volte* para mim."

Lentamente, Ramie virou a cabeça na direção de Caleb, com os olhos entorpecidos e sem vida, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Ele me tocou", ela sussurrou, e em seguida baixou a cabeça para Caleb, voltando a balançar o corpo. "Ele me *tocou*."

Ramie repetiu isso sem parar, e um ódio gélido transformou os olhos de Caleb em pedras de gelo azul. Ele contraía a mandíbula, furioso, e gentilmente – como se ela fosse a coisa mais preciosa e frágil do mundo – a puxou para perto de si e a abraçou com muito cuidado. Caleb fechou os olhos e aparentemente perdeu a batalha pelo controle de suas emoções. Pelo rosto dele corriam lágrimas de ódio, fúria – dor –, deixando uma trilha de pura angústia.

"O que eles fizeram?", Caleb falou com dificuldade. "Fale comigo, querida. Por favor. Eu preciso saber para poder ajudá-la."

Ramie levantou a cabeça, mas não olhou para seu marido. Olhou para Beau, que se condoeu ao ver a dor refletida nos olhos acinzentados dela. Havia tristeza, arrependimento. Culpa? Beau franziu a testa e se aproximou, na intenção de oferecer algum conforto à cunhada, que parecia estar prestes a se despedaçar em um milhão de fragmentos. Um sentimento de que ele compartilhava totalmente e que estava vivendo naquele exato momento. Tudo o que impedia o desespero de espremer por completo o coração de Beau era o fato de ele saber que precisava manter a cabeça fria por Ari.

Ramie pareceu voltar do lugar distante onde estava escondida, num ato de autodefesa para escapar da terrível realidade. Só Deus sabia o que tinha acontecido naquela sala, a sala de segurança. Beau queria demolir a casa inteira. Estava amaldiçoada. Ele jamais deveria tê-la reconstruído, ali não havia nada além de dor, devastação e perda. E agora, mais uma vez, tinha sido incapaz de ser a fortaleza impenetrável que Beau desejava que fosse. *Sala de segurança*, ele não conseguia engolir a ironia de que o lugar onde Ramie e Ari deveriam estar mais seguras, na verdade era onde elas estavam mais vulneráveis.

Em sua arrogância, Beau e Caleb – que inferno, na arrogância da DSS inteira – presumiram que podiam deixar Ramie e Ari ali, e elas ficariam intocadas. Que

estariam seguras de qualquer mal escondido nas sombras que vinham até eles. Não existia algo como uma sala de segurança. Era ingenuidade e idiotice acreditar que a sala seria indestrutível e impossível de ser invadida – não importavam os cuidados que tivessem sido tomados na construção. Esse era um erro pelo qual Beau pagaria caro e com que teria de conviver pelo resto da vida.

Os olhos emotivos de Ramie se encontraram com os de Beau, e ele estremeceu ao ver a dor aguda refletida naquele olhar atormentado.

"Eles a levaram. Me desculpe, Beau. Eu não consegui fazer nada. Ele me *tocou*, estava com as mãos em mim. E aquela maldade… Meu Deus, quanta *maldade*. Aquilo inundou minha alma inteira e eu não conseguia me livrar de jeito nenhum. Eu estava indefesa", Ramie disse com a voz chorosa. "E então…" Ela fechou os olhos, o rosto contraído pela dor e pela tristeza. "Eles deram à Ari duas escolhas. Ou ela iria voluntariamente – e aí eles poupariam minha vida e a de todos nós – ou então eles matariam todo mundo e a levariam com eles, de qualquer forma. O resultado final seria o mesmo, assim era só uma questão de ela querer salvar nossas vidas. Não a dela, as *nossas*."

Se antes, em seu torpor, Ramie chorava lágrimas silenciosas, agora começou a chorar e a soluçar pesadamente. Ela afundou o rosto nas mãos ao mesmo tempo em que Caleb a puxava ainda mais para perto de si, quase a esmagando com a força de seu abraço. Caleb estava pálido e olhava para Beau com tanto remorso… pena. Isso revirou o estômago de Beau.

"Ela foi voluntariamente para que eles não matassem *a mim*", Ramie conseguiu dizer entre um soluço e outro. "E não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la. Fiquei completamente desamparada!"

Ramie bateu com o punho na própria perna, e repetiu o ato até que Caleb finalmente pegou a mão dela com cuidado e a levou para o próprio peito, para que ela parasse de se machucar ainda mais. O olhar de Ramie estava assombrado, como se houvesse uma vida inteira de arrependimentos fervilhando naqueles olhos atormentados e tristes.

"Ela se sacrificou por todos nós."

Zack e Dane desceram com cuidado da escada, bem a tempo de escutar a frase sussurrada por Ramie. O silêncio tomou conta da sala enquanto todo mundo parecia compreender a grandeza do gesto abnegado de Ari. Todos os membros da DSS estavam inquietos e havia neles uma determinação sombria. Os olhos de Eliza estavam flamejando de raiva. O rosto de Zack ficou tão frio, que Beau chegou a sentir o braço arrepiar.

"Eles entraram em um helicóptero e já estavam no ar quando chegamos lá",

Dane disse em voz baixa. “Não conseguimos impedi-los. Não chegamos a tempo.”

Naquele momento, a triste realidade do que havia acabado de acontecer atingiu Beau com força total. Suas pernas fraquejaram e ele se viu novamente de joelhos no chão, logo depois de se levantar quando Zack e Dane reapareceram. Um grito abalou a sala inteira, um som terrível que parecia vir de um animal ferido e enfurecido, que tinha acabado de perder sua companheira. Beau mal percebeu que o grito era *dele*. Um puro gesto de negação, embora ele soubesse que tudo o que Ramie disse era verdade. Ele estava sentindo uma dor que vinha do fundo de sua alma, que jamais tinha sentido antes. Beau não conseguia se levantar, então ficou ajoelhado no chão, entorpecido com o pavor, com a dor da perda. E com um amor tão intenso, que ele mesmo ficou surpreso por ver que tinha a capacidade de sentir uma emoção tão profunda por outro ser humano.

Amor? Ele a *venerava* de verdade. Ele idolatrava o chão onde ela pisava. Amor era uma palavra pobre e inadequada para descrever os sentimentos de Beau por Ari. Talvez ele jamais encontrasse, de fato, as palavras certas, mas ele *não iria* perdê-la. Beau *não podia* perdê-la. Porque, mesmo que jamais conseguisse se expressar em palavras, ele iria mostrar para Ari tudo o que sentia, todos os dias, pelo resto de suas vidas. Mas essa promessa era vazia e sem sentido, porque a mulher que deveria ouvi-la não estava *ali*.

Ramie se soltou do abraço de Caleb, embora Beau não soubesse bem como, já que Caleb a abraçava como se a vida dela dependesse disso, como se, simplesmente com seu abraço, ele pudesse formar uma barreira entre Ramie e o resto do mundo. Uma barreira contra a dor e a tristeza que ela estava sentindo naquele momento. Mas Ramie engatinhou a curta distância até onde Beau estava ajoelhado no chão, com o rosto afundado nas mãos, e os ombros tremendo como se ele estivesse… Beau esfregou o rosto, chocado por sentir lágrimas escorrendo. Ele estava olhando para as mãos molhadas, atônito, quando a mão muito menor de Ramie segurou e apertou a sua.

“Eu sinto muito, Beau”, ela falou com uma voz torturada. “Eu permiti que eles a levassem. Queria tanto ter os poderes de Ari. Meu Deus, queria ter qualquer coisa menos essa maldição de sentir o tamanho da maldade das pessoas que a levaram daqui.”

Beau despertou, saindo de seu próprio sofrimento e agonia, porque aquilo tudo não era culpa de Ramie, *de maneira nenhuma*, e ele não iria permitir que ela se torturasse com isso por mais nem um segundo. Mesmo quando Caleb estava prestes a falar e retrucar, Beau levantou a mão para o irmão, e seu olhar

conteve imediatamente qualquer resposta da parte dele.

“Isso *não* foi culpa sua”, Beau disse intensamente. “Foi minha e *somente* minha. Nós falamos de tirá-la daqui, de mantê-la em constante movimento e jamais ficar no mesmo lugar por muito tempo. Eu não cheguei a colocar isso em prática. Fui arrogante e descuidado. Mas talvez…” – ele olhou desesperado para Caleb, sabendo que não tinha outra escolha – “talvez você possa nos ajudar a localizá-la.”

Ramie estava concordando com a cabeça, enfaticamente, quando Zack interveio:

“Não é preciso, Beau. Nós injetamos o dispositivo rastreador nela, lembra? Dane já está tentando conseguir alguma pista da localização dela. Eu voto para irmos onde quer que ela esteja e atacar de surpresa, para deixá-los assustados e paralisados, e matar todo mundo ali.”

“Cacete”, Beau disse frustrado, ao mesmo tempo em que olhava para Dane, que estava ligando um dos computadores. Ele só estava torcendo muito para que funcionasse depois do caos total que tinha se abatido ali. “Não estou nem conseguindo pensar direito! Mas é claro! Meu Deus, como fui esquecer a única coisa de que eu não abri mão? A única coisa que nos daria alguma chance, se acontecesse exatamente o que houve esta noite.”

“Fique calmo…”, Zack falou suavemente, com um olhar cheio de compaixão. “Conheço bem a frustração de não saber onde está alguém importante para você. Eu convivi com isso por mais de uma década. Mas nós vamos trazer sua garota de volta, pode apostar nisso.”

TRINTA

Os olhos de Ari se abriram, e a luz fluorescente intensa feriu suas pupilas como se fossem cacos de vidro. Contraindo todo o corpo, ela fechou novamente os olhos e gemeu de leve. Onde estava? O que tinha acontecido? Sua mente estava toda revirada. Talvez finalmente tivesse sofrido aquele megassangramento psíquico que Beau tanto temia. Ou talvez tivesse sofrido um derrame. Mas os dois não eram basicamente a mesma coisa? Um derrame era uma hemorragia no cérebro, certo? Mas seu sangramento psíquico não era o tipo normal de hemorragia das vítimas de derrame. A mente de Ari estava tão confusa que ela não conseguia se lembrar de absolutamente nada. A dor na cabeça aumentava quando Ari tentava se focar e se concentrar o suficiente para compreender o ambiente em que estava. Porque alguma coisa não estava certa. Ela não podia se mover. Seus braços e pernas estavam presos e ela sentia *metal* frio em volta do próprio pescoço. Em volta do pescoço?

Ari abriu os olhos assustada, e dessa vez ela ignorou a dor que isso causou, e se obrigou a olhar o ambiente. Rapidamente ela foi tomada pelo pânico absoluto. Oh, meu Deus, *onde* será que ela estava? Será que estava dentro de seu pior pesadelo? Se fosse isso, por que não podia acordar e buscar conforto nos braços de Beau, seu escudo contra todos os medos e mágoas? Foi então que Ari se recordou dos eventos da noite, e ficou atônita e sem fôlego. Seus olhos se encheram de lágrimas. Será que os outros estavam vivos? Será que *Beau* estava vivo? Oh, meu Deus, ele não podia estar morto. *Não!* Os homens que a haviam capturado não tinham a menor honra e talvez não cumprissem com o acordo. Mas ela sabia que *seu* destino era inevitável, assim que a sala de segurança foi invadida. Sua única escolha era arriscar na possibilidade de que eles realmente fossem deixar Ramie e os outros vivos. Afinal, estariam satisfeitos por enfim ter atingido seu objetivo primário: *ela*.

Agora Ari finalmente iria saber o que esses… fanáticos… queriam e, sinceramente, ela estava apavorada com a resposta que poderia receber. Mas se essas pessoas estavam com seus pais, será que ela poderia vê-los? Ao menos para saber que estavam em segurança? Ou vivos? Sua pulsação acelerou até que

ela começou a respirar arfando.

“Ah, você acordou.”

O som perfurou o crânio de Ari como se alguém tivesse batido em sua cabeça com uma picareta. Seu estômago se revirou de náusea e ela engolia a própria saliva compulsivamente, mesmo sabendo que aquilo só a deixaria mais nauseada ainda.

“O que você quer?”, ela disse ríspida, espantada com o esforço que precisou fazer para falar.

“Gostaríamos de realizar alguns testes”, o homem comentou calmamente, como se estivessem discutindo algo banal, como o clima. “Você tem um propósito maior, Arial. É hora de abraçar seu destino.”

Destino? Ela não queria abraçar a ideia de destino daquele monstro. O destino dela era ficar junto de Beau e encontrar seus pais para que pudesse recuperar sua família e, assim, iniciar a sua própria família também e compartilhá-la com seu pai e sua mãe. Ari só queria viver uma vida normal.

Aquela voz vinda de algum lugar a estava deixando assustada, então ela esticou e virou o pescoço para a frente e para trás, tentando encontrar de onde vinha. E o coração dela disparou. Não diante da visão do homem magro de jaleco, com jeito de médico, mas por causa dos dois homens ao lado dele. Altos e bastante musculosos, bem maiores que o outro sujeito franzino. Os dois tinham feições inexpressivas, mas seus olhos demonstravam a mais pura crueldade. Eram duros e frios, e olhavam-na completamente desinteressados. Ela semicerrou os olhos ao reconhecer um deles. Era o babaca que costumava trabalhar para seu pai. Era o homem que a atacou e tentou dopá-la, sem sucesso. Mas eles não a assustavam. Antes… talvez sim. Antes, Ari teria se escondido debaixo da mesa mais próxima como um ratinho medroso, e cobriria os olhos e os ouvidos, para tentar apagar tudo ao seu redor. No entanto, agora que sabia exatamente do que era capaz – e com a noção de que provavelmente havia muito mais para fazer com seus poderes, mas ainda não sabia como –, Ari poderia lidar facilmente com aqueles babacas. Será que achavam mesmo que simplesmente prender seus membros seria o suficiente para impedi-la de fazer o inferno desabar sobre todos eles?

Seu rosto e olhar, sempre bastante expressivos, deviam ter refletido alguns desses pensamentos, porque, sem dizer uma única palavra, um dos capangas virou-se e apontou um controle remoto para o monitor instalado na parede. O aparelho piscou uma vez e imediatamente mostrou uma imagem. Ari prendeu a respiração na mesma hora. Seu peito estava apertado e queimava pela falta de ar,

já que ela havia parado de respirar.

Seus pais estavam no que parecia ser uma cela de prisão. Enjaulados como criminosos comuns, ou pior, como reféns sujeitos a condições degradantes. Gavin estava sentado em uma cama dobrável estreita, de aparência frágil, e segurava Ginger nos braços. A julgar pela expressão cheia de angústia – e derrota – no rosto da mãe, parecia que seu pai não tinha conseguido fazer algo que ele sempre fez antes: tranquilizar a esposa e garantir que tudo ficaria bem.

O estômago de Ari se revirou de ódio e ela sentiu a garganta queimar. Logo ela, que jamais tinha odiado de verdade alguém antes, que rejeitava qualquer ideia de machucar alguém ou agir com brutalidade. Naquele momento, Ari sabia que era absolutamente capaz de, não apenas ferir, mas matar aqueles desgraçados por tudo o que tinham feito seus pais passarem. E não sentiria o menor remorso ao fazer isso. Ari abraçou seus poderes, finalmente percebendo que tinha um propósito maior, que com toda a certeza não era o que aqueles desgraçados tinham em mente. Se soubessem que ela estava imaginando como iria matá-los, nos mínimos detalhes, eles provavelmente fugiriam, como os covardes que eram.

Ao seu redor, os objetos começaram a tremer e a chacoalhar, como se estivesse acontecendo um terremoto. Quadros caíram das paredes, frascos de vidro saíram voando de onde estavam para se estilhaçar na parede oposta. E então Ari olhou para o verme de jaleco que tinha lhe dito calmamente que iria fazer alguns testes com ela. Como se fosse algum tipo de animal. Seus pais já estavam – havia vários dias – sendo tratados de forma ainda pior. Estavam enjaulados em uma cela imunda e apertada, só podendo contar um com o outro, enquanto ficavam se torturando de preocupação por sua filha – tanto quanto Ari se torturava, a cada minuto do dia, desde que eles haviam desaparecido, por não saber o que tinha acontecido com eles.

Um dos capangas abriu um sorriso e falou pela primeira vez, aparentemente sem se intimidar pela demonstração de força de Ari. Não que tivesse sido algo impressionante, de maneira alguma. Ela ainda estava fraca por causa do poderoso tranquilizante que tinha recebido. Nem mesmo sabia quanto tempo havia se passado desde que tinha sido levada da sala de segurança, onde rezava a Deus que Ramie estivesse sã e salva.

“Pare de agir como uma pirralha irritada, ou…”, ele exclamou.

“Ou então o quê?”, Ari provocou, apertando os olhos enquanto olhava para o alvo de sua ira.

O rosto dele imediatamente ficou avermelhado e ele levou as duas mãos ao

pescoço, como se estivesse se defendendo de um agressor invisível. Ele tentou tirar, sem sucesso, a mão invisível que o segurava pelo pescoço e o estrangulava, tirando sua vida lentamente. Ari queria *matá-lo*. Ela estava irada o suficiente para matar cada um daqueles malditos, sem pensar nas consequências.

"Já chega!", gritou o outro, tirando momentaneamente o foco de Ari.

O capanga tossiu e pigarreou, segurando o pescoço enquanto arfava, desesperado por ar.

"Você vai pagar por isso, sua vadiazinha!", ele exclamou, com o rosto vermelho por causa da pressão que Ari exercia sobre seu pescoço ou simplesmente por pura raiva.

Qualquer que fosse o motivo, ela não se importava. Ari jamais tinha sentido um desejo tão intenso por vingança, por violência. Queria machucar de verdade aqueles homens. E pensar que até um mês antes, a simples ideia de poder agredir uma outra pessoa era um absurdo, algo que ia completamente contra sua natureza. Mas agora? Ela estava saboreando a expectativa de se vingar daquelas pessoas por virar sua vida de cabeça para baixo, por ameaçar seus pais – adotivos ou não – e por atacar a casa de Beau e sua família. Que Deus os ajudasse se Beau estivesse morto. Deus poderia ter piedade, mas Ari não.

"Talvez você deva dar uma olhada na mamãe e no papai queridos mais uma vez", o homem disse com um tom de zombaria, que irritou Ari o suficiente para ela ficar com vontade de espremer uma parte diferente da que tinha espremido no capanga. Andar por aí sem as bolas, falando com a voz aguda, certamente baixaria um pouco o ego dele.

Mas quando Ari olhou para o monitor, incapaz de resistir à vontade de ver seus pais depois daquela ameaça velada, ela gelou. Quatro homens entraram na cela e começaram a agir. Um deles, com braços fortes, abraçou Ginger pelo peito e a arrastou até os fundos, puxando-a pelos cabelos para que ela levantasse a cabeça e deixasse o pescoço exposto. Foi necessário o esforço conjunto dos outros três homens – todos eles enormes – para segurar Gavin, quando o outro colocou as mãos em Ginger. Sua fúria era terrível e espantosa, e Ari não deixou de sentir um certo orgulho por ser necessário três homens gigantes, com a ajuda de armas, para subjugar seu pai, e ainda assim precisaram suar para mantê-lo preso ao chão. Eles fizeram questão, no entanto, de deixar o rosto de Gavin virado na direção da esposa, para que ele pudesse ver exatamente o que estavam fazendo com ela. O rosto dele estava se contorcendo de dor e agonia. E subitamente havia som na sala onde estava Ari, que não podia fazer nada a não ser assistir. A voz de seu pai era áspera, desesperada, *suplicante*.

“Deixem ela em paz, droga. Podem me levar. Façam o que quiserem comigo, mas deixem ela em paz. Ela não fez nada errado. Podem *me levar*, droga!”

Os olhos de Ari se encheram de lágrimas, mas ela piscou rapidamente, até sumirem, determinada a não permitir que aqueles desgraçados, que a observavam de perto, notassem o quanto ver os pais tinha mexido com ela. Nem o quanto tinha ficado aliviada por eles estarem vivos, apesar de ficar apavorada quando viu o homem que segurava sua mãe pelos cabelos, puxar lentamente uma faca e posicioná-la em seu pescoço.

Ari notou o medo intenso nos olhos da mãe, apesar de ela claramente tentar não mostrar ao marido o quanto estava aterrorizada. Novamente Ari sentiu uma pontada de orgulho, desta vez por sua mãe, porque ela não queria que o marido percebesse o quanto ela estava assustada. A expressão no rosto de Ginger era desafiadora; suas feições delicadas pareciam estar dizendo *vão se danar*. Até mesmo os olhos dela – olhos que jamais tinham refletido nada que não fosse afeto, amor e carinho –, depois daquele brilho inicial de medo, ficaram frios, provocadores e cheios de ódio. Ela olhava para os homens que seguravam seu marido como se quisesse lhes dizer: *vocês não vão vencer. Ele vai matar todos vocês. Ele vai dar um jeito e vai matar todos vocês*.

Mas não se Ari fizesse o que pretendia. Ela iria matar todos aqueles desgraçados pessoalmente, ou iria morrer tentando. Algumas causas eram nobres e justas, mesmo quando mergulhadas em violência, sangue e… assassinato. Algumas batalhas, apesar das probabilidades ínfimas de sucesso, ainda assim deveriam ser travadas, porque não havia esperança a menos que se lutasse. E Ari precisava acreditar que, de alguma forma, de alguma maneira, iria vencer e salvar seus pais. Mesmo que acabasse sendo aniquilada no processo. Algumas coisas simplesmente mereciam que se lutasse por elas. Mereciam que se lutasse até o fim, até o último suspiro. E Ari não podia pensar em uma razão melhor para lutar do que o… *amor*. Amor por seus pais. Amor por Beau. A derrota era simplesmente a ausência de esperança. E até que tivesse esgotado a última gota de esperança, Ari não iria – *jamais* iria – aceitar a derrota. Era uma promessa que ecoava em sua mente, fazendo desaparecer todo o resto naquele momento.

Até que o grito carregado de desespero de Ginger conseguiu invadir as sombras negras de seus pensamentos e penetrou em seus planos de morte e vingança. Ari ficou paralisada quando viu sangue escorrer pelo pescoço da mãe, depois que o desgraçado com a faca fez um corte superficial na pele delicada.

Seu pai ficou completamente maluco, e os gritos de fúria e promessas de vingança ecoavam nos pensamentos de Ari. Ele conseguiu se livrar dos guardas

e saiu correndo pela cela, pronto para matar com as próprias mãos o homem que havia ferido sua esposa. E então o corpo de seu pai arqueou e se curvou para trás. Seu rosto se contorcia de dor e seus membros se retorciam e chacoalhavam com violência. Os malditos covardes tinham atacado Gavin pelas costas com um aparelho de choque. Por um breve momento, Ari achou que seu pai iria resistir aos efeitos devastadores daquela arma e que a determinação dele de proteger a esposa superaria tudo, mas então ele recebeu mais um disparo vindo de um outro guarda, que o derrubou feito pedra. Ginger gritou, e em sua agitação, fazia escorrer mais sangue pelo corte, que agora também estava mais profundo, por que ela, instintivamente, havia se jogado para a frente, em uma tentativa desesperada de proteger o marido.

"Parem!", Ari gritou. "Não matem minha mãe! Pelo amor de Deus, vocês já fizeram o bastante! Meu pai já está no chão inconsciente, e se o desgraçado com a faca na garganta dela fizer um movimento errado, ele vai matar minha mãe!"

"Então talvez você deva reconsiderar sua rejeição aos nossos planos", o capanga disse com frieza. "Porque não tenho absolutamente o menor problema em cortar a garganta de sua mãe e deixar que você a veja sangrar até morrer, dando um último suspiro. Depois, vamos fazer seu pai acordar em meio a uma poça de sangue perto do cadáver da esposa."

Ari estremeceu diante da frieza daquela ameaça. Mas não, não era uma ameaça. Ela podia perceber que ele estava absolutamente decidido. Ari sabia que ele iria cumprir sua *promessa* se ela oferecesse alguma resistência. Será que ela era capaz de se manter no controle? Ari queria ser capaz de resistir ao que quer que eles tivessem planejado fazer com ela, queria ser capaz de não ficar completamente acabada e ter forças para destruir aquele lugar horrível, matando todo mundo lá dentro, exceto seus pais.

Sem saber se Beau estava vivo, Ari precisava agir como se ele estivesse, para tomar as decisões corretas. Agora não era o momento de permitir que as emoções interferissem na lógica e no que ela tinha certeza de que era verdade. Aquele homem iria ordenar que matassem sua mãe sem o menor remorso. E só Deus sabia o que fariam com seu pai depois que não tivessem mais sua mãe por lá para manipulá-la.

"Eu faço o que você quiser", ela disse com uma calma que não sabia que era capaz de manter, já que a situação normalmente a teria deixado paralisada de medo e incapaz de fazer qualquer coisa a não ser ficar como uma violeta murcha.

Que se danassem as violetas. Ari nunca tinha gostado delas, mesmo. E falar

assim só fortaleceu sua decisão de se tornar uma guerreira, assim como Beau. A guerreira de que seus pais estavam precisando, a guerreira que ela deveria *vir a ser*. Resistir às provações que viriam pela frente – e não ficar incapacitada depois de passar por elas – seria o mais difícil teste para as forças de Ari. E Beau não estaria ali para ajudá-la depois, para paparicá-la e reconfortá-la. Mas por seus pais, por ela mesma e por Beau, Ari iria suportar o que viesse pela frente. E que Deus ajudasse seus inimigos quando ela finalmente libertasse seus poderes com toda a fúria. Seus dons, que, pela primeira vez na vida, Ari abraçou por completo e sentiu-se grata por tê-los.

TRINTA E UM

Gavin Rochester estremeceu quando escutou o barulho da porta do corredor onde ficavam as celas, se abrindo. Em seguida, escutou o som de mais de um par de botas batendo no chão. Seu corpo todo ainda estava ardendo como se estivesse em chamas, mas dessa vez… ele mataria os desgraçados com os próprios punhos. Arrancaria a coluna de um por um e a enfiaria goela abaixo. Eles tinham colocado as mãos nojentas em sua *esposa*, fazendo-a sangrar. E o pior é que eles a deixaram aterrorizada e ele estava incapacitado para impedir tudo aquilo. Gavin foi privado de seu poder, de sua capacidade de tomar decisões e de fazer escolhas. Desde quando era uma criança, tentando sobreviver na pobreza, ele não se via sem o direito de fazer suas próprias escolhas e decidir sobre seu futuro.

A partir do dia em que matou aquele monstro – o doador de esperma, porque ele jamais daria àquele homem a honra ou o respeito de chamá-lo de pai, biológico ou não –, ele assumiu o controle do próprio destino. Sua mãe, afundada até o pescoço no mundo sombrio das drogas e do vício, ficou grata a Gavin por ele ter se livrado do homem que abusava de ambos. Diabos… *grata*. Ela disse um "obrigada", de forma completamente fria, como se estivesse agradecendo a um estranho por um pequeno gesto de bondade. Foi quando Gavin implorou para que ela fosse embora com ele, em busca de algo melhor, uma vida melhor, uma *existência* melhor. Nessa hora, o olhar dela entrou em um turbilhão de pânico, e ele sabia que a origem daquilo era o fato de pensar em ficar sem seu suprimento de drogas, algo que lhe era mais precioso que o próprio filho.

Depois disso, Gavin deixou sua antiga vida para trás, em todos os aspectos. Nem mesmo Ginger conhecia a história toda. Ela só sabia que os pais de Gavin eram o pior tipo de pessoa que poderia existir, pessoas que jamais poderiam ter tido filhos. Mas ele nunca confessou que matou o próprio pai a sangue frio. Ginger sabia muito sobre o passado do marido. Sabia que era obscuro e que Gavin tinha cruzado a linha que separava o certo do errado várias vezes, ou no mínimo tinha ficado bem perto de cruzá-las. Mas ela não sabia que ele era um

assassino, e até então – até aquele pirralho franzino, rico e mimado, ir atrás de sua filha, até um homem tirar sangue de sua esposa – ele jamais tinha cogitado voltar a se rebaixar e matar a sangue frio novamente. Mas agora, era isso que Gavin mais desejava, de corpo e alma. Ele estava queimando de fúria e precisava derramar sangue dos homens que tinham deixado sua esposa e filha – as duas pessoas que ele mais amava no mundo, as *únicas* pessoas que ele amava – feridas e assustadas.

Gavin sabia que tinha chegado a hora de agir. Ele precisaria assumir alguns riscos calculados e escapar o mais depressa possível, porque, meu Deus, em algum lugar lá fora, assustada e sozinha, estava sua preciosa filha, e, era provável, que ela achasse que simplesmente tinha sido abandonada por seu pai e sua mãe, quando ela mais necessitava deles. Gavin não conseguia nem pensar em como Ari estaria naquele momento sem ficar maluco. Ele precisava se focar somente no que podia controlar, que era sua fuga e a de sua amada esposa, para que pudessem se reencontrar com a filha. E quando tudo estivesse acabado, ele se mudaria com a família para o mais longe possível e jamais retornaria para lá. Mudaria completamente de identidade e viveriam uma vida toda nova, em um lugar onde ele tivesse certeza de que jamais seriam vítimas de violência outra vez. Gavin nunca deveria ter retornado aos Estados Unidos, mas se remoer de arrependimento por ações já tomadas era inútil. O que ele *poderia* fazer era garantir que não cometesse os mesmos erros novamente.

Quando Ginger gritou, Gavin levantou-se e ficou em pé na mesma hora, procurando a ameaça iminente que tinha feito sua mulher gritar de angústia. Mas não havia ninguém na cela naquele momento e, no entanto, o rosto de Ginger estava contraído de dor, e ela estava irradiando aflição e medo. Gavin conseguia sentir seu pânico completo, e via seu corpo estremecer de ansiedade.

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Ginger, e seu olhar estava focado no corredor, que ficava fora do campo de visão de Gavin. Ele tinha colocado a esposa no canto da cela e a orientou a ficar ali, o mais longe possível da entrada, que era por onde os homens iriam passar e onde Gavin pretendia matá-los. O fracasso simplesmente não era uma opção. Antes, os dois não tinham sido maltratados. Na verdade, foram tratados com indiferença, até mesmo com impaciência, como se seus raptores estivessem esperando algo totalmente diferente, e Gavin e Ginger não passassem de obstáculos no caminho. Então por que mantê-los ali? Por que sequestrá-los? Se queriam receber um resgate, Ari não saberia como vender as propriedades da família para pagar o que Gavin imaginava ser um valor exorbitante, e ele também não queria que ela

fizesse isso. A última coisa que desejava, era ver sua filha envolvida com qualquer tipo de perigo.

Mas então, veio a súbita mudança na atitude deles. A ameaça que viu no olhar de seu raptor e a forma como haviam aterrorizado Ginger e o eletrocutado, era como se tudo não passasse de uma peça cuidadosamente orquestrada. Tudo tinha mudado de uma hora para outra. Mas a troco de quê houve aquela súbita urgência? O que estava por trás daquilo tudo naquele momento? O que estava havendo que ele não estava ciente?

Gavin se posicionou rapidamente na frente de Ginger, bloqueando a visão dela, para que ele pudesse ver o que a estava deixando daquele jeito e pudesse protegê-la de qualquer ameaça que se aproximasse. Para sua surpresa, Ginger deu um empurrão nele para lado, o que o fez tropeçar, e correu até as grades da cela. Segurou-as com tanta força a ponto de deixar suas mãos sem circulação.

“Ari!”, ela gritou. “Não toquem nela, seus desgraçados!”

O sangue de Gavin gelou e seu coração foi tomado pelo terror. Não! Oh, Deus, *não*! Não Ari. Maldição! Sua filha também, não! Já não era o bastante fazer sua esposa sofrer? Eles precisavam aterrorizar sua única filha também? Ele arrastou Ginger de volta para o fundo da cela, e praticamente a jogou na cama. Em seguida, com um olhar que não dava margem para discussão, ele disse bruscamente:

“Não saia daí. *Fique aí* e *não* se meta nisso, não importa o que aconteça. Você me entendeu?”

“Mas…”

Gavin levantou a mão para a esposa, algo que nunca tinha feito antes, embora Deus soubesse que ele jamais levantaria a mão para agredir Ginger. Nunca a havia desrespeitado, interrompendo-a enquanto falava, ou desdenhasse suas palavras por meio de linguagem corporal ou simplesmente agido de maneira bruta fazendo-a calar.

Naquele momento, Gavin não se importava com isso. Ele queria obediência: imediata e sem questionamentos. Porque se, obrigando-a a obedecer, fizesse com que Ginger continuasse viva – e intocada –, ela poderia ficar irritada com ele pelos próximos vinte anos, que Gavin ficaria satisfeito em baixar a cabeça para ela todos os dias. Seu olhar intenso encontrou o mesmo olhar na esposa.

“Não posso perder vocês duas”, disse com a voz rouca, deixando a emoção tomar conta. “Fique aí, Ginger! Deixe que eu vejo como Ari está. Não posso permitir que minha atenção fique dividida entre vocês duas. Preciso ter a certeza de que você não está em perigo. Faça isso por mim, *por favor*.”

Um pouco do enorme medo e da vulnerabilidade que enfraquecia Gavin e o deixava de joelhos, devia ter se refletido em seu rosto, porque o olhar de Ginger se suavizou e ela simplesmente concordou com a cabeça, embora estivesse com um olhar ansioso, que ia para além do marido, um olhar que procurava e aguardava sua filha.

Ele se inclinou e beijou a testa dela, fechando os olhos. Sua doce, amorosa e piedosa esposa. Já era ruim o bastante ela ter sido atormentada daquela forma nos últimos dias, mas agora aqueles vermes estavam com Ari? O único consolo que tinham até aquele momento, era o fato da filha não ter sido capturada. A esperança de que ela estivesse em algum lugar seguro e fora de perigo, foi substituída pelo desespero. Ela estava ali, junto de seus pais, naquele inferno. Gavin nunca se sentiu tão desamparado na vida, tão incapaz de proteger as pessoas mais importantes para ele.

Com relutância, Gavin se afastou da esposa, mas precisava ver o que tinha acontecido com sua filha. Ele correu até as grades da cela, esticando a cabeça para tentar enxergar melhor o corredor mal iluminado. A cela tinha uma única lâmpada, que ele propositalmente desligava à noite quando ia dormir, colocando Ginger entre ele e a parede, para que servisse de barreira entre ela e qualquer pessoa que entrasse na cela. Gavin tinha dois motivos para isso. Primeiro, na escuridão, tocando e segurando sua esposa, eles poderiam esquecer por um breve espaço de tempo que estavam sendo mantidos reféns por pessoas e razões igualmente desconhecidos. E, em segundo, a escuridão incomodava muito Ginger, exceto quando ela dormia protegida e abraçada por ele. Se deixasse a lâmpada acessa o tempo inteiro, cedo ou tarde ela iria queimar, e Gavin duvidava de que fossem trocá-la, especialmente se Ginger demonstrasse aflição por ter perdido a única fonte de luz ali.

Gavin forçou a vista, mas só conseguiu ver o mesmo que Ginger: a inconfundível cor dos cabelos de Ari, embora ela estivesse de cabeça baixa e somente o topo ficasse visível. Ele ficou tenso ao perceber que ela estava sendo *arrastada* no meio de dois homens, e nenhum deles tinha o menor cuidado ao carregá-la. Ele segurou todos os palavrões que queria dizer, sabendo que aqueles homens teriam grande prazer em lhe dar mais motivos para xingar, e a última coisa que Gavin queria era ver sua filha ainda mais machucada. Ele procurou por algum sinal de… vida nela, de movimento. Gavin estava prendendo a respiração, sentindo o estômago se revirar de pânico e seu peito e os pulmões queimarem e se contraírem. Ari estava inerte e não se movia por conta própria. Estava sendo carregada feito uma marionete, ou melhor, feito uma boneca arrastada por uma

criança, por um único braço. Seus cabelos estavam despenteados, embaraçados, e suas mechas se espalhavam para todo lado. Ela estava completamente descabelada. O estômago de Gavin se revirou ainda mais quando ele imaginou as possíveis razões para uma mulher estar daquele jeito. Ele se virou para trás, para garantir que Ginger estivesse obedecendo suas ordens. Ele jamais dava ordens para a esposa, a menos que envolvessem a segurança dela ou de Ari.

Ginger olhou para ele ansiosa, com corpo todo inclinado para a frente, embora ela estivesse se segurando na beirada da cama, como se quisesse se conter para não sair correndo e ver o que estava acontecendo. Deus, como Gavin queria evitar que ela passasse por aquilo. Como ele queria ter protegido Ginger e Ari. Ele estava sentindo em seu coração e sua mente todo o peso de seus erros e fracassos, mas por ora Gavin precisava deixar de lado a culpa e a imensa sensação de impotência, e descobrir uma forma de tirar sua família dali.

Finalmente, depois de atravessar o longo corredor, eles estavam próximos o suficiente para Gavin observar Ari mais de perto. Ainda imóvel, descabelada e com *hematomas*… Ele segurou um palavrão enquanto olhava para as marcas roxas, do tamanho de dedos, nos braços e ombros de Ari, que estava vestindo apenas uma camiseta regata fina. Em seguida, Gavin gelou quando um dos guardas apontou Ari na direção dele, para que o outro abrisse a cela. O movimento fez com que os cabelos que estavam cobrindo seus ombros e a maior parte do peito, caísse para o lado, e Gavin viu a camiseta regata branca se tornar vermelha diante de seus olhos. Naquele momento, seu coração parou de bater e o pavor o impediu de respirar. A camiseta e Ari estavam encharcadas de sangue.

“Afaste-se!”, o guarda com a chave exclamou para Gavin.

Como que para reforçar a ordem do outro guarda, o homem que segurava Ari a levantou, balançando-a como se fosse um boneco de pano, tal qual a comparação que Gavin tinha feito quando a viu ser arrastada pelo corredor. Atrás de si, Ginger teve um sobressalto, apavorada, e em seguida gritou completamente desesperada:

“Ari!”

O grito angustiante da esposa tirou Gavin de seu torpor e martírio momentâneos. Ele se lançou contra a grade da cela, e a atingiu com tanta força que elas chacoalharam, enquanto ele gritava de ódio, esquecendo completamente sua preocupação de não reagir para incitar mais violência contra Ari. Desesperado, ele esticou o braço entre as grossas grades da cela, tentando chegar até sua filha, tentando colocar as mãos nos homens responsáveis por aquilo.

“Afaste-se”, um dos homens rosnou, embora rapidamente desse um passo

para trás ao dar a ordem, só para garantir que estivesse fora do alcance de Gavin.

O guarda que não estava segurando Ari empunhou a arma de choque, a mesma que tinha usado em Gavin antes. Dessa vez, ele não mirou no pai de Ari, mas em Ginger, que agora estava em pé na cama, completamente pálida enquanto olhava para sua filha ensanguentada.

“Talvez você não se lembre do que aconteceu da última vez que você esqueceu *seu lugar*”, disse o guarda, com uma voz ameaçadora. “Afaste-se, ou sua esposa vai tomar um choque, e pode tirar seu cavalo da chuva, que você não vai ver sua filha preciosa.”

Gavin precisou reunir todo seu autocontrole para simplesmente parar e se afastar devagar, colocando-se de novo entre Ginger e o guarda com a arma de choque. Ele queria ir para cima dos dois assim que a porta se abrisse, queria quebrar cada parte do corpo deles, pedaço, por pedaço. Queria derramar o sangue deles, assim como tinham derramado o de Ari.

Quando o guarda achou que Gavin tinha recuado o suficiente, inseriu a chave na fechadura, mas sem tirar os olhos dele e Ginger em nenhum momento, e a mão com a arma continuava apontada para eles o tempo todo.

Com um chiado, a porta da cela se abriu com dificuldade, desgastada por anos de ferrugem e falta de manutenção. Gavin passou as primeiras quarenta e oito horas de confinamento para testar minuciosa e incansavelmente cada centímetro quadrado da cela, procurando por qualquer deficiência ou fraqueza que pudesse explorar. Ele queria encontrar qualquer coisa que se mostrasse uma rota de fuga viável, mas não conseguiu nada.

O guarda que segurava Ari não chegou a entrar na cela, parando logo na entrada, talvez, e com razão, por medo da ira de Gavin, que conseguia ver esse temor claramente no rosto e no olhar do homem – e também para não dar a Gavin qualquer oportunidade de fuga –, enquanto seu parceiro ficou entre os dois, apontando a arma na direção dos pais de Ari. Em seguida, o guarda simplesmente arremessou Ari para a frente. Seu corpo franzino chegou a planar no ar, devido ao movimento bruto, e bateu no chão com grande impacto. Ao ver o corpo inerte da filha cair no chão como uma boneca quebrada, Ginger gritou novamente e Gavin estremeceu.

Ari ficou ali deitada, de olhos abertos, mas completamente inconsciente. Sangue escorria por seu nariz e boca. Meu Deus, ela parecia estar sangrando também pelos ouvidos e até mesmo pelos olhos. Os guardas se retiraram apressados, fechando e trancando a porta da cela, para em seguida saírem correndo, sumindo de vista.

Gavin correu a curta distância que o separava de Ari, ajoelhou-se e começou a tatear o corpo dela, com medo do que poderia descobrir. Ginger se uniu a ele, com os olhos marejados e inchados, e cheia de preocupação em seu rosto aflito.

“Tem tanto sangue!”, Ginger falou com dificuldade, em meio aos soluços. “Oh, meu Deus. Gavin, será que… será que ela está viva?”

Gavin fechou os olhos enquanto tirava os cabelos de Ari de seu pescoço, para que pudesse checar a pulsação. Seu próprio coração estava batendo acelerado e suas mãos tremiam tanto que ele não conseguia firmar os dedos no pescoço dela. Se é que o coração dela estava batendo. Por fim, conseguiu se acalmar o suficiente para sua mão parar de tremer, e então pressionou com os dedos a área ao redor da artéria carótida. Ele fraquejou e quase tombou de alívio quando sentiu os batimentos irregulares na ponta dos dedos.

“Ela está viva”, disse em voz baixa.

“Oh, graças a Deus”, Ginger sussurrou chorando. Em seguida, ela tocou o braço do marido para chamar sua atenção, e o olhar assustado dos dois se encontrou. “Como podemos saber o tamanho dos ferimentos dela? E se acabarmos machucando Ari ainda mais, tirando-a daqui?”

Gavin tinha o mesmo receio que ela, mas ele não admitiria deixar a filha deitada no chão frio, duro e úmido daquela cela. Ele com certeza a carregaria com mais cuidado do que aqueles guardas, que a haviam tratado brutalmente.

“Vou deitá-la na cama, querida”, Gavin disse tentando parecer calmo, algo que ele realmente não estava.

Assim como não queria deixar Ginger em pânico, Gavin também não queria que ela percebesse como ele estava perto de ficar completamente desequilibrado e fora de controle.

Gavin xingou em voz baixa quando começou a tremer novamente, ao colocar os braços sob o corpo da filha, bem devagar, a ponto de ele mesmo ficar frustrado. Seus instintos imploravam que ele pegasse Ari nos braços, que a trouxesse para perto de si e jamais a soltasse, ou deixasse cair na mão daqueles monstros novamente. Sua preocupação era genuína, porque talvez suas pernas não aguentassem levantar o peso de Ari, e muito menos o dele. Gavin inspirou fundo diversas vezes, tentando bravamente acalmar a tempestade de ira que percorria suas veias.

Com cuidado, ainda agachado e de joelhos, ele começou a se levantar. Carregou Ari nos braços e a trouxe para perto de si, junto do peito. Ele parou por um momento, rezando para não tombar quando tentasse levantar. Ele nunca teve antes um motivo tão importante para agir com tanta paciência e cuidado.

“Espere… deixe que eu ajudo”, Ginger disse ansiosa, firmando todo o corpo e fazendo toda a força que conseguia para ajudar Gavin a se levantar, enquanto carregava Ari.

Embora sua esposa pequena e delicada – assim como Ari – mal tivesse força para ajudá-lo a se levantar, Gavin não recusou sua ajuda porque ele sentia que ela estava prestes a ter um colapso e precisava de algo – qualquer coisa – para se manter firme. E ele a admirava, já que ele próprio, enquanto olhava para a filha machucada e ensanguentada, também estava chegando bem perto do seu limite.

Seus olhos se encheram de lágrimas, enquanto ele colocava Ari com todo o cuidado naquela cama dobrável, tirando lentamente os braços de baixo dela. Embora os olhos de Ari estivessem vidrados e fixos em um ponto, ela não parecia estar nem de longe ciente de qualquer coisa. Era quase como se estivesse inconsciente. Mas ainda assim, Gavin não queria fazer nada que pudesse, sem querer, causar mais dor a ela, por isso ele se mexia com extrema lentidão, tomando todo o cuidado para não chacoalhar o corpo de Ari.

“Oh, Gavin”, Ginger disse com uma voz chorosa, enquanto se aproximava da cabeça da filha. “O que fizeram com ela?” Ela se voltou para o marido, e seus olhos castanhos – que agora estavam praticamente negros – queimavam cheios de raiva, fúria e desespero. “O que foi que eles *fizeram*?”

A cela inteira estava tomada por uma tristeza pesada e sufocante. Gavin nem mesmo conseguia encontrar palavras que pudessem oferecer algum conforto à esposa, porque ele não tinha nada para dizer que pudesse reconfortá-la. Não podia lhe dar uma resposta que a agradasse, porque temia estar contando uma mentira deslavada.

Havia tanto sangue… A parte da frente da camiseta dela estava encharcada, muito sangue tinha escorrido pelos ouvidos e descido pelo pescoço, deixando grandes manchas entre os ombros. Tinha ainda mais sangue cobrindo sua boca, sangue seco no nariz e, agora que podia vê-la de perto, Gavin foi capaz de confirmar suas suspeitas iniciais de que ela realmente tinha sangrado pelos *olhos*. Será que haviam batido tanto nela assim?

Apesar de já ter conferido a pulsação, Gavin levou sua mão ao pescoço de Ari novamente, procurando certificar-se de que não tinha imaginado aquele leve sopro de vida na ponta de seus dedos. Assim como antes, ele sentiu uma pulsação irregular, porém forte. Mas estava preocupado com ferimentos internos, coisas que ele não tinha como ver. Havia o medo de Ari ter sido brutalmente espancada, mas ele não conseguiu perceber nenhum inchaço ou hematoma no rosto ou na cabeça dela. O sangue parecia inexplicável porque os únicos

hematomas que ele encontrou foram aqueles no braço, provavelmente porque a agarraram com força. Ari sempre ficava roxa com facilidade e aqueles hematomas, de certa forma pequenos, pareciam ter sido causados por dedos. Nada que pudesse justificar todo aquele sangue na pele dela.

Ginger levou a mão sobre o rosto de Ari. Estava completamente desconsolada enquanto procurava algum lugar – qualquer lugar – em que pudesse tocar com segurança o rosto da filha. Por fim, colocou a mão sobre a testa, alisando gentilmente sua cabeça, com um movimento carinhoso. Ari se contraiu na mesma hora em que Ginger a tocou. Foi a primeira vez que fez algum tipo de movimento ou emitiu algum sinal em reação ao estava acontecendo em volta dela.

“Ari?”, Gavin a chamou com urgência na voz. “Ari, você consegue me ouvir? Está acordada? Por favor, meu amor, abra os olhos para sua mãe e eu ficarmos mais tranquilos e sabermos que você está bem.”

Para a surpresa de ambos, Ari afastou a mão da mãe e se virou de costas para os dois. Ela levou os joelhos até o peito – num gesto de autoproteção – e abraçou as pernas, parecendo se encolher o máximo possível. Um gemido de agonia escapou de seus lábios. Da posição em que Gavin estava, ainda podia ver o rosto dela, embora Ari estivesse de costas para ele e Ginger. Os olhos dela se fecharam brevemente, como se Ari estivesse passando por algum tipo de… sofrimento? Medo? Será que ela estava consciente do que estava havendo? Ou talvez ela apenas quisesse escapar de sua realidade atual. Talvez ela estivesse sofrendo tanto que simplesmente quis fugir para algum lugar que não fosse tão duro e insuportável. Gavin limpou rapidamente o canto de um de seus olhos e piscou várias vezes para evitar perder a compostura.

“Ari?” Ginger ia tocá-la novamente, mas segurou a mão e a levou para o lado, completamente angustiada.

“Não”, Ari implorou. “Meu Deus, por favor, não.”

“Não, o quê?”, Gavin perguntou ansioso. “Ari, você consegue falar com a gente? Pode nos dizer o que aconteceu? O que foi que aqueles desgraçados fizeram com você?”

Ele ficou sem voz e não pôde continuar. O choro fechou sua garganta e o deixou temporariamente incapaz de falar. Ginger entrelaçou sua mão com a de Gavin e a segurou com força. Havia tensão demais no corpo dela.

“Não toque”, Ari disse em voz baixa, gemendo novamente. Gavin mal conseguiu entender o que ela dizia. “Sem barulho, por favor. Não consigo aguentar. Dói. Dói demais. Por favor, só não me toquem. Não digam nada.”

Ginger levou a mão à boca e começou a chorar, e logo as lágrimas escorriam por seu rosto.

Ari tampou os ouvidos com a mão e então começou lentamente a se balançar para a frente e para trás, presa em seu inferno particular. Gavin e Ginger eram incapazes de fazer qualquer coisa para aliviar, acalmar ou fazer aquela dor sumir. Ginger se levantou – sem fazer barulho, como sua filha tinha pedido –, com tamanha tristeza no olhar, que em vinte e cinco anos, Gavin jamais a tinha visto daquele jeito. Ela não ficava tão arrasada desde sua última gestação fracassada.

Gavin levantou-se desajeitado, ficando mais furioso a cada instante. A raiva corria por suas veias como se fosse uma droga poderosa, que embaçava e escurecia sua visão. Ele ficou de costas para a esposa e a filha, pois não queria que elas vissem os terríveis pensamentos que estavam refletidos em seu olhar: a sede por vingança, por violência, o desejo de destruir cada pessoa envolvida. Ele deixou escapar um rosnado da mais pura ira masculina, que imediatamente tentou abafar quando viu Ari se contrair.

“A luz”, Ginger falou subitamente. “A luz provavelmente a está machucando também.”

Ginger foi apressada até a lâmpada, que ficava pendurada por um fio elétrico, e mexeu nela por um momento, desrosqueando-a apenas o suficiente para que apagasse.

Gavin se virou, fechando os olhos ao sentir a tristeza e o desamparo o engolirem como uma enorme onda. Sentindo a necessidade de deixar a raiva sair, ele começou a bater nas barras de ferro que o prendiam ali. Gavin não sentiu dor enquanto afundava seus punhos no metal repetidas vezes. No ar, era possível sentir o cheiro do sangue que escorria pelas mãos dele e pingava no chão a seus pés.

Ginger o abraçou por trás e o virou até que conseguiu afastar Gavin das barras de ferro que ele estava socando. Com cuidado, pegou as mãos dele, agora inchadas, e beijou os nós dos dedos feridos. Em seguida, ela afundou seu rosto no peito de Gavin, tentando abafar seu choro soluçado. Seu corpo inteiro tremia, e Gavin a abraçou com firmeza. Então, com o coração partido assim como Ginger, ele afundou o rosto nos cabelos da esposa, deixando que suas lágrimas molhassem as mechas macias. Ficaram abraçados um ao outro por um bom tempo, até que Ginger falou, com a voz abafada:

“O que eles fizeram com nosso bebê, Gavin? O que eles querem?”

Gavin alisava as costas dela com sua mão, para cima e para baixo, tentando oferecer algum alívio, quando sabia que isso era impossível.

“Eu não sei”, disse em voz baixa. “Que droga, eu não sei!”

“Como podemos protegê-la quando estamos completamente impotentes?”, Ginger perguntou, demonstrando uma angústia cada vez maior.

“Não estamos impotentes.”

Gavin e Ginger olharam chocados para Ari, quando ouviram sua voz apática e entorpecida. Ela parecia quase… robótica.

“O que foi, querida?”, Gavin perguntou suavemente, embora tivesse escutado muito bem o que ela disse. Só não tinha certeza do que ela queria dizer com aquilo.

“Eu vou botar tudo isso aqui abaixo”, Ari respondeu calmamente, virando-se para olhar para os pais pela primeira vez.

A energia começou a estalar e faiscar em volta deles, tornando elétrico o ar naquela cela úmida. Se antes o ar parecia sempre meio pesado, difícil de respirar, agora estava carregado de energia, vibrante, e subitamente uma brisa começou a percorrer a cela, incansável, como se alguém tivesse aberto uma janela para deixar o ar fresco entrar. As grades começaram a chacoalhar, ameaçadoras, a cama dobrável se mexia sob Ari. O chão de concreto tremia sob os pés deles. Nas celas vizinhas às deles, os travesseiros e cobertores – e até mesmo um velho sapato esquecido – levitaram no ar e giraram em alta velocidade para, em seguida, chocarem-se contra as barras de ferro que isolavam o pequeno espaço das celas.

Ginger olhou para Gavin, inquieta e cheia de preocupação. Ele, por sua vez, sabia que seu rosto devia estar refletindo os mesmos sentimentos que o dela. Alguma coisa estava bem errada ali. Ao longe, era possível escutar o som de vidro se quebrando, como se uma janela tivesse espatifado no chão. O vento soprava com força pelo corredor e uivava ameaçadoramente, como se fosse um túnel de vento.

“Gavin!”, Ginger sussurrou, olhando apavorada para Ari.

Ele desviou o olhar dos objetos que rodopiavam no ar e se voltou para a filha. Percebeu imediatamente o que estava deixando Ginger preocupada. Havia sangue escorrendo do nariz de Ari e pingando no lençol velho da cama.

“Ari, querida”, Ginger disse com uma voz cheia de compaixão. Ela correu até a filha e cuidadosamente sentou-se na beirada, tomando o cuidado de não a tocar. “Foi assim que você ficou toda ensanguentada? Eles fizeram você usar seus poderes?”

Mas os olhos de Ari estavam distantes, vazios, como se ela estivesse a quilômetros de distância. Ela estava ali, mas *não* exatamente ali.

“Vou matar todos eles”, Ari comentou, e seus olhos, que antes estavam completamente apáticos, voltaram a ficar vivos, com um brilho assustador. Em seguida, ela olhou para seus pais, aparentemente mostrando pela primeira vez estar ciente de onde estava. “E Beau virá”, ela falou lacônica.

TRINTA E DOIS

Depois daquela fala enigmática, Ari imediatamente voltou a dormir, e seu rosto, que estava contraído no início, foi ficando mais aliviado à medida que ela entrava em um sono cada vez mais profundo. Ginger ficou deitada ao lado dela, enquanto Gavin andava pela cela inquieto, como se fosse um leão enjaulado. Ele queria saber que diabos tinham feito com Ari, mas ela não foi capaz de lhe dar as respostas que queria. Gavin também não estava disposto a insistir quando a filha parecia estar tão fragilizada, mas em seguida Ari fez aquela promessa assustadora, que ainda estava mexendo com sua mente. Ela parecia não somente determinada, mas resoluta, confiante, destemida. E isso o deixava completamente apavorado. Que diabos ela estava planejando fazer? E como ele poderia simplesmente ficar parado sem fazer nada? Como ele podia impedi-la de executar o plano que a tinha deixado com aquela expressão implacável no rosto? Uma expressão que lhe dizia que ela não pararia enquanto não atingisse seu objetivo.

Gavin fechou os olhos e rezou em voz baixa para alguém em que ele jamais tinha acreditado, até Ginger e Ari entrarem em sua vida. Realmente acreditava que as duas eram um presente dos anjos, um presente de Deus ou de algum ser superior. Não importava como Ele fosse chamado. Gavin acreditava Nele – acreditava piamente –, e antes, jamais tinha acreditado em nada a não ser no que ele era capaz de conquistar. Agora, rezava sincera e intensamente para Deus cuidar e proteger sua mulher e filha. O que fosse acontecer com ele não tinha importância. Ele daria sua vida sem a menor hesitação pelas duas mulheres que tanto amava. Mas não estava disposto a aceitar que qualquer uma das duas fizesse o mesmo por ele. Ele balançou a cabeça com a direção absurda que seus pensamentos tinham tomado. Ari estava entorpecida, catatônica, profundamente traumatizada. Gavin duvidava de que ela fosse se lembrar das próprias palavras quando acordasse. E enquanto rezava, Gavin sabia que Ari acordaria em breve, e então, ele logo teria as respostas que tanto queria.

Embora Ginger estivesse deitada na cama com Ari, ela não estava dormindo; estava bem desperta, assim como Gavin. Ari tinha sentido a presença da mãe,

mesmo enquanto repousava, e tinha se aninhado perto dela, enquanto caía no sono profundo. Um sono profundo e restaurador, como Gavin esperava. Ginger passava carinhosamente os dedos pelos longos cabelos de Ari, algo de que sua filha sempre gostou, desde criança. Ari adorava que brincassem com seu cabelo, adorava que massageassem sua cabeça. Era algo que normalmente a reconfortava quando ela estava chorando à noite, ou quando não estava se sentindo bem.

“Mamãe?”

A voz suave de Ari chegou aos ouvidos de Gavin, e ele se virou imediatamente para a filha. Ela ainda estava de costas para ele. Ginger tinha deitado entre Ari e a parede da cela, para que pudesse ficar com a filha sem incomodar seu sono.

“Sim, querida…”, Ginger respondeu em voz baixa, em respeito à sensibilidade que Ari tinha demonstrado antes.

“Onde está o papai?”, ela sussurrou de volta. “Ele está aqui?”

Gavin ia começar a responder, e estava prestes a correr até elas para que pudesse olhar para Ari e vice-versa, mas as palavras seguintes o deixaram paralisado.

“Eles estão nos monitorando aqui. Eles não conseguem ver que estou acordada, então não deixe que eles percebam”, Ari continuou a sussurrar. “Só olhe para papai, para eu saber onde ele está, mas não diga nem faça nada que indique que estou acordada.”

Gavin controlou um pouco a carranca que havia em seu rosto. Já Ginger, por sua vez, tinha a mesma expressão de preocupação e ansiedade que manteve no rosto nas duas horas em que Ari passou dormindo. Ela se controlou e não deixou escapar nenhuma emoção, e seu rosto não refletiu nenhuma fagulha de preocupação, empolgação ou ansiedade.

Ginger olhou para Gavin e manteve seu olhar fixo nele por tempo o suficiente para que Ari tivesse certeza de onde ele estava.

“Diga a ele para não se mover, ou melhor, para continuar fazendo exatamente o que estava fazendo”, Ari continuou sussurrando, e Gavin precisou esforçar-se para ouvir o que ela dizia. “Não… é melhor não dizer nada”, ela se corrigiu rapidamente. “Eles vão conseguir escutá-la.”

“Ele pode escutá-la, querida”, Ginger disse sem sequer mover os lábios, ao mesmo tempo em que continuava a acariciar os cabelos de Ari e mantinha os olhos em Gavin, assim como fez o tempo todo em que a filha dormia.

Gavin notou que Ari relaxou visivelmente. Ele não tinha percebido o quanto

aquele corpo franzino estava tenso até que a viu afundar na cama.

“Vocês precisam se preparar para algumas coisas”, Ari continuou.

Gavin caminhou até a cama, algo que ele tinha feito diversas vezes nas horas anteriores, e olhou para baixo, como se estivesse conferindo o estado de Ari. As palavras dela o deixaram preocupado, e ele precisava se tranquilizar um pouco. Apenas olhar para ela e tocá-la, para saber que Ari estava bem.

“Ela ainda não acordou mesmo?”

Ele fez a pergunta para Ginger e esticou o braço para acariciar gentilmente o rosto de Ari com seu dedo, outro gesto de preocupação que ele tinha repetido diversas vezes desde que ela havia caído no sono.

Os olhos de Ari se encheram de lágrimas, e Gavin sentiu um aperto no peito de emoção. Que droga! Havia tanto que ele queria perguntar, tanto que ele queria saber, e agora suas mãos estavam atadas. Ele estava fervendo de impaciência, mas se obrigou a continuar fingindo, agindo da mesma forma de antes, quando ele e Ginger estavam tomando conta de Ari em seu sono.

“Ainda não”, Ginger respondeu em voz alta. “Estou preocupada, Gavin. E se eles fizeram algo terrível com ela?”

Mas que esperta, a sua esposa. Ela encontrou uma forma de fazer a Ari as perguntas que ele estava morrendo de vontade de perguntar, sem que as pessoas observando fossem capazes de perceber o que eles estavam fazendo.

“Tive que deixá-los fazer isso comigo”, Ari disse, sem se mover nem reagir ao toque do pai, embora as lágrimas que ele pôde ver, segundos antes, tivessem lhe transmitido muita informação. “É complicado…”

Ari inspirou profundamente, tomando o cuidado de não permitir que seu corpo sinalizasse que ela não estava mais em sono profundo. Tudo dependia de seus raptores não perceberem que estavam sendo enganados por ela. A destruição que ela pretendia causar, a vingança que se abateria sobre eles como a ira divina, tudo isso precisava ser inesperado.

Seus pais não iriam gostar do que ela precisava dizer. Seu pai, principalmente, não iria gostar nem um pouco de não ter participação ativa nos planos dela. Somente Ari enfrentaria seus inimigos. Sozinha.

“Eles querem que eu use meus poderes. E eles são fortes. Meus poderes, quero dizer. São muito mais fortes do que jamais imaginamos. Em um curto período de tempo, fiz coisas que jamais pensaria ser capaz, e sei que ainda posso fazer muito mais.”

“Você acha que fizeram experiências com ela?”, Ginger perguntou ao marido, ainda desempenhando seu papel com perfeição. “Será que é daí que veio

todo esse sangue?”

“Eu não sei”, Gavin murmurou, com uma voz cheia de indignação e raiva paternas.

“Sim…”, Ari sussurrou, lentamente pegando a mão da mãe, a mão que estava entre o corpo das duas. Com seu pai atrás de si, e a mãe tão próxima naquela cama estreita, não havia como a câmera de segurança flagrar aquele movimento tão sutil.

Ela apertou a mão da mãe, e as lágrimas molharam seus cílios. Aqueles eram seus pais. Biológicos ou não, aquelas eram as pessoas que a amavam, a protegiam e que estavam sempre ao seu lado.

“Mas eu deixei que eles fizessem”, Ari continuou. “O que vou dizer agora, o que vocês precisam ouvir de mim vai ser difícil de escutar e ainda mais difícil de aceitar. Mas se me amam, como sei que amam, se acreditam em mim, como sempre acreditaram, peço que confiem em mim agora e escutem o que preciso dizer.” Ari inspirou de leve, para seu corpo não se mexer demais. “E peço que aceitem o que eu preciso fazer.”

Uma fagulha de preocupação surgiu nos olhos de Gavin, que foi tomado por uma onda de emoções. Ele estava de costas para as câmeras e ficou um longo tempo assim, antes de conseguir se recompor e endireitar sua postura, como se apenas estivesse passando por um momento particular, de intimidade com a esposa, e estivesse compartilhando com ela a preocupação por sua filha, por um breve instante.

“Eu deixei que eles me sobrecarregassem”, Ari disse. “Aconteceu tanta coisa desde que vocês sumiram, aprendi tanto sobre mim, sobre meus poderes. Ainda há muito que descobrir, muito o que explorar. No entanto, sei que sou capaz de muita coisa, muito mais do que achava ser possível.”

Embora Ginger não tivesse feito a pergunta em voz alta, Ari podia vê-la claramente nos olhos dela.

“Passei por uma série de testes, que na verdade eram bem fáceis”, ela explicou. “Mas, de propósito, pensei em coisas que exigissem demais de mim, para que eu entrasse em sobrecarga psíquica. Assim eles me veriam ter um sangramento psíquico. Eu precisava que ficassem aborrecidos comigo, ou talvez desapontados, ou até mesmo achassem que eu era inútil para eles. Pelo menos até poder encontrar você e papai. Porque quando vierem me buscar novamente – e eles virão –, vocês precisam estar prontos. E devem fazer exatamente o que eu mandar. Esta é a única maneira que vou conseguir manter vocês dois a salvo enquanto derrubo este lugar e o reduzo a migalhas, junto com todos esses

sádicos desgraçados aqui dentro.”

O espanto estava refletido nos olhos da mãe, e ela rapidamente baixou a cabeça para esconder a reação. Embora Ari não conseguisse ver seu pai, ela sabia que ele estava perto e sentiu a tensão se acumular dentro dele. Permitir voluntariamente que sua filha se enfiasse em uma situação perigosa, enquanto aguardava ser “salvo” sem fazer nada, ia contra todos os instintos de Gavin. Ele é quem daria mais trabalho para ser convencido e era fundamental que Ari tivesse sua mãe a seu lado, para que ela pudesse persuadir o pai. Ari usou seu olhar suplicante com a mãe, implorando que ela a compreendesse, que confiasse nela e tivesse fé em suas habilidades. Sua mãe segurou com mais força a mão de Ari, com um leve apertão.

“Continue…”, Ginger disse sem mover os lábios.

“Eu sou muito poderosa”, Ari falou com sinceridade. “Aqueles homens não são páreo para mim e preciso que vocês confiem em mim quanto a isso. Quero que saibam que estarei segura e que eu *escolhi* vir até vocês desse jeito. Eu precisava saber onde vocês estavam, precisava saber que ainda estavam vivos. Porque quando a hora chegar, eu vou conseguir criar uma barreira protetora em volta de vocês, mas vocês *precisam* ficar parados. Não importa o que vejam, o que escutem ou pensem. Vocês precisam ficar aqui enquanto eu destruo tudo ao redor.”

Ari pôde ouvir seu pai bufar e então respirar de forma acelerada. Novamente, ela olhou cheia de súplicas para sua mãe, pedindo que a ajudasse a convencer o pai. Mais uma vez, Ginger apertou a mão da filha, dessa vez sem hesitação. E o que Ari enxergou no olhar da mãe a deixou atônita. Ela viu amor, claro. Mas também viu confiança e… *orgulho*. Os olhos de sua mãe brilhavam de orgulho, e iluminavam todo seu rosto. Ari piscou para segurar as lágrimas, enquanto espremia e segurava com firmeza a mão da mãe. Ela ficou ali, simplesmente agarrada àquela ligação física entre mãe e filha, uma ligação sem igual. Uma ligação insubstituível, inabalável, ancestral. De fato, não havia nada como o amor de uma mãe. Nada era tão incondicional, sólido, indefinível e sem limites. O amor de uma mãe era capaz de superar qualquer coisa, era capaz de triunfar sobre o impossível. E Ari *iria* triunfar. Ela acreditava nela mesma, assim como sua mãe acreditava. Ela não era uma aberração, um fenômeno da natureza que devia ser estudado, analisado ou controlado. Ari tinha, sim, um propósito, ela *era* especial. Ela levou 24 anos para compreender seu propósito, para aceitá-lo e abraçá-lo. Nunca mais iria se envergonhar de seus dons, nunca mais iria escondê-los, abafá-los ou ignorá-los. Jamais! Seu propósito era uma parte

integrante de *quem* e *o que* ela era. E agora seus dons iriam salvar as pessoas que ela amava, as pessoas que a amavam mais do que qualquer outra coisa no mundo. Não era o sangue que constituía uma família. Era o amor.

"Pai", Ari o chamou em voz baixa demais para ser ouvida, mas o suficiente para que sua mãe o fizesse entender, de alguma forma, que ele devia se aproximar.

"Gavin, venha aqui, por favor", Ginger disse preocupada. "Você viu que Ari sangrou pelos ouvidos? Como é que uma coisa assim pode ter acontecido?"

Ari queria sorrir. E então ela sentiu o carinho preencher seu corpo quando mãe e pai estavam em volta dela mais uma vez.

"Pai…", ela sussurrou novamente.

"Estou aqui", ele murmurou.

"Você precisa proteger mamãe."

Foi um truque sujo, manipulador, mas Ari sabia que apelando para o lado protetor de seu pai, mesmo que ele fosse obrigado a ficar parado e não participar ativamente na proteção da filha, com certeza ele não faria nada que pudesse colocar sua mãe em perigo. Ginger mordeu os lábios, desconfiada como se soubesse exatamente o que Ari estava fazendo. Mas foi ela própria que, ao longo dos anos, acabou dando informações úteis para Ari saber como lidar com um homem, especialmente com o ego dele.

"Você precisa garantir que ela não se mexa depois que eu sair daqui", Ari continuou, procurando deixar tudo bem claro para seu pai. "Se ela se mover, mesmo que seja só um pouco, se um espaço se formar entre vocês dois, então ela corre o risco de ficar de fora da barreira e pode acabar sendo morta."

Embora Ari com certeza estivesse fazendo de tudo para convencer seu pai da importância de ficar ali parado, ela não estava mentindo sobre a necessidade de proteger sua mãe. Em se tratando de defender a filha única, Ginger era feroz, e Deus ajudasse a todos se ela acreditasse que Ari estava em perigo ou precisando de ajuda, ou pior… se estivesse ferida e indefesa. O pai soltou um suspiro resignado, que Ari mais sentiu do que ouviu.

"Nunca tive problema em confiar em você", seu pai disse com a voz embargada, carregada de emoção.

E havia algo mais no tom de voz dele. Algo que fez Ari se sentir aquecida por dentro e fez sumir aquele frio de gelar a espinha, que ultimamente parecia estar permanentemente lá. Havia orgulho. Ari conseguiu sentir o quanto seu pai estava orgulhoso dela naquelas poucas palavras que ele disse. Era a mesma forma como ele se referia a Ginger, de como ele falava de sua mãe para os

outros, embora soubesse que os dois não costumavam manter exatamente um círculo social de amizades.

“Não importa o que aconteça, saibam que amo vocês dois. Não há ninguém no mundo que eu pudesse preferir para ser meus pais, para ser minha família.”

Ari segurou-se para não dizer mais nada que pudesse revelar o que ela sabia sobre seu passado. Eles compartilhavam algo muito mais precioso do que sangue, algo que Ari jamais consideraria como garantido novamente. Compartilhavam amor. E uma família. Mais que tudo, ela queria que Beau se tornasse parte de sua família. Gavin iria odiá-lo logo de cara, óbvio. Ele não estaria cumprindo com seus deveres paternos se não desprezasse, ameaçasse ou tentasse intimidar o homem que ele juraria não ser bom o bastante para a filha.

“E não há ninguém além de você que nós amaríamos mais como nossa filha”, sua mãe disse intensamente.

Mais uma vez, seu pai se inclinou para beijar o rosto dela. E então ele sussurrou antes de se afastar:

“Não vamos ficar nos despedindo e declarando nosso amor uns pelos outros como se um de nós fosse morrer”, ele reclamou. “Por tudo que é sagrado, Ari, se você não voltar para esta cela, para sua mãe e para mim, para fugirmos juntos deste lugar, eu vou atrás de você até o céu e vou brigar com Deus em pessoa. Ele terá tempo para estar com você, no futuro. Mas, enquanto eu estiver vivo, você é só minha.”

Ari fechou os olhos, sentindo uma sensação de paz cobri-la feito um cobertor que aquecia e tranquilizava a alma.

“Quando vierem me buscar, estejam prontos”, ela sussurrou, não de medo, mas de expectativa do que estava por vir. “Quando me levarem, vocês devem ficar juntos e permanecerem no local exato em que eu os vir pela última vez. Essa é a única forma que tenho para salvá-los. Confiem em mim, acreditem em mim. Eu não vou desapontá-los.”

TRINTA E TRÊS

Eles voltaram mais cedo do que Ari imaginava, mas ela ficou feliz por isso. Tinha descansado junto de sua mãe, sentindo o carinho e o amor dela, e quando despertou do sono, permaneceu em silêncio, impassível, para não dar nenhuma informação aos observadores silenciosos que ela sabia que estavam ali. A única concessão que ela fez foi dizer aos pais que ela estava bem. Apenas um pouco cansada. Mas isso era para dar uma vantagem a seus observadores, porque Ari estava *pronta*. Nem meia hora depois, eles vieram atrás dela.

Os mesmos dois guardas caminharam rapidamente pelo corredor, ambos empunhando armas novamente; mas, dessa vez, eram armas de fogo. Ou ao menos pareciam ser. Armas com balas de verdade, capazes de matar em questão de segundos. Ari sabia que era um aviso implícito para que ela não resistisse. E um aviso não tão implícito para seu pai, quando um dos guardas simplesmente apontou a arma para a cabeça de sua mãe e lhe disse friamente que, a menos que quisesse ver o cérebro da mulher espalhado pela parede, ele deveria se afastar e não causar problemas. E conforme Ari tinha pedido, assim que ela "se rendeu" aos guardas e foi levada sem resistência, Gavin trouxe Ginger para junto de si e ficou parado diretamente na frente da cama dobrável, abraçando a esposa com firmeza.

Ari olhou para eles quando era empurrada com brutalidade para fora da cela. Ela memorizou cada detalhe, cada referência, anotando mentalmente o tamanho da barreira que precisaria criar para proteger seus pais e mantê-los a salvo. Em seguida, ela sorriu e disse "amo vocês", um pouco antes de um dos guardas a pegar pelo braço e arrastá-la para fora da vista de seus pais.

Era difícil para Ari agir como se estivesse resignada, temerosa, hesitante, como se ela estivesse *com medo* daqueles malditos, quando na verdade o que ela queria era fazer o inferno desabar sobre eles, com uma fúria que jamais tinham visto na vida. Isto é, no pouco tempo que lhes restava de vida. Mas Ari se obrigou a ser paciente, sabendo que seu plano precisava acontecer sem problemas. Ela precisava estar bem afastada dos pais, para que a maior parte da destruição acontecesse no centro do complexo e não nas laterais, onde ficavam

as celas e onde eles estavam presos.

Ari ficou pensando e imaginando o choque que seria quando percebessem que a subestimaram seriamente, quando percebessem que mexeram com a mulher errada. A vingança estava entalada em sua garganta e era algo que estava envolvendo sua alma. Não como uma mácula ou como um peso, nada de que ela fosse se arrepender algum dia. A vingança era *doce*… ao menos era o que diziam. Porque o mundo era melhor sem aquele tipo de pessoas nele. Pessoas que não queriam saber de nada além de matar, intimidar, ferir e assustar para atingir seus objetivos dementes. O pior de tudo era que ela ainda não sabia qual era o objetivo primário deles. Ari só sabia que queriam usá-la – queriam usar seus poderes – de uma forma que ela *sabia* que seria para o mal. Pode-se dizer que ela era tão má e cruel quanto eles, e Ari achava que isso não estava longe da verdade. Mas no fim do dia, seus atos, sua consciência e as *consequências* de suas escolhas seriam discutidos entre ela e Deus. E Ari aceitava responder a um poder maior, que lhe havia concedido seu próprio "poder maior".

Ela foi novamente empurrada para dentro daquele laboratório estéril, com os mesmos dois capangas e o mesmo bajulador de jaleco, que se dizia "profissional médico", e que devia ter tantos diplomas de medicina quanto Ari.

"O que foi dessa vez?", ela perguntou cansada, injetando uma dose extrema de esgotamento – e resignação – em seu tom de voz.

O rato de laboratório esfregou seu queixo de forma exagerada e a analisou atentamente, com os olhos brilhando de irritação.

"Até agora você se mostrou uma grande decepção", ele disse aborrecido. "E considerando o tempo e o dinheiro que foi investido para, cuidadosa e lentamente, obtermos acesso a você, decepção é um eufemismo."

"Puxa", Ari respondeu com bastante sarcasmo. "Estou muito ofendida por um rato de laboratório e seus capangas me acharem uma decepção. Qual foi o problema? Vocês queriam que eu conseguisse a paz mundial? Ou queriam que eu tapasse o buraco da camada de ozônio? Ah, esperem, também tem aquele problema das crianças famintas…"

Ari começou a contar na ponta dos dedos cada problema que ela listava.

"Ou talvez vocês queiram que eu encontre a cura para o ebola. Houve pelo menos dez casos relatados nos Estados Unidos no mês passado, mais ou menos. Vocês querem que eu aniquile todos os países onde há surtos de ebola?"

"Para alguém que estava disposta a fazer qualquer coisa para salvar os pais, você parece bem diferente agora", disse um dos capangas, com um tom frio.

Ari lhe deu um sorriso zombeteiro, que só o deixou ainda mais intrigado.

“Você não vai tocar nos meus pais”, disse em tom baixo, com satisfação.

“Claramente as hemorragias cerebrais levaram embora sua inteligência”, disse o rato de laboratório, balançando a cabeça. “Talvez seja necessário fazer uma demonstração.”

Ele se virou para o outro capanga, e deu uma ordem que teria feito o sangue de Ari gelar nas veias se ela não tivesse *certeza* de que iria conseguir realizar seu plano. Agora, mais do que nunca, por mais que Ari tivesse pedido a seus pais para que confiassem nela, era ela quem precisava ter absoluta fé em si mesma. Não havia margem para erros ou falhas em sua concentração. Era o ato mais importante de sua vida. Ela preferia *morrer* a fracassar com sua família.

Eles se viraram para o monitor e, para o alívio de Ari, seus pais ainda estavam parados naquele ponto exato, na mesma posição em que estavam quando ela tinha saído. Ari agradeceu em silêncio a confiança deles e rezou para que não reagissem ao que quer que aqueles desgraçados fossem fazer. Porque agora as coisas iam ficar sérias.

Um dos homens ordenou pelo rádio que executassem Ginger. Poucos segundos depois, sem nem mesmo abrir a porta das celas, dois subordinados apareceram no canto do monitor e abriram fogo. Os três ficaram boquiabertos quando as balas ricochetearam inofensivamente na barreira invisível em volta dos pais de Ari. Gavin tinha abraçado Ginger e a coberto com seu corpo, instintivamente, para que ele recebesse os tiros, caso Ari falhasse em seu intento, mas os dois não saíram dos limites que ela havia determinado. Ari deus graças a Deus pela rígida disciplina do pai.

O rato de laboratório voltou-se para Ari, com um brilho no olhar e começou a avançar sobre ela, com a seringa em mãos. Seus dois capangas também começaram a se aproximar, e então Ari libertou seus poderes.

Tudo o que Ari tinha sonhado enquanto estava deitada na cela com seus pais se desenrolou com facilidade. Ela não ousou fechar os olhos para se concentrar na tarefa que estava tentando executar a uma distância muito maior, porque estava diante da ameaça real de ser dopada, o que a deixaria incapacitada. Nesse caso, a barreira em volta de seus pais iria desaparecer e eles iriam morrer. Então, ela lidaria com um problema de cada vez: seus pais estavam em segurança e ela ainda tinha certeza de que Beau viria resgatá-la. Tudo o que precisava fazer, era causar a maior devastação possível nesse meio tempo. Mas… e exatamente agora? O que fazer com aqueles malditos depois de tudo o que tinham feito com ela, depois de tudo o que fizeram sua família sofrer? Ari estava pensando que aquilo ia acabar sendo bem *divertido*. Decidida e determinada, Ari se sentiu

envolta por uma autoconfiança que jamais imaginou que teria. E agora estava prestes a soltar os cães do inferno sobre aqueles três homens, que representavam uma ameaça imediata a ela.

“Vocês não têm a menor ideia de onde estão se metendo”, ela disse com uma voz suave e ameaçadora, sem tremer de medo em nenhum momento.

Era uma vez aquela Arial Rochester acovardada, *fraca*, uma violeta murcha. Sim, isso mesmo. *Rochester*. Esse era o nome dela, era sua linhagem. Sangue não queria dizer nada. Afinal, bastava olhar para Caleb, Beau e seus irmãos, que tinham pais de merda, que não estavam nem aí para eles. Por outro lado, os pais adotivos de Ari tinham lhe dado mais amor em 24 anos do que a maioria das pessoas recebia na vida inteira.

“Essa fala é minha”, disse um dos capangas, com frieza. “Tenho contas para acertar com você, sua vadiazinha. E não pense que não vou apreciar cada segundo disso. As pessoas que me pagam podem querer você viva – e agora que confirmamos seus poderes, seu preço acabou de disparar – mas não há nada que me impeça de fazer você *preferir* estar morta.”

Antes que Ari pudesse reagir, provocá-lo ou dar uma resposta sarcástica, ele puxou uma pistola e atirou na nuca do rato de laboratório. Antes que o outro capanga pudesse entender o que estava acontecendo, ele também tomou um tiro. Na testa, bem entre os olhos. Puta merda! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Tudo bem, aquele verme tinha acabado com a festa dela e deixado seu cérebro temporariamente embaralhado. Agora Ari estava sem saber que diabos faria a seguir.

Mantenha a calma, Ari. Mesmo que nunca tenha sido uma garota de cabeça fria. Você se apavorava com qualquer coisinha, sempre teve medo da própria sombra. Deixe isso para trás. Você já não é mais essa garota.

“Bem, obrigada”, Ari disse, alegre, e sua mente estava analisando febrilmente todas as possibilidades. Pela primeira vez, sua memória fotográfica veio bem a calhar. Sim, era útil em seu trabalho como professora, não que fosse voltar àquele emprego novamente. Mas agora aquilo iria salvar sua pele, porque sua mente estava processando cada possibilidade com a velocidade de um computador, descartando as que tinham menor probabilidade de dar certo e mantendo as que tinham mais méritos.

Ele olhou intrigado para Ari, diante daquela resposta peculiar.

“O quê?”, ela perguntou. “Você não está acostumado a receber um agradecimento? Minha mãe me ensinou boas maneiras. Você acabou de eliminar dois dos caras na minha lista de pessoas para eu matar. Agora, se você puder

fazer a gentileza de se dar um tiro na cabeça, eu vou poder prosseguir para o próximo e acabar logo com isso.

Ela estava fazendo um péssimo trabalho tentando esconder seu pânico e histeria, e aquele desgraçado percebeu. Ele na verdade sorriu para ela. Era o típico sorriso maldoso, digno de um vilão de filmes. Os dois poderiam ser os protagonistas de um filme de ficção científica. Caramba, já estavam vivendo em um filme, porque quem é que iria acreditar naquela merda toda? Ginger com certeza iria lavar a boca dela com água e sabão. Aparentemente, ficar por perto de Beau e de seus colegas acabou baixando o vocabulário de Ari em vários níveis. Nunca tinha falado tanto palavrão na vida antes, apesar de seu pai ser propenso a isso.

“Eu acho que você está se cagando de medo, Arial”, ele disse, zombando dela. “Já não é mais tão corajosa agora que tem sangue nas mãos. Você estava só fingindo? Ou realmente ia matar todos nós a sangue frio?”

“Pode ter certeza que sim”, Ari respondeu enfática, com raiva. “E não vou sofrer o menor remorso quando mandá-lo direto para o inferno, de onde você jamais deveria ter saído. Só que dessa vez espero que fique lá de vez e apodreça por toda a eternidade.”

Ele bateu palmas, irônico, rindo e zombando.

“Observe e aprenda uma lição”, ela sibilou. “Jamais irrite uma mulher que tem o poder de arrancar suas bolas e enfiá-las goela abaixo.”

Ari notou o olhar surpreso dele ao levitar no ar e ser jogado para trás, batendo com violência na parede, a alguns metros de distância. Com a força com que foi arremessado, o impacto fez um barulho alto e violento. Ari estava satisfeita e agora era sua vez de fazer piadinhas.

“É incrível como os homens ficam bundões quando a gente ameaça sua masculinidade”, ela falou pausadamente. “Aposto que você não tem muito pelo que se gabar, de qualquer forma, então não acho que vou ter muito trabalho para arrancar sua cabeça de baixo.”

Ari fez uma expressão pensativa e inclinou sua cabeça de lado, para em seguida arremessá-lo para cima, jogando-o contra o teto. Ari o manteve em suspenso, grudado no teto, como se estivesse preso em uma teia de aranha.

“Embora meus poderes tenham limites”, disse, entretida com tudo aquilo, “preciso ser capaz de imaginar o objeto para poder manipulá-lo, e se o objeto não for grande o bastante, então… Bem, você entendeu meu problema.”

Os olhos dele brilhavam de ódio e então, estranhamente, ficaram *triunfantes*. Ari sentiu um frio percorrer sua coluna quando a sensação avassaladora para se

esquivar e reagir defensivamente assumiu o controle. Ela se jogou no chão e então girou, executando uma poderosa rasteira, sem saber o que havia atrás dela. Atingiu algo duro e sólido, e sentiu sua perna doer com a violência do contato. Julgando pelo xingamento abafado que ouviu, seu agressor devia ter levado a pior, no entanto. Dividir sua concentração entre dois objetos, ou melhor, entre duas pessoas, era mais difícil do que ela imaginou que seria. O capanga, ainda suspenso no teto, caiu cerca de 40 centímetros antes que Ari o jogasse para cima novamente, mas esse lapso na concentração lhe custou caro. O homem conseguiu acertar um soco no queixo de Ari, o que a fez cambalear, recuando alguns metros. Aquele maldito tinha as mãos *pesadas*.

Ari segurou a mandíbula, massageando-a. Estava focada em manter o homem que mais a intimidava em um local onde ele não pudesse machucá-la, ao mesmo tempo em que planejava sua ofensiva contra o mais novo agressor. Seu olhar encontrou a pistola que o capanga preso no teto tinha usado para matar o rato de laboratório e o outro homem. Obviamente, ele a deixou cair quando foi arremessado contra o teto. Recordando o que Beau lhe disse sobre as Glock, Ari rezou para que aquela fosse uma também e ela não precisasse descobrir como tirar a trava de segurança mentalmente. Mas até aí, certamente o capanga não devia ter colocado a trava de volta depois de matar dois homens. Agora que estava efetivamente dividindo sua energia mental entre três coisas, Ari percebeu que era muito mais difícil trazer a pistola voando até ela. A arma veio deslizando de forma irregular pelo chão, quicando e saltitando. Ari estremeceu, torcendo muito para a pistola não disparar acidentalmente, porque ela podia dizer adeus à concentração, se fosse obrigada a desviar uma bala em alta velocidade.

Finalmente, a arma levitou no ar e veio flutuando até Ari, passando incólume pelo novo agressor. O maldito capanga deu um grito e o avisou, no entanto, e o homem se virou bem a tempo de ver a arma passar na frente de seu rosto. Merda! Ele tentou pegar a pistola e os instintos de Ari, ou sua autopreservação, entraram em ação. Ela imaginou a arma apontada, mirando para o ombro do homem, porque – que droga! – Ari não conseguia ser a assassina fria que ela mesma quase tinha se convencido de que poderia ser. A arma disparou e o homem caiu, segurando o ombro esquerdo com a mão, enquanto o sangue se espalhava rapidamente e deixava seus dedos vermelhos. Ari mostrou o dedo médio para o homem e saiu correndo da sala, sabendo que tinha muito a fazer até poder dar sua missão por encerrada. Ela enquadrou o capanga no teto e o isolou em um espaço dentro de sua mente, ordenando firmemente que ele permanecesse ali. Foi então que Ari percebeu, para seu completo desespero, que tinha achado

que precisava dividir o foco entre *três* coisas, só que, na verdade, tinha *quatro* acontecendo simultaneamente. Seus pais! Oh, meu Deus. E se a barreira tivesse desaparecido? E se eles estivessem mortos porque ela havia pedido tempo demais concentrada em *não* matar quem merecia morrer? Ari e sua própria consciência teriam uma discussão bastante séria quando tudo aquilo estivesse acabado. Porque obviamente ter a consciência limpa não ajudava as pessoas a fazerem o que precisavam fazer. No mínimo, ter uma consciência acabava sendo uma grande desvantagem na cadeia evolutiva. Os planos de Ari precisavam mudar. Ela não podia derrubar o prédio e reduzir tudo – e quem mais estivesse lá dentro – a ruínas, se seus pais ainda estivessem vulneráveis. Que maldição. Ela nunca foi boa em improvisar!

Ari conseguiu memorizar o caminho por entre corredores e passagens sinuosas – novamente, graças à memória fotográfica – quando tinha saído com os guardas da cela, porque sua primeira viagem com eles não tinha acontecido exatamente nas melhores condições. Ela levou os três minutos mais longos de sua vida até finalmente chegar no corredor onde estavam as velhas celas. Onde é que aquele lugar ficava, afinal? Que tipo de lugar assustador era aquele, que tinha um laboratório e celas para prisioneiros?

Ari estava correndo a toda velocidade, contando as celas, até parar em frente à de seus pais. A porta estava escancarada e não só não havia nenhuma barreira invisível de proteção, como também não havia o menor sinal deles. O que Ari *viu*, no entanto, fez seu coração parar de bater, e o terror varrê-la como se fosse uma onda. Havia diversas poças de sangue – uma quantidade fatal de sangue estava acumulada no chão, exatamente no ponto onde ela havia instruído seus pais para ficarem. Era sangue *fresco*. Pior ainda, havia rastros de sangue que iam daquele ponto em frente à cama até a porta da cela, e, quando Ari olhou para baixo, percebeu que os rastros seguiam pelo corredor. Que diabos fizeram com seus pais? Será que os tinham matado e então arrastado seus corpos para algum lugar desconhecido?

Enquanto ela estava sendo irônica e sarcástica, brincando de provocar seus inimigos, seus pais haviam sido largados desprotegidos, porque ela não sabia como ser *multitarefa* com seus poderes recém-descobertos. O mais absoluto desespero, tristeza e… ódio inundaram sua mente, sufocando-a em ondas cheias de agonia. Tinha fracassado. Ela prometeu a eles que seria capaz de fazer aquilo, tinha feito seus pais jurarem que confiavam nela. E fracassou… A alma de Ari foi invadida pela desolação e por uma enorme sensação de vazio. Ela se virou. Seus olhos ardiam, e ela podia sentir o calor que emanava deles.

Roboticamente, Ari foi caminhando de volta por meio das passagens e corredores que a levariam até o centro do complexo. Que Deus ajudasse quem quer que cruzasse seu caminho. Sua resistência e seu receio de matar de forma rápida e eficiente desapareceram. Ari estava sendo consumida pela necessidade de vingança e retaliação. Ela podia sentir-se envolvida pelo abraço frio e desalmado daqueles sentimentos. Um som a alertou sobre a presença de homens no corredor com ela. Eles surgiram de repente na sua frente: era uma emboscada. Ari olhou-os com frieza, insensível ao fato de eles estarem metralhando o corredor inteiro. As balas ricocheteavam nela, na barreira que havia se formado sem que ela precisasse se concentrar para criar. Ela viu o medo no olhar deles, quando perceberam que ela era inatingível. Seria o último pensamento que aqueles homens teriam. Ari simplesmente quebrou o pescoço deles com um rápido estalo mental, e todos desabaram no chão. Chutou um corpo para o lado enquanto passava por eles, sem lhes dar mais atenção do que mereciam.

Eles iam pagar. Todos eles iam pagar. Começando pelo desgraçado que ainda estava suspenso no teto, onde ela o tinha deixado minutos antes.

TRINTA E QUATRO

“Vamos entrar com tudo”, Beau disse firme, enquanto aquele protótipo de helicóptero invisível a radares – altamente sigiloso e que ainda *não* existia oficialmente – sobrevoou o território a baixa altitude e a uma velocidade assombrosa. “O trabalho precisa ser rápido e o mais limpo possível, *até* recuperarmos Ari e seus pais. Depois que eles estiverem em segurança sob nossos cuidados, voto para derrubarmos totalmente a porcaria daquele lugar.”

“É isso aí”, Zack murmurou.

“Eu voto a favor”, Eliza disse, com uma carranca em seu belo rosto.

Dane simplesmente assentiu em concordância, enquanto os outros dois homens, Isaac e Capshaw, fizeram um sinal de positivo, um gesto que refletia a impaciência que havia em seus olhares. Todos estavam ansiosos para dar o troco depois da invasão que terminou no sequestro de Ari. O fato de terem sido atacados e ludibriados em seu próprio território, pela segunda vez, era uma mancha em seu histórico e um golpe no orgulho de todos.

Quando tudo estivesse acabado, Beau teria o maior prazer em demolir aquele lixo de casa, que havia se mostrado somente uma forma de machucar as pessoas que ele amava. E se ele tivesse sorte o bastante para ter um futuro em que Ari estivesse incluída – meu Deus, ele esperava não passar por nenhuma decepção –, ele iria construir uma fortaleza que faria a segurança do Fort Knox parecer brincadeira de criança. Ari precisaria sempre estar protegida da mídia e dos fanáticos que desejassem controlar e usar seus poderes para seus propósitos deturpados. Ah, mas não *mesmo*. Não enquanto ele estivesse vivo. Assim como Caleb fazia marcação cerrada em volta de Ramie e era intransigente quando se tratava de protegê-la, Beau faria o mesmo com Ari. No passado, ele podia não ter compreendido o excesso de zelo que seu irmão tinha com Ramie, mas agora entendia muito bem e se identificava com ele. Beau também passaria o resto da vida mantendo Ari em segurança, a qualquer custo.

“Quase lá”, Dane disse, com os olhos atentos para a missão que viria. “Todo mundo precisa estar pronto para descer ao meu comando. Precisamos ser rápidos, porque seremos um alvo fácil enquanto estivermos descendo do

helicóptero pelas cordas.”

Dane, com seus infinitos contatos – metade dos quais ainda era capaz de deixar Beau perplexo –, conseguiu pôr as mãos em um helicóptero militar furtivo, invisível a radares e que parecia um objeto saído de algum filme futurista. É sempre bom ter amigos *em lugares obscuros*. Essa era a frase preferida de Dane, e ele sempre a usava como resposta, quando perguntavam como diabos ele era capaz de conseguir coisas que a maioria dos civis nem sabia que existia, e muito menos chegariam a *ver*. Não que eles fossem saber que raios era aquilo, caso pusessem os olhos no helicóptero.

Zack, que tinha liderado o reconhecimento do complexo parcialmente subterrâneo no deserto de Mojave, fez um upload da planta esquematizada do lugar, obtida por meio de vigilância aérea e terrestre. Com um dispositivo avançado – e sigiloso – de detecção de calor, eles foram capazes de identificar três sinais, em algumas horas antes, na periferia do complexo, exatamente onde ficavam as velhas celas da prisão. E Beau foi capaz de confirmar que Ari era uma das fontes de calor, ao checar a posição dela no dispositivo rastreador. Graças a Deus eles tinham ao menos feito aquilo antes de tudo ir por água abaixo, ou então realmente precisariam encontrar uma agulha no palheiro. Beau estremeceu ao pensar em Ari perdida por ali, sem que ele tivesse a menor ideia de onde começar a procurá-la.

O complexo costumava ser um sanatório no século XIX. As celas foram adicionadas somente no início do século XX, quando o hospital se transformou em uma prisão de segurança máxima para criminosos clinicamente insanos e excessivamente perigosos para a sociedade.

O local era bastante assustador e estava abandonado havia décadas. Pelo menos era o que os registros indicavam. O terreno pertencia a uma empresa de sociedade anônima e não havia nenhum registro público que indicasse ligação a alguma outra empresa laranja. As coisas ficaram interessantes, no entanto, quando Eliza descobriu uma ligação entre a PRI e a empresa fantasma que era dona do complexo. PRI, ou *Psychic Research Incorporated*, alugava o prédio principal, bem como meia dúzia de outras dependências no terreno de mais de quatrocentos hectares. Seria apenas coincidência? Aparentemente, alguma fundação de pesquisa maluca não só estava ativamente pesquisando e explorando fenômenos psíquicos, como também tinha investido uma quantidade absurda de dinheiro em um programa de reprodução, disfarçado de uma clínica de barriga de aluguel, chamada *Creative Adoptive Solutions*.

Beau teve receio de que Ari fosse um produto desse programa de

reprodução; ou, pior ainda, graças à grande habilidade de Eliza como hacker, ao investigar mais a fundo, ela descobriu um registro confuso e bem disfarçado de "investimentos" substanciais na fundação, feitos por ninguém menos que Franklin Devereaux. Como Beau explicaria a Ari que ela não só era fruto de uma experiência de procriação, mas que o pai dele também tinha um papel importante no financiamento daquelas "pesquisas"? Subitamente, o envolvimento de Gavin Rochester – e sua subsequente visita a Franklin Devereaux apenas um dia antes de seus pais morrerem de forma bastante suspeita – parecia não só plausível, como também era bastante provável.

Tanto o pai de Ari como o de Beau não eram exemplos de valores do capitalismo e de pessoas que haviam se tornado bem-sucedidas à moda antiga – matando-se de trabalhar e fazendo por merecer. Não… esses dois homens estavam tão envolvidos em negociatas escusas que jamais resistiriam a uma investigação bem-feita, por mais que tivessem coberto bem seus rastros. A questão era saber se o pai de Ari estava envolvido na morte prematura do pai – e da mãe – de Beau. As "coincidências" eram cada vez maiores e bastante surpreendentes. Beau estava enojado com a participação do pai em algo tão doentio e errado. Mas, ao que parecia, quanto mais ele descobria o tipo de homem que seu pai era, mais percebia que estava conhecendo a ponta do iceberg, e só Deus sabia em que outras ações nefastas seu pai estava envolvido.

Beau bufou, porque aquela situação toda era um grande desastre, de proporções épicas. Se os pais de Ari fossem resgatados vivos, precisariam superar a notícia estarrecedora das verdadeiras circunstâncias do nascimento de Ari e o envolvimento de seu pai. Não era possível esperar que ela fosse capaz de perdoar tudo aquilo, e Ari ainda estava se recuperando do choque, após descobrir que não era a filha biológica de Gavin e Ginger Rochester. Essas novas informações poderiam ser demais para uma mulher já à beira do precipício.

"Só estou captando dois sinais de calor agora", Zack disse desapontado. "Eles não se moveram há mais de meia hora. Estão no mesmo ponto, completamente imóveis. Isso me parece muito suspeito."

Beau esbravejou, porque ele não tinha tempo para checar a localização de Ari no complexo, já que eles estavam a poucos segundos de desembarcar. A única escolha dele era entrar e revirar o local de cabeça para baixo até encontrá-la.

Os outros se aprontaram para o desembarque, que iria acontecer a poucos metros de onde as salas estavam localizadas. Era o local mais provável para deixar os prisioneiros, embora agora só fosse possível captar dois sinais de calor,

enquanto antes havia três. Beau devia saber que não seria tão fácil assim. Sua pulsação acelerou quando ouviu que havia três pessoas na mesma cela. Parecia bom demais para ser verdade. Mas Ari tinha estado lá com mais duas pessoas, e o sinal de calor sinalizava que estavam todos vivos. Calor significava vida. Tinham planejado invadir o local metralhando tudo, com a tática de assustar e desorientar, espalhando explosivos pelo local para que os desgraçados não soubessem o que estava havendo e não tivessem ideia de que lado Beau e os outros estavam vindo.

Ele se obrigou a manter a calma. Uma coisa de cada vez. Se os pais de Ari estivessem na cela, eles iriam entrar, garantir a segurança dos dois prisioneiros e levá-los para fora da linha de fogo, e então Beau iria vasculhar aquele local inteiro, até encontrar Ari. Assim que Ari estivesse em segurança, ele estava pouco se lixando para o que aconteceria com os demais. Até onde ele sabia, todas aquelas instalações eram do mal e tinham uma finalidade doentia, e o mundo seria um lugar melhor sem a existência delas. Porque se Ari de fato tinha nascido de algum programa bizarro disfarçado de clínica de barriga de aluguel, então era razoável acreditar que mais pessoas nasceram dessa forma. E se destruir aquele local e acabar com os desgraçados responsáveis por tanta dor e tristeza, iria poupar mais gente de sofrer, então esse era mais um motivo para reduzir tudo aquilo ali a poeira.

Com o helicóptero agora já posicionado, Beau e os demais desceram rapidamente pelas cordas e pularam no chão, enquanto o helicóptero pairava sobre eles, imóvel. Assim que todos desceram, o helicóptero partiu para o ponto de encontro, chamado de “zona de segurança”, um local facilmente defensável e de onde eles poderiam garantir a segurança de Ari e de seus pais.

Completamente paramentados como soldados, eles correram até a parede externa que ficava a duas celas ao lado de onde haviam captado os sinais de calor. Dane e Zack rapidamente posicionaram os explosivos que criariam uma abertura grande o suficiente para entrarem no complexo e, com sorte, sair de lá ao menos com os pais de Ari. Em trinta segundos, os explosivos estavam armados e Dane fez um sinal para que todos buscassem cobertura. Assim que sumiram de vista, Zack acionou o gatilho e uma grande explosão chacoalhou o chão. Um enorme pedaço do muro de pedra simplesmente desapareceu e deu lugar a uma nuvem de poeira e detritos. Antes mesmo que a poeira baixasse, Beau já estava em movimento, e os demais ficaram em posição, se agacharam e passaram pela abertura, entrando naquele edifício que mais parecia um calabouço úmido e sombrio.

A primeira coisa que Beau notou quando saíram da cela e entraram no longo corredor foi o som de tiros, bem perto dali. Merda! Ouviram um grito de mulher, bem agudo, seguido de silêncio. E então mais tiros. O coração de Beau disparou e ele rapidamente gesticulou aos demais para que ficassem prontos. Eles se espalharam e saíram apressadamente pelo corredor na direção do som dos tiros e daquele grito de pavor. Ao menos Beau esperava que fosse de medo e não de dor.

Quando chegaram à cela, que estava com a porta aberta, eles se depararam com um cenário de violência. Gavin Rochester tinha matado dois homens armados e estava sistematicamente espancando o terceiro e último. Quando o homem conseguiu escapar da fúria de Gavin e foi para cima de Ginger, Beau não hesitou. Enfiou uma bala na cabeça do agressor, que caiu feito uma pedra, a poucos centímetros de onde Ginger estava, pálida e paralisada, com olhos arregalados de pânico e medo. Em sua mão, o agressor carregava uma grande faca, que claramente pretendia usar para matar a mãe de Ari. Se não fosse pela súbita aparição de Beau, ele provavelmente teria sido bem-sucedido em seu ataque desesperado. Gavin se virou, com raiva e frieza no olhar, pronto para encarar a nova ameaça. Ele era assustador, mesmo perdendo sangue por causa de vários ferimentos.

“Para trás!”, Dane exclamou. “Nós estamos do seu lado.”

Beau deu um passo à frente, tomando o cuidado de não estimular nenhuma reação de Gavin, que claramente estava decidido a proteger sua esposa de qualquer mal.

“Ari veio até nós”, Beau disse com uma voz calma. “Eu sou Beau Devereaux e estes são meus homens. Precisamos tirar vocês daqui, agora.”

Gavin ficou visivelmente relaxado, e um medo intenso tomou o lugar de sua raiva. Ginger correu até seus braços gritando e enfiou o rosto no peito dele, estremecendo da cabeça aos pés com um choro soluçado. Gavin carinhosamente segurou a cabeça da esposa com a mão e a abraçou com força. Ele olhou para Beau, com toda sua agonia, medo e tensão refletidos no olhar. Beau quase sentiu fisicamente a dor expressa no rosto daquele homem.

“Ari”, Gavin disse com a voz rouca. “Você precisa encontrá-la. Salve-a. Ela se deixou ser levada, ela queria ser levada porque está planejando destruir esse lugar inteiro. Ela nos orientou a ficar parados no mesmo lugar, para que pudesse nos proteger. Como Ari fez isso, não faço ideia, mas ela ergueu uma espécie de campo de força ao nosso redor. Os desgraçados abriam fogo contra nós, mas as balas simplesmente ricochetearam.”

O tom de sua voz era de incredulidade, mas Beau apenas assentiu, porque nada do que Gavin falou o surpreendia. Ele já tinha testemunhado em primeira mão o quanto Ari era poderosa. Mas Beau sentiu o medo correr por sua coluna, porque era evidente que o escudo protetor de Ari tinha sido *rompido*, o que significava que ela devia ter vacilado em algum momento. Ele ignorou os pensamentos mortificantes e amedrontadores de que Ari pudesse estar incapacitada de alguma forma. Ele não podia – nem iria – seguir nessa direção.

"Há muito o que você não sabe sobre os poderes de sua filha, senhor", Beau disse. "Agora, precisamos ir e eu quero que o senhor me diga absolutamente tudo o que sabe, para que possamos encontrar Ari. Mas devem sair daqui e ficar em segurança."

Quando Gavin começou a retrucar, Beau o fez se calar imediatamente.

"Com todo o respeito, senhor, se o senhor ama sua filha, se quer vê-la sã e salva, então é melhor sair junto com meus homens e ficar fora do caminho. Não podemos nos permitir nenhuma distração ou entraves, e o senhor seria ambos. Deixe que vamos fazer nosso trabalho. Eu *não* vou descansar enquanto não resgatar Ari."

A última frase foi dita de forma bastante intensa. Não eram as palavras de um homem que simplesmente estava fazendo seu trabalho. Havia toda uma infinidade de emoções por trás daquelas palavras que saíram dos lábios de Beau, que refletiam tanto seu coração pesado como sua determinação incessante de encontrar Ari.

Gavin hesitou por um momento, em reação às palavras usadas por Beau, e então o encarou com firmeza. Ele apertou os olhos, quase como se estivesse tentando entender o interesse de Beau, se era apenas profissional ou se era… pessoal. Ginger também olhou para ele, virando-se para encarar o homem que declarou que iria salvar sua filha. Ela continuou analisando Beau mesmo depois dos homens os cercarem e começarem a direcioná-los para a porta. Ginger parou quando estavam passando por Beau, fazendo um gesto para se livrar dos homens que tentavam fazê-la andar rapidamente. Ela esticou o braço e tocou o braço de Beau com gentileza.

"O que minha filha é para você, senhor Devereaux?", ela perguntou calmamente.

"Ela é *tudo*", Beau respondeu sem meias-palavras, sem tentar esconder sua própria vulnerabilidade nem a abundância de emoções que, ele tinha certeza, seus olhos deviam estar refletindo.

Beau deveria ter ficado constrangido de fazer uma declaração tão aberta e

pessoal diante de duas pessoas que lhe eram completamente estranhas, bem como diante de toda a sua equipe da DSS. Mas não estava nem aí, porque caramba, ela era tudo *mesmo*. Ari era tudo para ele. Sem ela, sua vida seria incompleta e ele não se importava com mais nada. Ginger apertou o braço de Beau e então, para a surpresa dele, ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo no rosto.

“Acho que minha filha não poderia estar em melhores mãos”, ela sussurrou. “Traga-a de volta para mim, senhor Devereaux. Estou implorando, traga nosso bebê de volta para nós.”

Beau tocou gentilmente o cotovelo dela, guiando-a em direção ao corredor, para que pudessem ser levados a algum lugar seguro.

“Eu *vou* trazê-la de volta”, Beau garantiu, incluindo o pai de Ari em seu olhar, um olhar cheio de firmeza e determinação. “Vocês têm minha palavra.”

Quando chegaram à cela onde os explosivos haviam aberto um buraco na parede, o chão começou a tremer e a balançar, e Ginger perdeu o equilíbrio e quase caiu. Gavin conseguiu segurá-la e trazê-la para junto de si, enquanto todos olhavam ao redor, atônitos. O edifício inteiro começou a chacoalhar. As paredes estavam vibrando, a poeira do chão se levantou em rodopios, objetos começaram a voar pelo ar em um movimento circular, que lembrava um tornado. Ao longe, era possível ouvir sons de objetos se estilhaçando e se quebrando. E também gritos desesperados de medo, abafados por mais tremores. O som de homens gritando de medo e *dor* fez Beau sentir um frio percorrer sua coluna. Mais uma vez, o chão literalmente se moveu sob os pés deles. Uma rachadura apareceu na parede de concreto e foi se ampliando até o chão, ficando maior e mais larga. E depois ainda mais. Como se fosse uma teia de aranha, pequenas rachaduras apareciam no chão e percorriam em todas as direções. Era como se estivessem no meio de um verdadeiro *terremoto*; um dos *grandes*.

Beau estava ficando cada vez mais preocupado e ele olhou ansioso na direção de Zack. A expressão no rosto de Dane ficou sombria, quando ele e os demais perceberam o que estava acontecendo. Somente os pais de Ari ainda estavam perplexos e incertos do que estava havendo. Mas todos os outros já sabiam. Ari tinha libertado seus poderes e aquilo era só o começo. Beau sabia que ninguém jamais havia testado os poderes de Ari para ver até onde iam, e também que ela era capaz de muito mais coisas do que demonstrou naquele curto período de tempo.

“Ah, merda”, Beau exclamou.

“O quê?”, Gavin perguntou.

“O que está acontecendo?”, Ginger gritou.

O desespero no olhar dos dois era evidente. Havia medo e preocupação por sua filha. Eles não faziam ideia do que Ari era capaz, tinham visto apenas uma pequena amostra da verdadeira extensão dos poderes dela. Caramba, até mesmo Beau tinha certeza de que só via a ponta do iceberg e, agora, com seus poderes completamente sem freios, a fúria de Ari seria um evento aterrador. Com a ameaça à vida dos pais no meio de tudo aquilo, o ódio de Ari não teria limites e ela faria qualquer coisa para salvar as pessoas que amava. E Beau estava apavorado por ela, porque – embora ela estivesse cada vez mais confiante e ficando mais acostumada a se concentrar e usar suas incríveis habilidades – Ari ficava extremamente vulnerável em seguida. Ela poderia morrer por alguma hemorragia cerebral ou sofrer um derrame do qual jamais se recuperasse. As probabilidades de sofrer uma lesão grave eram extremamente altas e, a menos que Beau a encontrasse depressa, não haveria nada que ele pudesse fazer para salvá-la.

“Que diabos está acontecendo?”, Gavin esbravejou. “Minha filha está em perigo?”

Beau olhou para Gavin depois que eles passaram pelo buraco na parede e estavam do lado de fora do edifício que não parava de tremer. O chão estava coberto com destroços do teto, vidro estilhaçado de janelas quebradas e até mesmo de pedaços do muro de pedra. Ari estava derrubando o edifício e tudo que estivesse em seu caminho. Iria derrubar tudo com ela *dentro*.

“Senhor… sua filha *é* o perigo.”

TRINTA E CINCO

Beau precisou de minutos preciosos – minutos que eles não tinham – para convencer, ou melhor, ordenar que Gavin Rochester ficasse no ponto de encontro junto de sua esposa, o piloto e uma Eliza bastante relutante e contrariada. Dane insistiu que Eliza ficasse ali e ela não gostou nem um pouco. Seu olhar soltava faísca, e Beau escutou diversos palavrões saírem de sua boca. Mas, quando Dane explicou que era preciso haver pelo menos duas pessoas no local para proteger não apenas os Rochester, mas também o helicóptero, porque, se fosse danificado, eles estariam completamente perdidos no meio do deserto, Eliza – de má vontade – acabou cedendo. Ainda assim, Beau conseguia sentir o olhar fuzilante dela enquanto ele, Zack, Dane, Cap e Isaac voltavam rapidamente para o interior do complexo.

Zack caminhava à frente, ao lado de Beau, puxando a localização de Ari no monitor e também apontando os outros sinais de calor que havia no local. Beau arregalou os olhos quando viu o monitor piscar e mostrar os resultados.

“Mas que merda está acontecendo?”, Beau perguntou incrédulo.

Dane se aproximou de Zack pelo outro lado para observar o aparelho e também soltou um assobio, espantado.

“Parece que sua gata está mesmo furiosa”, Zack comentou.

Quando antes havia pelo menos cinquenta sinais de calor dentro do edifício, agora havia pouco mais de uma dúzia. Como Beau havia notado antes, calor significava vida e, bem, a menos que o aparelho estivesse com defeitos, Ari estava causando um massacre. Ela matou três-quartos dos homens responsáveis por manter seus pais – e ela – prisioneiros.

“Ari está aqui”, Zack disse, apontando para uma luz piscante, ao final de um longo corredor. “Como você pode ver, há três fontes de calor aqui. Mas não há nenhuma entre a cela onde ela e seus pais estavam e o local onde ela está agora. O que significa que ela está ceifando todo mundo no caminho.”

“E não há nenhum sinal de calor ali”, Dane murmurou, apontando para um dos corredores onde não havia nenhuma fonte de calor.

“O restante deles está aqui”, Zack apontou para uma área onde estavam

concentrados dez pontos, um sobre o outro, no monitor. “Se tivermos sorte, podemos descer por aquele primeiro corredor que cruza o complexo e vai dar na sala onde Ari está, e eliminarmos esses dois ou três pontos de calor que estão lá com ela. Então nós a pegamos e damos o fora daqui antes que os outros decidam sair atrás de nós.”

“Parece um bom plano para mim”, Beau murmurou.

Beau normalmente era mais proativo no planejamento das missões, calculando até os menores detalhes. Mas estava sem a menor objetividade naquele momento e sabia disso. Também sabia que não podia confiar em si mesmo para tomar decisões sérias, sem envolvimento emocional. Isso não iria acontecer com a vida de Ari em jogo. Então ele permitiu que Zack liderasse à vontade, o que provavelmente não caiu bem com Dane, mas se isso o incomodou de alguma forma, ele não demonstrou. Tudo o que exibiu foi sua determinação habitual para ver a missão cumprida e bem-sucedida. Beau apreciava essa característica em particular de Dane; agora mais do que nunca. Porque aquela missão tinha uma importância profunda e pessoal para ele, e se algo desse errado, Beau estaria perdido.

Quando estavam chegando perto do muro das celas da prisão, o telhado inclinado no meio do complexo simplesmente desabou, e as chamas se elevaram, muito altas, em direção ao céu. A fumaça subia formando nuvens negras e o fogo começou a consumir o resto do telhado. Cinzas, brasa e detritos em chamas caíam sobre eles com violência, atingindo-os como se fosse uma chuva de granizo.

“Sua garota está causando um estrago federal aqui”, Zack disse, com um tom de admiração na voz. “Acho que estou apaixonado por ela.”

Beau simplesmente observava enquanto se aproximavam, agora mais preocupado que nunca. Eles começaram a andar mais rápido, e logo estavam correndo a toda velocidade.

O grupo passou pelo buraco na parede e se dirigiu em fila até o corredor. Dane e Capshaw cobriram a retaguarda dos demais, virando e caminhando de costas, com as armas apontadas, atentos para qualquer movimentação no corredor atrás deles. Quando chegaram até a entrada que dava para uma grande sala circular, com uma cúpula de vidro, eles pararam apenas para conferir se a posição de Ari não tinha mudado e para não correr o risco de encontrarem nenhuma surpresa. Aquela área do complexo, quase toda desocupada, provavelmente em alguma época tinha sido ou uma enfermagem ou então um local de recepção, com os corredores cada um dando origem a diferentes alas do

que então era um hospital. Obviamente, as ameaças mais sérias para a sociedade ficavam naquelas celas imundas e nojentas. Beau ficava perturbado por saber que as pessoas poderiam ser tratadas de forma tão desumana. Mesmo que os criminosos fossem o pior tipo de ser humano. Ali, eles eram reduzidos a qualquer coisa que eliminasse até o menor traço de humanidade. A maioria dos abrigos de animais e, caramba, até as prisões modernas, ofereciam condições melhores. Mas a verdade era que os desgraçados que pegaram Ari, que jogaram os pais dela em uma cela minúscula, em condições deploráveis, mereciam coisa muito pior. Assim, Beau decidiu reservar seu julgamento para o futuro, antes de sair oferecendo sua compaixão para qualquer um.

"Temos um problema", Zack disse preocupado. Ele deu meia-volta, para observar o corredor que levava ao canto inferior direito do complexo. "Estou vendo movimentação na ala norte. Estão vindo nesta direção."

Dane ficou tenso e imediatamente mudou de posição, para ficar com uma arma em cada mão. Em seguida, ele acenou com a cabeça para Cap e Isaac. Então, disse a Beau e Zack:

"Vão lá e peguem Ari. Nós vamos garantir a cobertura aqui e não vamos deixar ninguém passar por nós. Mas só nos avisem quando estiverem voltando, para nenhum de vocês tomar um tiro bem no meio das pernas."

"Valeu", Zack respondeu irônico. "Eu prefiro continuar com minhas bolas do jeito que estão."

Incansável, Beau começou a seguir pelo corredor, em direção à Ari, em direção à sua *vida*, e Zack que o acompanhasse. Ou não… Ele não iria esperar mais nem um minuto. Beau confiava em Dane e nos outros para repelir os inimigos que estavam vindo atrás deles, por tempo o suficiente para conseguirem pegar Ari e dar o fora dali.

Assim que eles deram dois passos no corredor, o chão tremeu e vibrou como se ondas gigantescas estivessem passando debaixo dos pés deles. As paredes chacoalharam, derrubando quadros já tortos, no chão de ladrilhos. O teto e as vigas rangiam e estalavam, remexendo quase como se o edifício inteiro estivesse se movendo. O som daquilo tudo era ameaçador, sinal de um colapso iminente.

Confiando na tecnologia de reconhecimento de Zack, Beau saiu correndo em direção ao fim do corredor – até a porta fechada atrás da qual estava Ari –, sem prestar atenção nas salas vazias que se enfileiravam em ambos os lados. Zack vinha próximo, atrás dele, com armas nas duas mãos, braços esticados, e um olhar atento que não deixava nada passar. Beau sabia que estava sendo desleixado, mas contava com seu parceiro para lhe dar cobertura e salvar seu

couro. Zack nunca tinha falhado com ele no curto tempo em que se conheciam.

Beau desacelerou o suficiente para Zack chegar, para que eles pudessem chutar a porta. Mas antes que fizessem qualquer gesto nesse sentido, a porta se estilhaçou, soltando-se das dobradiças e voando pelo corredor aos pedaços. Mal tiveram tempo de se agachar e evitar que suas cabeças fossem arrancadas pelos pedaços da porta.

“No chão!”, Zack gritou e empurrou Beau quando ele começava a se levantar novamente.

Um homem passou voando pelo corredor, atingindo a parede oposta, abrindo um buraco na divisória, deixando um rombo que mais parecia a entrada de uma caverna.

“Puta *merda*”, Beau disse completamente em choque. “Ela está acabando com eles mesmo!”

“Hãhã… pois é. Como foi que você descobriu isso? Com quase quarenta sinais de calor desaparecendo de repente? Ah, espera, a gente precisa anotar esse aí no placar. Ari: 38. Bandidos: 10. Ou talvez tenha sido aquele buraco gigantesco com chamas infernais que ela abriu no teto, que mais parecia um vulcão em erupção. Ou talvez…”

“Já entendi”, Beau murmurou. “Espertinho.”

Zack deu uma risadinha em voz baixa e começou a se levantar lentamente. O riso desapareceu do rosto dele, ao ver o que estava acontecendo dentro da sala.

“Beau”, Zack murmurou. “Você precisa entrar lá. Agora.”

TRINTA E SEIS

O sorrisinho sarcástico do capanga tinha sumido agora. Se antes ele tinha presumido, arrogantemente, que Ari não teria coragem de matar alguém de verdade, agora seu rosto estava marcado pela incerteza e havia um medo intenso em seus olhos. Isso era bom.

Porque Ari estava mais séria do que nunca e já não havia mais qualquer hesitação que ela pudesse ter em relação a matar os desgraçados que assassinaram seus pais e se livraram de seus corpos como se eles fossem lixo. O sangue nas veias de Ari estava fervendo e borbulhando de ódio, latejando e reverberando por todo seu corpo.

“O que você fez com eles?”, ela perguntou, com um tom de voz tão frio que era possível sentir a temperatura na sala baixar.

Ele a olhou intrigado por um momento e então, seu rosto se contraiu de dor, quando Ari aplicou pressão sobre sua garganta, interrompendo temporariamente sua respiração. Ele estava preso com firmeza ao teto, incapaz de se mover, paralisado, sem a menor chance de machucá-la.

“Me diga o que você fez com eles ou, juro por Deus, você vai ter uma morte lenta e angustiante. Vou fazer você implorar para morrer logo e acabar com isso”, Ari disse com uma voz suave e ameaçadora.

Ela aliviou a pressão na garganta dele, mas apertou seus testículos dolorosamente, até o rosto dele se transformar em uma verdadeira máscara de dor.

“Não sei do que você está falando”, ele conseguiu falar entredentes, com a mandíbula cerrada e contraída, enquanto tentava respirar em meio à tortura que Ari lhe infligia. “Você viu o mesmo que eu. Aquela merda de vodu que você fez inutilizou as balas.”

O esforço mental estava rapidamente consumindo as forças de Ari e a deixando esgotada. O sangue não parava de escorrer pelo seu nariz e ela conseguia sentir seu pescoço ser encharcado por ele. Ari limpou o nariz com o braço, e acabou espalhando um pouco sobre os lábios. O sabor do próprio sangue em sua boca era metálico, nauseante. O chão sob os pés dela estava

sendo afetado pela energia psíquica emitida por Ari, que o fazia vibrar e entortar, criando pequenas rachaduras, que iam ficando cada vez maiores.

Um rangido assustador se fez ouvir na sala, como se o edifício inteiro já estivesse dando sinais de desgaste e deterioração. As lâmpadas estouraram, espalhando estilhaços e cacos de vidro por todas as direções. Alguns chegaram a atingir Ari, mas ela ignorava tudo, sem jamais tirar o foco do homem que estava sobre ela. O local inteiro estava reagindo à energia violenta e incansável que emanava de Ari e ao redor dela. Sua pele estava arrepiada, como se o ar estivesse carregado e uma corrente elétrica fluísse em ciclos. Ari sentia-se… sobrenatural. Ela parecia a personagem de um filme de fantasia, magia ou bruxaria. Qualquer uma dessas categorias servia. Naquele momento, sentia seu poder emanar tão forte, que ela quase caiu de joelhos. Seu poder a preenchia e a consumia, era algo intenso e arrebatador. Jamais havia se sentido tão forte, tão capaz de realizar qualquer coisa, por mais impossível que parecesse. Sua coluna se enrijeceu e ela endireitou o corpo, completamente determinada e disposta a fazer o que fosse preciso.

Uma dor espinhosa perfurava sua cabeça e seu corpo, como se seus ossos estivessem se partindo. O sangue escorria por seus orifícios, e ela só conseguia imaginar como sua aparência devia estar pavorosa. Ari torcia muito para aquele desgraçado preso no teto estar aterrorizado com seus incríveis poderes. Algumas das emoções que ela estava sentindo deviam estar claramente visíveis aos outros, porque o rosto do capanga ficou branco como uma folha de papel e ele olhava para Ari como se já soubesse qual seria seu destino.

“É, seu bostinha”, ela sussurrou com uma voz aterradora. “Aceite seu destino e aceite a humilhação de ter sido derrotado por uma ‘vadiazinha’, como você mesmo disse. Bem, essa vadia vai te mandar diretamente para o inferno.”

“Ari!”

Ela estremeceu com o som alto e, instintivamente, deu um passo para trás, antes de perceber quem é que a estava chamando pelo nome. Ari se virou, tomada pelo alívio, e viu Beau na entrada da sala, com os olhos cheios de pavor. Zack correu para ficar ao lado dele e imediatamente apontou sua arma para o homem no teto.

“Ele é meu”, Ari disse, com uma voz que estalava pela sala como se fosse um chicote.

“Ari, querida”, Beau disse com tom de voz tranquilizante. “Precisamos tirar você daqui antes que esse lugar fique totalmente em chamas ou então que acabe desabando sobre nossas cabeças.”

Ari ficou com os olhos marejados e ela não sabia ao certo se eram lágrimas ou sangue que estavam correndo. Talvez fosse os dois.

“Ele os matou”, ela disse com a voz rouca. “Ele matou meus pais! Ordenou que fossem executados enquanto eu estava aqui. E, ah, meu Deus, eu tinha criado uma barreira de proteção em volta deles, mas acabei desviando meu foco e o escudo desapareceu. Depois eu vi o sangue deles!”

Beau ficou de olhos arregalados. Ele e Zack trocaram um rápido olhar, e Beau sussurrou um palavrão.

“Ari, eles não estão mortos.”

“Eu *vi*!”, ela gritou. “Não tente me enganar. Não minta só para me convencer a ir embora com você. Não vou sair daqui até o último desses desgraçados estar morto.”

“Ari, eles não estão mortos”, Zack disse com a voz firme. Ao contrário do tom tranquilizante usado por Beau, ele olhava para Ari com o rosto completamente sério. “Nós os tiramos da cela. O sangue que você viu era dos dois guardas que seu pai matou. Beau deu um tiro no terceiro guarda, quando ele foi para cima da sua mãe. Seus pais estão bem, eu juro para você. Eles estão em segurança, esperando por você. Os dois estão morrendo de preocupação e apavorados que alguma coisa possa te acontecer. Deixe isso aqui para trás, para podermos levá-la até seus pais. Assim você vai vê-los por si mesma, para que perceba que não estamos mentindo.”

Ari piscou e ficou boquiaberta, e um pouco da sua raiva e de suas terríveis ideias de violência e destruição foram sumindo enquanto ela avaliava até que ponto Zack estava sendo sincero.

“Eles estão *vivos*?”, ela sussurrou.

Beau deu um passo adiante. Foi um movimento hesitante, como se ele estivesse com medo de tocar em Ari. Como se estivesse com medo de que ela fosse quebrar.

“Sim, querida, eles estão vivos”, Beau disse em voz baixa. “Você os protegeu. Sua barreira evitou que eles fossem atingidos pelos tiros. E depois que o escudo sumiu, seu pai matou dois dos guardas de uma maneira bastante impressionante. Eles estão em segurança e aguardando você, e como Zack disse, eles estão morrendo de preocupação, porque você se sacrificou por eles. Não faça nada agora que vá deixá-los tristes pelo resto da vida, que vá deixá-los sentindo-se culpados pelo fato de você ter sacrificado sua vida por eles. Não vá *me* deixar triste por ter perdido você.”

Ele alisou o braço de Ari de baixo para cima, passou a mão por seu ombro e

chegou até a nuca. Então Beau a puxou gentilmente para junto de si.

“Por favor, Ari. Venha comigo”, ele implorou em voz baixa. “O prédio já está destruído, ele não vai aguentar mais muito tempo. Dane, Capshaw e Isaac já estão cuidando dos poucos homens que você ainda não eliminou. Está tudo acabado. Você acabou com eles e garantiu que ninguém jamais vá usar este lugar para fazer o mal novamente.”

“Ainda tem mais um”, Ari respondeu com frieza. “E eu tenho contas para acertar com ele, de qualquer forma. Ele é o desgraçado que tentou me dopar na manhã em que meus pais desapareceram.”

Beau olhou com frieza para o homem que estava pendurado indefeso no teto. Em seguida, mais um tremor chacoalhou o complexo inteiro, balançando cadeiras, móveis e as próprias fundações do local. Ao longe, era possível ouvir o som de paredes se quebrando, um som que estava ficando cada vez mais próximo. De fato, Beau estava certo. O prédio estava desabando inteiro, graças ao ódio avassalador e à energia psíquica de Ari.

“Deixe-o aqui”, Beau disse, entrelaçando sua mão com a dela. “Deixe-o para morrer aqui quando tudo desabar em cima dele. Ele não merece uma morte rápida e piedosa.”

Ainda assim, Ari hesitou porque o gosto doce da vingança ainda estava forte em sua boca. Então, um desabamento causou um barulho ensurdecedor, seguido de um grito, em meio aos destroços que se amontoavam, chamando por Beau.

“Vamos nessa!”, Zack exclamou. “Você está disposta a matar todos nós só para conseguir se vingar, Ari?”

Beau olhou irritado para Zack, e Ari percebeu que ele ia repreendê-lo. Ela apertou a mão de Beau.

“Ele está certo, Beau. Eu não estou vendo as coisas com clareza, me desculpe. A última coisa que quero é que alguém morra por causa do meu ódio e da minha sede de vingança.”

Beau a abraçou pela cintura com firmeza e a guiou em direção à entrada da sala. Ou ao que havia restado dela. Quando a adrenalina começou a reduzir, os joelhos de Ari começaram a bambear e seu corpo todo estremeceu. Suas pernas cederam e Beau precisou segurá-la para impedir que ela caísse no chão.

“Estou bem”, Ari disse entredentes. “Eu vou conseguir. Você vai precisar ter as mãos livres.”

“Você *não* está nada bem”, Beau retrucou. “Você não tem noção de como sua aparência está péssima, Ari. Você me deixou completamente em pânico quando a vi lá atrás. Meu Deus. Pensei que tinha chegado tarde demais. Não consigo

acreditar que você ainda está em pé depois de ter sangrado tanto. A primeira coisa que vamos fazer assim que escaparmos desse fim de mundo é levá-la para um hospital.”

Eles correram pelo corredor, em meio aos gritos de Dane para que Beau se apressasse. Ari sabia que estava atrasando todo mundo, mas Beau se recusou a soltá-la. Eles já estavam vendo Dane e os dois homens ao lado dele, quando a parede de um lado do corredor explodiu com violência, cuspindo entulho sobre eles. Houve um estrondo e Ari se viu ser arremessada para trás, e Beau a segurou para absorver o impacto de sua queda. O teto inteiro, junto com o segundo andar, desabou e bloqueou o caminho até onde estavam Dane e os outros.

“Zack?”, Beau gritou preocupado.

“Estou aqui. Estou bem.”

Em seguida, Beau segurou o rosto de Ari com as mãos. Ela estava sobre ele, Beau caiu por baixo para impedir que ela se ferisse. Ela a olhou com bastante preocupação.

“Está tudo bem com você? Você se machucou em algum lugar?”

Ari fez uma careta.

“Estou machucada no corpo inteiro, mas nada que esteja relacionado com esse incidente em particular. Estou bem, Beau.”

“Vamos precisar sair de alguma outra forma”, Zack disse sério.

“O quê?”, Ari perguntou incrédula. “Eu consigo passar por isso aí. Com certeza já fiz coisas muito mais difíceis.”

“Não”, os dois homens responderam ao mesmo tempo.

Ari balançou a cabeça, certamente ela não estava compreendendo alguma coisa.

“Você não vai aguentar muito mais, Ari. Até um idiota pode enxergar isso. Você está acabada, esgotada. Se sofrer mais algum sangramento, não quero nem imaginar o que vai te acontecer. Se para você tanto faz, para mim não. Eu prefiro que você não acabe em estado vegetativo pelo resto da vida.”

“Ah, pelo amor de Deus”, ela murmurou. “E como você propõe sair de ‘outra’ forma, se não vai me deixar usar meus poderes?”

“Nós vamos abrir um buraco em uma das paredes externas, para podermos sair sem que a estrutura interior desabe sobre nossas cabeças”, Beau respondeu pacientemente.

Ari bufou.

“Que seja. Vamos fazer isso, então. Quero ver meus pais.”

Eles se levantaram de onde tinham caído e Zack foi na frente, com Ari entre

os dois. Ela deveria ir na frente. Para Ari, não fazia sentido homens vulneráveis a tiros de armas de fogo estarem na linha de frente, em vez de serem liderados por uma mulher imune a ataques. Mas ela não quis gastar saliva argumentando, porque, primeiro: jamais iriam concordar com ela e perderiam um tempo precioso batendo cabeça. E, em segundo lugar, Ari só queria que tudo aquilo acabasse logo, para poder ver pessoalmente que seus pais estavam bem. Pelo menos Beau dessa vez a deixou andar sozinha, no seu ritmo, e Ari estava decidida a não atrasar o grupo de maneira alguma, por isso ela resistiu à dor angustiante e ao cansaço extremo que sentia, e ficou bem no encalço de Zack o tempo todo. Eles entraram na última sala antes da câmara onde Ari tinha feito o capanga brincar de Homem-Aranha. Zack imediatamente foi até a parede no canto oposto e começou a posicionar explosivos plásticos em diversos pontos dela.

"Isso aí não vai abrir um buraco que vai dar para o corredor das celas e da prisão?", Beau perguntou preocupado.

Zack meneou a cabeça, sem tirar os olhos da tarefa que estava executando, em nenhum momento.

"As últimas três salas neste corredor acabam se estendendo para além das dependências onde ficam as celas. Quando abrirmos um buraco nesta parece, vamos estar do lado de fora."

"Por mim, tudo bem. Vamos logo", Beau pediu.

"Afastem-se e busquem cobertura", Zack orientou.

Beau foi se proteger atrás de uma ilha central de cozinha, que parecia ser bem sólida e era feita de aço, e arrastou Ari junto de si. Beau ficou de cócoras, mas Ari era bem mais baixa e simplesmente ficou meio agachada ao lado dele, apoiando-se em seu ombro esquerdo para manter o equilíbrio.

Ari sentiu nessa hora um arrepio assustador, que eriçou todos os pelos de seu corpo. Um frio percorreu sua coluna de cima a baixo e revirou seu estômago. Assim como antes, quando pressentiu uma ameaça imediata contra ela, se jogou no chão e aplicou a rasteira, defendendo-se instintivamente de um agressor que ainda não tinha visto, Ari sabia que o perigo era iminente. Ela virou a cabeça para olhar para trás, porque ali era o único local onde poderia haver perigo. O único local que não estava em seu campo de visão. Ari gelou, e o mundo inteiro começou a se mover em câmera lenta. Era como se fosse um sonho bizarro em que ela assistia a tudo, mas era incapaz de fazer qualquer outra coisa. O capanga que tinha deixado preso no teto para morrer quando a construção desabasse estava ali parado na porta, de arma em punho, mirando na direção de… *Beau*.

Dessa vez Ari não criou nenhuma barreira de autoproteção de forma espontânea e instintiva, porque *ela* não era o alvo. E também sabia que não tinha tempo para erguer uma defesa em volta de Beau, porque estava fraca demais, sem condição de se concentrar a tempo. Um tiro foi disparado, e Ari fez a única coisa que podia fazer. A única coisa que podia fazer a tempo. Ela se jogou na frente de Beau, de costas para o atirador. Ari agarrou a cabeça de Beau, puxou-a para perto de suas coxas, cobrindo-o da melhor forma que podia, e então fechou os olhos.

TRINTA E SETE

A cabeça de Beau foi puxada de repente para trás, e ele esbravejou em voz alta, bem na hora em que o tiro foi disparado. Aconteceu tudo ao mesmo tempo, e tão rapidamente, que ele não entendeu o que estava havendo. Ari tinha abraçado sua cabeça e seu pescoço com bastante força e o segurava com firmeza junto de suas pernas. E então Beau sentiu que ela se contraiu e ouviu um grito intenso de dor, que afundou seu coração e o deixou paralisado de medo. Oh, Deus. Um tiro. Ari atrás dele. Ari abraçando sua cabeça para protegê-lo nos braços dela. Ari gritando de dor. Não, oh, meu Deus, não! Tudo apontava para uma coisa, e somente uma coisa. Ari tinha se colocado entre ele e quem quer que tivesse atirado.

Zack virou-se assim que escutou o tiro, empunhando a arma e mirando atrás de Beau. Antes que este pudesse olhar para onde o tiro tinha vindo, Zack disparou duas vezes rapidamente e então se levantou na mesma hora.

"Ari foi atingida", Zack disse desnecessariamente.

Beau *sabia* que Ari tinha levado um tiro que era ele o alvo, e ficou completamente desesperado. Pareceu uma eternidade o tempo que levou para se virar e segurá-la nos braços, antes que caísse no chão, quando na verdade tudo aconteceu em uma fração de segundo. O episódio inteiro não demorou mais que dois segundos, mas os reflexos de Beau estavam lentos. Ele estava paralisado de pavor pelo que poderia descobrir ao ver o estrago que o tiro tinha causado.

"Ari!"

Seu grito desesperado quebrou o silêncio sinistro que tinha se abatido no local depois que Zack eliminou o atirador. O rosto de Ari estava pálido, sem vida, e seus olhos estavam vazios e inertes. Ela se virou de lado e desfaleceu completamente nos braços de Beau.

"Oh, meu Deus", ele disse com a voz sufocada. "Ari, querida, por quê? Por que você fez isso? *Por quê*?"

Beau não estava esperando a resposta dela; não tinha importância. Ele sabia muito bem o porquê. Porque era da natureza de Ari colocar os outros antes de si. Era da natureza dela proteger, quando era ela quem precisava de proteção. Se ela

morresse para salvar a vida de Beau, teria sido completamente em vão, porque a vida dele não valia nada se Ari não estivesse presente. Ele a deitou no chão com cuidado, para que pudesse encontrar o ferimento que estava fazendo todo aquele sangue se esvair. O coração de Beau parecia estar prestes a sair pela boca. Ele jamais se viu tomado antes por tamanha onda de desespero e angústia. Jamais sentiu-se tão sozinho como estava se sentindo naquele momento. Beau não podia perdê-la. Não seria capaz de viver sem Ari e já não conseguia se lembrar de como sua vida era *antes* dela. Também não queria imaginar um futuro sem ela ao seu lado. Ari estaria sempre em seu coração, mente, alma e cama. Criando uma família – a família deles – juntos, cercados por amor, um amor que brilhava tão forte quanto o sol. Um amor que brilharia mais que qualquer outra estrela no universo. Não havia uma luz mais brilhante do que Ari. Não para Beau. Ela precisava viver… por ele, ela precisava sobreviver, ou Beau estaria perdido para sempre, eternamente desamparado sem sua luz. Ele viveria na total escuridão e jamais amaria – ou viveria de verdade – novamente.

"Meu Deus", Zack murmurou ao se ajoelhar ao lado de Beau. "Espero mesmo que o tiro não tenha acertado a artéria femoral, senão ela vai perder todo o sangue antes que a gente tenha tempo de levá-la até um hospital."

"Cale essa boca!", Beau esbravejou. "Ela não vai morrer. Eu *não* vou deixar que isso aconteça!"

Ele voltou sua atenção para Ari, que piscava os olhos devagar, suas pálpebras moviam-se debilmente.

"Beau?"

A voz dela estava trêmula, e ela parecia tão fraca que Beau sentiu o terror lhe tocar no fundo da alma.

"Sim, querida, estou aqui", ele disse, tentando manter o pânico afastado de sua voz.

"Você se machucou?", ela perguntou sussurrando bem de leve. "Levou algum tiro?"

Os olhos de Beau queimaram com as lágrimas. Ari estava deitada, quase inconsciente, e ainda assim ela só queria saber se *ele* estava bem ou não. Uma lágrima escorreu por seu rosto, deixando um rastro fino. Em seguida, mais uma lágrima desceu, deixando outro rastro.

Com as mãos trêmulas, Beau acariciou os cabelos de Ari, deu-lhe um beijo na testa e ficou com os lábios parados ali, enquanto tentava se acalmar. Ele inspirava profundamente, tentando amainar as emoções em fúria, para que pudesse estar forte por ela. Tão forte como ela era, forte como ela havia sido por

ele. Beau estava profundamente envergonhado, no fundo de sua alma, por ter sido salvo por Ari e não o contrário. Isso jamais aconteceria novamente. Ele iria protegê-la até seu último suspiro, pelo resto dos seus dias.

"Estou bem", ele disse com dificuldade. "Juro por Deus, Ari, se você alguma vez aprontar esse tipo de coisa novamente, vou trancá-la no quarto e você jamais vai poder sair de lá."

Ari sorriu com dificuldade e sofrimento. Fechou os olhos e seu corpo pareceu afundar para dentro de si.

"Ari!", Beau exclamou em pânico. "Não me deixe. Fique comigo. *Por favor*, fique comigo. Continue acordada, só mais um pouco. Depois você vai poder descansar, eu prometo."

Ele estava implorando e suplicando para Ari, e não se importava nem um pouco. Beau não tinha orgulho nenhum em relação a ela. Faria qualquer coisa para salvá-la. Zack estava disparando várias ordens aos outros pelo rádio, com um tom de voz urgente e severo.

Sem tirar os olhos de Ari nem mesmo por um centésimo de segundo, Beau disse a Zack:

"Estoure logo essa droga de parede para podermos dar o fora daqui. Precisamos levá-la para um hospital o mais rápido possível. Nada mais tem importância. Apenas tire a gente daqui."

"Os explosivos estão em posição, só preciso acionar o detonador. Ari está protegida?"

Embora Zack tivesse feito a pergunta, não esperou pela resposta. Em vez disso, ele se posicionou para proteger a lateral do corpo de Ari, junto com Beau, cobrindo as partes que Beau não estava cobrindo. Em seguida, ativou o detonador, baixando a cabeça para proteger a vista dos detritos que iam voar para todos os lados. Beau fez o mesmo e também puxou o rosto de Ari para junto de seu peito, protegendo sua nuca com a mão e mantendo-a parada no lugar, para que ela não fosse atingida por nada. A explosão sacudiu a sala, o chão, as paredes e as vigas.

"Merda! ", Zack disse com urgência em sua voz. "Precisamos sair daqui *agora*. O teto inteiro vai desabar. Pegue Ari e vamos embora!"

Não era necessário avisar isso para Beau. Ele já estava carregando Ari com firmeza nos braços e se levantou, tomando o cuidado de manter o rosto dela contra seu peito, para que ela não inalasse a fumaça ou a poeira que invadiram a sala como se fossem um furacão.

Assim que passaram pelo buraco na parede, o teto cedeu, desabando como se

fosse uma cascata de dominós. Mais uma nuvem de poeira e fumaça se levantou e os engoliu, o que deixou os dois homens tossindo. O ar ficou mais fresco e limpo à medida que foram se afastando do edifício. Foi uma mudança bem-vinda em relação ao ambiente mofado e opressivo do interior do complexo. Beau inspirava profundamente, em uma tentativa de não apenas limpar o ar de seus pulmões, mas também de clarear sua mente. Seu coração estava pesado demais de preocupação e tristeza, mas ele precisava se manter focado. Até Ari estar bem longe dali, em um hospital, recebendo os cuidados necessários, Beau precisaria estar atento e raciocinando bem.

“Eles vão pousar o helicóptero aqui”, Zack disse. “Ari não iria aguentar a caminhada até o ponto de encontro. Não vai haver espaço para todos nós, então você, Ari e os pais dela vão no helicóptero. O restante de nós vai pegar um dos carros daqui e vamos encontrá-los assim que possível.

“Quero que você vá conosco”, Beau disse com firmeza.

Para Beau, Zack era seu braço-direito, assim como Dane era o de Caleb. Ele confiava em Zack para cuidar de sua retaguarda e da de Ari quando Beau sabia que não estava em sua melhor forma.

“Então eu vou”, Zack disse em voz baixa.

Foi bem assim, sem perguntas nem hesitação. Apenas firmeza e lealdade inabaláveis.

“Obrigado”, Beau respondeu suavemente.

“Você nem precisa pedir.”

“Eu sei. Agradeço por isso.”

Para o alívio de Beau, o helicóptero apareceu, e no ar só se ouvia um leve zumbido indicando sua chegada. Beau já estava indo em direção a ele antes mesmo que pousasse, e ficou esperando enquanto a aeronave tocava o chão devagar. Dane, Capshaw e Isaac rapidamente desceram do helicóptero, enquanto Beau foi entrando com Ari, e Zack vindo logo atrás.

Assim que Beau embarcou, Ginger gritou de ansiedade, e Gavin emitiu diversos palavrões.

“Mas que merda aconteceu com minha filha?”, Gavin esbravejou.

Antes que Beau pudesse responder, Ari começou a mexer os braços e abriu os olhos, cheia de confusão e dor. Em seguida, aqueles olhos multicoloridos ficaram gelados.

“Beau, espere”, ela disse com uma voz mais forte do que alguns momentos antes.

“Não, nós não vamos esperar”, Beau disse enfático. “Você precisa ir para um

hospital agora. Caso tenha esquecido, você tomou um tiro!”

Ginger gritou.

“O quê?”

Ari tentou ficar sentada, mas o braço de Beau a impedia de realizar seu objetivo. Quando percebeu que ela não descansaria enquanto não sentasse, Beau relutantemente levantou o tronco de Ari, tomando o cuidado de ajudá-la a se manter firme com uma das mãos nas costas dela e a outra na cintura. Os olhos dela começaram a brilhar enquanto olhava para o complexo, que estava a poucos metros dali. Ari contraía o rosto de dor e estava se concentrando intensamente. Foi então que Beau percebeu o que ela estava tentando fazer.

“Meu Deus, Ari, não!”, Beau reclamou. “Chega! Eu me recuso a permitir que você se mate por causa disso. Você já tinha perdido sangue demais antes mesmo de tomar o tiro. Vai sofrer um derrame ou um aneurisma.”

Ele olhou para os pais de Ari, suplicante, pedindo seu apoio em silêncio.

“Ari, o que quer que você pense em fazer, por favor não faça”, sua mãe disse carinhosamente. “Por favor, venha para casa conosco.”

Ari meneou a cabeça, e seus olhos ainda estavam brilhando. O sangue começou a escorrer lentamente pelo nariz e pelas orelhas, e sua testa ficou ainda mais franzida. O chão chacoalhou sob o helicóptero, que também sacudiu. Os pais de Ari olharam preocupados para a filha, e Gavin decidiu intervir energeticamente.

“Ari, pare com isso”, ele exigiu. “Não vou permitir que você faça isso. Não vou permitir que se machuque ainda mais. Pelo amor de sua mãe – e pelo meu amor –, por favor *pare*.”

“Eu preciso fazer isso”, Ari respondeu suavemente. “Não posso deixá-los vencer. Eu fiz uma promessa para mim, e preciso cumpri-la. Não posso permitir que outros sofram o que foi feito comigo e com incontáveis outros.”

Em seguida, ela fechou os olhos, como se não quisesse mais ninguém ali. Nem Beau, nem seus pais. Somente seu objetivo. Beau ordenou, enfático, ao piloto que decolasse, esperando que isso fizesse Ari mudar de ideia. Ele já devia saber que isso não iria acontecer. Enquanto o helicóptero subia, pairando no ar antes de voar sobre a construção e ir embora dali de vez, o complexo inteiro foi pelos ares em uma explosão incendiária que formou uma nuvem com a forma de um cogumelo em direção ao céu, lembrando a detonação de uma bomba atômica. Todos no helicóptero observavam, atônitos, o local simplesmente se desintegrar diante dos olhos. Mas Beau estava olhando somente para Ari, e para o sangue que escorria sem parar de seu nariz, olhos e boca. Ele a abraçou com

mais força, embora tivesse tomado o cuidado de não mexer na perna que havia recebido a bala endereçada a ele.

Os olhos de Ari estavam opacos e sem vida. Aquela fagulha que havia neles, que tinha alimentado o pico de energia mental necessária para derrubar todo o complexo, agora não passava de um ponto fraco de luz, que corria o risco de se extinguir. Ari se agitou nos braços de Beau, empurrando-o com fraqueza, como se ela quisesse sentar. Mas não estava em condições de aguentar nem o peso do próprio corpo. Beau a levantou com cuidado, para que Ari pudesse ver seus pais, mas o olhar dela estava vazio. Inexpressivo. Ela estava olhando para além dos ocupantes do helicóptero. Olhava para a enorme bola de fogo que subia ao céu e para a grossa parede de fumaça que cobria todo o local. Seu olhar cansado encontrou Beau. Ari piscava os olhos com fraqueza, como se fosse uma verdadeira luta continuar consciente.

"Já foi?", ela perguntou com a voz rouca. "O local foi destruído?"

Beau engoliu em seco e sentiu sua garganta fechar de emoção.

"Sim, querida. Já era. Você o destruiu, assim como tinha prometido fazer."

"E meus pais?"

Beau rapidamente trocou um olhar preocupado com os pais de Ari, porque os dois estavam sentados bem ao lado dela. Eles a seguraram e tinham conversado com ela, e ainda assim ela não sabia que eles estavam ali? Beau beijou a testa de Ari.

"Seus pais estão bem, mais do que bem. Você os salvou. Eles estão aqui agora com você. Você quer vê-los?"

Ari fechou os olhos e desfaleceu nos braços de Beau.

"Acabou", ela murmurou.

Beau a segurou com mais firmeza nos braços, sentindo o medo gelar seu sangue. Ele a segurava com força, como se assim fosse capaz, de alguma forma, de segurar a alma de Ari ali com ele, naquele local, naquele momento. Porque Beau podia sentir que ela já estava indo embora. Era como se tivesse reunido forças o suficiente para atingir seu objetivo, e agora que conseguiu, ela estivesse se afastando dele a cada segundo que se passava.

"Não, não acabou", Beau disse emocionado. "Eu e você não acabamos, Ari. Nós estamos só começando. Aguente firme! Não ouse desistir. Está me ouvindo? Isso não acabou mesmo!"

Ele pressionou os lábios no topo da cabeça dela, e as lágrimas escorriam quentes por seu rosto.

"Não vá, Ari! Não me deixe. Eu te amo", Beau disse com a voz chorosa.

Ele baixou a cabeça e puxou o corpo de Ari para junto do seu, enquanto tateava o pescoço dela com os dedos, em busca de pulsação. Ela havia perdido muito sangue, sofrido um desgaste mental muito forte. Como alguém poderia sobreviver a tudo aquilo?

A respiração de Ari, tão fraca e irregular, tocava de leve contra a pele de Beau. Então, ela ficou completamente imóvel. Seu peito já não se movia, não havia respiração, não havia pulso. Não havia nada.

“Não!”, Beau gritou furioso, negando o que via com toda a força de sua mente, coração e alma! “Que merda, volte para mim, Ari! Você não pode me deixar. Você jamais vai poder me largar!”

Zack e Gavin conseguiram tirar Ari de Beau e a deitaram no piso do helicóptero para iniciar os procedimentos de reanimação cardiorrespiratória. Mas tudo parecia tão distante, como se nada daquilo estivesse realmente acontecendo. Era como se Beau estivesse apenas observando, curioso, tudo aquilo acontecer com uma pessoa estranha. Só que ela não era estranha. Ari era o mundo todo para ele. Sem ela para viver ao seu lado, não valia a pena levantar de manhã. Ari não estava reagindo às tentativas desesperadas de Zack e de seu pai para trazê-la de volta. Era tudo simplesmente demais e Beau não podia suportar aquilo por mais nem um segundo. Ele se jogou no piso do helicóptero, pegou o corpo inerte de Ari em seus braços e começou a balançá-lo para a frente e para trás, com o rosto afundado nos cabelos dela.

“Não me deixe”, Beau sussurrou. “Por favor, não me abandone, Ari. Continue aqui. Lute por isso, lute por nós. Por favor, não me abandone agora que encontrei a outra metade da minha alma, depois de tanto tempo.”

TRINTA E OITO

Beau caminhava pela sala de espera como se fosse um leão enjaulado, irritadiço, estressado, tão exaurido que qualquer barulho o deixava tenso. Toda vez que algum médico abria a porta, ele ficava atento, torcendo para que fosse alguém trazendo notícias de Ari. Beau não queria ter se separado dela, nem mesmo por um minuto, mas as enfermeiras não se comoveram com suas exigências rudes, súplicas ou ira frustrada. Nem mesmo os pais de Ari receberam permissão de acompanhar a filha lá dentro, onde o médico e outras enfermeiras trabalhavam com agilidade para estabilizá-la. Isso não servia de consolo para Beau, porque ele queria estar lá com Ari, não queria que ela acordasse sozinha e assustada. E a julgar pela expressão preocupada e agitada no rosto dos pais de Ari, eles não estavam em melhores condições do que Beau. Ele fechou os olhos e lembrou-se do aviso que recebeu muito tempo antes: o sonho de Tori. Na verdade, não tinha se passado tanto tempo assim, mas havia acontecido tanta coisa desde então, que ela parece ter tido o sonho havia uma eternidade. Beau coberto de sangue, no chão. Ele tinha razão sobre uma coisa: não era o sangue dele no sonho da irmã. Era o de Ari. Mas Tori não tinha visto algo que já tivesse acontecido. Ela viu o futuro, o destino de Ari.

Dane, Eliza, Capshaw e Isaac chegaram uma hora e meia depois que o helicóptero pousou no hospital. Se a equipe médica ficou surpresa com aquela estranha aeronave, não demonstrou. Todos foram ágeis e eficientes, fazendo seu trabalho, salvando a vida de Ari.

Mas Beau estava preocupado com a quantidade de sangue perdido; parecia ter sido metade do que havia no corpo dela. Só o que Ari perdeu de sangue, com os diversos e incessantes sangramentos psíquicos, seria o suficiente para derrubar qualquer um. E somado a um ferimento a bala, ainda por cima?

O coração de Ari tinha parado e voltado a bater diversas vezes no voo do helicóptero até o hospital. Assim que chegaram, ela foi entubada e precisou ser reanimada novamente. O episódio tinha acontecido horas antes. Por que diabos estava demorando tanto? Será que eles não sabiam que havia pessoas ali morrendo de tanta agonia, sem saber se Ari estava viva ou morta? Era tão difícil

assim dar a eles algum tipo de notícia? Mas, se ela tivesse morrido, provavelmente já teriam avisado. Então Beau encontrou algum consolo no fato de que ninguém tinha vindo ainda para falar do estado de saúde de Ari.

Beau falou com Caleb e Ramie pelo telefone, de hora em hora, desde que chegaram ao hospital. Ramie queria ter ido até lá imediatamente no avião particular de Caleb, mas Beau a convenceu a não fazer isso. Não havia muito o que ela pudesse fazer, e Beau preferia que eles não deixassem Tori sozinha, só com Quinn para protegê-la. A irmã caçula ainda estava bem fragilizada e vulnerável, e sofria com ataques de pânico se ficasse sozinha por mais do que algumas poucas horas. Quinn também tinha ligado, embora seu irmão mais novo ainda nem tivesse conhecido Ari. Pelo jeito, Caleb e Ramie tinham lhe dado as notícias, porque ele estava preocupado com a condição de saúde de sua "futura cunhada". Beau expirou longamente. Se tivesse sorte, Ari não o rejeitaria, mesmo depois de a decepcionar tantas vezes.

"Cara, sente-se um pouco", Zack disse em voz baixa.

Beau levantou a cabeça e o viu parado a seu lado. Ele nem mesmo tinha notado seu braço-direito se aproximando. Zack entregou-lhe um copo de café, que Beau aceitou de bom grado. Estava cansado até não poder mais e precisava de qualquer energia que a cafeína pudesse lhe dar, porque se recusava a até mesmo cogitar a ideia de dormir enquanto não visse pessoalmente que Ari estava fora de perigo.

"Você está acabado", Zack disse sem rodeios. "Você não vai ajudar ninguém, especialmente Ari, zanzando por aqui, deixando todo mundo na sala de espera nervoso. E com certeza não vai ajudar a diminuir a preocupação da mãe de Ari. Você a viu e estava com ela. Os pais dela, não, por isso só vão ficar mais preocupados se virem você nesse estado."

Beau sentiu-se culpado na mesma hora, e olhou de relance para onde os pais de Ari estavam sentados. Ginger tinha apoiado a cabeça no ombro do marido, que a abraçava com firmeza. Os olhos dela estavam inchados e vermelhos de tanto chorar, e havia uma enorme preocupação tanto em seu olhar, como no do marido. Reconhecendo que não estava ajudando em nada agindo daquela forma, Beau sentou e se inclinou no banco, sentindo a fadiga atingir seu corpo, quase dominando-o por completo. Ele deu um gole no café forte, e fez uma careta ao sentir o gosto.

"Eu não disse que era um café *bom*", Zack disse, entretido com a cena. "Mas com certeza você vai receber uma boa dose de cafeína. Acho que isso aí está mais para lodo do que para café."

Beau olhou para o copo e assentiu, franzindo a testa. Em seguida, com um suspiro, ele se obrigou a dar mais um bom gole. Os minutos se passavam com uma lentidão irritante, cada minuto parecia levar uma hora. Beau observava o relógio da parede, e contava cada segundo. O silêncio tinha se abatido sobre a pequena sala de espera, e ninguém parecia disposto a quebrá-lo. Havia meia dúzia de pessoas ocupando o espaço, mas todas se mudaram para os bancos que ficava na parede mais distante, depois que Beau e os outros entraram lá. E ele não podia culpá-los por isso. Beau estava coberto com o sangue de Ari, Gavin tinha sangue seco em diversas partes do corpo em virtude de sua luta com os dois homens que ele matou, e o restante simplesmente parecia estar bastante irritado.

Beau se reclinou no banco, e virou a cabeça para o teto, para se forçar a não ficar olhando para o relógio e evitar a frustração com a lentidão com que o tempo passava. Estava começando a fechar os olhos, quando ouviu a porta da sala de espera abrir. Preparando-se para ficar desapontado – mais uma vez –, ele se levantou. Só que dessa vez, a mulher paramentada em roupas cirúrgicas falou o nome de Ari. Ele caminhou rapidamente pela sala, mas Gavin e Ginger estavam mais perto e se aproximaram ansiosos da enfermeira. A enfermeira franziu a testa ao ver tantas pessoas juntas após mencionar o nome de Ari.

“Sinto muito, mas só os familiares próximos podem entrar.”

Beau ficou ali, atônito. Não iriam deixá-lo entrar? Como assim?

Ele cerrou os punhos com força, e sua vontade era de bater em algo – qualquer coisa servia – para aliviar a raiva violenta que estava fervendo dentro de si. Ele era um verdadeiro caldeirão borbulhante de fúria e sua impaciência tinha chegado ao limite. Antes que pudesse abrir a boca para reclamar com a enfermeira e desafiá-la a tentar mantê-lo longe de Ari, Gavin fez um gesto para Beau com a mão, e o deixou perplexo com o que disse em seguida.

“Vamos lá, garoto.”

Ginger sorriu para a enfermeira.

“Ele é o marido dela… é nosso genro.”

Beau queria se jogar no chão e beijar os pés da “sogra”, e ele teria feito isso se achasse que seria capaz de se levantar. Ficou envergonhado por seus olhos se encherem de lágrimas diante da aceitação incondicional deles. Então assim era ter pais amorosos? Que se comportavam como pais de verdade, que se comportavam da forma como deveriam? Beau nem mesmo conseguiu agradecer enquanto caminhavam pelo corredor, tamanha a emoção que estava sentindo. Para aumentar ainda mais sua surpresa, Ginger deu os braços a ele e caminhou a

seu lado, enquanto a enfermeira ia na frente, até chegarem a um dos quartos.

Ginger lhe deu um pequeno abraço, quase como se soubesse o tamanho das emoções de Beau e o impacto que suas palavras tiveram nele. Meu Deus, tudo que ele queria era dar um abraço nela. A enfermeira hesitou na porta do quarto e Beau sentiu um frio no estômago.

"Ela ainda está meio atordoada por causa dos analgésicos", a enfermeira disse. "Mas está confortável, por ora. O médico vai passar dentro de alguns minutos para fazer um relatório completo da situação dela, mas eu sabia que vocês queriam vê-la o quanto antes."

"Com toda a certeza", Beau disse ríspido.

A enfermeira sorriu.

"Podem entrar, então. Se ela ficar agitada ou alterada, apertem o botão da enfermagem. Até um cirurgião ser consultado e uma decisão ser tomada sobre necessitar de cirurgia ou não, ela precisa ficar parada o máximo possível, porque não arrumamos a perna dela ainda."

"Arrumar?", Beau resmungou. "A perna está quebrada?"

Ginger engoliu em seco e Gavin ficou pálido de preocupação.

"Ela sofreu uma fratura no fêmur, mas a fratura em si não foi tão grave. A violência do impacto da bala deslocou o quadril, e estamos consultando um cirurgião ortopédico para ver se o estrago na cartilagem precisa ser reparado cirurgicamente ou se é possível reverter o deslocamento e ela se curar sozinha."

Beau estremeceu. Aquilo parecia bem doloroso. Mas ele assentiu, só queria que a enfermeira saísse logo da frente para que ele pudesse ver Ari. Seu coração estava palpitando, e ele conseguia ouvir a própria pulsação quando a enfermeira enfim saiu e liberou a entrada. Beau abriu a porta e entrou rapidamente, ultrapassando os pais de Ari, que, ele sabia, estavam tão ansiosos para ver a filha quanto ele. Mas não estavam lá quando Ari tomou um tiro. Quando ela recebeu uma bala que estava endereçada a ele. Não a seguraram enquanto ela estava sangrando, jorrando sangue sobre ele e o chão. Eles não chegaram a achar, dolorosamente, que ela estava… morta. Beau respirou fundo, tentando fazer sumir de sua cabeça aquelas lembranças horríveis. Ele foi diretamente para a cama de Ari e ficou ao lado dela, segurando a mão que estava solta. A outra mão estava com um cateter intravenoso e ela estava ligada a diversos aparelhos. O sangue de Beau gelou quando ele viu um carrinho de ressuscitação ao lado dela. Será que ela teve mais alguma *parada cardíaca*? Não, com certeza eles teriam sido avisados. Talvez a equipe médica simplesmente estivesse se precavendo para o pior, dadas as condições em que ela havia chegado? Beau observou Ari

intensamente, prestando atenção em cada detalhe, observando cada respiração, vendo o peito dela subir e descer suavemente. Dessa vez, seus olhos não ficaram apenas marejados. Dessa vez, as lágrimas escorreram por seu rosto e embaçaram sua visão.

Ari estava viva, e Beau quase ficou de joelhos por isso, pela imensa gratidão por ela estar viva, respirando, e por saber que ela iria se recuperar. E, se Deus quisesse, ela iria se recuperar, junto dele, a todo momento. Os pais de Ari se aproximaram pelo outro lado, e Gavin se inclinou para lhe dar um beijo na testa. Ginger pegou cuidadosamente a mão com o cateter e, naquele momento, Ari estava sendo tocada pelas três pessoas que mais amava no mundo.

“Beau?”, murmurou com uma voz confusa. Ainda bem que não havia dor. Ao menos ela não parecia estar sentindo dor.

“Sim, querida, estou aqui”, Beau respondeu, enxugando as lágrimas com o ombro. Sem chance de ficar chorando sobre ela como se fosse uma criança.

Ari lambeu os lábios e depois os espremeu, como se estivesse tentando tirar um gosto ruim da boca. Mas não, não era isso que ela estava fazendo.

“Me dá um beijo”, ela sussurrou.

Ah, caramba! Atordoada como estava por causa dos remédios, ela não tinha percebido que seus pais estavam bem do lado dela. Mas Beau não permitiria que fosse motivo para não realizar os desejos dela. Ainda mais porque beijá-la era o que ele mais queria fazer naquele momento. Ele se inclinou e a beijou cuidadosamente na boca. Ari suspirou ao toque dos lábios dele. Em seguida, Beau se afastou, embora não quisesse fazer mais nada do que passar as próximas horas simplesmente tocando e beijando Ari, e garantindo para si mesmo que ela estava viva.

“Querida, há duas pessoas aqui que querem muito vê-la”, Beau disse, acariciando o rosto dela com o nó do dedo.

Ari franziu a testa, intrigada, enquanto olhava para Beau. Ela ainda nem tinha se virado para o lado dos pais, que não pareciam incomodados com isso. Ginger estava sorrindo em meio às lágrimas que escorriam por seu rosto, enquanto observava a interação entre Beau e sua filha. Gavin estava levemente carrancudo, mas isso já era esperado. Qual pai que se prezasse ia gostar logo de cara do homem com quem sua filha estava ficando?

“Quem? Aqui?”, ela perguntou desconfiada.

“Aqui, querida”, sua mãe finalmente falou.

Ari virou o rosto depressa e deu um gritinho quando viu tanto a mãe como o pai ali.

“Vocês estão bem”, ela suspirou. “Vocês não morreram!”

Gavin ficou com uma expressão de dúvida.

“Mas por que raios você estava achando isso?”

Sabendo que seria difícil, sem falar cansativo, para Ari contar tudo direito, Beau explicou o que ela viu e acabou presumindo.

“Ah, querida, eu sinto muito”, Ginger disse. “Você não falhou conosco e não vou aceitar que diga isso. Você salvou nossas vidas, porque aqueles homens realmente iriam nos matar. Eles tentaram nos matar. E, bem, quando eles perceberam que a barreira tinha desaparecido, já era tarde demais”, ela acrescentou com pesar. “Seu pai já estava bastante irritado.”

Gavin ficou com a cara fechada.

“Esse é um jeito bem suave de dizer como eu estava.”

Ginger riu e Ari sorriu. E Beau sentiu os joelhos fraquejarem. Caramba, Ari tinha mesmo um sorriso maravilhoso, capaz de iluminar todo aquele quarto e aquecer seu corpo por dentro. Em seguida, Ari ficou sisuda, e a expressão em seu rosto era sombria e completamente séria.

“Mãe, pai, tem uma coisa de que vocês precisam saber.”

Sabendo exatamente o que Ari queria contar aos pais, Beau pegou a mão dela e a beijou.

“Você prefere que eu espere lá fora, enquanto você conversa com seus pais?”, ele perguntou suavemente.

Algo brilhou nos olhos de Ari, e então ela meneou a cabeça.

“Prefiro que você fique. Quer dizer, se você quiser. Se preferir sair…”

Beau pôs o dedo nos lábios de Ari, interrompendo-a no meio da fala. Em seguida, ele a beijou.

“Não tem nada que possa me fazer querer sair, Ari. Eu sempre vou preferir estar com você. Mas quando você quiser privacidade, com certeza é só me pedir.”

Mas ela não pediu, e em vez disso entrelaçou a mão com a de Beau e se virou ansiosa para os pais.

“O que foi, querida?”, Ginger perguntou, com o rosto cheio de preocupação.

Ari respirou fundo.

“Eu sei a verdade. Sei que você e papai me adotaram.”

TRINTA E NOVE

Tanto Ginger quanto Gavin estavam com a mesma expressão de espanto no rosto. O pai ficou pálido, e havia medo nos olhos da mãe. Ari levou a mão que estava com o cateter até a grade da cama, onde seus pais estavam apoiando as mãos, uma sobre a outra. E ela cobriu a mão deles com a sua.

"Como?"

Essa pareceu ter sido a única palavra que sua mãe foi capaz de falar. Ela dava a impressão de estar tão chocada – tão apavorada –, que Ari pensou se não estavam com medo de serem rejeitados, com medo da raiva dela. Talvez achassem que estava desapontada? Mas ela não transmitiria nada disso para eles. A única coisa que ela daria a eles seria seu amor. Bem, havia várias outras coisas também: lealdade, risos. Netos…? Ari olhou de relance para Beau ao pensar nisso. Conseguia se imaginar tendo garotinhos com cabelos escuros iguais aos do pai. Uma bebezinha loirinha e angelical. Ou talvez até mesmo uma filha com os cabelos negros do pai. As possibilidades eram infinitas, e Ari queria uma família grande. Ela só torcia para que Beau compartilhasse metade desse sentimento.

"É uma história complicada", Ari disse com um suspiro. "E vou contar tudo nos mínimos detalhes em algum momento. O importante é que eu sei."

"Nós sentimos muito", seu pai começou a falar, mas Ari o interrompeu imediatamente, sem dar chance a ele de seguir nessa direção.

"A outra coisa importante – na verdade, a única coisa importante – é que eu amo demais vocês dois. E vocês são meus pais, são minha família. Não é o sangue que cria uma família, é o amor."

Essas palavras, sentimentos ou essa epifania – ou o que quer que Ari considerasse – tinham lhe surgido no pior momento possível e agora, ao expressá-los, ela estava tornando tudo aquilo real. Lágrimas começaram a correr pelo rosto de sua mãe, e seu pai virou a cara para que ela não visse a emoção se agitando em seus olhos. Mas Ari conseguiu ver de relance, antes de ele se virar. Beau apertou a mão que segurava a de Ari, apoiando-a em silêncio. Ela esperou que seus pais se recuperassem antes de continuar a dizer qualquer outra coisa.

Quando pareciam ter recuperado o controle, ela continuou:

"No começo fiquei magoada – devastada", ela admitiu. "Odiei a ideia de ser um bebê rejeitado, que ninguém amava, abandonado na porta de alguém para morrer caso não fosse encontrado."

Ari começou a chorar. Apesar de já estar em paz com seu passado, ela ainda se emocionava quando falava nos pais biológicos.

"Ah, querida", sua mãe sussurrou. "Você é tão amada."

Beau pigarreou. Ele claramente queria dizer algo, mas parecia estar em conflito se deveria fazer aquilo ou não. Então ele bufou e passou a mão na cabeça; um sinal de que estava ansioso.

"Ari, na noite em que você foi levada da sala de segurança, quando todos nós saímos de casa para enfrentar a ameaça contra nós… eu tropecei em um corpo. Era um homem que tinha sido completamente espancado. Na verdade, achei que ele nem estivesse mais vivo. Mas então ele falou comigo e me fez prometer contar a você as últimas palavras dele."

Ari ficou com os olhos arregalados de espanto, e seus pais também olhavam para Beau igualmente perplexos.

"Eu?", ela perguntou, atônita com o que Beau tinha acabado de dizer.

Beau respirou fundo e apertou a mão dela, entrelaçando e desentrelaçando os dedos, hesitando por mais uma fração de segundo.

"Ele era seu pai biológico."

"O quê?"

"Oh, meu Deus", Ginger sussurrou.

Gavin permaneceu em silêncio, e seu rosto não exprimia uma única emoção. Ele tinha gelado assim que Beau falou as palavras "pai biológico". Ao menos ele não disse *pai*, porque isso teria sido um insulto ao homem que era o pai de Ari em todos os sentidos, exceto pela ligação de sangue.

"Preciso voltar atrás um pouco", Beau admitiu. "Ele me ligou uns dias antes, pouco tempo depois de você vir atrás de mim procurando ajuda. E ele me alertou, e me contou o que fizeram com sua mãe biológica para conseguir descobrir quem eram seus pais adotivos."

Ari tirou a mão que estava sobre a mão dos pais e a levou até a boca, arfando pesadamente.

"Não vou entrar em detalhes", Beau disse, agoniado. "Não tem por quê. Aquelas pessoas são – eram – uns animais. Mas então, eu não mais falei com ele, nem cheguei a vê-lo até aquela noite, quando o encontrei fora de casa. E ele me fez jurar que eu ia lhe entregar a mensagem dele."

“E qual era a mensagem?”, Ari perguntou curiosa.

“Que ele amava você. Que sua mãe biológica amava você. E que, quando eles descobriram as verdadeiras intenções por trás da fundação de barriga de aluguel que tinha financiado a gravidez de sua mãe biológica, eles fugiram. Os dois quase foram pegos várias vezes, então, depois que você nasceu, eles foram até…”

Beau interrompeu o que dizia e fechou os olhos, como se aquilo fosse machucar mais a ele do que ela.

“Eles foram até meu pai”, ele disse com a voz rouca. “Porque ele era um participante e doador ativo na fundação, e os dois imploraram para que meu pai a aceitasse e a criasse, para que você ficasse em segurança.”

Gavin fechou os olhos quando Beau falou essa última parte e Ari percebeu que aquilo não tinha sido uma surpresa para seu pai.

“Meu pai”, ele disse, com uma ênfase negativa na palavra, “se recusou e, em vez disso, encaminhou seus pais biológicos a… eles.”

Beau apontou para os pais de Ari, depois que terminou de falar.

“Eu fico muito feliz por ele ter feito isso”, Ari respondeu baixinho.

Ela levantou o braço para tocar o queixo de Beau, e deslizou o polegar sobre a maçã do seu rosto.

“Eu não quero nem pensar em nós dois, crescendo como irmãos. Isso ia criar um certo tabu na nossa relação, não?”

E então ela se lamentou.

“Ah, meu Deus. Esqueçam o que eu disse. Não foi bem isso o que eu quis dizer.”

“Meu Deus”, seu pai murmurou, tapando os ouvidos. “Tem coisas que um pai não pode ouvir, Ari.”

Ginger estava segurando o riso e Beau parecia surpreso, quase como se estivesse esperando ser rejeitado por ela, por causa do tipo de homem que era seu pai.

“Sem dúvida isso iria criar um tabu na relação de vocês”, Ginger falou com uma cara completamente séria.

“Já chega!”, Gavin reclamou.

Beau ficou tenso novamente, e estava analisando com bastante atenção o pai de Ari.

“Tem uma coisa que eu gostaria de saber…”, Beau disse em voz baixa.

Gavin acenou com a cabeça para Beau, que falou aquilo, claramente direcionando-se para ele.

“Você foi ver meu pai um dia antes de ele morrer. Ari devia estar com cerca de 2 anos naquela época. Tanto meu pai como minha mãe morreram no dia seguinte. Eles foram assassinados.”

Ari tomou um susto, porque com certeza… não, ele não estava achando… Será que Beau achava que seu pai tinha alguma coisa a ver com a morte dos pais dele?

Gavin olhou para Beau sem piscar.

“Se você está querendo saber se eu tive alguma coisa a ver com a morte deles, a resposta é não. No entanto, eu fui mesmo, me encontrar com seu pai. Eu fui alertá-lo.”

“Sobre o quê?”, Beau perguntou.

“Sobre o fato de haver algumas investigações muito discretas sobre os negócios de Franklin, particularmente, os que envolviam o financiamento da CAS – a *Creative Adoption Solutions*. E deixe-me responder à sua próxima pergunta, antes de você fazê-la. Não, eu não fazia ideia, na época, que Franklin tinha alguma coisa a ver com o fato de Ari aparecer à nossa porta. Havia um bilhete no moisés, pedindo para a aceitarmos e a criarmos, como se fosse nossa própria filha. E foi o que fizemos… somente depois que Ari já tinha alguns meses, foi que nos mudamos para Houston. Quando Ari tinha um 1 ano de idade, Franklin veio me ver e me contar sobre o que tinha feito para Ari se tornar minha filha. E vou ser bem honesto com você, rapaz. O filho da puta tentou me chantagear.”

Beau estremeceu, mas não pareceu nem um pouco surpreso com a acusação feita pelo pai de Ari.

“Se ele tentou chantageá-lo, então por que você foi alertá-lo depois?”, Beau perguntou.

O pai de Ari suspirou.

“Porque ele tinha você, e mais três outras crianças. Ele tinha uma família que deixaria qualquer pessoa orgulhosa, e seus filhos não mereciam sofrer por causa de seus pecados. Eu fico grato pelo fato de quem quer que tenha feito o serviço não matou também você e seus irmãos.”

“Eu também”, Beau murmurou.

Foi Ari quem apertou a mão de Beau dessa vez, tentando reconfortá-lo e apoiá-lo. Ela sabia que o pai dele nunca foi do tipo para concorrer ao Pai do Ano, mas até então, não tinha percebido o quanto ele era desprezível.

Beau e Gavin continuaram conversando um pouco mais, mas a dor estava começando a voltar, e Ari passou a se remexer, tentando ficar confortável

naquela cama de hospital estreita. O médico ainda não tinha aparecido, então ela não sabia se ia precisar de cirurgia ou não. A possibilidade de não poder ficar em pé por um longo período a deixava irritada. Mas ao menos ela poderia usar seus poderes para fazer a comida e a bebida virem flutuando até ela. Ou talvez Beau se dispusesse a ser seu assistente pessoal. Essa ideia não era ruim. Ari prepararia uma lista de funções e deveres bem detalhada para ele.

Ela estava para apertar o botão da enfermagem, depois de notar que sua dor estava ficando cada vez mais forte, quando ouviu seu nome ser mencionado. Trêmula, Ari olhou e viu Beau e seus pais olhando para ela preocupados.

“Você está precisando de alguma coisa para a dor, querida?”, Beau perguntou gentilmente.

Ela confirmou com a cabeça. Beau pegou o controle que operava a tevê – e onde havia outros botões, para chamar a enfermagem – e solicitou uma enfermeira. Gavin se aproximou de Ari, colocou sua mão na testa dela e alisou seus cabelos com carinho.

“Tem certeza de que está tudo bem?”, ele perguntou gentilmente.

Ari sabia que ele não estava se referindo à dor física e às lesões em seu corpo. Ele estava perguntando se ela estava bem emocionalmente, após passar por tanta coisa em tão pouco tempo. Ela ficou em silêncio por um momento e então olhou para seus pais, sentindo um amor profundo, muito profundo por eles.

“Você acha que é idiota da minha parte sofrer pela morte de duas pessoas que jamais conheci?”, ela sussurrou.

Ginger baixou a grade da cama e cuidadosamente sentou-se na beirada, de frente para Ari.

“Você sempre teve um coração tão grande, Ari. Eu ficaria mais espantada se você não ficasse nem um pouco triste pela morte das duas pessoas que a geraram. Eu tenho uma dívida com eles que jamais poderia pagar. A única coisa que pediram em troca para a bênção que nos deram, foi amá-la como se fosse nossa própria filha. Querida, essa foi a promessa mais fácil que precisei cumprir na vida. Não era nem preciso prometer nada, porque nós nos apaixonamos por você assim que a vimos. Então não, não acho que é idiota da sua parte, de modo algum. É isso que a torna humana, é isso que a torna a filha linda por dentro e por fora, que nós amamos do fundo do coração.”

“Obrigada, mãe”, Ari disse emocionada. “Eu te amo.”

Ginger se inclinou e beijou o topo da cabeça da filha.

“Eu te amo também, meu bebê. E você vai ser sempre meu bebê, não me

importa quantos anos você tenha.”

“Eu digo o mesmo”, Gavin falou com um tom de voz ríspido.

A porta do quarto se abriu e uma enfermeira entrou a passos rápidos, empurrando um carrinho hospitalar que trazia um monitor com todos os registros de Ari, bem como medicamentos e instrumentos para checar seus sinais vitais. Ginger e Gavin se afastaram da cama para dar à enfermeira acesso ao cateter. Depois de conferir todos os sinais vitais, a enfermeira pegou uma seringa cheia com medicação, abriu a entrada do cateter e injetou o analgésico na agulha intravenosa. Ari sentiu a queimação desconfortável do medicamento, assim que entrou em sua corrente sanguínea, foi se espalhando pelo braço e chegou ao ombro. A essa altura, a queimação tinha passado e em seu lugar, Ari foi tomada por uma sensação boa e prazerosa, uma sensação de leveza. Ela se recordou vagamente da última vez que recebeu uma injeção de analgésicos, quando não durou mais do que poucos minutos antes de cair no sono pesado. Só que, dessa vez, Ari não estava pronta para sair flutuando. Ela tinha acabado de trazer seus pais de volta. Algumas poucas horas antes, tinha vivenciado a euforia de saber que Beau estava vivo. Ari não queria abrir mão deles, nem mesmo por um minuto. Piscando sem parar, ela lutou contra os efeitos do remédio, contraindo o rosto, concentrada.

“Pare de resistir, querida”, Beau disse com uma voz carinhosa.

“Não quero que vocês sumam”, Ari disse preocupada.

Beau lhe deu um beijo na testa e colocou a mão na cabeça.

“Nós estaremos aqui. Não vamos para lugar nenhum.”

“Promete?”

Ele acariciou o rosto de Ari com o polegar, descendo até chegar ao furinho em seu queixo.

“Prometo.”

QUARENTA

Beau estava sentado na escuridão do quarto de Ari, com os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos cobrindo o rosto. Esfregava os olhos, cansado, para se manter acordado. Ele se recusava a dormir e a perder a chance de conversar com Ari sozinho. Gavin tinha levado Ginger para um hotel nas redondezas, para que ela pudesse descansar um pouco depois de tudo pelo que passou. Beau não conseguia passar mais um dia, hora ou minuto sem saber se tinha um futuro com Ari ou não, sem saber se ela sentia por ele o mesmo que ele sentia por ela. Ele não conseguia deixar de inflar o seu ego masculino, por ter sido o primeiro amante dela. E seria o último, se sua vontade valesse alguma coisa.

Beau levantou a cabeça assim que ouviu Ari se agitar na cama e gemer de leve. No mesmo instante, ele se sentou na beira da poltrona, que tinha posicionado junto à cabeceira da cama, e segurou a mão de Ari, entrelaçando os dedos.

“Como você está se sentindo, querida?”

Mais um gemido.

“Dói…”

“Espere, vou chamar a enfermeira.”

“Não”, Ari reclamou. “Ainda não… Eles vão me fazer apagar, e tudo que fiz até agora foi dormir. Estou me sentindo um zumbi em meio a essa anestesia que leva uma eternidade para passar e aos analgésicos que estou tomando.”

Beau compreendia e, para ser honesto, ele ficou feliz que Ari estivesse recusando os medicamentos, pelo menos até ele poder dizer o que precisava. Com sorte, Ari iria acabar com sua tensão e ele poderia voltar a respirar novamente.

Ari tinha sido levada para cirurgia na manhã do dia seguinte à entrada no hospital; ficou apagada aquele dia inteiro e continuou dormindo no outro dia até o crepúsculo, quando a noite já se aproximava. Por seis semanas, Ari teria de usar um gesso desconfortável e inflexível, envolvendo o quadril. Era como usar um bloco de cimento, ou pelo menos era o que ela reclamava com Beau.

“Eu te amo”, ele disse sem enrolação.

O olhar espantado de Ari se encontrou com o dele, e Beau se lamentou, baixando a cabeça para bater na testa diversas vezes com a palma da mão.

“Porra…”, ele sussurrou. Mais tapas. “Eu sei… eu te atropelei…” Mais batidas da palma da mão contra sua cabeça. “Meu Deus, eu estive aguardando por esse momento. Eu *queria* ter esse momento com você, eu o imaginei em minha cabeça milhões de vezes. Não conseguia parar de pensar nisso. E aí, quando finalmente chega a hora, quando chega o momento em que vou dizer que você é tudo para mim e que não quero viver minha vida sem você, eu fico paralisado, e tudo que consigo balbuciar são três palavras sem nenhum prelúdio, sem contexto, sem ter um clima antes.”

Ele bufou, soltando um lamento triste e aborrecido.

“Sinto muito, Ari. Eu estraguei tudo mesmo.”

Ela sorriu, e seus olhos brilhavam como se ele tivesse colocado o mundo a seus pés. Era possível que ela o amasse da mesma forma? Que tivesse os mesmos sonhos e desejos que ele?

“Pode não ter sido a declaração de amor mais eloquente do mundo, mas foi *perfeita*”, Ari disse com uma voz satisfeita e carinhosa. “Afinal, quem pode resistir a frases como ‘você é tudo para mim’ e ‘não quero viver minha vida sem você’?” Ela deu um tapinha no espaço ao lado dela na cama. “Venha aqui. ”

Beau se inclinou na direção dela e então, como Ginger havia feito naquela primeira visita, ele se sentou devagar na beira da cama, tomando o cuidado de não esbarrar em Ari de forma alguma. Em seguida, ele cerrou os olhos, mas não antes que Ari pudesse enxergar uma grande fragilidade refletida neles.

“Você não tem alguma coisa para me dizer?”, ele perguntou enfático.

Ari quase riu, mas Beau parecia ansioso demais para provocá-lo ou brincar com ele. Ela podia jurar que ele estava suando. Ari o chamou para perto com o dedo, e Beau se inclinou ainda mais, até o rosto dos dois estar a poucos centímetros de distância. Então ela passou seus braços por trás do pescoço dele e o puxou para beijá-lo.

“Eu te amo também”, ela sussurrou.

Beau imediatamente relaxou o corpo, fechando os olhos. Ele apoiou a testa na de Ari, e suspirou pesado no queixo dela. Beau acariciou o rosto de Ari com a mão, deslizando os dedos para cima, até chegar aos cabelos dela.

“Graças a Deus”, Beau sussurrou de volta. “*Graças* a Deus. Achei que eu estava sozinho nessa, e não era nada agradável de se pensar.”

Ele beijou Ari de leve, e em seguida encheu sua boca de beijinhos.

“Quer se casar comigo?”

“Hmm, isso depende…”, Ari respondeu, aguardando a reação de Beau. Ele ia querer matá-la, porque ele estava transpirando de tensão e Ari não parava de provocá-lo.

“De quê?” Ele parecia indignado.

Ela mostrou a mão livre para Beau.

“Da aliança, é claro.”

Ele riu, balançando a cabeça.

“Acho que consigo arrumar uma aliança. Agora, se eu prometer te dar o anel perfeito, você aceita se casar comigo? Por favor?”

“Não resisto a um por favor”, Ari murmurou.

“Queria saber isso antes”, ele disse irônico.

“Sim, eu quero me casar com você, Beau”, ela disse, ficando mais séria de repente. “Não consigo mais me imaginar, sem estar com você. Não quero nem imaginar, muito menos viver assim. Amo demais meus pais, mas já tinha saído de casa, apesar de continuar mais dependente deles do que eu gostaria.”

“Vou erguer a casa mais maravilhosa que você já viu”, ele prometeu.

“Quantos filhos… é, quer dizer, de quantos quartos vamos precisar?”

Beau a encarou por um momento, como se estivesse tentando descobrir se Ari estava falando sério ou se brincava com ele novamente.

“Quantos você vai querer?”, ele perguntou, devolvendo a bola.

“Pelo menos quatro”, Ari respondeu, com um sorriso alegre no rosto, ao imaginar a casa cheia de crianças. Ao imaginar seus pais visitando os netos, e ela assistindo aos filhos brincarem de luta com o avô no chão.

Beau levantou a sobrancelha.

“Quatro, é? Parece que eu vou ter de trabalhar bastante.”

Ari ficou boquiaberta.

“*Você* vai ter de trabalhar bastante? Que diabos o homem precisa fazer além de ter um bom orgasmo? A mulher é quem carrega o bebê por nove meses e…”

Ela interrompeu o que estava falando e ficou encarando Beau, ao perceber que ele estava simplesmente devolvendo todas as provocações que ela havia lhe feito.

“Só por essa, você é quem vai trocar as fraldas pelos primeiros nove meses, só para compensar os nove meses que vou passar carregando os bebês dentro de mim.”

Ari olhou para ele toda convencida, incitando Beau a tentar superar aquela.

Seu rosto estava tranquilo e havia estampado nele um sorriso carinhoso.

“Quando você vai se casar comigo? Ou talvez eu deva perguntar quando a gente pode se casar o *mais rápido possível*.”

Ari conseguia sentir que estava relaxando, assim como ele. Seu coração estava se derretendo diante daquele sorriso arrebatador.

“Assim que eu tirar este gesso”, ela respondeu, olhando aborrecida para a proteção que cobria seu quadril e a coxa. “Eu quero um casamento, lua de mel, tudo o que tenho direito. E não vou poder aproveitar nada disso com este gesso me atrapalhando.”

O coração de Ari estava tomado pela alegria, quando ela finalmente começou a compreender as implicações daquela conversa nada casual.

“Você me *ama*”, ela disse maravilhada. “*E* você quer se *casar* comigo.”

Ari olhava para Beau completamente atônita. Em seguida, ela se derreteu em lágrimas.

Beau ficou apavorado, procurando freneticamente por um lenço. Então ele levantou o queixo de Ari e começou a enxugar as lágrimas de seu rosto.

“Ari, qual o problema?”, perguntou.

“Estou feliz”, ela respondeu soluçando.

Beau fez uma careta.

“Você tem um jeito muito estranho de demonstrar isso. Acabou de me deixar apavorado e me fez envelhecer dez anos. Tudo bem, precisamos estabelecer algumas regras básicas para nosso relacionamento, a partir de agora. Começando por você ser proibida de chorar, porque quando vejo você chorando, mesmo que seja de felicidade, eu fico apavorado. E agora que você sabe disso, vai poder me manipular com seu choro.”

Ari riu e enxugou as lágrimas, tentando evitar que mais delas escorressem por seu rosto. Em seguida ela desistiu, ficou de frente para Beau e estendeu as mãos para ele. Ele segurou-as com firmeza e as apertou gentilmente.

“Eu te amo”, ela disse, com seus cílios ainda encharcados de lágrimas.

Beau a encarou com um grande brilho no olhar, retornando o amor que havia nos olhos dela.

“Prometa para mim que você jamais vai me abandonar”, ele disse intensamente. “Prometa que você vai me amar para sempre. Que vai ficar comigo para sempre.”

“Até que a morte nos separe”, ela murmurou. “Pelo menos essa parte eu decorei.”

Beau sorriu.

“É, acredite ou não, eu prestei atenção no casamento de Caleb e Ramie. Ou

pelo menos nas partes boas. ‘Até que a morte nos separe’ está junto de ‘amar e respeitar’. Porque, Ari, eu vou amá-la e respeitá-la todos os dias da minha vida. Você vai ser a mulher mais mimada, paparicada e idolatrada no mundo.”

“Ah, não sei, não”, Ari disse pensativa. “Vai ser difícil desbancar meu pai nessa coisa de mimar, paparicar etc. É meio vergonhoso ver meu pai durão se transformar em bobão por causa da minha mãe.”

Beau fez uma careta novamente.

“Por acaso isso é um desafio? Quando se trata de cuidar da minha esposa, não existe nada que eu considere vergonhoso fazer, se isso for deixá-la feliz, se for fazê-la sorrir.”

“Ainda bem que você pensa assim. Admito que fico com inveja às vezes, observando meus pais. Nunca achei que um dia poderia ter o mesmo que eles têm”, ela disse baixinho.

“Só espere até nosso casamento”, Beau garantiu. “Aí vamos ver quem paparica mais quem.”

“Eu quero que meus pais estejam presentes”, Ari disse pensativa. “Quero ser levada ao altar pelo meu pai. Quero que minha mãe me veja vestida de noiva. Quero que ela ajude com meu cabelo e me dê conselhos sobre casamento e sobre a noite de núpcias.”

Beau parecia estar assustado.

“Mas é claro que eles vão estar lá. Por que você achou que não estariam? E, francamente, Ari… conselho para a noite de núpcias? Já não mostrei que sou mais do que capaz de lidar com essa coisa de noite de núpcias?”

Ela olhou para Beau dando risada.

“Acho que eu estava pensando mais em conselhos para mim. E, bem, em relação ao casamento, eu não tinha certeza se você não iria me arrastar do hospital direto para Las Vegas, ou algum lugar assim, para nos casarmos mais rápido.”

“É uma ideia tentadora”, ele cogitou. “Mas sua mãe ia me matar.”

“E meu pai não?”

Beau riu.

“Ele é um homem, querida, e provavelmente pagaria as passagens de avião se eu falasse em fugir com você para casarmos escondidos. Puxa, acho que é até capaz de ele nos dar um avião para fazer isso. Nós, homens, odiamos usar ternos ou fraques, lembra?”

Ari revirou os olhos.

“Tá bom…”

Em seguida, a expressão no rosto de Ari ficou mais séria e ela se ajeitou na pequena cama, o melhor que pôde, para liberar algum espaço ao seu lado. Beau sabia o que Ari queria, sem que ela precisasse dizer. Cautelosamente, ele encaixou seu enorme corpo ao lado dela, levantando a cabeça de Ari com cuidado para posicionar um braço embaixo, ficando o outro livre para acariciar o corpo dela.

“Você acha que pode conviver com meus poderes?”, ela perguntou em voz baixa.

Beau ficou imóvel por um momento e então se inclinou apenas o suficiente para olhá-la no rosto. Com a ponta dos dedos, tocou de leve o queixo dela, para que o olhar dos dois se encontrasse.

“Eu te amo, Ari. Amo tudo o que faz parte de você. Amo tudo sobre você. E se você nasceu com as habilidades para repelir o exército de um pequeno país, então acho que jamais vou precisar me preocupar em apanhar de alguém.”

Os olhos de Ari brilharam na luz baixa do quarto de hospital e ela alisou o queixo de Beau com os dedos.

“Estar com esse gesso é um saco”, ela comentou com a voz rouca. “Mas acho que isso só vai tornar nossa noite de núpcias ainda melhor.”

“Querida, odeio ter que falar isso, mas depois de seis semanas sem sexo com você, minhas bolas vão estar tão cheias e doloridas que não dou nem trinta segundos dentro de você para eu ter uma ejaculação precoce das inesquecíveis.”

Ari se inclinou para mordiscar o queixo de Beau, o que o fez gemer de leve.

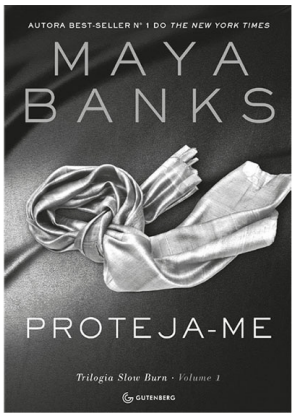
“Meu gesso pode me deixar de molho por um tempo, mas não vejo por que você precisa sofrer. Não tem nada de errado com minhas mãos – ou com minha boca”, ela finalizou, ronronando.

“Tenha dó de mim”, Beau pediu. “Você vai me deixar louco assim, querida.”

“Ter dó?” Ari riu. “Posso garantir para você, Beau. Dó é a última coisa que você vai querer de mim pelas próximas semanas.”

E Ari certamente cumpriria sua promessa.

LEIA TAMBÉM



Proteja-me
Maya Banks
Tradução de Marcelo Salles

Caleb Devereaux é um homem atraente, herdeiro de uma família rica e poderosa. Quando sua irmã caçula é sequestrada, ele vai procurar Ramie St. Claire, uma jovem sensitiva que tem o poder de localizar pessoas desaparecidas tocando em um objeto delas. Mas Caleb não está preparado para controlar a intensa atração entre eles. E quando o dom de Ramie a coloca em perigo, Caleb promete fazer qualquer coisa para protegê-la, arriscando tudo, inclusive seu próprio coração.

EM BREVE

Descubra-me
Maya Banks

Para Zack Covington, Anna Grace – a sua "Gracie" – era única. Até que, uma noite, ela desaparece sem deixar rasto, deixando Zack desesperado. Quando finalmente consegue rastreá-la, fica chocado ao descobrir que as habilidades psíquicas de Gracie se foram e que ela acredita que ele a traiu. Zack tem muitos

inimigos, e uma vez que o seu ponto fraco é descoberto, Gracie se torna alvo de vingança. Então ele terá que salvá-la, mesmo antes de reconquistar a sua confiança e o seu amor.

Copyright © 2015 Maya Banks
Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: *In His Keeping*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PUBLISHER
Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITORA
Silvia Tocci Masini

ASSISTENTES EDITORIAIS
Carol Christo
Felipe Castilho

PREPARAÇÃO
Monique D'Orazio

REVISÃO
Andresa Vidal

CAPA
Carol Oliveira
(sobre as imagens de Olga_Phoenix/Shutterstock e André Dias)

DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Fagundes
Christiane Morais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Banks, Maya
Salve-me / Maya Banks ; tradução Marcelo Salles. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

Título original: *In His keeping.*

ISBN 978-85-8235-300-4

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-05115 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.5

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br